

**DAVID
NICHOLLS**

autor de **UM DIA**

i
intrínseca



SUBSTITUTO

**"Engraçado, inteligente e
maravilhosamente caótico."**

THE TIMES

**DAVID
NICHOLLS**
autor de **UM DIA**

i
intransca



SUBSTITUTO

"Engraçado, inteligente e
maravilhosamente caótico."

THE TIMES

“Um livro ao mesmo tempo engraçado e estranhamente romântico.”

More

“Diversão garantida, com alto índice de risos e gargalhadas por capítulo.”

Good Book Guide

“*O substituto* é uma comédia romântica adorável e inteligente. A forma como David Nicholls mescla passagens engraçadas com outras profundamente emocionantes o coloca muito além de outros autores do gênero.”

Booklist

“Uma história divertida, um romance sem fofura.”

Metro

“Um romance delicioso. Uma história inteligente e encantadora.”

Mirror

“Engraçado e profundo, com diálogos brilhantes.”

Good Housekeeping

“*O substituto* é uma comédia fantástica, um livro deliciosamente bem escrito.”

New Woman

“Uma mistura incomum de cinismo e romance – sem sentimentalismos, só boas risadas!”

Company

“Uma comédia romântica com um charmoso sotaque britânico.”

Kirkus Reviews

“Brilhantemente construído e muito engraçado.”

Closer

“Delicado e divertido.”

Eve

“Alterna habilidosamente passagens do mais puro constrangimento social com trechos comoventes muito bem construídos, num roteiro digno das melhores comédias românticas inglesas.”

Independent on Sunday

David Nicholls

O substituto

Tradução de Claudio Carina





Copyright © 2005 by David Nicholls

TÍTULO ORIGINAL

The Understudy

TRADUÇÃO

Claudio Carina

PREPARAÇÃO

Cristhiane Ruiz

REVISÃO

Natalia Klussmann

REVISÃO DE EPUB

Camila Dias

GERAÇÃO DE EPUB

Intrinseca

E-ISBN

978-85-8057-377-0

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3^o andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Roanna Benn, Matthew Warchus e
Hannah Weaver, pelas pausas.

*Não! Eu não sou o príncipe Hamlet, nem pretendi ser:
Sou um atendente do lord, alguém capaz de
Incrementar uma ação em progresso, começar uma cena ou duas,
Aconselhar o príncipe; sem dúvida um trabalho fácil,
Deferente, feliz em ser útil,
Político, cauteloso e meticuloso;
Cheio de belas frases, mas um tanto obtuso;
Às vezes, na verdade, quase ridículo...*

Quase, às vezes, o Bobo...

T. S. Eliot

A canção de amor de J. Alfred Prufrock

Decore suas falas e não tropece na mobília.

Spencer Tracy

Primeiro Ato

ESPERANDO PARA PROSSEGUIR

— Isso não é a vida real, meu jovem. É só fingimento.

— Mas a “vida real” depende de *quão bem* a gente finge, não é? Você.
Eu. Todos no mundo...

Jack Rosenthal

Ready When You Are, Mr. McGill

SUNSET BOULEVARD

Summers and Snow ep. 3 esboço 4

INSPETOR-CHEFE GARRETT (CONT.)

...ou faço você voltar a ser guarda de trânsito mais rápido do que você possa dizer "ação disciplinar".

INSPETOR SUMMERS

Mas ele está brincando com a gente, senhor, como um gato com um...

INSPETOR-CHEFE GARRETT

Eu vou repetir... Não. Faça o que eu mandei. Pessoalmente. Eu quero resultado, e quero para ontem, Summers, senão você está fora desse caso.

(SNOW tenta falar)

Estou falando sério. Agora saiam daqui... vocês dois.

INT. NECROTÉRIO. DIA

BOB "BONES" THOMPSON, o patologista forense, compleição cadavérica, senso de humor macabro, debruçado sobre o corpo seminu de um JOVEM, pouco mais de trinta anos, o corpo inchado frio e morto na laje do necrotério, nos estágios iniciais de decomposição - a policial SNOW cobre a boca com um lenço.

INSPETOR SUMMERS

Então... diga lá, Thompson. Há quanto tempo acha que ele morreu?

THOMPSON

Difícil calcular. Pelo fedor, acho que poderia dizer que não é o peixe mais fresco na laje...

INSPETOR SUMMERS (sem sorrir)

O tempo está passando, Bones...

THOMPSON

Certo. Bem, a julgar pela decomposição, pelo inchaço e pela descoloração da pele, eu diria... que ele ficou na água uma semana ou algo assim, uma dia a mais ou a menos. O exame inicial sugere estrangulamento. Pelas marcas no pescoço, diria que o assassino usou uma corda grossa e áspera, ou talvez uma corrente...

INSPETOR SUMMERS

Uma corrente? Meu Deus, pobre infeliz...

POLICIAL SNOW

Quem encontrou o corpo?

(SUMMERS olha para ela — "Sou em quem faz as perguntas aqui...")

THOMPSON

Uma senhora passeando com o cachorro. Simpática, oitenta e dois anos. Acho que seria seguro dizer que não é o *serial killer* que procur...

— Espere aí... Não... não, desculpe, pessoal, vamos ter que interromper.

— Por quê? O que houve? — reclamou o inspetor Summers.

— Houve um estremeção.

— Na lente?

— Na narina do morto. Dá para ver que ele está respirando. Vamos ter que fazer de novo.

— Ah, pelo amor de Deus...

— Desculpe! Desculpe, desculpe, pessoal — disse o JOVEM MORTO, sentando-se e cruzando os braços no peito pintado de azul, constrangido.

Enquanto a equipe se reposicionava, o diretor, um tipo agitado e de rosto alongado, boné puxado para trás mostrando a testa brilhante que lhe dava pouca credibilidade, levou as duas mãos ao rosto e suspirou. Levantou-se de sua cadeira de lona, andou até o JOVEM MORTO e ajoelhou-se amigavelmente ao seu lado na laje do necrotério.

— Ok. Então, Lázaro, conte para mim... algum problema?

— Não, Chris, está tudo bem...

— Porque... como posso dizer... no momento, você está fazendo um pouco demais.

— Eu sei, me desculpe.

O diretor olhou para o relógio, esfregou a fivela vermelha do lado esquerdo do boné.

- Porque já são quase duas e meia e... qual é o seu nome, mesmo?
- Stephen, Stephen McQueen. Com PH.
- Algum parentesco?
- Nenhum parentesco.
- Bem, Stephen com PH, já são quase duas e meia e nós nem começamos a autópsia...
- Sim, é claro. Mas, você sabe, todas essas luzes, os nervos, essas coisas...
- Você não precisa *interpretar*, só precisa ficar aí bem quietinho.
- Eu sei, Chris, mas é difícil ficar sem respirar por tanto tempo, você sabe.
- Ninguém está pedindo para você não respirar...
- Não, eu sei — respondeu Stephen, esboçando um sorriso de cumplicidade.
- ...mas também não precisa ficar arfando, como se tivesse corrido duzentos metros, certo?
- Certo.
- E sem caretas. Tenha uma atitude... neutra.
- Certo. Neutra. Mas, fora isso...?
- Fora isso, você está fazendo um *excelente* trabalho. Mesmo.
- E será que vamos conseguir acabar às seis? É que eu preciso estar...
- Bem, isso depende de você, não é, Steve? — disse o diretor, ajustando o boné e voltando para sua cadeira de lona. — Ah, Steve? — gritou de longe. — Por favor, não encolha a barriga... você precisa parecer *inchado*.
- Inchado. Certo, inchado.
- Muito bem, todos aos seus lugares — gritou o primeiro assistente, e Stephen acomodou-se outra vez na laje de mármore, ajustou a roupa molhada, fechou os olhos e fez o melhor possível para se fingir de morto.

* * *

O grande segredo de uma boa interpretação cinematográfica é fazer o mínimo possível, e isso é ainda mais importante quando se está fazendo o papel de um objeto inanimado.

Em uma carreira profissional que já durava onze anos, até agora Stephen C. McQueen havia interpretado seis cadáveres, cada um deles cuidadosamente elaborado e sutilmente delineado, cada um deles comunicando o pathos de não estar vivo. Para não ser selecionado sempre para o mesmo papel, ele omitiu essas experiências no seu currículo, atribuindo aos vários cadáveres nomes intrigantes e carismáticos, como MAX ou OLIVER, em vez dos mais específicos, porém menos evocativos, CADÁVER ou VÍTIMA. Mas o fato havia se espalhado pela indústria — ninguém fazia aquilo melhor do que Stephen C. McQueen. Se você queria alguém para ser retirado do Grand Union Canal ao amanhecer, ficar deitado sobre o capô de um automóvel, estropiado e sem reclamar, ou se estirar de braços no fundo de uma trincheira lamacenta da Primeira Guerra Mundial, aquele era o homem certo. Seu primeiro trabalho ao sair da escola de arte dramática foi GAROTO DE PROGRAMA 2 em *Vice City*, uma série policial da pesada que marcou época. Uma fala:

(Sotaque de New Castle)

Eeei, tá a fim de um programa, moço?

* * *

Depois, uma tarde longa e abafada com o braço pendurado para fora de uma lata de lixo preta. Claro que aos trinta e dois anos os dias de Garoto de Programa já pertenciam ao passado, mas Stephen C. McQueen ainda era forte candidato ao papel de cadáver.

Por alguma razão, entretanto, hoje sua técnica estava falhando. O que era uma pena, pois *Summers and Snow* era uma verdadeira instituição na TV, e dali a alguns meses mais de nove milhões de pessoas estariam sentadas em frente aos aparelhos de TV num domingo à noite para vê-lo ser rapidamente estrangulado, e ser depois deitado ali, inerte, usando roupas íntimas de um estranho. Seria difícil definir aquilo como uma *oportunidade*, mas se o diretor gostasse do que ele fizesse, ou não fizesse, se continuasse como elenco de apoio, um dia poderia ser escalado para fazer o papel de alguém andando, mexendo o rosto, falando em voz alta. Primeira Regra do Showbiz: o importante não é o que você sabe, mas quem você conhece. Ser profissional. Ser positivo. Manter-se comprometido. Sentir-se sempre motivado. O truque é *impressionar*. Fazer sempre com que as pessoas *gostem* de você, pelo menos até se tornar famoso a ponto de isso não fazer mais diferença.

Enquanto esperava a próxima tomada, Stephen sentou-se creto na laje fria e esticou os braços atrás das costas até sentir os ombros estalarem — importante para não enrijecer, importante para manter o relaxamento. Olhou ao redor do estúdio, na esperança de puxar conversa com algum colega ator. Craggy, o Severo, Solitário e Ex-alcoólatra Detetive Tony Summers estava num grupo fechado afastado com a Empertigada Sally Snow, a Policial de Pensamento Independente, bebendo chá em um copo descartável e comendo os melhores biscoitos com autoconfiança. Stephen tinha uma leve queda por Abigail Edwards, a atriz que interpretava a policial Snow, e já havia até bolado uma piadinha sobre o seu papel que poderia usar numa conversa. “É um jeito de viver, Abi!”, diria com ironia e um sorriso de canto de boca entre duas tomadas, depois ergueria uma sobrançalha embolorada e ela daria risada, os olhos brilhantes, e talvez trocassem números de telefones no final da filmagem, sairiam para um drinque ou coisa assim. Mas essa oportunidade nunca surgiu. Entre uma cena e outra ela mal o notava, e aos olhos de Abigail Edward era como se ele estivesse... morto.

Uma animada maquiadora apareceu ao lado de Stephen, borrifou-o com água e passou vaselina em seu rosto e seus lábios. O nome dela era Deborah? Outra Regra do Showbiz — sempre, *sempre* chame todo mundo pelo nome... .

— Então, como estou, Deborah? — perguntou.

— É Janet. Você está lindo! Trabalho engraçado esse, não é?

— Bem, é um jeito de viver! — agradeceu, mas Janet já tinha voltado à sua cadeira de lona.

— Vamos logo com isso, gente! — rosnou o primeiro assistente, e Stephen acomodou-se na laje do necrotério, como um peixe grande e molhado.

Ficar imóvel.

Não deixar ninguém perceber que está respirando.

Lembre-se: você está morto.

Minha motivação não é estar vivo.

Atuar não é reagir.

O C de Stephen C. McQueen era usado por insistência do seu agente, para evitar confusão com o astro do cinema internacional.

Mas até agora ninguém tinha feito essa confusão.

O Neorromântico

A felizarda Lucy Chatterton entrevista o jovem e charmoso ator que está incendiando as plateias de West End — e de Hollywood

Quando eu disse às minhas amigas que ia fazer uma entrevista com Josh Harper, a reação foi uma só: inveja pura e indisfarçável. “Que sorte a sua”, suspiravam. “Alguma chance de conseguir o telefone dele?” Sentada à sua frente, num clube exclusivo do West End, é fácil entender a razão desses suspiros.

Com apenas vinte e oito anos, Josh Harper é o jovem ator mais bonito e atraente da Inglaterra. Eleito recentemente o 12^o Homem mais Sexy do Mundo por leitoras de uma conhecida publicação feminina, Josh ganhou fama quatro anos atrás, ao se tornar o mais jovem ator a receber o prêmio BAFTA por seu comovente desempenho como Clarence, um retardado mental que luta contra uma doença terminal no aclamado drama de TV *Seize the Day*. Desde então, fez um tremendo sucesso nos palcos como um Romeu extremamente sensual, nas telas como um gângster psicótico e travestido no ultraviolento filme policial britânico *Stiletto*, e ainda arranjou tempo para salvar o mundo no *thriller* futurístico *Tomorrow Crime*. No Natal será lançado seu filme de maior orçamento até agora, a aventura de ficção científica *Mercury Rain*, mas no momento resiste ao canto da serpie hollywoodiana para interpretar outro ousado papel, o de Lord Byron, na aclamada peça teatral *Louco, mau e perigoso de se conhecer*, em cartaz no West End.

“É a vida de Byron contada em suas próprias palavras... suas cartas, poemas e diários”, explica Josh, bebendo um *espresso* duplo e olhando para mim com seus inquietantes olhos azul-claros. “É uma história incrível. De certa forma, Byron foi o primeiro astro do rock... Fama internacional, mulheres se atirando aos seus pés... Mas ele foi também uma figura radical, e muito envolvida em política, assim como eu. Tudo isso e ainda era bissexual, mantinha uma relação incestuosa com a irmã e tinha um pé torto. Um cara muito louco!”

Pergunto se ele se identifica de alguma forma com o personagem.

“Como assim, além do pé torto?”, responde sorrindo. “Bem, nós dois somos passionais, imagino. E também estou muito envolvido com política, especialmente com o meio ambiente. Sou muito feliz no casamento, é claro. E minha irmã é muito legal, mas, você sabe... existem limites!” Josh Harper joga a cabeça para trás e dá outra risada, uma gargalhada quente e sincera. Na mesa ao lado, duas mulheres olham para nós. Será inveja que vejo nos olhos delas?

Josh começa a me dizer que gosta de misturar teatro com trabalhos comerciais de grande orçamento. Hollywood exerce certo fascínio sobre ele, mas ainda não está pronto para morar lá. “*Mercury Rain* foi muito divertido, andar de traje espacial, disparar armas de laser, mas nessas grandes produções de ficção científica a maior parte do tempo você está atuando com o nada, para eles inserirem os efeitos especiais depois. Mesmo assim, acho que é um pouco mais sofisticado e inteligente que a maior parte dos filmes desse

tipo. Basicamente é o velho poema anglo-saxão *Beowulf*, mas passado no espaço. O que é ótimo também nesses grandes filmes é que os ganhos financeiros me permitem fazer as coisas de que mais gosto: peças de teatro como *Louco, mau...* Ou pequenos filmes independentes. Fama e celebridade são ótimas quando você quer uma mesa num restaurante, mas não foi por essa razão que entrei no ramo. Adoro o suor e o cheiro da *venadeira* interpretação.”

Então ele vai continuar participando de grandes produções de Hollywood?

“Claro que sim! Como posso dizer? Adoro explodir coisas!!! E, sim, já recebi algumas propostas, mas nada que eu possa revelar. E acho que jamais conseguiria morar em Los Angeles... Gosto demais da minha cerveja, do meu cigarrinho e do meu futebol!”

Então os rumores sobre James Bond são verdadeiros? Josh faz um ar modesto.

“Apenas boatos, eu acho. Meu pessoal falou com o pessoal deles, no entanto ainda está tudo no ar. E de qualquer forma, ainda sou muito novo. Mas talvez algum dia. Claro que eu adoraria fazer o papel de James Bond... Não existe um ator no mundo que não gostaria de interpretar James Bond!”

A assessora de imprensa começa a tamborilar no relógio, e só há tempo para algumas perguntas rápidas. Pergunto quem ou qual é o maior amor da sua vida.

“Minha esposa, é claro”, responde sem hesitar, os olhos brilhantes. Josh está casado com Nora Harper, uma ex-cantora, há dois anos. Sinto muito, garotas!

“E com que frequência vocês fazem sexo?”, pergunto, forçando um pouco a barra. Felizmente, Josh apenas sorri.

“Será que isso não é uma pergunta pessoal?! Com a maior frequência possível.”

“O que você faz para relaxar?”

“Ver resposta acima!”

“Quando e onde se sente mais feliz?”

“Ver resposta acima!”

“Aroma favorito?”

Ele pondera por um momento. “Gramma recém-aparada, ou o cheiro da cabeça de um bebê...”

“Filme favorito?”

“*O Império contra-ataca.*”

“E qual é a sua palavra favorita?”

Ele pensa por um momento.

“Uma que minha mulher me ensinou... fidelidade.”

.....

...e Stephen C. McQueen achou que era uma boa hora para parar de ler. Jogou o jornal no banco do metrô à sua frente. O que havia de tão especial no cheiro da cabeça de um bebê recém-nascido, afinal? Josh nem tinha filhos. Que cabeça ele andava cheirando? No banco da frente, a foto de Josh sorria para ele, a barba imaculadamente malfeita, passando a mão no cabelo, a camisa aberta até a cintura. Virou o jornal de cabeça para baixo e voltou a olhar pela janela, por onde passavam os quarteirões de torres e terraços de Stockwell e Vauxhall.

Viu seu reflexo no vidro e pensou como ele interpretaria o papel de James Bond. É

verdade que ainda precisava ser contactado pelas partes interessadas, mas numa espécie de teste particular ele ergueu uma sobrancelha, expressou um suave sorrisinho de James Bond e tentou, com muita intensidade, se imaginar de smoking, em frente a uma roleta, rodeado por mulheres lindas e perigosas.

Teve uma visão momentânea de si mesmo como OPERADOR 4 DE SALA DE CONTROLE, cambaleando de costas e atravessando uma porta de vidro falso de açúcar no convés de um submarino, o avental do laboratório em chamas.

O QUASE CV

Stephen C. McQueen tinha dois currículos profissionais.

Além do resumo verdadeiro de todas as coisas que tinha de fato realizado, havia o Quase CV. Era a versão sortuda de sua vida, em que todos os quase acertos, as coisas que por pouco não deram certo e as segundas escolhas tinham dado bons resultados: a versão em que ele não tinha caído da bicicleta a caminho do teste, em que não tinha contraído herpes durante a primeira semana de ensaio ou em que não tivessem resolvido dar o papel para aquele canastrão da TV.

Essa extraordinária carreira imaginária começava com Stephen quase sendo muito elogiado por sua interpretação de Malcolm, com a qual ele roubara a cena em *Macbeth*, no espetáculo em Sheffield, que como consequência quase resultou no seu comovente Biff em *A morte do caixeiro-viajante*, em turnê nacional. Logo depois, as hipotéticas resenhas que ele provavelmente teria recebido por seu suposto Ricardo II tinham de ser lidas para se acreditar. Diversificando, na televisão ele havia chegado muito perto de ganhar o coração do país como o advogado irônico e heterodoxo Todd Francis, no grande sucesso *Justice for All*, seguido por papéis importantes no cinema, nacional e internacionalmente.

Infelizmente, todos esses grandes triunfos tinham ocorrido em outros mundos, imaginários, e havia regras profissionais estritas sobre apresentar universos paralelos no currículo. Essa falta de boa vontade em se considerar eventos em outras dimensões do espaço-tempo significava que Stephen só podia contar com o seu currículo da vida real, um documento que refletia tanto a relutância de seu agente em dizer não como a extraordinária capacidade de Stephen de atrair o azar, talvez o seu grande talento. Foi essa versão real dos fatos que o trouxe até aqui, ao luminoso West End londrino.

Aos oito anos, em sua primeira visita a Londres com mamãe e papai, Stephen achou que Piccadilly Circus era o centro do universo, um cenário impossível, glamoroso e alienígena, o tipo de lugar onde, num velho musical inglês dos anos 1960, a qualquer momento poderia surgir um espetáculo de dança. Isso aconteceu vinte e quatro anos atrás. Desde então, a cidade se tornara o seu local de trabalho, e ao sair do ar quente e pegajoso da estação do metrô no final daquela tarde úmida de outubro, Stephen só conseguia ver um cenário particularmente espalhafatoso e traiçoeiro. Perto dele, um músico de rua com problemas na adenoide seguia fielmente um *songbook* do Radiohead, e a possibilidade de um espetáculo de dança surgir de repente era muito remota. Stephen mal prestava atenção à estátua de Eros agora, sem dúvida o monumento mais inexpressivo do mundo. Quando se dava o trabalho de olhar para cima, era

somente para consultar o relógio digital da Coca-Cola e ver se estava atrasado.

Sete e um.

Estava atrasado. Apertou o passo.

O Hyperion Theatre fica na Shaftesbury Avenue, entre uma loja atacadista de equipamentos de cozinha e uma All-American Steakhouse do tipo que não se encontra em lugar nenhum dos Estados Unidos, o tipo de restaurante onde há sempre pelo menos uma mulher chorando. Forçando e abrindo caminho pela multidão, ainda meio verde-azulado de sua autópsia, Stephen se misturava surpreendentemente bem com os desorientados turistas em excursão, os pálidos e estupefatos balconistas voltando para casa, os tristes estudantes espanhóis com saudades de casa oferecendo panfletos de aulas de inglês. Passou depressa diante de um número excessivo de lojas de câmbio, por restaurantes de fast-food suspeitos que vendiam montes alaranjados e iridescentes de porco agridoce e “pizza” — espessos triângulos de massa acinzentada, recobertos de purê de tomate e parafina de queijo. Talvez ele devesse comer alguma coisa. Talvez uma fatia de pepperoni. Examinou os triângulos, transpirando embaixo de tubos de luz de alta voltagem, o pepperoni brilhando com um suor oleoso e vermelho. Talvez não. Talvez fosse melhor esperar até terminar o trabalho. Agora já eram sete e três, o que significava que já estava tecnicamente atrasado para o primeiro sinal. O teatro agora estava à vista e, no lado leste da Shaftesbury Avenue, ele via o imenso cartaz de Josh Harper pairando sobre a multidão, com três andares de altura.

No cartaz, o 12o Homem mais Sexy do Mundo usava uma camisa de babados aberta até a cintura e uma calça de couro justa e cuja veracidade histórica era questionável. Na mão direita empunhava um florete com o qual ameaçava os passantes, enquanto na esquerda segurava um livro à altura da cabeça, como se dissesse “Assim que terminar este duelo, volto a escrever *Don Juan*”. Sobre a pélvis estavam gravadas as palavras *Louco, mau e perigoso de se conhecer* numa extravagante caligrafia cheia de voltas, designada a denotar classe literária e autenticidade histórica. “Um *tour de force!* Josh Harper é Lorde Byron” proclamava o cartaz, com o “é” em itálico encerrando o argumento de uma vez por todas. “Curtíssima Temporada!” Três meses antes, em agosto, quando viu o cartaz pela primeira vez, Stephen se divertiu ao imaginar que “Curtíssima” referia-se à capacidade de Josh Harper como ator, mas não sabia ao certo se alguém mais consideraria aquela observação engraçada, ou precisa, e de qualquer forma, não havia ninguém com quem partilhar.

Stephen olhou outra vez para o relógio: sete e quatro, nove minutos de atraso,

nada profissional, imperdoável para um substituto. Ainda assim, ele ainda poderia se dar bem se Donna não estivesse no portão. Passou sem ser visto pelo amontoado de caçadores de autógrafa esperando por Josh — oito hoje, nada mal...

— Dez minutos atrasado, Sr. McQueen — disse Donna, parada na entrada dos artistas. Donna era a diretora de cena, uma mulher baixa e atarracada com um rosto grande e mal-humorado, como uma caixa de sapato desenhada, cabelo quebradiço ex-gótico e a postura severa de uma professora de educação física amargurada. Sempre vestida de jeans preto desbotado, estava o tempo todo com um molho de chaves, que agora girava no dedo como se fosse um revólver.

— Ufa! — disse Stephen. — Parece Piccadilly Circus lá fora!

— Não tem graça nenhuma, Stephen.

— Desculpe, Donna, foi o metrô...

— Não é uma desculpa aceitável — grunhiu Donna, digitando no celular.

— Você está animada hoje, o que aconteceu?

— Ele não veio — respondeu Kenny, o porteiro, atrás do balcão.

— Ele não veio? Quem não veio?

— *Ele* não veio — resmungou Donna.

— Josh?

— É, Josh.

— Josh não veio?

— Josh não veio.

Stephen tomou consciência do som do sangue circulando na cabeça.

— Mas está quase na hora de abrir a cortina, Donna!

— Pois é, estou sabendo.

— Puxa... nossa, você ligou para ele?

— Brilhante ideia — disse Donna, tirando o telefone do ouvido e acenando para

ele.

Umedeceu os lábios, afastou a franja desgrenhada dos olhos, preparando-se para deixar uma mensagem para o homem, e por um breve instante era a imagem exata de uma garota de quatorze anos prestes a convidar um garoto para patinar no gelo.

— Josh, querido, é sua tia Donna aqui do teatro. Você está atrasado, meu jovem! Vou ter que lhe dar umas palmadas — gesticulando no ar de forma insolente, balançando os piercings nos lóbulos das orelhas. — Estamos *muito* preocupados com você. Espero que chegue a qualquer momento no teatro, mas, se não chegar, telefone. Caso contrário, vamos ter que botar o jovem *Stephen* em cena...

Stephen ficou por perto, sem ouvir nada, balançando-se para a frente e para trás sobre os calcanhares, emitindo o zunido que costumava produzir em momentos de tensão. Então é isso, pensou. Finalmente: a Grande Chance. Afinal de contas, aquilo nunca tinha acontecido antes. O 12o Homem mais Sexy do Mundo *sempre* chegava na hora. Até aquele momento, Stephen vinha aceitando seu destino em silêncio, fadado a ser uma sombra do jovem ator não apenas de maior sucesso, mais popular e questionavelmente mais talentoso de sua geração, mas também o mais saudável e mais sortudo. Por mais glamorosa que tivesse sido a orgia na noite anterior, fosse qual fosse a hora que saísse bêbado de alguma toca no Soho ou de uma festa de estreia, Josh sempre estava lá pontualmente às seis e cinquenta, dando autógrafos na porta, flertando com as camareiras, a covinha na bochecha, o cabelo penteado. Josh Harper era imbatível. Que Deus o livre, mas, se alguém desse um tiro nele, Josh com certeza daria um sorriso, mostrando a bala presa com elegância entre os dentes grandes e brancos.

Mas hoje não. Enquanto Donna sussurrava no correio de voz de Josh, Stephen imaginava diversos cenários sombrios...

Josh Harper tropeçando na traiçoeira escada em espiral de ferro batido em seu luxuoso loft...

Josh Harper lutando para tirar a perna fraturada debaixo de um equipamento defeituoso de sua academia de ginástica particular, o telefone tocando a centímetros de distância...

Josh Harper segurando a barriga e escorregando para baixo da mesa de marfim de um restaurante japonês muito chique, o lindo rosto com uma virótica tonalidade verde...

Josh Harper sorrindo corajosamente enquanto um bravo paramédico corre para

retirá-lo de sob as rodas de um ônibus da linha dezenove que perdeu a direção...

— Eu... não... consigo sentir os meus dedos...

— Não se preocupe, Sr. Harper, vamos resolver essa situação agora mesmo.

— Mas você não entende: eu preciso estar no teatro em cinco minutos.

— Sinto muito, mas o único cenário que vai ver esta noite é o da sala de cirurgia...

— Bem, Stephen — suspirou Donna, olhando para o relógio e pensando no impensável. — É melhor você se vestir, para o caso de vir a ser mesmo necessário.

Stephen mal se deu conta do trajeto percorrido até o corredor para chegar ao camarim número um. Experimentou uma vaga sensação de flutuação, como se Donna o estivesse empurrando numa maca. Então é assim, pensava, essa é sensação de ter sorte. Embora não fosse absolutamente uma pessoa maldosa, Stephen vinha fantasiando sobre uma daquelas gloriosas catástrofes seis dias por semana, duas vezes aos sábados e nas quartas-feiras, durante os últimos três meses. Quando Stephen dizia a Josh “quebre a perna”, para dar sorte antes do espetáculo, ele estava dizendo: quebre em duas partes, fraturas expostas, por favor. Afinal de contas, essa era a matemática implacável do trabalho de um substituto — para Stephen se realizar, Josh teria de sofrer: uma doença incapacitante, um ferimento qualquer, alguma coisa entre uma gripe e uma leve empalação, algo que o deixasse desabilitado por, digamos, quarenta e oito ou setenta e duas horas. Tempo suficiente para Stephen atuar no espetáculo desta noite, refinar seu desempenho para o de amanhã, trazer o diretor Terence para assistir à peça, os coordenadores de elenco, os produtores cinematográficos, quem sabe até um ou dois críticos, talvez discretamente contratar alguns outros agentes, melhores, os que podiam voar mais alto. O rompimento de um tendão de aquiles, um apêndice supurado, até algum problema no baço eram o que separava Stephen da oportunidade de mudar de vida.

Agora eles estavam no vestiário de Josh, Stephen tirando o casaco e os sapatos, Debs, a camareira, na espera, segurando o traje lavado e imaculado enquanto Stephen começava a se despir. Donna estava ao telefone falando com a portaria.

— Nenhum sinal dele ainda...? Certo, vamos dar mais cinco minutos e fazer o anúncio... Ele está aqui, está se preparando... Sim, eu sei... Tudo bem, mantenha-me informada...

Graças a Deus, pensou Stephen, ele não chegou.

Debs, a camareira, desdobrou as calças de couro de Byron, e Stephen pegou-as com um gesto solene e começou a vesti-las. Nunca tinha lutado boxe profissionalmente, e talvez jamais fizesse isso, mas imaginou que essa seria a sensação antes de uma grande luta: a reverência, o sentido cerimonial. Tentou clarear as ideias, encontrar algum lugar calmo e concentrado, mas sua mente já via a apresentação final...

As luzes se apagam ao fim do espetáculo, um murmúrio perpassa a plateia. Passam-se alguns instantes. Em seguida, o aplauso soa como um trovão, em grandes ondas. Donna e restante da equipe ficam na coxia, os contrarregras grandes e fortes aplaudindo com lágrimas nos olhos, empurrando um modesto e relutante Stephen C. McQueen de volta ao palco. Depois os urros da plateia soando em seus ouvidos em uníssono, buquês de flores deslizando no palco aos seus pés. Grandes ondas de amor e respeito e aprovação o envolvem, fazendo-o quase se desequilibrar. Protegendo os olhos da luz do holofote, ele perscruta a plateia e localiza o rosto das pessoas que ama — Alison, sua ex-mulher; Sophie, sua filha; os pais; os amigos — todos rindo e sorrindo, urrando e gritando. Encontra os olhos da ex-mulher, estampando respeito e admiração recém-encontrados. “Você sempre teve razão”, ela parece estar dizendo. “Você tinha razão em persistir, tinha razão em não desistir. Você é um ator de raro talento e sofisticação, e os sonhos sempre se tornam realidade quando se acredita em alguma coisa de verdade...”

— Puta merda, que mancada, oi gente, desculpemdesculpemdesculpem o atraso...

...ofegante, ajeitando o cabelo, o 12o Homem mais Sexy do Mundo entra cambaleando no camarim, feito um cachorro atrás de um pedaço de pau, como sempre.

Stephen parou de vestir as calças de couro.

— Josh! Você já estava fazendo sua tia Donna ter um ataque do coração! — exultou Donna, indo até a porta e desmanchando os lindos cabelos dele. — O Sr. McQueen estava pronto para ocupar o seu lugar.

— Sinto muito, colega Steve — disse Josh em tom de desculpa, cabeça inclinada para um lado. — Acho que você deve ter pensado que o seu grande momento tinha chegado afinal.

— Bem, você sabe...

Josh passou a mão no braço de Stephen, como uma forma amigável de consolo.

— Bem, não foi hoje, sinto muito, Steve, meu amigo. Não foi hoje...

Stephen forçou algo que lembrava minimamente o formato de um sorriso, e começou a tirar as calças de couro. Era como ter chegado à Lua e alguém pedir para ficar de vigia na cápsula.

— E qual é a sua desculpa, seu levado? — repreendeu Donna de forma carinhosa.

— Nenhuma desculpa, só tive que lidar com uma situação pessoal na frente doméstica, se é que você me entende.

Stephen devolveu a calça para Debs, que deu um sorriso solidário e voltou a pendurar o traje no cabide, pronto para o seu legítimo proprietário. Stephen viu que Donna estava sentada em cima de sua calça.

— Com licença, Donna... — pediu Stephen, ficando um pouco atrás dela.

— Puxa, Josh, você é um garoto muito, *muito* levado — exclamou Donna, em êxtase.

— Eu sei, eu sei, eu sei! — respondeu Josh, pegando as mãos grandes de Donna e beijando-lhe os dedos. — Vou dizer uma coisa, deixo você me dar umas palmadas depois do espetáculo.

— *Será que eu posso pegar a minha cal...?* — disse Stephen.

— Olha que eu posso aceitar a proposta.

— Pois deveria mesmo.

— *Você está sentada na minha...*

— Então eu vou aceitar.

— É só ir até o camarim.

— *...será que você podia...*

— Eu vou adorar.

— *...pode me dar licença...?*

— ...não tanto quanto eu. Leve um vinho! E uma amiga!

— ...Oooh, que garoto atrevido...

— Será que dá para eu pegar minha calça, gente? — falou Stephen, dando um puxão.

Donna levantou-se, olhando-o como se ele tivesse quebrado um encanto. O momento passou.

— Bom, é melhor eu fazer logo a maquiagem — disse Josh, ajeitando as madeixas. — Não posso deixar as pessoas esperando. — Segurou a cabeça de Donna entre as mãos como se fosse uma bola de basquete, deu um beijo fazendo “mmmmmmum” em voz alta e instalou-se em frente ao espelho.

— *Trêstigrescomeramtrêspratosdetrignonatrilhadatrigonometriatrigêmea...*

No corredor, Donna repreendeu Stephen.

— Você está com uma cara péssima. Seu rosto está completamente cinza.

Stephen esfregou o couro cabeludo e examinou a ponta dos dedos em busca de restos de maquiagem: pequenas nódoas de azuis e cinza. Não podia dizer a Donna que estava em outro trabalho.

— Um probleminha... glandular, só isso — explicou, esfregando os dois lados da mandíbula com a ponta dos dedos para reforçar a explicação.

— Honestamente, Stephen, você está *sempre* doente. Se não são as amígdalas, é pleurite, inflamação *gástrica*, ou o maldito cóccix deslocado — falou, e saiu pisando duro para se preparar para o início da peça, as chaves de carcereira chacoalhando nos quadris ao longo do caminho.

Stephen ficou olhando para ela um momento. Mais uma vez, teve a misteriosa sensação de que ser o substituto de alguém como Josh Harper era um pouco como o papel de um colete salva-vidas num voo transoceânico: todo mundo fica satisfeito de você estar ali, mas Deus nos livre de ter que *usá-lo*.

O HOMEM DA MALHA PRETA DE LYCRA MISTA

Stephen C. McQueen adorava atuar. Algumas pessoas são apaixonadas por futebol, por canções pop de três minutos, por roupas ou comida ou locomotivas antigas a vapor, mas Stephen adorava observar atores. Todos os anos que havia passado assistindo a filmes na televisão durante a tarde, cortinas fechadas contra o sol do verão, ou na primeira fila do pulgueiro local tinham-no marcado profundamente, e enquanto os outros adolescentes colecionavam fotos de jogadores de futebol ou astros do pop nas paredes, Stephen tinha fotos de pessoas que sabiam fingir.

Ao longo dos anos, William Shatner, Doug McClure, Peter Cushing e Jon Pertwee haviam perdido seus lugares no panteão, sendo substituídos por Al Pacino, Dustin Hoffman, Paul Newman e Laurence Olivier. Com o passar dos anos, ele começou a prestar atenção nas garotas — nesse caso, em Julie Christie, Jean Seberg e Eva Marie Saint, às vezes com uma sucessão de Bond girls correndo por fora.

E agora lá estava Stephen ganhando a vida fingindo, quando surgia uma oportunidade, e ele adorava isso. Claro que estava ciente de que, como profissionais, os atores tinham inúmeras falhas, a maioria começando pelo prefixo “auto”, e havia ocasiões em que se sentia constrangido, até envergonhado, de estar envolvido com um mundo tão imaginário, tolo e frívolo. Mas sentia também que havia uma espécie de integridade nas melhores interpretações, certo talento, até arte. Sim, atores podiam ser vaidosos e pretensiosos, pomposos e presunçosos, sentimentais e superficiais, afetados e preguiçosos e arrogantes, mas não precisava ser assim, certo? Pensava em Alec Guinness, sua silhueta no umbral da porta em *O quinteto era de cordas*, ou no tremendo sorriso lento e desmaiado que ilumina o rosto de Shirley MacLaine no final de *Se meu apartamento falasse*, ou em Marlon Brando e Rod Steiger no banco de trás do carro em *Sindicato de ladrões*, em Peter Sellers em *Dr. Fantástico* ou em Walter Matthau em quase todos os filmes, e Stephen voltava a se sentir inspirado. A capacidade de fazer um estranho morrer de rir, se encolher de ansiedade ou cerrar os punhos de indignação, ou gritar, chorar, estremecer e suspirar, e tudo isso simplesmente *fingindo* — bem, se você consegue fazer essas coisas e ainda ser pago para isso, esse deve ser o melhor trabalho do mundo.

Quanto à celebridade, ele não tinha o desejo de ser famoso, pelo menos não globalmente famoso, como Josh Harper. Não tinha vontade de se ver num ímã de geladeira ou numa caixa de cereais. Não queria que suas bitucas de cigarro fossem vendidas no eBay, não sentia necessidade de se sentar às melhores mesas

dos restaurantes, nenhum desejo secreto de ser fotografado com lentes telescópicas de barriga de fora na ilha particular de alguém. A fama só interessava como um efeito colateral, inevitável e não totalmente desagradável, de realizar um bom trabalho. Só queria a fama de estar sempre trabalhando. A fama de ser reconhecido.

O que aumentava ainda mais a frustração de estar preso a um trabalho de interpretação que praticamente envolvia não interpretar nada.

* * *

Stephen saiu do camarim de Josh e andou pelo corredor pintado de dois tons de verde-escuro fosco em algum momento nos anos cinquenta, que transmitiam a ele um sentimento institucional antiquado, como um sanatório grã-fino para tratamento de tuberculose. Recebeu acenos consoladores de Debs, a camareira, da assistente de direção de palco Chrissy e de Sam, da iluminação.

— Quase, quase, quase — disse o diretor de cena Michael, solidário. — Quem sabe da próxima vez, hein?

— Quem sabe da próxima vez.

Atravessou uma pesada porta de incêndio e subiu a escada. Na metade da escadaria mal iluminada, passou pelo camarim de Maxine Cole, mais perto do palco que o seu, indicando, portanto, uma posição superior. Recém-saída da faculdade diretamente para o pequeno porém memorável papel de “Prostituta Veneziana”, Maxine usava um roupão branco atalhado e uma elaborada peruca do início do século XIX, e tinha feições delicadas e de contornos firmes amontoadas no centro do rosto sempre bronzeado, debaixo de sobrancelhas arqueadas como as de uma boneca. Os pés, calçados com botas com cadarço, estavam em cima da penteadeira enquanto ela ouvia *The Ultimate Chick-Flick Album in the World Ever* em seu estêreo portátil e lia a revista *Heat* com uma intensidade quase religiosa.

— Oi, Maxine! — cumprimentou Stephen com um trinado. — Ficou sabendo da excitante história?

— Pode me excitar — murmurou Maxine.

— O número 12 acabou de chegar. Mais alguns minutos e eu estaria no palco.

— É mesmo? — replicou Maxine, totalmente consumida por um artigo sobre quais atrizes usavam fio dental e quais preferiam calcinhas maiores. — Por que

ele chegou atrasado, afinal?

— Sei lá... problemas no paraíso, parece.

— É mesmo? — disse Maxine, erguendo os olhos da revista. Nada iluminava mais a vida de Maxine do que uma discórdia conjugal, especialmente se envolvesse alguém conhecido, ou alguém famoso, e se fossem os dois, melhor ainda. — O que ele disse?

— Não falou quase nada, mas só chegou há cinco minutos. Falando estritamente, de acordo com as regras da associação, eu poderia ter continuado.

— Sim, e eu teria *adorado* ver você dizer isso a ele, Steve: “Sinto muito, Josh, mas você vai ter que passar a vez...”

— Enfim... qualquer dia desses, hein, Maxy? Um dia ainda vai ser a nossa vez.

Maxine fungou e virou a página. Nitidamente, ela detestava quando Stephen se comparava a ela. Uma das razões é que ela era visível no palco, falava, se mexia, e realmente *contracenava* com Josh todas as noites, em vários papéis pequenos embora importantes. Aparecia numa silhueta no umbral da porta no alto do palco como a amada meia-irmã de Byron, Augusta Leigh, e quando Byron recitava “Ela anda com formosura, como a noite...”, era o trabalho de Maxine andar em cena com formosura, como a noite. Sim, o papel de “Prostituta Veneziana” consistia basicamente em se estirar parcialmente nua numa cama de dossel enquanto Lorde Byron escrevia *Don Juan* usando suas nádegas como mesa, mas pelo menos as pessoas a notavam; era possível ouvir os homens ajeitando-se nas cadeiras, sentando-se mais eretos. E também tinha falas, uma tagarelice em italiano, principalmente para efeitos cômicos, mas, ainda assim, um papel com fala era um papel com fala. No cartaz do lado de fora seu nome aparece depois do “...e apresentando...”. Sim, Maxine Cole merecia atenção, era um Empolgante Novo Talento, era a Garota do Comercial da Tortilha de Jalapeño com Queijo (“Com molho ou sem molho... eis a questão”). Stephen, por sua vez, era o Bom Integrante da Companhia — não uma coisa ruim em si, mas não mais notável que Dois Bons Auxiliares, um Pequeno Contínuo Confiável, um Confortável Par de Sapatos.

O alto-falante estalou e chiou. “Senhoras e senhores, cinco minutos. Cinco minutos.”, e Maxine começou a passar um hidratante que parecia caro em suas longas e bronzeadas pernas. Era um pouco como ver alguém lubrificando uma arma com amor, e Stephen virou-se discretamente e continuou a subir o restante da escadaria até o seu camarim, no último andar.

Olivier, Richardson, Gielgud, Guinness, Burton, todos tinham subido aquela escadaria em algum momento, e o pequeno camarim para o qual Stephen se encaminhava agora marcava o local que já fora a sapateira da grande dama Peggy Ashcroft. O cheiro de maquiagem e o clamor da plateia nunca chegavam tão longe do palco. O clamor que se ouvia era o da caldeira no teto, e o cheiro era de cigarro e jornais velhos, sob uma camada de tapete mofado: um cheiro de bazar beneficente. Stephen afundou-se na remendada cadeira de escritório em frente ao espelho, um espelho que, ironicamente, era de fato circundado por lâmpadas. Só que apenas cerca de um terço delas funcionava, e a outra fonte de iluminação era uma claraboia opaca, agora escurecida por fuligem e merda de pombo, o que conferia ao aposento uma atmosfera subterrânea, apesar de ficar numa pequena torre bem no alto do prédio. Acendeu as luzes, lambeu um chumaço de algodão e tentou remover o que restava da maquiagem de cadáver, deixando pequenos fiapos de algodão emaranhados na barba de dois dias. Depois acendeu um cigarro e ficou algum tempo sentado, olhando para o espelho, examinando o próprio rosto; não por uma questão de vaidade, mas como uma espécie de obrigação profissional, como um motorista de caminhão inspecionando os sulcos dos pneus carecas, ponderando se pode seguir em frente com eles.

Não era um rosto *feito* — afinal, ele tinha sido escalado como o Byron de Emergência —, mas tinha uma característica suave e neutra, um rosto difícil de lembrar, uma brancura leitosa que o fazia tão adequado a reconstruções criminais e filmes de treinamentos corporativos, não mais que isso, o tipo de aparência agradável que o tornava invisível para atendentes de bar, motoristas de ônibus e coordenadores de elenco. No improvável caso de fazerem um filme sobre sua vida, ele talvez fosse interpretado por um jovem Tom Courtenay ou, se a ação fosse transposta para os Estados Unidos, alguém como o jovem Jack Lemmon, alguém com essa característica do homem comum. Claro que o melhor ator para o papel de Stephen C. McQueen seria o próprio Stephen C. McQueen, mas era pouco provável que seu agente conseguisse indicá-lo para um teste, ou que ele não fizesse mal o próprio papel. Afinal de contas, era isso que vinha fazendo havia alguns anos.

Quanto à sua suposta semelhança com a estrela do espetáculo, o melhor que poderia ser dito é que ele parecia uma foto polaroide borrada de Josh Harper. Uma polaroide borrada em preto e branco de um Josh Harper um pouco mais velho e mais rechonchudo. O corte de cabelo que fazia Josh parecer um príncipe da Renascença (e talvez o corte até tivesse esse nome: “Eu quero um ‘Príncipe da Renascença’, por favor”) de alguma forma contribuía para fazer Stephen parecer um tecladista de uma banda britânica de metal leve dos anos oitenta. O nariz era um pouco grande demais, os olhos, um pouco pequenos demais, a pele,

um pouco pálida demais, e era a combinação dessas três pequenas deficiências que o empurravam para a mediocridade, para a invisibilidade. Somente sua mãe, ou talvez seu agente, o definiria como bonito. Stephen franziu a testa, deu uma tragada no cigarro e despenteou seu “Príncipe da Renascença” com as mãos, antecipando com alegria o dia, dali a oito semanas, em que poderia mudar aquele maldito penteado.

O sistema de alto-falante soou no timbre grave da voz de Donna.

— Atenção, por favor. Sr. Harper, é o seu primeiro chamado.

Stephen esticou a mão e abaixou o volume. Ainda não tinha sido naquela noite. Não acontecera a Grande Chance naquela noite. Talvez fosse melhor assim; ele não estava mesmo muito a fim de uma Grande Chance. Encostou os dedos no pescoço, sentiu as amígdalas, juntou saliva na boca e engoliu. Talvez *estivesse* ficando doente. Enrolou a língua numa tentativa de sondar o fundo da garganta. Parecia amigdalite. Botou a chaleira de plástico para aquecer, acrescentou três colheres de café instantâneo numa caneca lascada e comeu um biscoito.

Pelo alto-falante, pôde ouvir o murmúrio da plateia diminuir, as luzes esmaeceram quando a música começou a soar — um quarteto de cordas de sintetizador tocando um pastiche de Haydn. Ficou ouvindo durante algum tempo, alternando o biscoito e o cigarro, acompanhando as falas de Josh, imitando seus gestos e movimentos.

Abre-se a cortina e Lorde Byron está sentado a uma escrivaninha, rabiscando com uma pena à luz de um candelabro. Lentamente, ele se conscientiza da presença da plateia — observa o auditório sem pressa, sorri, fala num tom de voz jocoso e arrastado.

LORDE BYRON

Louco, mau e perigoso de conhecer!

(ELE ABRE UM SORRISO RETORCIDO)

É assim que me chamam na Inglaterra agora, ou ao menos é o que me dizem. E devo confessar que é uma reputação que tenho feito pouco para amenizar.

(DEIXA A PENA DE LADO, PEGA O CANDELABRO, ANDA ATÉ O CENTRO DO PALCO, MANCANDO LEVEMENTE COM SEU PÉ TORTO [O ESQUERDO] E OBSERVA A PLATEIA.)

Assim como qualquer reputação, é ao mesmo tempo exata e fantasiosa. Talvez vocês estejam interessados em outro ponto de vista. Só tomará noventa minutos de seu tempo...

(SORRI MAIS UMA VEZ, UM ESGAR LENTO E ONISCIENTE.)

Ou então, talvez não. Talvez vocês na verdade prefiram a lenda à verdade! Realmente, eu não os culparia. É apenas a natureza humana, afinal...

Nasci no ano de Nosso Senhor de 1788...

* * *

...e geralmente é nesse momento da peça que tem início um tédio profundo e entorpecedor.

Stephen alcançou o botão de volume do alto-falante. Assim como nas teletelas de *1984*, não se podia eliminar totalmente o volume, mas era possível ao menos baixar a voz de Josh ao murmúrio mínimo de um zumbido. Ficou lendo por um tempo, e precisamente às oito horas e quarenta e oito minutos, exatamente como tinha feito noventa e seis vezes antes, e como faria mais quarenta e oito vezes, Stephen vestiu a malha preta opaca de corpo inteiro feita de lã e lycra que usava em seu papel de Figura Fantasma no palco. Poucos homens, talvez nem mesmo Josh Harper, conseguem vestir uma malha preta opaca com tanto estilo ou elã. Stephen parecia um mímico morto há muito tempo e, com depressão renovada, jogou rapidamente a pesada capa negra sobre os ombros, pegou a máscara veneziana branca e o chapéu de três pontas e desceu a traiçoeira escada do fundo que levava ao lado esquerdo do palco.

No palco, Byron aproximava-se de sua morte trágica e prematura, causada por uma febre contraída enquanto auxiliava com nobreza a causa da independência da Grécia, e Stephen ficou observando Josh encenando a doença de Byron ganhar terreno. Josh estava mesmo arrasando esta noite. Mas será que ele era tão bom? Ele era, tinha que admitir, bonito de uma forma quase sobrenatural — um rosto de cartaz, do tipo que se sente à vontade projetando-se de uma armadura, encimando uma toga ou num traje espacial; feminino sem ser afeminado, masculino sem ser agressivo, mas também com um toque cruel, certa rispidez nos olhos e na boca, o tipo de rosto que poderia fazer um papel romântico ou de um nazista estranhamente atraente. No palco, Lorde Byron entoava solenemente “We’ll Go No More A-roving”, e Stephen assistia com uma mistura desconfortável, porém muito familiar, de admiração profissional e uma pontada baixa e rombuda de inveja na boca do estômago.

A luz vermelha da coxia mudou para verde, a deixa para sua entrada, e Stephen ajeitou os ombros, pigarreou e foi para o palco. Houve um tempo em que pisar no palco diante de um teatro cheio de gente poderia tê-lo emocionado um pouco, mas, francamente, a essa altura, a tentativa de atravessar a Shaftesbury Avenue produzia mais adrenalina. Além do mais, a iluminação era intencionalmente opaca, havia montes de gelo seco e ele aparecia muito no fundo do palco, usando uma máscara branca que cobria todo o rosto. Mesmo assim, era um trabalho a ser feito...

Pense fantasmagoricamente, disse a si mesmo. Minha motivação é abrir a porta de uma forma fantasmagórica.

Foi o que ele fez, curvando-se depois numa reverência sombria e profunda quando Josh virou-se e passou por ele, os olhos fixos à frente.

Agora feche a porta, não muito depressa, pensou, fechando a porta bem devagar. Ficou absolutamente imóvel, enquanto a luz aumentava acompanhando uma lenta contagem até dez e, assim que começaram os aplausos, virou-se e saiu rapidamente do palco para não ficar no caminho de Josh. E era isso: entrar (fantasmagoricamente), abrir a porta (lentamente), fazer uma reverência (sombriamente), fechar a porta (lentamente), sair (rapidamente). O espaço para interpretação era pequeno. Um velho ditado teatral afirma que não existe papel perfeito. Esse era um papel pequeno.

Como sempre, Josh Harper esperava na coxia, olhos arregalados de júbilo, sorrindo e suando como um herói de ação.

— Ei, Stevearoonny, parceiro — gritou acima do alarido da plateia, já com sua voz natural, um suave e semiautêntico jeito de falar proletário.

Era outra das características não muito amáveis de Josh: uma inabilidade congênita de chamar qualquer um pelo próprio nome, de forma que Donna se tornava “Madonnster”, o diretor de cena Michael se transformava em “Mickey the Big D”, Maxine era “Maxim illius”. Dependendo do momento, Stephen era chamado de “Stevearoonny”, “Stevester”, “Bullitt” ou, talvez o mais desagradável de todos, “Stephanie”. Parecia perfeitamente possível que, se um dia Josh conhecesse, digamos, o Dalai Lama ou Nelson Mandela, ele os chamasse de Dalaroonny Lamester e Nelsony Mandoly. E era bem provável que eles não se ofendessem.

— ...sinto muito *mesmo* sobre ter cortado o seu barato hoje, Steve. Você sabe, sobre entrar em cena.

— Ah, tudo bem, Josh. Ossos do ofício...

— Mais! Mais! Bis! — gritava a plateia.

Maxine estava no palco, fazendo uma reverência solo, mas era por Josh que eles gritavam.

— Não, não está tudo bem, Steve, foi imperdoável. Porra, e também não foi profissional. — Deu um abraço apertado em Stephen pelos ombros. — Escuta, só para compensar, o que você vai fazer no domingo à noite?

— Nada. Por quê?

— É que vou dar uma grande festa, e queria saber se estará disponível.

— Mais! Mais! Bravo!

— Espere aqui um segundo, ok?

Josh deu um suspiro quase relutante, como se fazer uma reverência diante de aplausos delirantes fosse uma obrigação, tipo levar o lixo para fora de casa; deu meia-volta, executou um movimento ginástico, saiu da coxia correndo e voltou para as luzes brancas e ardentes do palco. Stephen ficou olhando enquanto Josh curvava-se e mantinha a posição, a cabeça e as mãos pendentes, como que enfatizando quanto toda aquela maldita apresentação havia sido completamente *e-xaus-tiva*. Mas o pensamento de Stephen estava longe. Uma festa. Uma festa de Josh Harper. Festa de uma pessoa famosa. Na verdade, ele não ligava para a fama, é claro, e tentava conscientemente não se sentir influenciado ou impressionado, mas, ainda assim, uma verdadeira festa, genuína, chique, cheia de pessoas bonitas, de sucesso, atraentes e influentes. *E ele tinha sido convidado.*

— Bravo! Bis! — gritava o público.

Josh estava de volta ao seu lado.

— Com vários convidados, a partir das sete... o que você acha? Eu gostaria muito que fosse...

— Parece uma boa, Josh.

— Mais, mais, bis... — bradava a plateia.

— Muito legal, parceiro! Mando o endereço numa mensagem de texto. — E simulou uma digitação atenta, com os dois polegares num celular imaginário;

outro de seus talentos: era um mímico prodigioso e genial, sempre fazendo aparecer objetos do ar: uma caneca sendo agitada, um telefone com mindinho e polegar, uma bola chutada no fundo da rede. — A propósito, de paletó e gravata! E não conte aos outros, Maxine, Donna ou ninguém mais. Já vejo esse pessoal todos os dias. Vai ser o nosso segredinho, certo?

Eu sou o único que ele convidou, pensou Stephen, exultante.

— Claro, Josh, vai ser o nosso segredo.

— Bravo! Bis! Bis!

Os aplausos começavam a diminuir um pouco, mas ainda mantinham com um entusiasmo capaz de justificar mais uma volta ao palco, se Josh se desse o trabalho de fazer isso.

— O que você acha? Será que consigo um pouco mais? — perguntou Josh, sorrindo.

— Vai nessa! — aprovou Stephen, agora cheio de boa vontade com seu velho amigo.

Josh virou-se e caminhou devagar até o meio do palco, enxugando a testa com a manga de sua camisa de babados empapada de suor, e os aplausos do público aumentaram mais uma vez enquanto ele estava em cima do palco, olhando ao redor lentamente, acima, para os deuses, e abaixo, para as cadeiras, aplaudindo também a plateia, agradecendo, elogiando.

Invisível na coxia, suando dentro daquela malha preta, Stephen C. McQueen olhou para as próprias mãos e percebeu, para sua surpresa, que também aplaudia.

UM DRAMA REALISTA

Na adolescência, quando se apaixonou pelos antigos filmes ingleses dos anos cinquenta e sessenta na televisão, Stephen sempre se sentiu fascinado pela noção de “quarto para rapazes de família”. Gostava de se imaginar, em preto e branco, como uma espécie de Albert Finney, morando em cômodos surrados e românticos de frente para os trilhos do trem, pagando uma ninharia por semana, fumando Woodbines, ouvindo jazz tradicional e martelando furiosamente a máquina de escrever enquanto Julie Christie andava ao redor usando uma de suas camisas velhas. Isso que é vida para mim. Um dia — pensava o adolescente Stephen, fascinado —, um dia *eu vou* morar num quarto para rapazes de família, mas não imaginava que essa seria a única de suas fantasias que o destino realizaria.

Na verdade, os corretores de imóveis não chamavam de quarto, é claro. Chamavam de “estúdio”, definindo um local onde se poderia morar ou gravar um disco, a escolha era sua. O “estúdio” situava-se numa área pardacenta e sem nome entre Battersea e Wandsworth, o tipo de vizinhança onde todos os postes de iluminação são adornados por uma bicicleta enferrujada. Um pequeno alinhamento de lojas continha todas as miudezas necessárias: um china, um delivery de pizza, uma lavanderia, uma mercearia do Pacto de Varsóvia cheia de escorbuto chamada Pricefavers e onde uma caixa de cereais Weetabix custava £3,92 e um pub aterrador, o Lady Macbeth, uma Ala de Segurança Máxima inundada de luz cuja licença para vender bebidas alcoólicas havia sido cassada incontáveis vezes.

A épica jornada de Stephen de volta para casa envolvia o metrô até a estação Victoria, com baldeação em Green Park, um trem de superfície até Clapham Junction, depois um sacolejante ônibus e uma caminhada de quinze minutos rápida e de gelar os nervos que passava pelas lanchonetes Chicken Cottage, Chicken Village e World of Chicken’n’Ribs, depois por uma Idaho Fried Chicken, sendo que Idaho era o último estado dos Estados Unidos que mantinha uma franquia de frango frito no sul de Londres. Chegando lá, era preciso enfrentar um corredor polonês de crianças selvagens, que ficavam nas portas e saudavam seu retorno noturno com gritos viscerais de “babaca/idiota/imbecil”. Destrancava uma porta anônima, descascada e pintada de cor de mostarda, e o cheiro de um duvidoso frango frito o acompanhava pela escada estreita e lúgubre.

No primeiro andar, foi abordado pela Sra. Dollis, sua vizinha, uma senhora miúda e agressiva, com uma surpreendente seleção de dentes aleatórios, como se as gengivas tivessem sido apedrejadas. Colocou a cabeça de repente para fora da porta, transformando o primeiro lance de escada de Stephen num trem fantasma

pessoal.

— As raposas atacaram as latas de lixo outra vez — resmungou.

— É mesmo, Sra. Dollis?

— O chão está cheio de pele de frango. Uma nojeira.

— Bem, isso não é responsabilidade do restaurante?

— Minha é que não é, sem dúvida.

— Vou cuidar disso pela manhã, Sra. Dollis. Tudo bem?

Ela soltou um grunhido, como se Stephen de alguma forma estivesse envolvido num programa secreto de treinamento de raposas para atacar latas de lixo, e desapareceu, permitindo que ele continuasse a subir até o apartamento. Deu duas voltas na chave e baixou as velhas cortinas, um pouco menores que a janela, que tapavam o brilho de sódio das luzes da rua lá fora.

Eram dois quartos mobiliados. O primeiro, o citado quarto para rapazes, tinha o tamanho de um lugar onde se poderia balançar um gato, e seria justo dizer que houve épocas em que, se houvesse um gato por perto, Stephen com certeza teria dançado com ele. Sem muita expectativa, apertou o botão da secretária eletrônica, um modelo antigo cor de creme com um “tom sardônico” interno especial. Numa entonação estranha e zombeteira o aparelho informou: “Você (obviamente) tem (só) *UMA* nova mensagem.”

Apertou o play.

— Oi, pai. Aqui é Sophie...

Stephen sorriu.

— Oi, olá, Sophie — disse para si mesmo, numa voz sentimental e levemente dopada que teria deixado Sophie constrangida se estivesse lá para ouvir.

Ela continuou, em seu tom de voz telefônico normal, como uma gravação do serviço de Hora Certa.

— Só para dizer que estou muito contente de a gente se encontrar na semana que vem e... é só isso, na verdade. Mamãe está aqui do lado. Ela quer dar uma palavra...

Uma palavra. Stephen franziu a testa, instintivamente afastando-se um pouco da secretária eletrônica. Ouviu um farfalhar enquanto o telefone trocava de mãos, então sua ex-mulher entrou na linha, falando baixo com seu suave sotaque de Yorkshire.

— Alô. Com certeza você está no palco no momento, dando tudo de si, depois vai à casa da Judi Dench jogar Pictionary e ouvir canções de musicais ou coisa assim, mas não se esqueça... segunda-feira. Espero que tenha planejado algo melhor dessa vez, não apenas ir ao cinema de novo. — Em seguida, num tom mais baixo: — E só para deixá-lo ciente, Colin vai estar de folga, por isso talvez também esteja aqui...

Stephen cerrou os dentes, ameaçando a secretária eletrônica com o punho.

— ...então, nada de brigas, verbais ou de qualquer outra natureza. Tentem ser *simpáticos* um com o outro. Para o bem da Sophie. Por favor?

Stephen apertou “delete” com um pouco mais de ódio do que o necessário, e continuou franzindo o nariz, cerrando o maxilar, chutando coisas, embora não com muita força, enquanto passava para o outro cômodo do pequeno apartamento, com ênfase no “pequeno”. Ali, uma pequena mesa de fórmica brigava por espaço no linóleo com uma pia, um aquecedor que rugia como um motor a jato e um fogão a gás homicida. Apesar do constante empenho de Stephen para manter o lugar limpo e arejado, o local sustentava um estranho aroma fermentado, como o interior de uma lancheira infantil. As origens do aroma permaneciam obscuras — não havia uma geladeira no recinto, a última tinha se suicidado recentemente, ou talvez tenha sido assassinada pelo fogão. Desde então, conseguia manter o leite para misturar no chá no parapeito da janela, o que por enquanto funcionava bem. Na verdade, o estúdio não tinha sido projetado para entretenimento em larga escala; era projetado para alguém se embriagar sozinho, consumir comida congelada e chorar.

Ainda cerrando os dentes contra ninguém em particular, entrou no banheiro, ou, mais precisamente, no “cubículo de banho”, onde um vaso sanitário, uma pia e um chuveiro temperamental ficavam tão próximos um do outro que seria tecnicamente possível tomar banho e ao mesmo tempo escovar os dentes sentado na privada. Fez xixi, zangado, enquanto revistava o armário do banheiro em busca de alguma sobra de antibiótico para combater a iminente amigdalite. Num acesso de insanidade perfeitamente compreensível, o antigo morador tinha pintado o banheiro de um tom brilhante de vermelho-sangue, e algum dia, quando conseguisse encarar, Stephen estava decidido a se empenhar na épica tarefa de recobrir aquela pintura com uma cor menos opressiva: oito demãos de

magnólia, talvez. Até isso acontecer, era um pouco como tomar banho na cena de um crime.

Claro que havia limites para o que uma nova camada de tinta podia fazer. O apartamento, ele precisava admitir, tinha sido um terrível equívoco, terrível. Fora comprado numa emergência, durante tristes semanas afogadas em bebedeiras insanas logo depois do fim do casamento, para ser um lugar onde ele poderia ficar sozinho e clarear as ideias — um esconderijo, um tapa-buraco, uma solução temporária, só até a poeira baixar e a vida melhorar outra vez. Com o tempo, quem sabe, ele poderia dar um jeito, transformar aquilo num apartamento de solteiro moderno e agradável, e já o tinha equipado com a Santíssima Trindade do homem adulto que morava sozinho: o video game, a conexão de banda larga e o DVD player. E lá ficava quase todas as noites, assistindo a filmes antigos e bebendo demais, tentando não telefonar para Alison. A principal trilha sonora daquele período era o espocar de um garfo perfurando o plástico da embalagem de uma refeição congelada, mas ao menos tinha aprendido uma lição de maneira dura porém irrefutável: nunca investir numa propriedade quando estiver bêbado e/ou clinicamente deprimido. Aos poucos, os meses se transformaram em anos, dois anos agora, e lá estava ele, arruinado e sem geladeira. Miss Havisham com um PlayStation 2.

Mas não adiantava reclamar. Manter o otimismo. Manter a alegria. A sorte logo iria mudar. Encontrou o misterioso antibiótico: umas cápsulas pretas e amarelas enormes e antigas, parecidas com abelhas. No divórcio, Alison deixou que ele ficasse com todos os remédios abandonados. Não lembrava mais muito bem para que serviam, mas um antibiótico era um antibiótico. Voltando à cozinha, serviu-se de um copo de vinho tinto, engoliu uma das pilulas e, já se sentindo melhor, resolveu assistir a um filme. Na sala de estar, puxou o seu bem mais precioso de baixo da cama: um projetor digital de vídeo Toshiba TX 500.

Claro que nada se compara a uma verdadeira experiência cinematográfica, mas no Natal passado Stephen tinha recebido um dinheiro extra participando de um DVD educacional de baixo orçamento — *O esquilo Sammy canta suas canções infantis favoritas* — no qual interpretou o papel epônimo do esquilo. Foi um ponto baixo em termos pessoais e profissionais, mas a recompensa foi o projetor de vídeo digital que, quando conectado ao seu DVD player, projetava filmes na parede, dois metros e meio por dois, e só um pouco embaçado, transformando sua quitinete numa sala de cinema particular. Não era exatamente uma experiência cinematográfica, mas chegava bem perto, e só faltavam o cheiro de pipoca, o farfalhar das embalagens de doces e a presença de outros seres humanos.

A parede branca em frente ao sofá servia como uma tela de faz de conta. Três grandes cartazes de filmes — *Serpico*, *Um corpo que cai* e *O poderoso chefe* 2 — evocavam um pouco de Hollywood em South West London. Tirou os três cartazes, encostou-os cuidadosamente na parede, equilibrou uma pilha de livros numa cadeira da cozinha, conectou o DVD no projetor e ligou o aparelho. A sala foi imediatamente iluminada por um brilho azul e branco fantasmagórico, quase nuclear.

Depois foi consultar sua coleção de vídeos e DVDs. De seus trabalhos na tela, ele tinha um episódio de *Emergency Ward* em vídeo (em seu papel sem falas do Ciclista Mensageiro Asmático, sempre arfando e chiando), seu pungente e maldito Garoto de Programa 2 em *Vice City*, um pequeno papel num filme curto que parecia interminável e um programa sobre matemática da Universidade Aberta em que fazia o papel de uma Equação Quadrática. Também tinha um DVD complementar de *O esquilo Sammy canta suas canções infantis favoritas* — sem comentários do diretor, mas com seis cenas cortadas na edição final e trechos cantados —, que mantinha escondido no fundo do guarda-roupa, ainda na embalagem de celofane, embaixo de uma pilha de blusas de lã. Mas não estava com vontade de assistir a nada daquilo. Hesitou entre *Manhattan*, *Caubói do asfalto* e *Acossado*, antes de resolver que, sim, ele estava no clima de *Intriga internacional*. Com Cary Grant e James Mason, juntos.

Serviu-se de um pouco mais de vinho, assistiu às primeiras cenas, apresentando o solteirão sedutor na Manhattan dos anos cinquenta, e decidiu que iria à festa de Josh vestido de Cary Grant. Projetando em sua tela de cinema mental, imaginou-se na cobertura de Josh, usando um terno imaculadamente sob medida, segurando uma taça de martini cheia até a borda, de uma maneira elegante sem ser efeminada, no centro de um círculo de convidados, as mulheres com a cabeça inclinada, lábios ligeiramente separados, os homens em posturas respeitosas e deferentes, um pouco mais distantes, todos ouvindo com atenção cada uma de suas palavras. O mais frustrante é que ele não fazia ideia do que poderia estar dizendo, mas sabia que, quando chegasse ao fim do monólogo, todos do grupo jogariam o corpo para trás numa grande onda de risadas de admiração.

E imaginou seu bom amigo e mentor Josh Harper observando-o do outro lado da sala, sorrindo com ar de aprovação, erguendo sua taça de martini numa homenagem, dando-lhe boas-vindas ao seu mundo, e Stephen devolvendo o sorriso, retribuindo o brinde.

CARY GRANT

Como a maioria das pessoas que mora numa grande cidade, Stephen vivia com a constante e aflitiva impressão de que todos levavam uma vida muito, muito melhor do que a dele.

Sempre que voltava para casa de ônibus à noite, via pessoas com garrafas na mão, e tinha certeza de que estavam indo para locais extraordinários: a uma festa num barco no rio Tâmis, para alguma piscina ou a um fascinante centro de compras — lugares onde os cubículos dos toaletes só eram usados para fazer sexo, usar drogas ou fazer sexo enquanto se usavam drogas. Passava por restaurantes e observava casais de mãos dadas, ou turmas de amigos cantando parabéns a você e desembulhando presentes, brindando ou rindo de alguma piada. Jornais e revistas o atormentavam diariamente, com todas as coisas que ele não conseguia fazer, todas as pessoas talentosas, interessantes e atraentes que não conseguia conhecer em festas realizadas em lugares que jamais poderia ter a esperança de morar. Perguntava-se qual era o sentido de ficar sabendo que Shoreditch era a Nova Primrose Hill, que Bermondsey era a Nova Ladbroke Grove, se ele morava numa região estranha e sem nome entre Wandsworth e Battersea, o Novo Lugar Nenhum. Todos os dias da semana havia exposições ou vernissages e aulas de salsa e leituras de poesias e reuniões políticas e aulas de power ioga e espetáculos de fogos de artifício e concertos de música experimental e novos e elegantes restaurantes da moda e acontecimentos que mobilizavam pessoas em busca de novas experiências que nunca poderia desfrutar.

Mas nesta noite esse não era o caso. Nesta noite ele tinha uma oportunidade de sair do apartamento e encarar o mundo de novo, ocupando seu devido lugar no centro vivo e pulsante onde as coisas aconteciam. Era o início de uma nova era, de um novo Stephen C. McQueen. Chega de ficar do lado de fora, com o rosto encostado no vidro. Estava indo para a festa de Josh e nunca mais suas noites seriam acompanhadas pelo espocar de um garfo abrindo uma embalagem de comida congelada. Ao tomar o elevador na estação do metrô de Chalk Farm, verificou seu reflexo, afrouxou o nó da gravata mais um centímetro, bagunçou o cabelo e, num pequeno aquecimento social, assumiu a expressão facial que pretendia usar para abordar as lindas mulheres do evento. Teve de reconhecer que, levando tudo em consideração, até que ele estava com boa aparência. Deu uma piscadela rebelde, jogou um antibiótico na boca apenas para afastar o ar decadente e reprimiu o reflexo de regurgitar quando a pilula grudou no fundo da garganta. Depois, saindo na noite, consultou a página que havia intempetivamente arrancado de seu guia A a Z de Londres e rumou para a fantástica festa de uma pessoa famosa.

É extremamente importante, pensou, que as coisas deem certo esta noite. É extremamente importante que eu tenha um bom desempenho.

* * *

Stephen tocou a campainha do portão de metal que, protegido por arame no alto, defendia aquele depósito convertido no outrora turbulento bairro de Primrose Hill; nitidamente, tecnologia de ponta no quesito segurança era uma importante prioridade para Josh, e Stephen imaginou que havia uma grande probabilidade de ter de passar por um escaneamento de retina. Afinal, a fechadura se abriu com um estalido. Nada de especial no lado de fora, pensou, atravessando o trecho de macadame encharcado de chuva que funcionava como um fosso na frente da construção de tijolos vermelhos longa e atarracada. Mas por que estava tudo tão quieto? Talvez a grande festa ainda não estivesse animada. Ou quem sabe fosse uma festa ruim. Talvez Josh estivesse oferecendo uma festa *ruim*, como a de qualquer pessoa normal — oito ou nove estranhos constrangidos, sentados em silêncio, comendo amendoim torrado de potes, talvez até assistindo à televisão, antes de ir embora às dez e meia. Não seria... simplesmente *fantástico*?

Stephen encontrou a porta da frente, outra peça industrial que parecia a porta de um cofre, e pigarreou, ajustou a gravata, bagunçou o cabelo uma última vez, certificou-se de estar concentrado e respirando com o diafragma e apertou o botão do videofone. Josh apareceu por um instante, distorcido pela lente olho de peixe, o que lhe deu certo prazer.

— Ei, é o Steve McQueen! — gritou ele no microfone. — O rei do pedaço...

— E aí, Josh? — respondeu Stephen com uma careta, usando uma estranha voz de “apresentador de game-show” americano que pareceu sair do nada, e a qual decidiu nunca mais usar.

Sacudiu a garrafa de champanhe diante da lente, como se fosse uma forma de garantir sua entrada. *Minha motivação é ser legal. Lembre-se, Gary Grant. Elegante, suave, mas também capaz de matar um homem sem fazer alarde.*

— Pode subir, garotão... Primeiro andar — falou Josh.

Garotão. De onde saiu aquilo?, pensou Stephen. Será que está insinuando que estou gordo ou algo assim? Entrou em uma escada de concreto cru, com um emaranhado de bicicletas, e subiu cambaleando a escada de metal até outra porta de metal platinado onde Josh esperava por ele. Apesar do traje recomendado, ele não estava de terno escuro e gravata. Vestia uma bela camisa de alfaiataria, feita sob medida, para fora da calça e desabotoada até o meio do

peito, de tal forma que quase parecia um decote, embaixo de um blazer justo e sobre calças jeans largas de cintura baixa; e estava descalço, um traje que caminhava num limite entre o máximo da elegância ou o contrário total. Na mão direita segurava uma taça de martíni pela borda, de uma maneira elegante sem ser efeminada.

— E aí, Bullitt? — disse arrastando as palavras, um cigarro apagado pendurado na boca.

Com um estremecimento de mau augúrio, Stephen notou que Josh estava com um bongô.

— Fala aí, aniversariante! — cantarolou Stephen, lembrando a si mesmo que estava feliz em estar lá, brandindo a champanhe, que se aquecia lindamente em sua mão crispada.

Josh pegou a garrafa, com educação, mas com um rápido olhar de surpresa e desgosto, como se Stephen tivesse entregado a ele um membro protético.

— Ah, champanhe! Legal! Obrigado, amigo — falou, parecendo constrangido.
— Deixe eu mostrar o lugar para você. — E conduziu Stephen com a mão em suas costas pela porta do cofre, que se fechou atrás com um clangor industrial. Depois, gesticulando o braço num movimento largo pelo ambiente, proclamou:
— Bem-vindo... ao Meu Mundo...

De imediato, Stephen percebeu duas coisas sobre o Mundo de Josh.

A primeira é que era imenso; como um clube noturno doméstico, era grande a ponto de abrigar facilmente uma partida de futebol de salão, um fato enfatizado por uma bola de futebol num canto do recinto, uma cesta de basquete em outro e umas barras de ginástica presas à parede. O teto alto era composto de vigas pintadas de branco e vidro reforçado recobrimdo o apartamento todo. Uma escada em espiral levava a outro nível, isolado por discretos painéis de tecido translúcido, que ele supôs que abrigassem uma espécie de domo de prazeres eróticos de bom gosto. A mobília descombinada com muito bom gosto — velhos móveis de couro da década de cinquenta, intencionalmente *kitsch*, bancos de bares comprados em depósitos e frágeis cadeiras antigas estilo Queen Anne — foi distribuída pela quadra de futebol em pequenos aglomerados, perfeitamente dispostos para facilitar a interação social, e ainda que nem todo o mobiliário fosse de bom gosto, os itens de mau gosto eram nitidamente do tipo certo de mau gosto. O piso parecia uma espécie de borracha preta sem rebarbas, como se o apartamento inteiro de alguma forma fosse levemente ousado, e no lado oposto do salão duas poltronas Charles Eames reclinavam-se em frente a uma enorme

TV de plasma, no momento congelada numa tela de PlayStation: um jogador de futebol gerado por computador pausado no meio do chute. Revistas em quadrinhos americanas estavam em pilhas bem organizadas ao longo das paredes, com modelos em escala da *Millennium Falcon*, do R2D2 e de um Caça X-Wing funcionando como pesos de papel. Nitidamente, numa idade em que se esperava que Josh descartasse seus objetos de infância, ele tinha preferido investir pesado neles. Uma guitarra elétrica e uma bateria descansavam num canto, como uma ameaça sombria, perto de uma mesa de mixagem de DJ, e o lento e discreto *boom-tsch* de uma música ambiente qualquer pulsava dos imensos alto-falantes estéreos que se empoleiravam em prateleiras de metal.

A segunda coisa que Stephen notou no mundo de Josh foi que não havia outros convidados.

— Meu Deus, cheguei cedo *demais*, não foi? — exclamou Stephen, agora muito longe de estar ambientado.

— Não, não, de jeito nenhum. Talvez esteja até um pouco atrasado. Mesmo assim, com bastante tempo de conhecer os outros.

Josh caminhou sobre o piso de fábrica, parando no meio do caminho para relaxadamente jogar a garrafa de champanhe numa das três latas de lixo de metal antigas. Stephen sentiu-se um pouco alarmado por um momento, mas olhou para as latas de passagem e viu que estavam cheias de gelo e talvez mais umas trinta garrafas de champanhe e vodca. Gelo industrial. Stephen nunca tinha visto tanto gelo industrial assim.

— Então, o que achou desse velho local?

— Impressionante. O que era antes?

— Uma fábrica de guarda-chuvas abandonada. Prefiro esses espaços que casas, sabe? Olhei centenas de lugares antes de encontrar este: silos de armazenagem de bananas, depósitos de tapetes, igrejas desconsagradas, piscinas fora de uso, escolas e bibliotecas. Cheguei a me interessar por um velho matadouro em Whitechapel, mas realmente cheirava a morte. Então acabamos vindo para cá. Não é grande coisa, mas é a nossa casa.

No final do salão eles viraram para uma área isolada com uma cozinha industrial, onde três homens elegantes e bem-apegoados, com cabelos bem cuidados, movimentavam-se pelo recinto, tirando copos de caixas de papelão, dispondo tiras de salmão defumado pálido como folhas douradas, quebrando mais sacos de gelo com um pequeno martelo de prata. Os três usavam ternos

pretos idênticos e imaculados, ternos muito parecidos com o de Stephen.

— Gente, esse é o famoso... — pequeno rufar de fanfarra no bongo — ... Steeeeeve McQueen! — anunciou Josh com um entusiasmo deferente. — Ele vai nos ajudar hoje. Steve, esses são Sam, John e, desculpe, esqueci o seu nome...

— Adam — disse Adam.

— Como você não sabe — ironizou Josh, e Adam abriu um sorriso como se fossem cubos de gelo trincando. — Certo, entendi... Adam. Tudo bem, esse é o meu bom amigo Steve!

Os três olharam e abriram sorrisos de garçons profissionais.

— Oi, Steve, olá, algum parentesco?, muito prazer, Steve, adorei você em *Bullitt*, Steve...

Mas Stephen não conseguia ouvir nada, pois estava tentando processar a informação, tentando ainda se certificar de que sua conclusão estava correta. Demorou um pouco, mas afinal a monstruosa realidade da situação ganhou forma e firmeza em sua mente.

Eu.

Eu não sou um convidado.

Eu não fui convidado a esta festa como um amigo.

Eu fui chamado para servir de garçom.

Eu sou um dos empregados.

Eu.

Eu trouxe uma garrafa de champanhe.

Mas Josh continuava falando, Josh, o seu empregador, dizendo alguma coisa sobre as pessoas que chegariam em meia hora ou coisa assim, que dava bastante tempo, se Stephen preferia atender no balcão ou circular com a comida ou fatar o presunto Serrano com osso, cuidar dos casacos ou talvez todos pudessem se revezar e se ele sabia abrir ostras, mas Stephen não conseguia entender nada por causa do som do sangue tinindo nos ouvidos, por isso preferiu perguntar...

— Tem um toailete que eu possa usar rapidamente?

— Claro. Pode usar até devagar, se quiser! — brincou Josh, e um dos garçons ofereceu um sorriso jovial de 15 libras a hora. — Fica do outro lado do salão, à sua esquerda.

— Muito obrigado — conseguiu dizer Stephen, muito formal, dando meia-volta e andando empertigado pelo salão, como tinha acabado de aprender, só parando quando estava a vinte centímetros da parede.

Não viu nenhum sinal de porta. Não, nenhuma porta. Precisava desesperadamente estar do outro lado de uma porta agora mesmo, qualquer porta, mas não havia porta alguma ali. Pensou em abrir uma porta a pontapés, mas as paredes pareciam bem sólidas, por isso batalhou para abrir um sorriso, ensaiou em frente à parede, fixou-o na boca e voltou para a cozinha, onde Josh mostrava a um dos garçons, talvez Adam, a forma correta de abrir uma ostra.

— ...e segura *firme* a concha na palma da mão...

— Oi, Josh...?

— ...para não perder os preciosos sucos...

— Desculpe, Josh, mas não consigo...

— A melhor coisa da ostra são os sucos...

— Olá, Josh... JOSH!

— Sr. McQueen?

— Não consegui achar o toailete.

— É uma porta oculta... Se você olhar com cuidado, vai ver a...

Josh deu um suspiro, desistiu da ostra, deixando-a com impaciência na mão de Adam, com os preciosos sucos e tudo, e saiu da cozinha com Stephen. Ao sair, Stephen deu uma olhada para trás, a tempo de ver Adam segurando a faca de abrir ostras como se contemplasse a possibilidade de enterrá-la na cabeça de Josh.

Enquanto isso, Josh passou o braço nos ombros de Stephen, apontando a parede do outro lado.

— Ali... Está vendo aquele retângulo? — Certo, Stephen conseguiu enxergar a divisória esmaecida de uma porta. — Aquele é o banheiro. Portas ocultas, está

vendo? Como um antigo castelo ou algo assim. Legal, não?

— Incrível — concordou Stephen, tomando cuidado para não mexer muito o rosto, no caso de desmanchar.

— *Tem* de ser mesmo... Custou uma puta grana... — replicou Josh, antes de voltar para a cozinha. — É só empurrar de leve que ela abre...

Stephen empurrou e a porta se abriu mesmo, com um chiado futurista. Assim que se sentiu em segurança, virou-se, trancou a fechadura e ficou com a cabeça encostada na porta, soltando uma longa lufada de ar, aguda e demente, o tipo de ruído que se ouve em dramas de hospital, quando os aparelhos respiratórios são desligados. O banheiro tinha a forma de L, grande e chique, preto e metálico, iluminado por luzes indiretas e uma vela com aroma de jasmim, e só ao ouvir uma pequena tossida forçada Stephen percebeu que havia mais alguém ali.

Uma jovem atraente, de cabelo preto cortado e um vestido preto justo até o joelho, estava sentada no bidê com as pernas cruzadas, fumando um cigarro.

— Tudo bem aí? — perguntou com um sotaque americano.

Stephen parou de bufar.

— Oh, desculpe, não percebi... — gaguejou, olhando para o teto.

— Tudo bem, eu não estou fazendo nada... íntimo — explicou, indiferente, e Stephen deu uma olhada discreta para aquelas pernas cruzadas, só para conferir. Não, ela não estava fazendo nada íntimo, só sentada no bidê, sozinha, fumando. — Impressionante, mas essa é única cadeira confortável nessa casa. — O sotaque era americano; talvez de Nova York. Os olhos eram escuros, a boca, cheia e vermelha, e Stephen reconheceu-a, de uma breve conversa na festa da noite de estreia, como a esposa de Josh, Nora. — Você é um dos garçons, certo?

— Mais ou menos.

— Como você não sabe se é um convidado ou garçom...? — perguntou, dando uma tragada profunda no cigarro.

— Pois é... Dá o que pensar, não é? — Nora pareceu confusa. Stephen resolveu mudar de assunto. — Será que não é melhor eu sair...? — perguntou, sentindo que sem querer tinha entrado no esconderijo dela.

— Não, tudo bem — respondeu ela com leveza, levantando-se para limpar alguma coisa em um dos olhos com o dedo. — É todo seu! Curta! — Abriu a

tampa da privada, jogou o cigarro, ouviu o chiado da brasa se apagando e virou-se para Stephen.

— Posso perguntar uma coisa?

— Vá em frente.

— O que você acha desse vestido? — Ficou ereta com os ombros para trás, colocou as mãos na cintura e alisou as dobras para ajustá-lo bem ao corpo. — Josh disse que me deixa gorda.

— Ele disse isso? Gorda?

— Bem, ele não disse “gorda”, é claro. A palavra exata que ele escolheu foi “generosa”, mas ele quis dizer gorda. Você acha que eu deveria trocar?

— De jeito nenhum. Acho que você está muito bem — respondeu Stephen, pois era a verdade.

— Muito bem no sentido de “muito grande”?

— Muito bem no sentido de muito bonita.

— Muito bem no sentido de muito bonita — repetiu ela, imitando o sotaque dele.

— Muito obrigada, você é um perfeito cavalheiro.

Stephen tinha uma terrível fraqueza por americanas falando com sotaque inglês, e de repente estava sorrindo. Nora devolveu o sorriso, talvez um pouco ansiosa, e com os olhos, que pareceram um pouco vermelhos, voltados para o chão.

— A propósito, você sabe que estava fazendo um barulho muito esquisito, não sabe?

— Quando?

— Agora há pouco.

— Estava?

— Aham... Uma espécie de zumbido. Assim. — Fechou os olhos bem apertados e fez o ruído.

— É, eu faço isso às vezes. Deve ser um tique nervoso.

— E ajuda?

— Ah, não muito.

— Que pena, eu ia tentar. Mas por que você estaria nervoso? Você é um profissional, não é?

— Sou, sim. Acho que sim.

— Então tudo bem. Pelo menos você está sendo pago para estar aqui. — E os olhos dela mudaram de Stephen para a porta em que ele estava encostado.

Stephen afastou-se para abrir a porta para ela, mas descobriu que estava travada por alguma razão. Puxou a maçaneta com força três ou quatro vezes.

— Talvez fosse melhor destrancar primeiro?

Ele destrancou.

— Muito bem, aqui vou eu... — falou, respirando fundo, do jeito que alguém faria antes de entrar num buraco no gelo, engoliu em seco e saiu para o salão, deixando Stephen sozinho.

Esperou um instante, trancou rápido a porta e ocupou o lugar da senhora Harper no bidê, sentando-se pesadamente. Acendeu um cigarro, tentando inalar o conteúdo numa só tragada, depois fechou os olhos e apertou as pálpebras com a ponta dos dedos, até começarem a se formar clarões luminosos, e tentou imaginar o que Cary Grant faria naquela situação.

Mas estava achando difícil imaginar Cary Grant naquela situação.

Não era tanto a coisa do garçom. Ele já havia trabalhado como garçom muitas vezes, e sabia que iria trabalhar outras, e realmente não se incomodava por isso — fazia parte do trabalho, afinal. O que o incomodava especificamente era ter gastado vinte e cinco paus numa garrafa de champanhe para dar de presente a um suposto amigo, depois ter de servir aquela mesma champanhe para estranhos, e ainda lavar os copos usados. Rememorou aquela noite, na coxia, tentando entender como tinha acontecido o terrível equívoco. Quais foram exatamente as palavras de Josh? “Você está disponível...?”, “Terno e gravata?”, “Eu agradeceria muito?” Era óbvio, a simples verdade era que Josh ficou constrangido em usar a palavra “garçom”. O que Stephen viu como um gesto de amizade era, na verdade, um convite para esvaziar cinzeiros.

Muito distante, ouviu o espcocar de um garfo abrindo a embalagem de comida congelada.

Pensou seriamente em sair pela janela, mas era alta demais e muito pequena, e a admissão do mal-entendido só levaria a humilhação um passo além — ele imaginava o olhar constrangido de pena em Josh. Não, realmente a única coisa madura e razoável a se fazer era fingir uma doença aguda. Interpretar um pouco — era o seu ofício, afinal. Começou a folhear o dicionário médico mental que mantinha à mão para tais emergências: angina — não, beribéri — não, cólera — não. Um derrame seria radical demais, amigdalite seria muito corriqueira, um mal-estar intestinal seria muito íntimo. Existia uma forma rápida e fácil de congestionar o próprio pulmão? Começou a considerar um caso de intoxicação alimentar — perfeitamente plausível, já que ele estava mesmo quase vomitando. Pôs a mão na barriga, apertando-a como se tivesse acabado de ser baleado nas vísceras, curvou-se um pouco, praticou a expressão de enjoo no espelho, engoliu outro antibiótico vencido, deu a descarga sem necessidade e saiu para o salão principal.

O som estava mais alto, uma música qualquer para dançar, e Josh debruçado na mesa de DJ, levemente oscilante, olhos fechados e a ponta da língua para fora, uma concha do fone de ouvido pressionado contra a orelha, concentrado em mixar dois discos aparentemente idênticos sem nenhuma descontinuidade.

— Josh, eu...

— Eeeeei! Stephanie, Stevearoonny, o Stevester — Josh distribuía cutucões como um lindo e perfeito idiota do interior —, queria dizer que agradeço muito por fazer isso por mim — gritou, saindo de trás da mesa de som e abraçando Stephen pelos ombros. — É que detesto fazer uma festa e ter de me preocupar em encher os copos das pessoas e arrumar toda a bagunça.

— Tudo bem, mesmo, só que eu...

— Que isso fique entre nós, mas *esses* caras... — Gesticulou em direção ao trio de garçons na cozinha. — Bem, eles são um tanto arrogantes, se você me entende, como se estivessem acima disso ou algo assim. Além do fato de serem caros à beça, então seria mais barato procurar alguém que eu conhecesse, se você me entende. E acho que você já fez isso, não fez? Trabalhar de garçom?

— Sim, Josh, já — respondeu Stephen, tirando a empoeirada caixa do misterioso antibiótico do bolso para ilustrar a interpretação. — É que eu estou me sentindo meio...

— E você entende de coquetéis? Um pouco de mixologia básica, sim? Quero dizer, nada sofisticado, só vodca-martíni, margaritas, essas coisas.

— Sim, claro, mas...

— Pois é, então por que você não fica no bar, pelo menos para começar, e vamos combinar, o que, dez... não, quinze libras a hora, certo?

Segurava Stephen pelos ombros, o rosto a centímetros de distância, olhando-o com atenção com seus luxuosos olhos azuis, como se fosse beijá-lo, e Stephen percebeu que poderia quebrar o nariz de Josh se desse uma boa e rápida cabeçada.

Pensou sobre o dinheiro que tinha gastado na garrafa de champanhe, seu iminente desemprego, a hipoteca daquele buraco do inferno, a falta de uma geladeira, o presente de Natal da filha. Fez alguns cálculos de cabeça, quinze vezes seis horas, quinze vezes sete talvez...

— Quinze libras é *muito* dinheiro — respondeu afinal.

— Bobagem. Você vale mais do que isso! — insistiu Josh, dando um soquinho no braço de Stephen, e apesar de tudo Stephen se sentiu lisonjeado. Sim, ele realmente *valia* pelo menos quinze libras por hora. — Além do mais, você precisa de algo em troca, não é? — disse Josh.

— Então, tudo bem — concordou Stephen, afinal.

— Maravilha! Dê uma força aqui com essas luzes decorativas, pode ser? — grunhiu, afastando-se.

No outro lado do salão, além do grande espaço coberto por borracha e o mobiliário esquisito, Stephen viu Nora Harper, estendida num sofá de couro, folheando uma revista, uma garrafa de cerveja na mão, que ela ergueu na direção dele, fez um pequeno aceno com os dedos e sorriu. Pelo menos ele achou que era um sorriso; daquela distância era difícil dizer.

“APERTEM OS CINTOS.
SERÁ UMA NOITE TURBULENTA.”

Meia hora depois, as pessoas interessantes começaram a aparecer.

Atores na maioria, quase todos entre vinte e tantos e trinta e poucos anos, rostos que Stephen reconhecia da televisão, de séries dramáticas de época, sit-coms esquisitas e shows de esquetes de humor ou de comerciais descolados: a Garota Bonitinha e Irascível que é a Maior Esperança da Inglaterra em Hollywood, um casal muito bem vestido de Gângster de Filmes Britânicos violentos porém amáveis, o Advogado Não Convencional da Campanha com uma Complicada Vida Amorosa, e um monte de Cirurgiões Carismáticos Porém Problemáticos, Médicos Bonitões e Enfermeiras Atrevidas que trabalham num hospital rural, idealmente nos anos cinquenta. A 28a e a 64a Mulheres Mais Sexy do Mundo estavam presentes, assim como o 15o Homem Mais Talentooso com Menos de Trinta Anos e as 8a e 14a Pessoas mais Poderosas da Comédia, enquanto no sofá italiano baixo, o mais recente Heathcliff flertava com a mais recente Jane Eyre sob os olhos de Nicholas Nickleby.

Estavam lá também produtores de TV e de teatro, diretores e coordenadores de elenco, pessoas para quem Steve mandava regularmente a mesma carta havia onze anos: “Prezado X, presumo que você estará escalando uma produção de Y, e acredito que eu seria ideal para o papel de Z. Em anexo, o meu CV, uma foto de vinte por vinte e cinco centímetros e um envelope com meu endereço. Espero conhecê-lo em breve etc. etc. etc.” E lá estava Stephen, conhecendo afinal todos eles, se não realmente *conhecendo*, ao menos oferecendo petiscos e um guardanapo para limpar as migalhas. No início ficou preocupado em ser reconhecido — “Você não é o jovem que me escreveu em 1996 pedindo para ser considerado para o papel de Peer Gynt?” —, mas logo percebeu que nada tornava uma pessoa mais invisível do que um prato de porcelana branca cheio de espetinhos de frango.

Em outro lugar, evitando se misturar, havia um pequeno grupo de jovens aristocratas, herdeiros e herdeiras, empreendedores, a tendência militante: jovens homens e mulheres em forma, brilhantes, com sobrenomes conhecidos e com a cor bronzeada da primavera, que Stephen reconhecia das páginas dos jornais, de fotos tiradas em festas que às vezes ele se surpreendia escrutinando com uma espécie de curiosidade masoquista — pessoas que pareciam ter uma taça de champanhe fundida de forma permanente na ponta dos dedos. Usavam vestidos de seda vintage, paletós lindamente cortados e calças jeans desbotadas com arte e esmero que ameaçavam se desmanchar ao redor dos tornozelos, pendurados em quadris muito bem esculpidos, salientes pela dieta de canapés.

Infalivelmente educados, sorriam e agradeciam a Stephen, quando ele colocava mais champanhe na taça, com vozes estranhas, sussurradas e ausentes, cultivadas em algum lugar entre Shropshire e as bancas dos mercados de Shoreditch. Havia um punhado de modelos também, reconhecíveis de campanhas publicitárias em cartazes explícitos e controversos e de revistas masculinas, mulheres incrivelmente atraentes cujos nomes lhe escapavam, mas cujos seios e nádegas lhe eram familiares de forma desconcertante; mulheres usando vestidos de brechó e bijuterias, cabelos oleosos esticados em diferentes direções, como se sentissem obrigadas a parecerem o mais abatidas possível, pois de outra forma não seria justo.

E havia crianças também: crianças atrizes/crianças modelos/crianças crianças, pimpolhos usando macacões feitos sob medida, atrevendo-se a pedir golinhos de champanhe ou engatinhando no bufê, os cotovelos no salmão orgânico defumado. Stephen viu-se servindo champanhe para uma mulher grávida e decorosa, uma beldade negra, serena e elegante num vestido preto com um decote profundo, com uma barriga tão protuberante, tão redonda e perfeita que quase se podia imaginar que havia sido cirurgicamente aumentada. Os convidados se reuniam em volta para passar a mão, e era uma barriga tão atraente que, se não estivesse portando uma bandeja de linguças com molho de mel e mostarda, Stephen também gostaria de alisá-la. Desconfiava, porém, que aquilo não iria agradá-la.

Stephen lembrou a gravidez de Alison: nove longos meses de mau humor e desemprego no porão de um prédio em Camberwell. Tentara se convencer de que aquele período tinha sido “desafiador porém mágico”, mas a lembrança que persistia era de roupas molhadas que não secavam no aquecedor morno e de Alison inchada, zangada e silenciosamente ressentida andando de um lado para outro numa calça cinza de ginástica, comendo aveia em flocos direto da caixa como parte de uma batalha constante contra a constipação. Mas à parte a pequena e elegante barriguinha, aquela negra era tão esguia e graciosa quanto uma anotação musical. Stephen ficou olhando para ela, perdido nesses pensamentos, até a mulher grávida e o grupo de amigos pararem de conversar e se virarem para ele.

Stephen se dirigiu depressa para pegar um Sea Breeze “dessa vez com álcool de verdade”, que tinha sido pedido por um beligerante Comediante Engraçado da TV. “Troco sexo por drogas”, dizia o slogan em estilo retrô na camiseta sob o blazer, um slogan que tinha a vantagem de ser, ao mesmo tempo, humorístico e verdadeiro.

Enquanto isso, Josh examinava a festa que havia criado, percebendo que estava

muito boa. Andava lentamente pelo ambiente com sua longa camisa desabotoada, chamando os Michael de Mickster e os John de Johnaroonny, distribuindo sorrisos de beatitude e histórias autodepreciativas, fazendo truques de mágica, erguendo os pimpolhos nos ombros, arrancando sorrisos das crianças e de suas alegres mães. A certa altura, Stephen chegou a flagrá-lo realmente cheirando a cabeça de um bebê. Josh parecia estar em todos os lugares ao mesmo tempo, e onde quer que fosse, as pessoas tiravam fotos ao seu lado com as câmeras dos celulares, para provar que estiveram mesmo ali, que realmente o conheciam.

— Como vai indo, amigão, tudo bem? — perguntou Josh, piscando, engatilhando e disparando sua arma imaginária ao sair da cozinha.

Stephen levava uma bandeja de queijo de cabra, por isso não conseguiu retribuir o disparo.

Na cozinha, chacoalhou o Sea Breeze, encheu um copo até a borda e bebeu o que restava direto da coqueteleira, tentando se convencer de que estava se divertindo. Talvez ele realmente preferisse ser o observador sagaz, irônico e distante, e talvez os copos que estava descarregando na lava-louça estivessem mais para cheios do que para vazios. Sem dúvida a embriaguez ajudava — desde o começo da festa ele vinha bebendo indiscriminadamente de garrafas de cerveja e taças de champanhe, e agora experimentava uma agradável sensação de leveza de um domingo à noite. Retirou uma fatia de presunto de Parma de um broto de aspargo fora de época e comeu-a lentamente, inclinado sobre a superfície de zinco enquanto Adam, claramente o chefe da quadrilha, atirava laranjas com ferocidade numa espécie de espremedor industrial, como se as frutas fossem granadas.

— ... e a *putinha* me pediu para jogar o *chiclete* dela fora, pôs na minha mão, porque estava com muita *preguiça* de fazer isso ela mesma, como se eu fosse sua maldita *escrava* ou algo assim ...

— Você jogou?

— Porra *nenhuma*. Vaquinha *canastrona*. Você assistiu ao último *filme* dela? Meu Deus, foi o *pior* filme que *já vi* na *vida*...

— Está tudo bem por aqui? — perguntou Nora Harper, copo na mão, meio instável, encostada no batente da porta.

— Sim, obrigado — trinararam todos em uníssono.

— Ah, meninos? Se quiserem fazer um intervalo, podem ir. Os convidados conseguem se virar por um tempo...

Deu um pequeno sorriso pouco à vontade diretamente para Stephen, que de repente se lembrou de que o Comediante Engraçado da TV estava esperando seu drinque. Saiu apressado para voltar à festa, mas Nora segurou seu braço de leve quando ele passava.

— Isso é para alguém em particular? — perguntou, olhando para o coquetel.

— É para... — E indicou com a cabeça o comediante bêbado, que naquele exato momento arrotava no punho e apagava a ponta do cigarro no piso de borracha com a ponta do tênis.

— Ei, VOCÊ! — bradou Nora de onde estava, como um policial de Nova York. Quinze pessoas olharam, e o comediante apontou para si mesmo como um bobão. — É, você... você sabe o que é um cinzeiro? — Ele assentiu tolaemente. — Sabe como usar um? — Ele assentiu outra vez. As pessoas começavam a dar risadinhas, ele estava compondo a expressão biruta que era sua marca registrada, que costumava usar para sair de uma encrenca, mas Nora ainda não tinha terminado. — E pode pegar essa coisa do chão. — Ele olhou para a guimba sobre o piso. — Você me ouviu... pode pegar. — E o homem não teve escolha a não ser se abaixar, pegar a ponta do cigarro mansamente e guardar no bolso do paletó.

Nora virou-se para Stephen.

— Diga uma coisa, o que os ingleses veem nesse cara?

— Acho que as pessoas acham que ele é engraçado.

— Sim, tão engraçado que dá vontade de dar um chute no olho dele. Posso? — perguntou, tirando o drinque da mão de Stephen. — Você não quer um desses? Vamos dividir... — E passou o copo para ele.

Stephen tomou um gole e os dois ficaram em silêncio por um instante, enquanto ela esmiuçava o seu rosto com os olhos estreitados, tempo suficiente para ele começar a se sentir desconfortável.

— Eu deveria lavar mais alguns copos...

Mas ela o impediu, encostando a mão em seu ombro mais uma vez.

— Tem uma coisa me intrigando... Nós já não nos vimos antes? — indagou. —

Quer dizer, em outro lugar que não no banheiro?

— Talvez você tenha me visto no teatro.

— No teatro?

— E nós conversamos brevemente na festa de estreia. Eu meio que trabalho com seu marido.

— Você é um dos diretores de cena, certo?

— Não, eu sou ator... bem, ator substituto, no momento. O substituto do seu marido, aliás.

— Quer que eu o empurre da escada para você? — sugeriu com o rosto inexpressivo. — Fazer parecer um acidente? São escadas em espiral, a polícia nunca iria descobrir.

— Talvez algum dia.

— Ou a gente podia contratar alguém para fazer isso... Dividir meio a meio.

— Eu aviso se for o caso. — Mais uma vez, sentiu que deveria voltar ao trabalho.

— E o que mais você faz?

— O que *mais*? Ok, sabe aquela parte final, quando Byron se encaminha para morrer, e tem uma Figura Fantasmagórica que abre a porta para ele? Eu sou a Figura Fantasmagórica.

— O cara de máscara!

— Sou eu.

— Desculpe, eu não reconheci você!

— Bem, eu uso uma máscara, então...

— Não, mas você faz aquilo muito bem. Qual é o segredo?

— Muito ensaio. Uma hora toda manhã. Abrir e fechar, abrir e fechar, abrir e fechar, abrir e fechar...

Nora deu uma risada espontânea, gutural, e Stephen sentiu uma onda de satisfação, e por um momento o uniforme de garçom voltou a ser um terno

muito legal.

— E o meu marido... Como é trabalhar com ele?

— Bem, na verdade eu não trabalho *com* ele, mas ele é legal, é mesmo... — Hesitou por um instante à procura de uma palavra mais eloquente do que “legal”... — Cheio de energia.

— Com certeza ele é muito cheio de *si*. Desculpe... Qual é mesmo o seu nome?

— Stephen — e acrescentou, como um teste: — Stephen McQueen.

— Escute, Stephen — continuou ela, passando no teste —, provavelmente eu não devia dizer isso, mas... será que eu posso? Meu marido chamou você para... O que estou tentando dizer é: por acaso ele foi um babaca total com você?

— De jeito nenhum. Bom, um pouco, talvez. Mas tudo bem, eu já trabalhei nisso antes. Não me incomodo.

E neste momento era verdade, ele realmente não se incomodava. Afinal, era a primeira vez nas últimas três horas que estava tendo contato visual com alguém, a primeira vez que era tratado como um ser humano e não como uma lata de lixo ambulante ou uma máquina de bebidas, e estava gostando de conversar com aquela mulher direta, elegante e levemente severa encostada de forma instável no batente da porta. Os dois observaram a festa. O 12o Homem mais Sexy do Mundo estava no centro da sala, de óculos escuros, um cigarro pendurado de forma indolente nos lábios, fazendo malabarismos com laranjas, para deleite da 28a e da 64a Mulher mais Sexy do Mundo. Mesmo de um ponto de vista puramente estatístico, era impressionante.

— Meu querido marido — disse Nora com a voz arrastada, bebericando o drinque. — Eu o amo muito, e ele agrada muito aos olhos, mas às vezes acho que me casei com... um menino prodígio. — Suspirou, depois forçou um sorriso. — Desculpe, eu não deveria falar mal dele, mas é que tivemos uma briga terrível.

— Nada sério, espero.

— Não, foi só uma... discussão boba.

— Então não está gostando da festa?

— Duzentos egomaniacos cheirados, jogando asparago nos tapetes e me perguntando quem eu sou? Espero que não termine nunca.

Os dois se viraram e olharam ao redor pela festa. A última das crianças tinha sido evacuada para um lugar seguro, baseados eram enrolados em mesas de tampo de vidro, e de repente formou-se uma longa, longa fila serpenteando até a porta oculta do banheiro. Espalhados pelo salão, pratos cheios de salsichas e tortinhas de cogumelo e filés de cordeiro assado mantinham-se intocados, enquanto as vozes ficavam definitivamente mais intensas e estridentes. “Eu” e “mim”, “uau” e “porra” ecoavam pelas altas paredes; as pessoas não estavam mais falando, estavam esfregando conversa na cara umas das outras.

— Eu tenho um pouco, aliás. Se estiver interessado... — disse Nora com um ar conspiratório, a mão no braço dele.

— O quê?

— Cocaína. Descobri que ajuda a tornar essas coisas um pouco mais fáceis.

E apertou as narinas e fungou em silêncio, depois engoliu: o primeiro gesto não atraente que tinha feito a noite inteira. Stephen não conseguiu deixar de se sentir um pouco decepcionado; não admira que ela estivesse falando com ele com tanta atenção. Provavelmente ela estaria falando com *qualquer um*.

— Não quando estou trabalhando — respondeu Stephen, sentindo que o momento havia passado. — Acho melhor eu...

Mais uma vez ela pousou a mão no seu braço.

— Ei, você já viu o telhado? — perguntou, arregalando os olhos. — Tem uma vista incrível. Vamos lá... eu mostro para você.

— Não acha que eu deva...

— Stephen, desculpe, mas parece que você não está entendendo. Se eu ouvir mais uma história sobre o mundo artístico, vou começar a gritar, e não há garantia de que vá conseguir parar. — E enganchou o braço no dele, pegou uma garrafa de champanhe com a outra mão e o puxou da cozinha para a escada em espiral com degraus de vidro que levava ao telhado.

— Rápido, antes que descubram onde eu escondi o bongô...

Subiram a escada, cambaleando um pouco, e assim que chegaram à porta que dava para o ar noturno, um coro bem empostado, exagerado, rico em vibrato explodiu na festa lá em baixo cantando “Parabéns a Você”.

— Sabe como dá para saber que são todos atores?

— Diga.

— Porque todos os imbecis *harmonizam*.

DOIS CIGARROS DE UMA VEZ SÓ

O amplo teto baixo da velha fábrica de guarda-chuvas tinha sido transformado em uma espécie de jardim urbano minimalista, um deque caríssimo com plantas esparsas, iluminado por fileiras de luzes aparentes que transformavam a garoa fina num efeito especial. Stephen levantou a gola do paletó, cruzou os braços no peito. Apesar de nunca ter viajado num transatlântico, só na balsa para a Ilha de Wight, tinha uma vaga noção de que aquela era a sensação de estar num convés olhando as marolas atrás do navio. Qual era mesmo aquele filme piegas com Bette Davis passado num transatlântico? Alguém — Paul Henreid ou Fredric March? — acende dois cigarros na boca e passa um para Bette Davis. Stephen tinha cigarro no bolso, podia tentar, se quisesse. Sentindo-se um pouco zozno e inconsequente, resolveu fazer uma tentativa.

— Ei, o que você está fazendo, pelo amor de Deus? — perguntou Nora.

— Como assim?

— Você fuma *dois de uma vez*?

— Um é para você — disse tirando um cigarro da boca e oferecendo-o. Nora ficou olhando. — Desculpe, você não...?

— Obrigada. Muito gentil. Mesmo que um pouco anti-higiênico. — Ela colocou o cigarro na boca com certa cautela, ele considerou. — Josh vive falando que eu preciso parar. Diz que vai me deixar mais *velha*, uma ideia que com certeza o *assusta*. Tentei usar esses adesivos de nicotina, mas precisava de tantos que quando ficava nua parecia uma colcha de retalhos.

A palavra “nua” ficou pairando no ar noturno por um instante. Stephen tentou se concentrar na paisagem. As lâmpadas de vapor de sódio da reforma de King’s Cross cintilavam a distância, e mais uma vez a ocasião parecia exigir alguma atitude, uma conversação — seca e espirituosa, mundana e elegante; David Niven, talvez.

— Então... O que você vai dar de presente de aniversário ao Josh? — perguntou ele, algo mais prosaico do que pretendia.

— Ah... Um iPod novo — suspirou ela. — Original, não? Tentei resistir, mas ele me cansou. Então comprei um iPod e disse para não falar mais no assunto. Era isso ou uma maldita espada de samurai.

— Mas o que se pode dar a um homem que tem tudo?

— Bom, pelo menos tudo relacionado com *Guerra nas estrelas*.

Stephen deu um sorriso, olhando-a de soslaio. Abaixo da franja preta alisada, o rosto dela era redondo e pálido, dividido por uma boca grande e vermelha, meio assimétrica sob um nariz pequeno e bem-feito, levemente rosado naquele ar outonal. Os dentes eram grandes, não tão brancos e simétricos como ele esperaria de uma americana, e o esmalte estava lascado em um dos dentes da frente, havia uma mancha de batom em outro; alguma coisa na maquiagem fazia Stephen imaginar uma criança sentada na panteadeira da mãe. A pele era pálida, com uma camada oleosa porém não desagradável no que ele acreditava se chamar zona T, e pequenas quantidades de maquiagem se acumulavam na linha dos olhos, que eram verdes, profundos e de pálpebras pesadas, além de bem bonitos. Embora ela estivesse meio bêbada, ou drogada, ou as duas coisas, sua expressão natural parecia ser de uma alegria assertiva, um olhar entre o severo e o sonado, como se tivesse acordado um pouco irritada de um cochilo no meio da tarde.

Encostou-se preguiçosamente no gradil do transatlântico, alisando a franja curta na testa, ocasionalmente tragando o cigarro, e mais uma vez Stephen pensou num filme antigo, um com Carole Lombard ou talvez a jovem Shirley MacLaine, um efeito enfatizado pelo vestido que ela usava, preto, liso, antiquado, um pouco justo demais para o seu corpo ligeiramente — qual foi mesmo a palavra usada por Josh? — *generoso*, com os ombros e a parte inferior apresentando sinais de desgaste. Surpreendeu-se imaginando como seria pôr a mão na curva morna de sua nuca, inclinar-se para dar um beijo, quando Nora olhou para ele de repente, as sobrancelhas erguidas numa pergunta.

Na falta do que dizer, Stephen murmurou:

— Incrível esse apartamento! — Naquele clima de comunicação transatlântica, ele tinha tentado a palavra “apartamento” e quase se dado bem.

— Você acha mesmo? — Ela franziu a testa, fazendo Stephen se perguntar se achava isso mesmo. — Eu *odeio*. É como um apartamento de solteiro de revista masculina. Todo dia eu acordo e tenho vontade de perguntar se posso usar uma escova de dente emprestada; só depois me lembro de que eu *mor* aqui. Quer dizer, qual o problema em se ter *quarto*, pelo amor de Deus? Josh gosta de dizer que é tudo muito “funcional”. Pessoalmente, acho tudo “vergonhoso”, mas quem sou eu?

Stephen achou graça.

— E por que você comprou?

— Eu não comprei, foi Josh, antes do casamento. Tecnicamente, sou apenas uma inquilina. Quase todas as minhas coisas ainda estão num depósito nos Estados Unidos. Não faz exatamente o meu gênero, mas você sabe o que dizem: uma casa não é uma casa se não tiver uma rampa de skate.

— Você devia ver a minha casa. Que *bagunça*...

— Você mora sozinho?

— Moro.

— Solteiro?

— Divorciado há pouco tempo.

— Um pouco jovem para se divorciar, não?

— Eu sou precoce.

Nora sorriu, e Stephen sentiu uma pontada de deleite ao ver como ela ria, depois houve outra pausa, quando ele tragou fundo o cigarro.

— E por que você se divorciou?

— Ah...

— Se não for uma pergunta muito pessoal.

— Bem, deixe-me ver...

— Deixe eu adivinhar... Ela batia em você?

— Não. Quer dizer, não fisicamente.

Nora fez uma careta.

— Ei, você não vai se jogar do telhado, vai?

— Não.

— Porque eu detestaria ser responsável pela morte de um convidado. Bem, pelo menos de *erto* convidado...

— Só que eu não sou um convidado.

— Mesmo assim. Não é da minha conta. Desculpe. Mudando de assunto... Então me diga, por que você faz esse trabalho ridículo?

— Está falando de ser ator ou garçom?

— Bom, ser garçom não é um trabalho ridículo, então...

— Você diz mesmo tudo o que pensa, não é?

— Stephen, que fique entre nós, mas acho que eu bebi um pouco demais.

— Bom, eu sou ator porque adoro. Mesmo que seja ridículo. Quando estou realmente atuando, eu adoro. Os intervalos não são tão bons.

— Então por que você continua? — perguntou ela, um pouco mais ríspida do que o necessário, considerou Stephen.

Era uma conversa que ele já tivera inúmeras vezes, em geral no Natal, com parentes mais velhos, preocupados, e nunca gostou do assunto.

— Não sei. Talvez por ter uma imaginação fértil? Assisti a filmes demais enquanto crescia, acho.

— Muita gente também assistiu aos pousos na Lua, mas não quis virar astronauta.

— Não, mas você sabe como é... A gente trabalha numas peças na escola...

— Você ia muito ao teatro?

— Na verdade, não. Eu *participava* das peças, mas não ia muito ao teatro, só numas pantomimas. A Ilha de Wight não tem um equivalente do West End. Quer dizer, até tem, mas com o nome de Ventnor. — Nora não mudou a expressão. — Então eu gostava de atuar em peças, mas sempre preferi assistir a filmes.

— Eu também! Provavelmente eu não devia dizer isso... Josh acha que é uma espécie de blasfêmia ou coisa assim... mas eu não *saporto* ir ao teatro. Toda vez que Josh sobe naquele palco com aquele sapato ortopédico e começa a falar com aquela voz estranha, maluca, falseada, eu fico com vontade de gargalhar. Se pudesse eu gritava: “Fale *diverto!*” Você não concorda?

— Sem comentários — disse Stephen com um sorriso, voltando a olhar para a paisagem.

— O que você prefere: trabalhar no teatro ou no cinema?

— Difícil dizer. — Claro que ele poderia usar o lugar-comum de que preferia a resposta imediata da plateia do teatro, mas sua única interpretação na tela fora no papel-título de *O esquilão Sammy canta suas canções infantis favoritas*, e ele achava que aquilo não se encaixava bem no que era chamado de “cinema”. Resolveu mudar de assunto. — E você? O que faz?

— O que eu *faço*? Ora, essa é uma ótima pergunta. Quando conheci Josh, eu era garçonzete num bar no Brooklin.

— Você nasceu lá?

— No Brooklyn? Sim, bem, não, não, Nova Jersey. Minha família é de Jersey, perto de Nova York, mas, não, você sabe o que eu quero dizer. Enfim, foi como nos conhecemos, num bar. Uma humilde garçonzete leva um sanduíche para Josh Harper, e o resto é história no showbiz. Tudo isso... — gesticulou com o braço indicando a paisagem — ...é como se fosse um outro mundo para mim. — Tomou um longo gole da garrafa de champanhe que mantinha ao lado, segurando pelo gargalo, como se fosse uma garrafa de cerveja, e passou para Stephen, acrescentando, quase como um pensamento esquecido: — Ah, e uma vez eu gravei um *single* de sucesso também. Lá atrás, nas brumas do tempo.

— Sério?

— Aham. Bem, eu chamo de “sucesso”. Ficou em centésimo segundo lugar na lista

da Billboard em 1996.

— Fantástico.

— Não, não é *fantástico* — replicou ela, embora Stephen estivesse sendo totalmente sincero. Nora era o tipo de mulher que combinava bem com uma levada lenta de contrabaixo. — E qual era o seu gênero?

— Ah, você sabe, o de sempre... Um som meio Joni Mitchell de rádio de faculdade. Música ambiente para restaurantes. O nome do grupo era Nora Schulz and the New Barbarians, dá para acreditar? Eu estava sendo lapidada pela gravadora para ser a nova Alanis Morissette. Eu era uma espécie de duplê e substituta da Alanis Morissette. Se um dia ela caísse do banco, a gravadora me jogaria de paraquedas no lugar dela. Sabe Deus por quê... Eu nem *gosto* da Alanis Morissette. Irônico, não acha?

— Nora Schulz and the New Barbarians. Belo nome.

— É de enrolar a língua, né? Não consigo imaginar por que não fizemos mais sucesso. Claro que a gravadora quis mudar o nome para um estilo mais engomadinho, de preferência para Malanis Florissette, algo assim. Achavam que venderiam mais desse jeito, mas eu fiquei firme nos meus princípios artísticos e mantive Nora Schulz, e o resto faz parte da história do rock'n'roll. Centésimo segundo lugar e ponto.

— E qual era o nome da música?

— Você não se lembra?

— Refresque a minha memória.

— Você nunca ouviu, pode acreditar.

— Diga assim mesmo.

— Eu não tenho orgulho disso...

— Vai logo.

— O nome era... — Fez uma careta. — Meu Deus... Era “Love Junkie”.

Stephen também fez uma careta.

— Belo título.

— Não é mesmo? A garotada *adora* essas metáforas com drogas. E qualquer música que rime ioga com droga e junk com funk tem de ser um sucesso, certo?

— Sabe que acho que eu *ouvi* falar de vocês.

— Mentiroso.

— E por que você desistiu?

— Não desisti. Eles desistiram de mim. Além do mais, os poucos contatos que tenho estão nos Estados Unidos, e o trabalho de Josh é aqui. Ele está num momento *crucial* da carreira, ou pelo menos é o que me diz o tempo todo. Por isso decidimos deixar em aberto. Por um tempo, claro. Enquanto isso, ando escrevendo um pouquinho.

— Escrevendo o quê?

— As coisas de sempre, contos, um ou outro roteiro.

— Parece interessante.

— Não muito. Quer dizer, qualquer um *escreve*, não é? Se você voltar para a festa, abordar alguém e perguntar sobre o que estão *escrevendo*, ninguém vai perguntar “escrevendo o quê?”

— Você já mostrou alguma coisa para alguém?

— Não...

— Pois deveria mostrar.

Nora deu uma tragada profunda no cigarro e lançou um olhar severo na direção dele.

— *Por que* eu deveria fazer isso?

— Bem, eu acho que é importante perseverar nessas coisas.

— Manter-se fiel aos próprios sonhos?

— Não, mas ter aspirações. Encontrar o que mais gostamos de fazer, e fazer dando o melhor de si. — Olhou para ela para ver se estava se saindo bem naquele papo. Pelo menos ela não estava rindo. — E também porque imagino que você seja boa no que escreve.

Ela torceu o lábio como que descartando a ideia.

— Você é muito *gentil* em dizer essas coisas. Mas como poderia *saber* disso?

Stephen sentiu que estava sendo mal compreendido. Às vezes era capaz de fazer observações animadoras sem muita sinceridade para as pessoas, mas não tinha sido o caso.

— Pelo jeito como você fala. Acho que poderia ser uma boa escritora. Só isso.

Nora inclinou um pouco a cabeça, numa espécie de pedido de desculpas, e pegou a garrafa de champanhe da mão dele.

— Obrigada, Stephen. — Deu um longo gole, limpou uma gota que escorrera até a ponta do queixo com as costas da mão e então sugou a gota rapidamente, num gesto maravilhosamente habilidoso e elegante que impressionou Stephen.

Pouco depois do fim do casamento, quando conseguiu reunir energia para sair do apartamento, Stephen começou a notar que tinha desenvolvido uma enervante capacidade de fazer as mulheres precisarem ir ao toalete. Ele estava numa festa, e a certa altura, assim que mencionava o recente divórcio, elas tocavam em seu braço de leve e diziam: “Você me dá licença? Preciso ir ao banheiro.” E ele percebia, mais uma vez, que na verdade era o Diurético Humano, um super-herói com poderes extremamente especializados. Em geral isso não o incomodava muito; o divórcio tinha o libertado de quaisquer instintos românticos, e Stephen conseguia evitar encontros sexuais sem amor com uma facilidade desconcertante. Mas ainda assim era surpreendente, e um pouco enervante, perceber o quanto desejava que Nora continuasse ali com ele. Sentiu a pressão do cotovelo dela encostado no dele, apoiado no parapeito. *Apoiar a mão na curva quente da nuca dela, inclinar-se e...*

— Quer saber por que eu e Josh estávamos discutindo?

— Só se você quiser contar.

— Certo, bem, a gente estava se preparando para festa, e você sabe, nós transamos, e estava tudo bem, e ele se recostou na cama, com aquela expressão romântica de cinema no rosto, apática e constipada, e disse que eu era... — teve um pequeno estremecimento — ...que eu era o *vento debaixo das asas dele*.

— Ah.

— ...como se eu fosse *gostar* disso, como se fosse a realização de uma grande ambição, ser o *vento* de alguém? Enfim... Depois foi uma gritaria geral e, sei lá. Foi tão bobo... — Para ter algo que fazer, ela jogou o cigarro por cima do gradil do transatlântico, seguindo a trajetória com os olhos. — Bem, ele que se dane. Josh Harper pode produzir o próprio vento...

— Ei, ei, ei, o que está acontecendo aqui? — ribombou uma voz pela cobertura.

Os dois se viraram para ver Josh do outro lado do telhado, os braços estendidos,

uma taça em cada mão. Um pouco atrás dele cambaleava uma jovem com um arremedo de vestido: dois retângulos de couro preto, amarrados dos lados com um cordão de couro, que demarcavam sua pele nua, anunciavam que não estava usando calcinha e faziam com que parecesse elaboradamente atada. Estava nitidamente bêbada, lutando para se manter em pé com os saltos altos no piso molhado.

— Nós estamos tendo um conversa particular, Josh... Vá embora! — resmungou Nora.

— Mas o Bullit deveria estar trabalhando. Bullit, seu *folgado!* — disse ele, o braço ao redor dos ombros de Stephen, abanando o dedo zombeteiro debaixo do seu nariz. — Eu não estou pagando quinze paus por hora para você conversar com a minha garota.

— Vá se ferrar, Josh — murmurou Nora, tirando um cigarro do maço de Stephen.

— Aaaaaaah! — Josh e a garota riram de forma conspiratória, e por um momento Stephen sentiu o mesmo estalido de tensão que costumava sentir no pátio do colégio pouco antes de começar uma briga.

— Ei! Ei, ei, ei! — disse Josh, agora com o braço nos ombros de Nora. — Eu estou brincando, meu amor. Steve pode fazer o que quiser... Nós somos colegas, não somos? — E plantou um beijo amigável, bêbado e molhado na bochecha de Stephen, pegando Nora de leve pela nuca. Nora deixou claro que aquele gesto era bem menos sensual do que Josh poderia imaginar e se afastou. Ele tomou-a pela cintura. — Diga... Como está a minha garota favorita?

— Não sei, Josh... Quem é a sua garota favorita?

— É você, claro. Ei, você não me viu cortando o bolo.

— É mesmo? Bem, com certeza alguém deve ter gravado.

— Gravaram, sim.

— É isso aí... O momento se prolonga. — Nora arrastava as palavras, e mesmo em meio aos vapores do álcool, a expressão de Josh mostrou uma mágoa passageira embora sincera.

Meio afastada, a garota do vestido de remendos de couro negro tropeçou e praguejou.

— Desculpe minha indelicadeza — bradou Josh. — Gente, essa é... — Ficou de boca aberta, em busca do nome.

— Yásmín — disse a garota, oscilando para a frente e para trás, à mercê dos saltos no piso molhado. — Yasmin com Y.

— Y mesmo — murmurou Nora, cruzando um braço no peito e posicionando o cigarro no meio da boca como se fosse um cachimbo. — Yásmín, querida, não seria melhor você colocar uma roupa? Você vai pegar um...

Para mudar de assunto, Josh apertou mais os ombros de Stephen e Nora.

— Então! De que vocês dois estavam falando? Não de *mim*, espero.

— Sabe, Josh, você deveria parar de achar que as pessoas estão sempre falando de *voce* — murmurou Nora, tentando se livrar do braço do marido.

— Eu não faço isso!

— Existem outros assuntos para uma conversa, sabe.

— Eu sei, eu sei! Estava só brincando! — replicou Josh, os braços erguidos num sinal de rendição. — Meu Deus, Nora, por que você está tão implicante? Eu já pedi desculpas, não pedi?

Todos ficaram em silêncio por um momento, ouvindo o insistente clangor da festa

lá embaixo.

— Ah, que merda — balbuciou Yasmin, inclinando-se desequilibrada, lutando para desprender os saltos altos do deque sem derramar o drinque. — Está um *puta* frio aqui fora. Vou entrar. — Stephen percebeu Nora olhando para a nuca da garota, apertando o gargalo da garrafa que segurava ao lado como se fosse um porrete.

— E quem é essa *Yasmin*, Josh? — sibilou Nora.

— Sei lá... É uma dançarina ou coisa assim.

— Dançarina! Balê? Jazz? Strip?

— Muito engraçado, Nora.

— Acho melhor eu também entrar — murmurou Stephen.

Mas Nora e Josh pareceram não ter ouvido. Continuaram frente a frente, olho no olho, Josh segurando Nora pelos braços, como se para evitar que ela pulasse pelo gradil. Ao se afastar, Stephen pode ouvir os dois falando baixo, num tom grave.

— E quem é essa completa estranha que está na sua festa?

— Não é uma estranha, ela é... amiga de um amigo ou coisa assim.

— Amiga ou *namorada*?

— Como eu vou saber? Só estava tentando ser sociável, *simpático*, em vez de ficar emburrado com todo mundo.

— E foi essa a razão de ter vindo com ela até a cobertura? Para serem *simpáticos* um com o outro?

— Não, para mostrar a paisagem! Exatamente o que você fez com Steve.

— Bem, não foi *exatamente* a mesma coisa, Josh.

— Por que não?

— Porque em nenhum momento eu ia desabotoar a braguilha dele com os dentes...

— Ah, pelo amor de Deus, Nora, não comece com *isso* de novo. Por que não consegue acreditar que eu amo você?

— Você não facilita muito as coisas, Josh.

— Venha cá, Nora.

— Não, Josh.

— Por favor...?

Sem olhar para trás, Stephen segurou no corrimão e desceu de volta à festa, e do salão irrompeu o terrível som de bongôs.

ERROL FLYNN TOMANDO ANTIBIÓTICOS

Ao lembrar o acontecido tempos depois, Stephen percebeu que jamais deveria ter saído de perto de Nora. Se tivesse desistido de tudo e ido para casa, ou se tivesse enfiado as mãos nos bolsos e se jogado no asfalto abaixo, a noite ainda poderia conservar uma ou duas lembranças agradáveis. Mas ele preferiu voltar para a festa, como alguém voltando a fogos de artifício que não explodiram, e no momento em que retornou à festa, ele estava perdido.

Descer a escada em espiral pareceu exigir muito mais concentração do que subir — os degraus de vidro faziam com que ele se sentisse andando no ar, causando uma sensação esponjosa e desconcertante debaixo dos pés. O garçom Adam estava esperando lá embaixo, despejando com fúria um cinzeiro num balde de champanhe.

— E onde você se *meteu*? — repreendeu.

— Estava conversando — murmurou Stephen, a língua de repente volumosa demais para a boca. — Josh disse que estava tudo bem.

Adam estalou a língua e estreitou os olhos.

— Josh disse, Josh disse... Não adianta conhecer o patrão, superstar, você continua sendo apenas um garçom.

Stephen deu um rosnado nas costas de Adam, depois foi pegar outra bandeja de bebidas na cozinha, virando uma taça de vinho tinto de uma vez só, no estilo caubói.

Quando um grande número de pessoas bebe regularmente por várias horas, às vezes ocorre um momento maravilhoso em que todos atingem um estado de convívio quase perfeito: relaxado, afetivo, curioso, afável, amigável e aberto. Esse momento social perfeito tinha sido atingido, talvez por um minuto e meio, muitas, muitas horas atrás. Agora a festa havia se transformado em algo novo e terrível — bebidas derramadas, calcinhas à mostra, os dispendiosos alto-falantes estourados, mas ainda batendo e zumbindo. Todos falavam em voz alta — em geral com vozes engraçadas, e os nomes não eram mencionados, mas atirados. Um grupo de rapazes moderninhos e de barba curta (usando camisetas com inscrições de “dislético” e “qual é a sua...?”) posicionava-se ao redor da mesa de mixagem, competindo com seus iPods, e o som da festa tinha entrado em sua fase pop-irônica. As pessoas desfilavam com atitudes irônicas, transformando cacos de vidro em pó ao esmagá-los com os pés, ou juntavam-se em pequenos grupos, gritando e flertando de forma agressiva. O recinto todo parecia uma

convenção de ninfomaníacos bêbados e surdos, e Stephen trafegava invisível pela multidão dentro da bolha de vidro protetora do uniforme de garçom, sorrindo com brandura, mantendo-se discretamente afastado das fotos de câmeras e celulares, servindo drinques e recolhendo copos parcialmente cheios abandonados, todos com uma guimba de cigarro manchada de batom. Serviu bebidas para uma juvenzinha num vestido de alças muito finas, que gritava com um homem alto e magro, que usava roupas extravagantes e um cavanhaque que parecia colado no queixo, e suando visivelmente debaixo do chapéu de feltro de pescador; um ator mais ou menos famoso por ter se dado bem fazendo papel de canalhas arrogantes e maliciosos.

— ...quer dizer, televisão é legal, paga as contas — dizia a mulher, mascando um chiclete como se a mandíbula fosse movida a motor —, mas o teatro é o meu primeiro amor. É muuuito mais empolgante, aquela sensação frente a frente, a impressão de que qualquer coisa pode acontecer. Olha, eu desistiria de *Summers and Snow* num segundo... num *segundinho*... por uma chance em qualquer pecinha de teatro...

Stephen examinou a jovem mais de perto e, sim, era uma antiga colega, a policial confiante e independente Sally Snow, também conhecida como Abigail Edwards. Ao pegar uma taça da bandeja, ela cruzou o olhar com o de Stephen e abriu o que ele interpretou erroneamente como um sorriso de reconhecimento amistoso.

— Boa noite a todos! — disse com ar divertido, dobrando os joelhos de forma jocosa.

A policial Sally Snow torceu o nariz.

— Desculpe, nós...?

— Nós trabalhamos juntos!

— Ah. Ah. É mesmo?

— Aham. Semana passada, lembra? Vou dar uma dica. — E revirou os olhos, deixando a língua cair de lado. Abigail e o homem de cavanhaque fizeram uma expressão de interrogação. — Eu era o Morto? A quarta vítima do assassino? Na laje do necrotério? Você desmaiou quando o patologista retirou meus pulmões, lembra?

— Ah, certo, certo. É claro! Você é o Morto.

Silêncio.

— O nome é Stephen, Stephen McQueen. Com PH, não o famoso — brincou, achando quer era melhor tomar a dianteira.

— Claro que não — ironizou o homem com o cavanhaque colado, demonstrando que sua personalidade canalha profissional não estava distante da realidade, e Stephen teve uma súbita vontade de arrancar aquele cavanhaque, ou pelo menos se divertir tentando.

— Então... talvez você não tenha me reconhecido vestido — continuou, virando-se para Abigail, mas a eclosão de “Jump”, de Van Halen abafou a observação.

— *O que* você disse? — perguntou o homem suarento, olhando para Stephen com olhos de pálpebras caídas.

Mesmo envolvido pela bruma etílica, Stephen percebeu que sua observação tinha sido um equívoco. Não queria repetir seu equívoco, mas não viu alternativa.

— Eu disse que ela não deve ter me reconhecido vestido!

— *O quê?* — perguntou o homem outra vez, a mão em forma de concha no ouvido.

Seguindo o princípio de que uma observação fica mais engraçada quanto mais for repetida, Stephen falou:

— Ela não deve ter me reconhecido vestido.

— Não conseguimos *ouvir* você.

— Eu disse que ela não deve ter, não deve ter, eu disse que ela não deve ter...

— Fale mais alto, por favor.

— Eu disse que ela não deve ter me reconhecido...

— Mais uma vez...

— Disse que ela não deve ter...

— De novo?

— Ela não deve ter...

... e Abigail Edwards encostou a mão no braço dele com num gesto solidário, como se estivesse visitando um admirador no hospital.

— Nós já ouvimos. Não ligue para ele, é só uma *gozação*.

Ah, certo, entendi. Bem, nesse caso, por que ele não vai se foder?, pensou Stephen, antes de ver a expressão no rosto dos dois e perceber que na verdade já tinha dito aquilo. Os três ficaram parados, sem dizer nada, o homem sorrindo e rindo pelo nariz, invulnerável, com Abigail mordendo o lábio e olhando ao redor da sala, e Stephen pensou que, se o prédio tivesse mais de dois andares, ele seguiria o conselho de Van Halen e pularia pela janela.

— Com licença, nós precisamos... — disse Abigail afinal, sem terminar suas desculpas. — Vamos...

E a policial Sally Snow agarrou o homem de cavanhaque e afastou-o do local, como se o estivesse levando preso. Ao sair, o homem deixou o copo vazio na bandeja de Stephen.

— Mais um copo para você lavar, eu acho. — Sorriu, piscou e foi embora.

Stephen ficou parado um momento, oscilando ligeiramente. Agora os últimos sinais de cordialidade etílica que sobrara da conversa com Nora tinham evaporado. Ele se sentia mal. Não, pior que mal. Sentia-se... aniquilado. Aquilo era o *Inferno*. E o Inferno não era apenas os outros, eram especificamente *aqueles* outros. Percebeu que os copos em sua bandeja começaram a bater entre si de forma perigosa, como nos estágios iniciais de um terremoto...

— Com licença? Olá...?

...e que alguém queria falar com ele...

— Olá? Tem alguém em caaaaaasa?

...uma jovem extremamente miúda e de beleza estonteante, uma das Jovens Britânicas Gostosas Começando a Aparecer em Hollywood estava olhando para ele a distância, chupando um pirulito. Na camiseta estava escrito “The Bitch is Back”. Stephen leu a frase e sorriu, depois sentiu uma súbita e urgente necessidade de enfatizar que estava lendo a camiseta, não olhando os peitos dela.

— “The Bitch is Back” — disse em voz alta, deleitado por ter desarmado o que poderia ter se tornado um momento potencialmente constrangedor.

— Sei, sei, tudo bem, muito inteligente, agora escuta uma coisa... nós

derramamos um pouco de vinho tinto — disse a Jovem Britânica Gostosa, tirando o pirulito da boca e apontando na direção de Stephen. — Você pode arranjar um pouco de sal, por favor? Se não for muito *trabalho*?

— Sem dúvida. Sal — E entregou a bandeja de copos a ela sem pensar, e ela aceitou instintivamente, depois ficou imóvel, segurando a bandeja a distância, como se lhe tivessem entregado a cabeça de João Batista.

— Eeeeeei, espere aí! — reclamou ela, mas Stephen já tinha sumido, afastando-se intencionalmente da cozinha e do sal, buscando refúgio, pela segunda vez naquela noite, no toalete.

Milagrosamente, não houve repercussões, provavelmente porque todos estavam malucos demais para perceber qualquer coisa, e foi com grande alívio que Stephen trancou a porta ao entrar no toalete. O banheiro estava bem diferente do recinto de borracha e inox em que tinha se refugiado há cinco, não, Deus o ajude, seis horas. Mesmo com as velas recendendo aromas pitorescos, dava para sentir o cheiro das drogas e de xixi de aspargos. Stephen suspirou e debruçou-se na privada, os braços esticados à frente, como se estivesse para ser revistado.

Tinha mesmo de ser desse jeito? Atores bêbados não deviam ser amáveis? Homens rebeldes, farristas, cheios de testosterona etílica como Burton, Harris, Flynn ou seu xará; forças da natureza irresponsáveis, de coração grande, que enchiam salões de risadas convulsivas, com seus encantos alcoolizados e irrepreensíveis derretendo corações de lindas mulheres. Parecia improvável que Stephen fosse derreter algum coração esta noite. Encostado na caixa do vaso sanitário, ele nem sabia ao certo se seria capaz de urinar de forma efetiva, e recordou-se, tarde, tarde demais, que o “bêbado adorável” estava muito longe de seu alcance. Bebida não o tornava anárquico ou engraçado, nem ousado ou debochado. Não o tornava descontrolado; se tinha algum efeito, era de torná-lo controlável. Era como um terrível ferimento autoinfligido, como se tivesse sido eleito para ser atropelado de forma repetitiva. Como qualquer garoto na escola, ele sabia que era má ideia misturar destilado com fermentado, mas ir de destilado para fermentado para antibiótico para destilado para fermentado para destilado para fermentado para fermentado para antibiótico para fermentado para destilado estava bem além da estupidez. Resolveu pôr a culpa no misterioso antibiótico. Nem Errol Flynn misturava álcool com antibiótico.

Olhou-se no espelho e tentou focar. Parecia que estava usando os óculos de sua avó, mas podia ver que seu rosto estava inchado e caído, as pálpebras pesadas, a pele tinha cor de luvas cirúrgicas e a cabeça parecia densa e dormente, como se tivesse sido recheada com argamassa para isolamento térmico. Passou a mão

esquerda pelo braço direito até localizar o pulso, depois o relógio, afastando-o e aproximando-o dos olhos para encontrar o ponto focal, mas teve de lutar muito para converter a posição física dos ponteiros em alguma informação significativa. Hora da bebedeira. Foi tomado por um desejo desesperado, passional, de estar sóbrio. Fechou os olhos e fez um acordo silencioso com Deus: por favor, Deus, faça com que eu fique sóbrio agora, me leve para casa, me ponha na cama e eu prometo que nunca, nunca mais vou beber. Mas Deus claramente já tinha pegado o último metrô, pois quando Stephen abriu os olhos as paredes e o chão do banheiro estavam esse afastando e se aproximado dele. Ele *precisava* ficar sóbrio. O que as pessoas fazem nos filmes para ficar sóbrias? Bebem café, tomam um banho frio, são estapeadas. Imaginava que faltava pouco para ser estapeado.

Alguém bateu na porta.

— O que você está fazendo aí deeeeeentro? — gritou uma insinuante voz de mulher do lado de fora.

— Morrendo — respondeu Stephen em voz baixa para si mesmo, encostando a cabeça no espelho enquanto a pia de cobre enchia, depois debruçou-se para jogar água fria no rosto.

Parou no meio do caminho. Na superfície de mármore escuro manchado perto do toucador, viu uma fileira espessa de uma substância branca e flocada. *Drogas*. Alguém tinha esquecido droga ali.

À parte um ocasional baseado ou uns goles recreativos de xarope, Stephen não era um grande usuário de drogas. Seu último encontro com cocaína tinha culminado numa análise tensa das razões do fracasso de seu casamento numa sala cheia de estranhos, e desde então ele chegara à conclusão de que, quando se tratava de perda abjeta do autorrespeito, em geral o álcool cumpria bem a função. Mas o momento exigia medidas desesperadas. Talvez ele só precisasse de um impulso extra, aquela energia a mais, e afinal cocaína não servia para deixar a gente mais sóbrio, conferir aquela incrível autoconfiança? Talvez aquela droga pudesse salvar a noite, fazendo com que ele se sentisse um pouco mais como, bem, como Josh Harper.

— Não sei o que você está fazeeeeendo, mas dá para sair logo, por favor?

Era bom demais para resistir. Fuçou no bolso interno do paletó, encontrou a carteira, tirou uma nota úmida e amassada de cinco libras, enrolou o melhor que conseguiu até formar um tubo flácido, inclinou-se até a minhoquinha gorda de cocaína pastosa e aspirou fundo. Jogou a cabeça para trás, sentiu a substância

bater no fundo da garganta e reconheceu o característico gosto forte químico e saponáceo na sua dissolução. Apertou as narinas com força para não perder nada, apoiando-se outra vez por um instante no mármore à espera de uma onda de euforia sublime e decadente de autoconfiança atingi-lo. Restavam algumas pedrinhas, e Stephen lambeu os dedos e esfregou a substância branca nas gengivas, exatamente como tinha visto em filmes, dizendo a si mesmo que era realmente coisa fina, purinha. E foi nesse instante que ele observou as fileiras de caros produtos de beleza sobre a superfície de mármore, identificando o sabor químico como sândalo e almíscar com uma nota de amoníaco no fundo, e percebeu que a substância cerosa que tinha acabado de cheirar eram restos do desodorante antiperspirante de Josh Harper.

De repente começou a transpirar. Os efeitos narcóticos de cheirar um bastão de desodorante, mesmo o desodorante de Josh Harper, não estão bem documentados, mas parecia que sensações como euforia e maior autoconfiança não figuravam entre eles. Tossindo e engasgando, tentou enfiar a cabeça entre as complicadas torneiras e lutou para beber vários goles de água quente. Mas sua cabeça não cabia bem na pia funda, e quando tentou abocanhar a torneira só conseguiu arranhar dolorosamente a gengiva e espirrar água quente no paletó. Com muita consideração, alguém tinha deixado uma garrafa de vinho tinto, até a metade, em cima da caixa do vaso sanitário, que Stephen pegou e bebeu, bebeu até eliminar o gosto de sabão da boca, depois desabou, tossindo e engasgando, com as costas apoiadas na porta.

Está vendo? É isso que acontece quando você sai de casa, advertiu a si mesmo. Você poderia estar no seu apartamento sozinho, assistindo a alguns filmes antigos. Mas, não, precisava sair de casa. Nunca, nunca mais sairia de casa outra vez...

E deve ter acontecido uma reação química horrível com a mistura de desodorante aspirado mais o antibiótico e os vários tipos de álcool consumidos, pois depois disso as coisas começaram a ficar muito nubladas.

Stephen se lembrou de ter torcido a gravata para escorrer a água, depois cambaleado para fora do banheiro e encontrado o lugar tomado por três mulheres incrivelmente desejáveis. Uma delas disse alguma coisa, as palavras soaram abafadas e distantes, como se proferidas embaixo d'água, e as outras riram. Stephen também riu, do seu jeito de Errol Flynn descompromissado, do quanto elas pareciam desejáveis naqueles vestidos cheios de brilho, como sereias, e disse algo em voz alta, algo sobre sereias, em seguida especulou sobre como ele gostaria de ser um "sereio", acrescentando, à guisa de esclarecimento, que estava tomando antibióticos e que tinha acabado de inalar o desodorante de Josh Harper. As mulheres aquiesceram e andaram em volta dele, como se

contorna um buraco na estrada, e entraram todas juntas no banheiro. Aquilo pareceu algo incrivelmente provocativo, e por isso Stephen tentou segui-las, mas não conseguiu mais encontrar a porta. Teve um desejo súbito, irracional e irresistível de tocar aqueles bongôs. Talvez se ele tocasse bongôs as sereias deixariam que se juntasse elas. Os bongôs eram a resposta. Os bongôs eram a chave. Preciso. Encontrar. Bongôs.

Depois deu uma olhada para a Jovem Britânica Gostosa com a camiseta “The Bitch is Back”, aquela que tinha pedido o sal, agachada sobre um tapete manchado, brandindo um saleiro em sua direção com ar acusador. Stephen se desviou e passou por Josh, que dizia:

— Steve McQueen, esse é o meu amigo Steve McQueen, é o nome dele, Steve MCQUEEN...

Em seguida, graças a Deus, avistou Nora, sua querida amiga e confidente Nora, a adorável, inteligente, engraçada e sensual Nora, do outro lado da sala, sentada no sofá, mexendo seu drinque com um canudo, mexendo os ombros ao som da música de um jeito indiferente, desinteressado, parecendo triste e sozinha e glamorosa e muito, muito bonita, e Stephen decidiu que sua nova missão na vida era resgatá-la daquele lugar terrível e daquelas pessoas terríveis. Ela também deve ter sentido a inegável verdade daquilo, pois olhou para ele e sorriu. Stephen retribuiu o sorriso e apontou para ela, da forma como um marinheiro apontaria terra à vista, e ela também apontou para ele, o braço todo estendido. Stephen entendeu aquilo como uma deixa e cambaleou até lá, atracando no sofá ao seu lado. Emitiu ruídos que esperava se assemelharem a uma linguagem, e ela também emitiu alguns ruídos, ruídos meio simpáticos, e então, o que pareceu impressionante para ele, sentiu sua testa com as costas da mão, como uma enfermeira.

Logo depois, Stephen viu-se deitado no próprio sobretudo, em cima de uma grande pilha de outros casacos no que deveria ser um quarto, enquanto Nora chamava um táxi, ou uma ambulância, ou um agente funerário, ele não se importava com o que fosse. Através da pilha de casacos ele podia sentir a cama pulsando no ritmo da música, e quando espiou ao redor percebeu que as paredes e o teto estavam pulsando também, exatamente como as paredes emborrachadas do banheiro. Seu estômago se contraiu de repente, e vomitar sobre os casacos dos convidados pareceu uma possibilidade muito real, por isso preferiu se levantar em busca de um ponto em que se concentrar — um pequeno truque que tinha aprendido numa aula de dança de jazz — e focou numa reprodução em tamanho real do capacete branco do Storm Trooper de *Guerra nas estrelas*. Como uma criança aprendendo a andar, deixou que a força da gravidade o arrastasse até o

console da lareira e pegou o cintilante capacete branco de fibra de vidro, que ficava ao lado do que parecia ser uma coleção completa de bonecos de *Guerra nas estrelas*, fora da caixa, mas em excelentes condições. O interior do capacete era forrado com uma espuma fragmentada e amarelecida, e cheirava um pouco a mofo. Será que aquilo tinha quase trinta anos? Seria possível que fosse — meu Deus — *original*? Poucos homens da geração de Stephen, ou talvez nenhum, conseguem resistir a experimentar um capacete genuíno e original de um Storm Trooper, por isso ele o pôs na cabeça com reverência, como uma coroa, e quase engasgou com súbita densidade da coisa, o aroma distante do hálito de ovo com batata frita de um figurante de 1977. De algum lugar em seu cérebro quente, denso e pastoso veio a instrução: “Não vomite no capacete do Storm Trooper”, e ele o tirou depressa.

Ao colocar o capacete de volta no console, de repente tomou consciência do que Josh usava como suporte do capacete.

Um prêmio da Academia Britânica de Filmes e Artes Televisivas, um BAFTA, de Melhor Ator de 2000.

Pegou o pesado troféu de bronze, sentiu o peso com um ar de aprovação, quase o deixou cair, depois escaneou o quarto à procura de um espelho, só por curiosidade, só para ver como ficava segurando um troféu.

Resolveu que ficava muito bem, e totalmente natural, e que ficaria ainda muito melhor se o troféu não tivesse sido outorgado a outra pessoa. Então, oscilando um pouco, tentou estender o troféu à sua frente.

— Senhoras e senhores da academia, obrigado por votarem em mim, e gostaria de dizer um grande obrigado, se me permitem, ao meu velho amigo e substituto Josh Harper...

Foi nesse exato instante que Nora Harper voltou com notícias de que o táxi tinha chegado. Com uma velocidade e uma graça quase sobrenaturais, Stephen habilidosamente escondeu o troféu debaixo do casaco, prendendo-o firme sob as axilas.

Depois disso, tudo ficou realmente muito vago.

Tela escura.

Segundo Ato

O PAPEL PEQUENO

“Não consigo ver você fazendo bonecos com balões em espeluncas.

Você vai fazer bonecos com balões em... faculdades, universidades.”

Woody Allen

Broadway Danny Rose

O REI DO MUNDO

A primeira coisa que Stephen viu quando abriu os olhos na segunda-feira de manhã foi o rosto de um homem no travessieiro ao seu lado. De uma beleza clássica, um pouco como a de Josh Harper: com o nariz achatado e o queixo forte, emoldurado por um cabelo anelado no estilo Príncipe da Renascença, olhava impassível para Stephen com um olho só, empoleirado num pedestal de mármore, gravado com as palavras “Melhor Ator de 2000”.

Stephen gemeu e cambaleou até a parede ao lado da cama, o mais distante possível da estátua, levando o edredom junto. O rosto oscilou por um segundo, antes de cair no chão, aterrissando com um baque surdo, como uma cabeça decapitada. Stephen permaneceu imóvel alguns instantes, tempo suficiente para perceber onde estava e o que tinha visto, depois engatinhou até a beira da cama e espiou, esperançoso, rezando para que tivesse imaginado aquilo. Mas lá estava outra vez, ao lado de um copo d’água derramado, o heroico rosto de bronze, a imagem de Josh olhando para ele, os cantos dos lábios virados para cima num sorriso quase imperceptível.

A lembrança borbulhou como um gás pantanoso, um longo e alucinatório percurso de táxi para casa, lembrou-se de ter encontrado o troféu enrolado no casaco, onde o havia escondido de Nora...

Sem querer ele tinha roubado um troféu.

Era preciso se livrar daquilo. Considerou embrulhar o troféu num saco de lixo e jogar no Tâmis. Mas é difícil jogar qualquer coisa no Tâmis sem que alguém veja, e se alguém chamasse a polícia, ou se alguma maré anômala o trouxesse de volta? E se alguém verificasse as impressões digitais? Cadeia. Foi preciso muito pouco para Stephen se convencer de que iria para a cadeia. Imaginou-se com o uniforme da prisão, uma pena longa, uma desagradável visita de sua ex-mulher, ser arrastado para o submundo da heroína, seviciado no chuveiro comunitário...

Claro que ele estava sendo paranoico. Ninguém vai para a cadeia por roubar um troféu de Melhor Ator. Talvez seja uma boa ideia ficar um pouco com a coisa, escolher um momento adequado, quando a poeira já tivesse baixado, levar até o teatro e deixar na entrada do palco. Talvez com um pedido de desculpas anônimo, composto com letras recortadas de jornais velhos. Enquanto isso, resolveu embrulhar a cabeça num cobertor e escondê-la no fundo do guarda-roupa, junto com seu DVD de *O Esquilo Sammy canta suas canções infantis favoritas*.

Com um súbito acesso de vergonha, percebeu que estava atrasado para pegar a filha. Vestiu rapidamente o casaco e enfiou as mãos nos bolsos para procurar as chaves, e imediatamente soltou um grunhido e tirou as mãos dos bolsos. O interior estava morno e molhado, parecendo cheio de uma matéria molenga. Era como mergulhar a mão em vísceras, mas ele respirou fundo e tentou outra vez, com ousadia, retirando um guardanapo de papel úmido e se desmanchando, cheio de canapés esmagados — quiches em miniatura, salsichas de coquetel lambuzadas de mel e mostarda, algo que poderia ter sido um bife a cavalo agora desmontado. O bufê. Sem querer ele tinha assaltado o bufê. Será que alguém o vira roubando o bufê? Nora, talvez? Um troféu BAFTA, o bufê, o que mais ele poderia ter roubado? *Dinheiro*? Enfiou a mão no bolso outra vez e sentiu algo feito de plástico rígido que parecia vergar quando apertado. Tirou a mão devagar.

Um boneco de quinze centímetros de Han Solo em seu traje de *O Império contra-ataca*, manchado com o que parecia molho *satay*. Um troféu BAFTA, canapés, um boneco de *Guerra nas estrelas*: pela primeira vez na vida ele entendeu a expressão “tremendo na base”. Sentiu um tremor percorrer seu corpo dos pés à cabeça. Sacudiu a cabeça, abriu bem os olhos.

Preciso deixar a noite passada para trás.

Não posso desapontar Sophie.

Preciso me concentrar.

Preciso dar o melhor de mim a Sophie.

Minha meta e objetivo são mostrar a Sophie e a Alison que sou um bom pai, responsável, honesto e bem-sucedido.

O mais depressa que conseguiu, jogou os canapés roubados no lixo, lavou as mãos, molhou o rosto, fez a barba, o tempo todo sentindo o cérebro, dolorido e machucado, rolando dentro da cabeça como uma laranja numa caixa de sapato. Despiu-se e vestiu roupas limpas e elegantes, uma camisa passada, uma boa calça, um paletó apropriado, sapatos apropriados. Engoliu duas aspirinas, gargarejou com um antisséptico bucal para amainar a amigdalite, vestiu o casaco e saiu para a rua, na esperança de se sentir mais ou menos um novo homem.

HARRISON FORD E A MALDIÇÃO DA SALETA DE CAFÉ

Pouco depois do nascimento da filha, Stephen se deixou entrar numa orgia de especulações filosóficas solenes que inevitavelmente acompanham uma nova paternidade. O que vai acontecer com minha família se eu não estiver aqui para cuidar dela?, perguntava-se. Como elas vão se virar o dia em que eu não estiver mais aqui? Agora, sete anos depois, ele sabia a resposta.

Na verdade, elas estavam se virando muito, muito bem.

Sophie agora morava com Alison e o segundo marido, Colin, um banqueiro de investimentos, numa confortável casa vitoriana convenientemente perto de Barnes Common. A casa, ou mansão, tinha cinco cômodos, um grande jardim com um caramanchão e uma fonte de água modernista, com dois carros novinhos na entrada. Isolada, de tijolos vermelhos e com grandes janelas de vidro e uma chaminé, era o tipo de casa que as crianças desenhavam; afinal de contas, como se desenha um quarto para rapazes de família?

De pé em frente à porta, Stephen baixou os olhos e viu à sua esquerda uma fileira impecável de botas verdes perto do capacho, arranjadas em ordem de tamanho decrescente, como dos Três Ursinhos. Tocou a campainha, tentando não se sentir um vendedor.

A porta foi aberta, como ele sabia que seria, por Colin. Estava usando um de seus trajes esportivos de publicidade de revista em diversos tons de musgo e líquen, jogado casualmente sobre o físico amplo e maciço de um jogador de rúgbi de escola pública transformado em golfista ocasional, e mais uma vez Stephen sentiu a pontada aguda de um ódio inequívoco e livre de culpa. Por sua vez, Colin abriu aquele sorriso de autossatisfação no grande rosto rosado de capitão do time de rúgbi, o colarinho da camisa polo aberto numa irreverente comemoração dos dias de folga, as faces tão rosadas que poderiam ter sido recentemente empoadas. Ou esbofeteadas. Era o que Stephen preferia imaginar: esbofeteadas, com muita força, ao mesmo tempo, com raquetes de tênis de mesa.

— Steve!

— Colin!

— Estávamos pensando se você viria.

— Bem... aqui estou eu.

— Que bom... Prazer em vê-lo! — mentiu. — Vou avisar a garota! — Colin deu

meia-volta e gritou a plenos pulmões: — Sophie, Steve chegou!

Pausa.

— Bem, vamos entrar — disse Colin, abrindo a porta na medida exata para Stephen entrar se espremendo.

Conjeturou se deveria limpar os pés, mas resolveu que não. É para ele aprender. Seguiu Colin em direção à cozinha, mas teve sua trajetória interrompida pelo encontrão com Sophie vindo da sala de estar. Ela o abraçou pelo pescoço, as pernas apertadas ao redor de sua cintura, dificultando a respiração.

— Ei, de onde você veio? — arquejou, beijando-a na testa.

— Por que você está usando essa roupa? — perguntou ela, medindo-o de alto abaixo por cima do narizinho.

— Que roupa?

— Roupa bacana.

— Ei, eu sempre uso roupas bacanas.

Sophie fez um muxoxo.

— Bem, eu sabia que ia me encontrar com você e vesti uma roupa especial!

Ela aumentou o muxoxo.

— Não foi nada disso, seu bobo. — Depois, com o rosto sorridente: — Você tem alguma entrevista de emprego? — indagou.

Stephen fez uma pausa de um segundo, antes de responder, sério:

— Não, Sophie, porque eu já estou empregado, muito obrigado.

— Eu sei, mas um emprego de *verdade*.

— Desça daí, baixinha — recomendou Colin, diplomaticamente. — Acho que você está um pouco pesada demais para o coitado do velho Steve.

Colin era um daqueles tipos que pareciam estar sempre com uma toalha molhada invisível para fustigar as pessoas. Stephen ouviu o estalar da toalha e mais uma vez sentiu um fluxo quente de ódio.

— Não é pesada, nada! Você não é pesada demais para mim, não é, princesa? Você é leve como uma pluma! — E com alguma dificuldade, estendeu os braços segurando-a pelos cotovelos, fazendo com que a cabeça de Sophie batesse no lustre com um ruído.

— Quer me pôr no chão, por favor? — pediu Sophie em voz baixa.

Lutando para não gemer, Stephen desceu-a até o chão.

— Tudo pronto e preparado para sair então, Sophie? — perguntou Colin, esfregando a testa esfolada dela.

— Estou quase pronta.

— Bem, vá logo vestir o seu casaco — recomendou Stephen, empurrando-a em direção à escada.

Os dois ficaram no hall em silêncio, ouvindo a garota subindo os degraus, e Stephen passou esse tempo ponderando se venceria Colin numa briga. Sem dúvida Colin tinha a vantagem do peso, mas Stephen possuía a motivação. Principalmente se estivesse armado com um, digamos, taco de críquete. Ou uma espada de samurai...

— Escute — sussurrou Colin —, nós estamos querendo perguntar... O que você vai dar de presente de Natal para... você sabe quem?

— Ainda não decidi. Por quê? O que vocês vão dar a ela? — Uma casa própria, talvez?, ponderou. Ou quem sabe uma pequena ilha?

— Um piano — cochichou Colin, e Stephen sentiu a toalha molhada estalando perto da orelha.

— Mas vocês já não têm um piano? — indagou Stephen, lembrando-se do velho piano vertical que ele e Alison tinham comprado numa loja de móveis antigos dez anos antes.

— Aquele velho piano de boteco? Não dá para tocar. Não, estamos pensando em investir num piano de meia cauda ou algo assim. Eu queria dizer que, se você quiser, sei lá, comprar uma banqueta ou algumas partituras...

A toalha estalou... *flap!*

— Na verdade... estou pensando numa coisa muito especial para Sophie — improvisou Stephen.

— Ah... certo. Tudo bem, se você já pensou a respeito...

— Ah, já pensei, sim.

— Certo. Bem. Ótimo.

E foi isso. Os dois continuaram em silêncio, encostados em paredes opostas no hall, como lutadores separados. Colin quebrou o silêncio.

— Certo, bem, a Senhora do Lar está na saleta de café, se quiser dar um alô.

— Cer-to — disse Stephen, e seguiu o falatório da Radio 4 na direção da saleta de café, onde quer que fosse *aquilo*.

Encontrou a ex-mulher equilibrando-se precariamente numa escadinha, pendurando cortinas, de costas para ele. Ficou parado na entrada observando-a em silêncio por um instante, e de repente estava se perguntando como tinha conseguido se casar com ela. Realmente, ela não era mais a garota atrevida, sempre de macacão, fumando cigarros de enrolar e tomando cerveja com quem ele havia se casado oito anos antes no Cartório de Registros de Camden. Miúda, saudável e bonita, usando roupas simples mas caras, o cabelo com um despenteado também caro, agora parecia uma Mamãe de Comercial de TV, a mãe sensual, ativa e inteligente de perfil contemporâneo, botando sua linda filha na cama, antes de voltar ao dispendioso jantar cheio de delícias raras oferecido a amigos profissionais atraentes. Seria perfeita, considerou, se ela não tivesse trocado o trabalho de atriz por recrutadora de RH.

— Disseram para perguntar pela Senhora do Lar.

— Deve ser eu.

— Está precisando de ajuda?

— Oi, Stephen. Não, tudo bem. Falo com você num segundo — disse ela, a respiração um pouco sófrega com o esforço de manter os braços erguidos.

A voz era suave e vivaz, com um vestígio do sotaque de Yorkshire que, assim como o pequeno símbolo celta tatuado no quadril, esmaecia um pouco a cada ano. Estava de calça jeans e um suéter feito de uma lã cor de creme de aparência cara, arregaçado até os cotovelos, e Stephen não pôde deixar de ficar olhando para a penugem na base da sua coluna, nos cinco centímetros da calcinha entre a barra do suéter caro e a calça jeans que também parecia ter custado caro. Qual o problema em olhar com desejo para a calcinha da ex-

mulher?, ponderou. Afinal, eles ficaram oito anos juntos, felizes durante seis ou sete, pelo menos — tiveram uma filha. Fizeram amor centenas, talvez milhares de vezes, não, tudo bem, centenas de vezes; então, não seria apenas natural olhar para ela daquele jeito? Enfim decidiu que, mesmo que não fosse exatamente *errado*, sem dúvida era bem inútil.

— O que você está fazendo, afinal?

— Instalando as cortinas de inverno — respondeu. Cortinas de *inverno*. Eles tinham cortinas para as diferentes estações do ano. Incrível. — Vocês dois estavam conversando? — perguntou ela, esperançosa.

— Aham — resmungou Stephen.

— Sobre o quê?

— Eu estava perguntando por que ele está sempre com o colarinho da camisa levantado.

— Stephen...

— Será só um estilo? Sabe como é, uma tendência da moda...

— *Adoro* esse seu tom de voz, Stephen, adoro mesmo.

— ...e não é difícil para você? Quer dizer, você não tem vontade de arrumar o colarinho dele?

— Você não quer esperar lá fora?

— Não.

— Então feche o bico — recomendou, sorrindo só um pouquinho ao descer da escada e beijar o rosto dele de leve, o beijo platônico que vinham praticando já havia dois anos. — Que cheiro esquisito é esse? — Torceu o nariz, cheirou o pescoço dele. — Antisséptico? Aplicado depois da barba?

— É uma nova loção de barba antibacteriana. “Destiny”, de SmithKline Beecham.

— Você não está doente *de novo*?

— Ah, só uma dor de garganta. Acho que pode ser amigdalite.

Alison estalou a língua em tom de desaprovação com um jeito de matrona, afastando-se para ter uma visão melhor. Desde o divórcio, ela tinha adquirido a irritante tendência de escrutiná-lo dessa forma avaliadora, como se ele fosse um refugiado.

— Você passou uma camisa.

— É verdade.

— Está usando sapatos adequados.

— Você me permite?

— É claro. Só estava pensando no seu estilo cigano, essas coisas. É como se você estivesse a caminho de um tribunal de justiça.

— Obrigado.

— Entrevista de emprego?

Stephen suspirou.

— Não. Aliás, eu estou empregado, lembra-se? Pelo menos até o Natal...

— Você parece cansado. Noite agitada?

— Pode-se dizer que sim.

— Em algum lugar especial? Alguma pré-estreia, entrega de troféus?

Sentindo-se provocado, Stephen assumiu o tom de modéstia que inevitavelmente soava arrogante, e disse:

— Ah, nada de mais... Só a festa de aniversário do Josh Harper.

— Festa de aniversário do Josh *Harper*! Uaaaaaaau! Então estava com os colegas chiques do showbiz! — O sotaque de Alison tendia a voltar quando ela se mostrava sardônica. — E onde foi essa festa?

— No loft dele, claro.

— Não na casa, nem no apartamento, no *loft*. Que fica onde?

— Ah, em Primrose Hill.

— Em Primrose Hill! Claro, *tinha* de ser. Conheceu alguém simpático do mundo artístico? Alguma *garota*? — Olhando de esguelha de forma sugestiva, uma piscadela de olho irônica.

A pergunta o deixou irritado, em parte porque o fazia se sentir um adolescente, mas principalmente pela indiferença com que a fazia. O triste fato é que Stephen ainda amava sua mulher — ex-mulher —, ainda sonhava com Alison, seria muito feliz se ainda fosse casado com ela, casaria com ela de novo, agora mesmo, ali, naquela sala com cortinas de inverno, se pudesse. Só nos últimos meses tinha conseguido inventar um método praticável e cotidiano de viver sem ela, e o fato de ela estar nitidamente contente em estar sem ele lhe provocava arrepios de tristeza. Fazia com que se lembrasse do que já sabia — que se dissesse a Alison que tinha conhecido alguém, que estava apaixonado, sua resposta não seria de ciúme ou remorso, mas de alívio, até de *alegria*, o tipo de alegria imprópria que se pode sentir ao se livrar de uma casa que se sabe estar desmoronando.

— Vamos lá, conte tudo. — Ela deu uma piscada e o cutucou. — Você arranjou alguma amiga especial?

— Será que podemos mudar de assunto? — pediu.

— Tudo bem, a que horas você vai trazer Sophie de volta? — perguntou Alison, subindo de novo na escada e arrumando as cortinas.

— Não muito tarde. Lá pelas cinco.

— Ótimo, porque ela tem dever de casa para fazer.

— Dever de casa?

— É, dever de casa.

— Dever de casa *escolar*?

— Que outro dever seria?

— De qual *matéria*?

— Sei lá. Francês, acho.

— Mas ela tem sete anos, Alison!

— E daí?

— Crianças de sete anos não falam francês.

— Crianças francesas de sete anos falam francês.

— E que espécie de escola passa dever de casa para crianças de sete anos?

— Não sei, Stephen, uma *boa* escola talvez? — disse ela, e apesar de amá-la muito, Stephen foi tomado por um desejo momentâneo de derrubar a escada a pontapés.

Havia duas nítidas formas de ação abertas aos dois: mudar o assunto e manter as coisas civilizadas, ou ter uma discussão inútil.

— Ah, você quer dizer uma escola *particular*?

— Pronto, lá vamos nós. — Ela suspirou, descendo da escada outra vez. — Não vamos entrar nessa outra vez. Stephen, eu adoraria debater sobre a qualidade das escolas particulares, mas não faz muito sentido, não é? Quer dizer, nós não vamos tirar a Sophie de uma boa escola para transferir para uma escola vagabunda só por causa dos seus princípios políticos.

— Eram os seus princípios também, se me lembro bem.

— Bem, é muito fácil ter princípios quando não se tem uma filha em idade escolar.

— Eu *tenho* uma filha em idade escolar, e continuo tendo os princípios.

— É, bem, mudei de ideia.

— Foi *você* que mudou de ideia ou foi Colin que mudou por você?

— Stephen, ninguém muda a minha ideia — retrucou ela, olhos estreitados. Forçado a reconhecer que era verdade, Stephen tentou uma tática diferente.

— Ingenuamente, imaginei que poderia ter alguma palavra na educação da minha filha.

— Você teve a sua palavra, nós ouvimos, e tivemos uma visão diferente. Além do mais, por que isso o incomoda? Ninguém está pedindo para você *pagar* a escola!

Alison disse aquilo somente com uma nuance de esgar, mas foi o suficiente para de repente se sentir envergonhada. Virou-se e olhou pela janela. Stephen podia

sentir o vulto pairando entre eles: A Briga. Eles iam ter A Briga outra vez, e não havia nada que pudesse fazer para impedir. Melhor acabar com aquilo de uma vez.

— E o que significa isso?

— Nada.

— Significa que eu não tenho um emprego estável...

— Não.

— ...que se eu parasse de sonhar acordado, se parasse de perder o meu tempo...

— Eu não disse isso, disse?

— Eu não vou desistir agora, Alison.

— Eu sei! E nem estou pedindo para desistir. Agora você é livre, pode fazer o que quiser. Só que às vezes acho que você poderia ser mais feliz...

— ...se desistisse?

— Isso mesmo! Desistir! Se vender! Se render! Cair na real!

— E essa quem fala é a Alison recrutadora de RH?

— Não, é a Alison sua *amiga*. Você é capaz de muito mais do que isso, Stephen.

— Essa não é a questão. Aconteceu outro dia, Josh quase não apareceu para o espetáculo. Eu já estava nos bastidores com a roupa dele, mais ou menos. Mais uns dois minutos e eu estaria no palco, interpretando o papel principal.

— Você *nunca* vai interpretar o papel principal, Stephen. Esses súbitos e incríveis lampejos da sorte, eles *nunca* acontecem. A maioria das pessoas aprende essas coisas na vida... Por que você está demorando tanto?

— Mas essas coisas *acontecem*; elas acontecem o tempo todo!

— Não com você, Stephen. Essas coisas nunca acontecem com *você* . E mesmo se acontecessem, e daí?

— Bem... Seria uma brecha, não? Uma mudança, uma oportunidade de mostrar o que eu posso fazer, o começo de alguma coisa...

— E se esse golpe de sorte não acontecer jamais? E se você ficar esperando, esperando e esperando e nada acontecer, e você terminar sem nada?

— Isso não vai acontecer...

— Você não pode planejar sua vida sobre a possibilidade de Josh Harper ser atingido por um relâmpago, não é muito realista.

— Certo, talvez não seja, mas você sabe como são as coisas nessa área. Existem vários atores que só decolaram na carreira bem mais velhos.

— *Quem*, por exemplo, Stephen?

Ele se lembrou do boneco de Han Solo no bolso.

— Harrison Ford só ficou conhecido aos trinta e seis anos!

E no momento em que as palavras saíram de sua boca percebeu que não era a coisa certa a dizer. Talvez ela finja que não ouviu.

— Ah, pelo amor de Deus...

— O quê?

— Você não é o Harrison Ford...

— Eu sei! Não foi isso que eu quis dizer.

— ...e você não mora em Hollywood Hills, Steve, você mora nos limites de Battersea.

— Eu sei disso! Só estou dizendo que... — Stephen fez uma pausa, só por um segundo. Ciente de que seu argumento estava se esfarelando, resolveu fazer a única coisa sensata e madura: criar uma elaborada e insustentável mentira. — Escuta, se você quer saber, eu estou esperando uma boa notícia nesse momento. Um trabalho grande.

— Que trabalho?

— Um... filme. Papel principal. Papel principal de um filme.

— Papel principal de um filme?

— Aham. Uma superprodução americana. Comédia romântica. Não posso dizer muito mais do que isso nesse estágio. Mas é um papel grande. Aliás, é o papel-

título.

Alison estreitou os olhos, balançando a cabeça com ceticismo.

— O papel-título?

— Aham. O papel-título

— E como se chama?

— Como se chama... Não me lembro.

— Você não se lembra do título?

Improvise! Pense num nome, qualquer nome simples, qualquer nome de homem com um som plausível...

— Chama-se *John*... *Johnson*. *Johnny Johnson*.

— *Johnny Johnson*...

— É um título provisório.

— Sei. E por que você?

— Como assim, por que eu?

— Por que eles escolheram você? Por não escolheram, sei lá, Josh Harper ou algum outro?

— Eles querem uma cara nova.

— Uma cara *nova*?

— Um rosto desconhecido.

Alison examinou o rosto desconhecido de Stephen com ceticismo.

— E é uma *comédia romântica*, você diz?

— Não é *tão* difícil acreditar, é?

— A *comédia*, eu entendo, mas o *romance*...

— Alison...

— E do que trata essa “comédia romântica”?

— Você sabe, o de sempre. Essa coisa de choque de culturas transatlânticas.

Sobre um cara inglês que se apaixona por uma americana mal-humorada. —

Agora ele começava a se entusiasmar, fomentando a mentira, escalando o papel feminino na sua imaginação, chegando a visualizar algumas cenas, o encontro engraçado, o primeiro beijo, mas Alison continuava cética. — É bem melhor do que parece. Como eu disse, não posso revelar muito por enquanto. Pode dar azar.

— Então você ainda *não* conseguiu o papel?

— Não... em definitivo — respondeu, procurando uma rota de fuga.

Alison fungou, virou as costas.

— Ah, já entendi...

— Mas eu estou bem cotado!

Alison deu meia-volta e o encarou.

— Stephen, você passou a vida toda sendo bem cotado!

— Olá...? — interrompeu Colin, entrando na sala como que deslizando sobre rodinhas.

— Pelo amor de Deus, Colin! — repreendeu Alison, escancarando o sotaque de Yorkshire. — Nós estamos tendo uma conversa *particular*.

— Eu percebi. Só estava pensando se vocês não poderiam falar mais baixo, só isso. — E apontou em direção à porta.

No final do corredor, agora vestida numa capa amarela de vinil e segurando uma pequena mochila, Sophie esperava pacientemente, olhando com atenção para o chão, como se o fato de não olhar também a impedisse de ouvir.

— Já estou indo, querida — falou Stephen pelo corredor em sua voz mais adocicada. Depois deu um suspiro profundo, ensaiou um sorriso para Alison, que roía a unha do polegar e ergueu a mão. Em seguida, o mais rápido que conseguiu, Stephen espremeu-se para passar por Colin na soleira da porta, pegou Sophie pela mão e saiu da casa.

UMA IMPETUOSA FORÇA VITAL

— *Il pleut* — disse Sophie.

— *Il pleut* — repetiu Stephen.

Sophie só tinha ido ao apartamento do pai uma vez. A visita não tinha sido um sucesso para nenhum dos dois. Era uma chuvosa tarde de sábado, e eles jogaram uma partida brutal e melancólica de *Detetive*, que somente era menos desagradável do que testemunhar um assassinato de verdade, na biblioteca, com um candelabro. A visita tinha acontecido num momento particularmente sombrio do processo de divórcio, nos meses de bebedeiras diurnas, num período em que Stephen parecia um personagem de Charles Dickens, e até hoje ele tremia diante de possibilidade de ser culpado por ter assustado a própria filha. Com certeza Sophia mencionara alguma coisa a Alison, pois logo depois foi diplomaticamente sugerido que talvez fosse melhor os dois só saírem em “passeios diurnos”. Stephen relutou, mas acabou decidindo evitar outras saídas noturnas, ao menos até estabelecer alguma ordem em sua vida.

Por conta desse episódio, hoje eles estavam andando de mãos dadas pela Richmond High Street, numa segunda-feira de manhã sob uma chuva fina, procurando algum lugar onde pudessem tomar um refrigerante e conversar até os cinemas abrirem. Esses passeios não chegavam a ser desagradáveis, mas o prazer de Stephen em encontrar a filha era sempre temperado por uma vaga sensação de inquietude e desajuste. Era como se tivessem perdido a chave de casa, como se estivessem esperando alguém chegar para abrir a porta.

— *Il neige* — disse Sophie.

— O que isso quer dizer?

— Está nevando.

— *Il neige?*

— *Il neige.*

— *Il neige.*

— *Très bon. Très, très bon, mon père.*

— *Merci beaucoup, mon chérie.*

— É “*ma*”, não “*mon*”. Garotas são no feminino, lembra?

— Sim... vagamente.

Passaram pelo Burger King. Stephen sabia que Colin não queria que Sophie comesse fast-food de jeito nenhum, e ainda que normalmente isso funcionasse como uma recomendação, Stephen achou que a mistura de luzes ofuscantes e aglomeração urbana fosse agressiva demais para seu estado atual.

— Então... aonde nós vamos? — perguntou ele.

— Tanto faz.

— O que você está com vontade de comer?

— Eu gosto de sushi — respondeu Sophie, para se mostrar.

— Você não gosta de sushi.

— Gosto, sim — insistiu, mas sem muita convicção.

— Você ainda é *criança*, Sophie; crianças não gostam de sushi. Nem as crianças japonesas gostam de sushi.

— Bom, mas *eu* gosto. De sushi *e* de sashimi.

— E quando foi que você comeu sushi?

— Ontem, em Waitrose. Colin me deu um pouco do dele. — Típico do maldito Colin, pensou Stephen: enfiar um pedaço de atum com seus dedos róseos e gorduchos na boca da minha filha em Waitrose, explicando o que é wasabi, fazendo com que ela prove, rindo quando ela faz careta.

— O que foi que Colin deu para você comer? — perguntou, lutando para manter um tom neutro.

— Eu já falei... sushi. É peixe cru com arroz, enquanto sashimi...

— Eu sei o que é, Madame Butterfly. Estou perguntando que *tipo* de peixe era.

— Sei lá, um peixe cor-de-rosa.

— Bom, mas nós não vamos comer sushi, sinto muito. Estou exercendo um pouco de autoridade paterna.

— Tudo bem. Eu não gostei tanto assim, mesmo.

— Não, nem eu. Eeeca, peixe cru — falou, fazendo cara de nojo, e continuaram andando pela High Street, vendo quem conseguia fazer mais cara de nojo e fazer o barulho mais nojento, Sophie dando risada, pendurada no cotovelo dele com todo o peso do corpo, e por um instante Stephen sentiu que tinha obtido uma pequena vitória sobre Colin, sobre casarões em Barnes Common e sushi para meninas com menos de oito anos.

Como sempre, eles acabaram num Pizza Express, junto com todos os outros. Enquanto Sophie contava uma longa e complicada história que ele não entendeu sobre uma amiga na escola de quem ele nunca tinha ouvido falar, Stephen considerava se deveria pedir um vinho. Ele precisava de alguma coisa para afogar a ressaca da noite anterior, mas não queria que Sophie pensasse que ele estava bebendo de novo, ou fumando. Já imaginava o interrogatório quando ela chegasse em casa. “E o que o papai bebeu no almoço, Sophie?” “Papai tomou uma garrafa de vinho e fumou vinte cigarros Marlboro vermelho.” Não que ele tivesse medo da filha exatamente — embora ela fosse uma garotinha excepcionalmente esperta, séria e intimidante, ainda mais depois de começar a frequentar aquela nova escola —, mas apenas porque o comportamento dela não se comparava às memórias que Stephen tinha de sua infância. Ficaria muito feliz em ver Sophie derrubar comida na roupa, comer ketchup do sachê, virar a cara para qualquer coisa verde. Mas ela sentou-se ereta na cadeira, pediu a opção vegetariana para a garçonete, com clareza e confiança e um pequeno sorriso de “muito obrigada”, abriu o guardanapo cuidadosamente e arrumou-o com esmero no colo. Fatiou sua pizza em pedaços trigonometricamente precisos, mastigou metodicamente, classificando-a como “excelente”. Comportou-se tão à vontade, com tanta sofisticação e autoconfiança que, se Stephen se atrevesse a pedir uma garrafa de vinho, era provável que a garçonete pedisse que Sophie o experimentasse antes. Era como se estivesse almoçando com uma embaixadora da ONU.

— Então, como vai indo essa sua nova escola chique, Sophs?

— Ah, tudo bem. Eu sou boa em arte e redação, mas minha matemática está um pouco abaixo da contagem.

Um pouco abaixo do *quê*? Um termo de golfe. Um dos termos de golfe de Colin.

— Eu não me preocuparia com isso, Sophs, eu também sempre fui péssimo em matemática — comentou, tentando estabelecer uma certa cumplicidade.

— Eu não disse que sou *péssima*. Só não estou correspondendo ao meu potencial, só isso — corrigiu Sophie. A mão de Stephen instintivamente procurou o maço de

cigarros, aninhado no bolso perto do Han Solo.

— E quanto aos esportes? Você gosta de esporte?

— Mais ou menos. Gosto de hóquei, mas acho basquete banal.

— Você acha que basquete é o *quê*?

— Banal. Quer dizer...

— Eu sei o que quer dizer banal, Soph. E o piano? Como você está no piano?

— Piano é uma chatiiiiice — respondeu.

Bem, graças a Deus, pensou Stephen, uma resposta normal. Mesmo assim, era melhor segurar a linha.

— Sim, bem, é chato agora, mas você vai gostar quando ficar mais velha. — Meu Deus, sem esse discurso de “você vai gostar quando ficar mais velha”; às vezes ele se sentia um chato, realmente. — Eu tive aulas de piano, e sempre me arrependo de não ter continuado.

— O que é bem cotado? — perguntou Sophie de repente.

Stephen parou de mastigar.

— Onde você ouviu isso?

— Quando você estava conversando com a mamãe. Você disse que estava bem cotado, e ela disse que você *sempre* estava bem cotado. Só que ela disse isso zangada.

— Bem cotado quer dizer... aquilo era uma conversa particular, Soph.

— Então por que vocês estavam gritando?

— Quer dizer que eu posso conseguir um trabalho. Num filme.

— E quando vai ser lançado? — perguntou ela, os olhos arregalados.

— O quê?

— O filme, para o qual você está bem cotado?

Stephen foi envolvido por uma profunda sensação de inquietação. Uma coisa era

mentir para a ex-esposa, em legítima defesa, mas havia algo de imperdoável em repetir a lorota, a mentira, para a filha. Abriu a boca, fechou, inclinou-se para a frente na cadeira.

— Olha, esse filme ainda não está acertado, é uma possibilidade, uma possibilidade muito, muito remota. É melhor você esquecer o assunto, certo?

— Mas que tipo de filme é?

Bem, Sophie, na verdade o filme não existe...

— É uma... comédia romântica.

— O que é isso?

— Uma comédia romântica é uma história em que uma pessoa está infeliz, depois conhece outra pessoa infeliz e se apaixona por ela, mas os dois não podem ficar juntos e ser felizes por causa dos obstáculos...

— Que obstáculos?

— Não sei... ela é casada com um grande ator de cinema ou coisa assim. Enfim, existe um monte de obstáculos no caminho, mas no fim eles superam esses obstáculos, viram namorados e todo mundo fica feliz.

— É isso que vai acontecer no seu filme?

— Não é o *meu* filme, Sophie. Eu ainda nem consegui o papel. É quase certeza que não vou conseguir. Aliás, vamos esquecer essa história toda...

— Você tem uma namorada?

— Por favor, vamos esquecer esse filme, tá, Sophie?

— Não no filme. Na vida real.

— Por que você quer saber?

— Por nada. Só estou puxando conversa.

— Por que, sua mãe falou alguma coisa a respeito com você? — perguntou Stephen, mas as palavras saíram erradas, e ele soou um pouco mais mal-humorado do que pretendia.

— Nãããã — respondeu ela na defensiva, com uma inflexão enérgica.

— Então por que de repente todo mundo está interessado nisso?

Sophie não disse nada.

— Bem, a resposta é não, eu não tenho uma namorada, nem no filme nem na vida real, certo? — Houve um momento de silêncio embaraçoso, o tipo de hiato constrangedor que realmente não deveria acontecer numa conversa com uma criança. Sophie preencheu o vazio tomando um gole do seu copo, embora o suco já tivesse acabado. Os cubos de gelo bateram ruidosamente nos lábios dela.

— Foi só uma pergunta — acrescentou, afinal.

— Eu sei, eu sei, Sophs... — Passou o braço pela mesa, prendeu o cabelo dela atrás da orelha e manteve a mão na sua nuca. Seria imaginação, ou ela teria ficado um pouco tensa? Por que isso sempre acontecia?, ponderou. Sophie era a única coisa indiscutivelmente boa que tinha conseguido na vida, e gostaria muito de ser visto como uma força vital impetuosa, uma alternativa irreverente, pobre porém amável e excêntrica em comparação ao seu enfadonho e amorfo padrasto. Queria ser maior que a vida, mesmo se na realidade se sentisse um pouco menor. Com certeza Sophie não estava convencida; ela sentia a tensão. A performance não estava funcionando. Tirou a mão da cabeça dela.

— Eu não me incomodo de você me perguntar, Sophs. Você pode me perguntar o que quiser. Só que é uma pergunta bem pessoal, só isso. Quer dizer, *você* tem um namorado?

— Nãããã. Mas não é a mesma coisa.

— Por que não é a mesma coisa?

— Bem — começou ela, devagar, no seu tom parental —, basicamente porque eu só tenho sete anos.

E Stephen teve de admitir, era de fato um ponto de vista razoável.

SE AO MENOS EU TIVESSE CORAGEM

...mas sem dúvida a estrela do espetáculo é Stephen McQueen. Seu desempenho do Leão Covarde é muito, muito bom, e arranca muitas risadas da plateia. Com canções e muitas gargalhadas, *O mágico de Oz* realmente é uma boa peça, e eu a recomendaria à maioria das pessoas, mas é a interpretação que Stephen faz do Leão que torna a peça um Retumbante Sucesso!

Assim escreveu Kevin Chandler, do jornal estudantil *Termly Times*, do Colégio Shanklin St. Mary, sobre o papel de Stephen em 1986. O *Sandown and Shanklin Advertiser* concordou, definindo-o como “um astro em formação, como seu homônimo, o ator do cinema americano Steve McQueen!” Todos concordaram em que foi uma interpretação fantástica; na frase evocativa de Kevin, Stephen esteve “muito, muito bom”. Na festa de encerramento, Beverley Slater, sua Dorothy, em geral considerada pelos conhecedores como *muito* acima da média, levou-o para trás dos barracões de ciências humanas. Lá, tremendo naquela noite de dezembro, uma das mãos dentro do bolero de Beverley, a cabeça girando com os aplausos, de luxúria e da sidra escondida, Stephen tomou a decisão. Não havia dúvida, uma carreira no show business era o caminho certo para uma boa posição social, realização no trabalho, aclamação da crítica e aventuras sexuais quase incompreensíveis com lindas mulheres, mulheres ainda mais glamorosas e complicadas do que Beverley Slater. O único verdadeiro dilema seria como equilibrar o trabalho teatral com seus compromissos em Hollywood. Foi aí que teve a inebriante sensação de não estar mais no Kansas de Dorothy.

Ele continuava na Ilha de Wight, um bom lugar para se crescer; mas, do ponto de vista do mundo das artes, era como se estivesse em Alcatraz. Durante os feriados do Natal, Stephen resolveu repensar radicalmente suas opções de carreira a longo prazo. Uma carreira em programação de computadores perdeu seu grande esplendor original, e ele preferiu cursar arte dramática na GCSE, o equivalente local a entrar para um circo. Para seus pais, que tinham uma banca de jornal e estavam envolvidos numa cruzada incansável contra jovens larápios de balcão, foi como se ele tivesse anunciado que havia resolvido abandonar os estudos de informática para se dedicar ao crack e à prostituição.

Nos anos que se seguiram, ele cresceu e se desenvolveu como ator. Comprou um monte de velas e tentou ler sob aquela luz bruxuleante. Durante um breve e lamentável período, cismou de usar o pulôver amarrado no pescoço. Começou a levar sempre uma garrafa de água onde fosse, e a observar e imitar pessoas que via nos ônibus, e certa vez quase levou uma surra nesse processo. Assitiu a *Amadeus* seis vezes. Aos dezessete anos, num tributo a James Dean, começou a fumar e a dirigir como um louco, comprou inúmeras camisetas pretas de gola rolê e um longo e flutuante sobretudo que usava durante o ano todo, com a gola levantada, transformando a Shanklin High Street em seu Boulevard dos Sonhos Perdidos particular. Devorou um exemplar de segunda mão de *A preparação do ator*, de Stanislavsky, e começou a trabalhar com afinco em suas simulações. Quando fez uma cena de *Olhe para trás com raiva* na faculdade, resolveu empregar O Método, e fez questão de se manter ríspido e cortante durante várias

semanas, arruinando as refeições familiares nesse processo.

Até o momento em que começou a se matricular em escolas de arte dramática, seus pais ainda tinham a esperança de que mudasse de ideia, que escolhesse algo mais vocacional ou estruturado. No entanto, era inútil tentar persuadir Stephen; as palavras dos críticos ainda soavam em seus ouvidos: “Retumbante Sucesso”, proclamara o *Temly Times*. “Um brilhante futuro como ator espera o talentoso Mestre McQueen”, anunciara o *Sandown and Shanklin Advertiser*. Em retrospecto, talvez fosse o perfeito exemplo de por que não se deve acreditar nas críticas a respeito de si próprio.

Até agora, quase quatorze anos depois, ao assistir a uma deserta matinê de *O mágico de Oz* no Richmond Repertory Cinema, Stephen não conseguia deixar de se lembrar de sua aclamada interpretação e de desejar que Sophie tivesse visto aquela apresentação. Ainda existia uma fita de vídeo do espetáculo no apartamento dos pais, mas a magia do teatro dificilmente se transpunha para a telinha, e além do mais era em Betamax. Pegou outra garrafa de refrigerante no bolso e afundou um pouco mais na cadeira.

Enquanto isso, Sophie fazia o melhor que podia para comunicar que considerava o filme infantil demais e nada mágico: balançando as pernas de maneira expressiva, chutando o encosto da cadeira vazia à frente, respirando ruidosamente pelo nariz durante as cenas mais sentimentais, soltando grunhidos jocosos durante toda a performance de “Somewhere Over the Rainbow”. Durante o ataque dos macacos alados, ela se esgueirou para ir ao toalete e não voltou mais. Stephen estava envolvido demais para notar de início, mas quando afinal percebeu que ela tinha saído já havia dez minutos, saltou da cadeira e cambaleou pelo corredor à sua procura.

No trajeto, imprecou contra sua incapacidade de avaliar os tempos atuais com mais precisão. Sophie parecia crescer tão depressa, e como a via tão pouco e tão intermitentemente, tinha se tornado impossível perceber os pequenos incrementos da mudança, enxergar o ponto em que ela havia deixado de gostar de *O mágico de Oz* e começado a se preocupar com que ele tivesse ou não uma namorada. Ver Sophie crescer era como um filme em *stop-motion* truncado: a cada semana que passava havia uma mudança, pequena porém significativa, e alguma coisa era perdida. Será que ela já estava tomando café? Ouvindo música pop? Ou que decorava as paredes do quarto dela agora? Será que ela queria ou não furar as orelhas? Essa grande quantidade de pequenas lacunas de seu conhecimento se acumulavam, até ele não saber mais como avaliar o comportamento da filha. Sentia-se cada vez mais desastrado, paternalista demais, sem saber o que fazer, ou banal, ou, o pior de tudo, um pouco assustado, estranho e com medo, como se estivesse sequestrando a filha por uma tarde. Sophie estava se afastando dele, assim como Alison havia feito, e não parecia haver uma forma plausível de evitar aquilo.

Encontrou a filha sentada na sala de espera, balançando as pernas, lendo seu romance de Jacqueline Wilson, e claramente identificando-se com a história.

— Ah, você está aí! Eu estava ficando preocupado. O que está fazendo?

— Lendo.

— Bem, e você não quer voltar? Estamos perdendo o filme.

— Não estou interessada.

— É por causa dos macacos com asas, não é? Essa parte sempre me assusta também. Olha... — e estendeu uma mão que tremia muito.

— Não é por isso — explicou ela.

— Um pouco banal para você, é isso?

— Um pouquinho banal.

— Então você quer ir embora? Está entediada?

— Sei lá — respondeu, sem conseguir olhar para o pai, fazendo bico e olhando para o chão. Não à beira de lágrimas, mas nitidamente muito triste.

Isso acontecia muito nos dias em que saía com Sophie. As coisas começavam bem, com abraços e brincadeiras bobinhas e travessuras, mas aos poucos ela perdia o entusiasmo e o divertimento esmaecia, como um brinquedo com a corda fraca. Stephen se lembrava bem do que era aquilo, daquela tristeza pesada e terrível que a gente sente quando criança, e sabia que, à parte materializar um pônei, ou uma grande boneca, ali, naquele momento, na sala de espera do cinema, havia pouco o que pudesse fazer para virar a maré. Mas queria tentar desesperadamente, por isso aproximou-se, segurou a cabeça dela com as duas mãos e a beijou, depois ajoelhou-se à sua frente, segurando-a com delicadeza pelos ombros.

— É o seguinte, Sophs, eu sei que é só um filme bobo, para criancinhas, e já sou um adulto e deveria ter deixado para trás esse negócio, mas se não ficar sabendo se eles voltam para o Kansas eu não vou conseguir dormir esta noite. Então vamos voltar para assistir ao final do filme, depois podemos ir aonde você quiser, *fazer absolutamente* qualquer coisa que você quiser. Certo?

Sophie olhou para o pai através da franja, depois para o chão. Deu um sorriso com os lábios cerrados e disse:

— Eu... se você não se incomoda... acho que eu quero ir para casa.

Foi com um grande esforço consciente que Stephen conseguiu não alterar a expressão do rosto.

— Certo então! Eu vou levar você para casa.

MEDO DO PALCO

Enquanto voltava de metrô para a cidade, Stephen entendeu que teria de encontrar uma maneira de fazer sua filha sentir orgulho dele.

Havia conseguido alguns sucessos, é claro — seu Benvólio em *Romeu e Julieta*, aquela peça interessante de um autor novo; uma produção até razoável de *Godspell*; a produção alternativa de *O Zelador* em 1997 e outros pequenos sucessos. Infelizmente, Sophie não tinha partilhado esses momentos, e única atuação que tinha visto do pai fora do trágico e desgraçado Ciclista Mensageiro Asmático em *Emergency Ward*, que a fez chorar de forma incontrolável, embora não pela razão certa. Em todos os seus outros trabalhos na tela, ele era um morto ou estava vestido de esquilo, e agora se preocupava com que Sophie pensasse que sua carreira fosse uma coisa inventada, uma complicada conspiração feita por Alison e Stephen para explicar onde ele estava todas as noites. Sentia-se horrorizado com a ideia de que Sophie pudesse crescer sem nunca vê-lo fazer alguma coisa maravilhosa, ou mesmo apenas razoável. Sem dúvida ele precisava representar para sua filha algo mais que duas pernas de um banco de piano.

Algo tinha de ser feito, e com urgência, mas como conseguir isso permanecia um mistério. O papel-título em *Johnny Johnson* seria perfeito, claro, mas era apenas fruto de sua imaginação, e por isso pouco provável de acontecer. Tudo o que precisava era de um grande papel que não fosse de mentira, um troféu de Melhor Ator que não fosse roubado. Talvez se Josh ficasse doente esta noite... Talvez se alguma coisa terrível tivesse acontecido na festa... E se ele tivesse bebido demais, ou tivesse acontecido um engavetamento de skates, se tivesse se engasgado com amêndoas defumadas, ou sido surrado pelos garçons que contratou...?

Josh estava na entrada do palco, animado, assinando autógrafos para três estudantes japonesas, sorrindo, brincando e dando risada, falando devagar para ser entendido. Depois do vexame das oito horas transcorridas da festa, Stephen decidiu que o melhor a fazer seria manter a cabeça baixa e entrar sem ser notado.

— Ei, Steve... espere um pouco — gritou Josh, fazendo uma espécie de reverência oriental para suas novas amigas, dizendo “sayonara” com sotaque japonês e inclinándose solenemente.

Ele sabe, pensou Stephen. Ele sabe que roubei o troféu. Minha motivação agora é não revelar que roubei o troféu dele.

— Eu *adolo* garotas japonesas, sabe? Muito sensuais, muito, muito. Como está você, seu garoto *levado*? — bradou Josh no ouvido dele, passando o braço pelos seus ombros, fazendo todos os músculos do pescoço e do rosto de Stephen se contraírem ao mesmo tempo; um abraço de gângster, como o que Al Pacino dá em John Cazale em *O Podemso Chefão 2*. “Eu sei que foi você, Fredo...”

Ele sabe. Pode sentir o cheiro dos canapés em mim. Pode sentir o boneco do Han Solo no meu bolso. Definitivamente, ele sabe...

Abraçados ombro a ombro, tiveram de se espremer com dificuldade para passar pela porta.

— ...sentindo-se um pouco *estambo*, não é? Está de *lessacá*?

Stephen conjecturou por quanto tempo Josh ia manter aquele sotaque japonês. Em geral, quando descobria uma voz cômica, havia uma boa possibilidade de Josh continuar

por vários dias.

— Ah, tudo bem. Podia ser pior, acho...

— Vamos até o meu camarim, vamos ter uma conversinha, tá?

O espaçoso e confortável camarim de Josh Harper ficava na parte frontal do teatro, logo atrás do grande cartaz, por isso ele podia ter a agradável sensação de contemplar o movimento da Shaftesbury Avenue entre as próprias coxas musculosas. Algumas flores um pouco antigas descansavam num vaso, havia uma chaleira novinha em folha, um conjunto de halteres, uma pequena cama onde Josh podia recarregar seu magnetismo animal entre o espetáculo da tarde e o da manhã. Havia ainda um conjunto completo e funcional de lâmpadas de alta voltagem ao redor do grande espelho, parcialmente encoberto por centenas de cartões-postais desejando boa sorte — figuras de Van Gogh e Cézanne e fotos de Richard Burton e Lawrence Olivier para servirem de exemplo, coladas ao espelho, como mandavam as leis da equidade. Garrafas de champanhe na temperatura ambiente e uma grande pilha de roteiros cinematográficos esperavam com humildade sua atenção, perto de uma cesta embrulhada em celofane com *muffins* e um cartão. Josh apontou o cesto com a cabeça.

— Presente do estúdio cinematográfico. Quer um? Eles vão embolorar, pois eu não posso comer, senão vou engordar — disse, de alguma forma insinuando que, para Stephen, essa batalha já havia sido perdida há muito tempo.

— Não, tudo bem, obrigado.

— Steve, posso fazer uma pergunta... o que você acha dos meus dentes? — perguntou, abrindo um sorriso e fazendo Stephen disfarçar um sobressalto.

— Como?

— Meus dentes... você acha que precisam de tratamento? Seja sincero... — Depois, como um vendedor de cavalos, abriu os lábios com os dois indicadores. Parecia um comercial de pasta de dente.

— Acho que são adoráveis — observou Stephen. *Adoráveis? Você disse que os dentes dele são "adoráveis", seu imbecil. De onde veio esse "adoráveis"?*

— Acha mesmo? — insistiu Josh, cobrindo os dentes. — Minha agente quer que eu os branqueie, ou recapie, algo assim. Para "o cinema". Dá para acreditar? Ela sabe que eu *detesto* toda essa bobagem de Hollywood.

— E você vai fazer isso?

— Ah, sim, provavelmente. Ei, você podia fazer o mesmo com os seus. Não que haja algo errado com seus dentes, mas é que pode ser descontado do imposto de renda. Eu posso falar com o meu dentista, ver quanto isso custaria para você.

Stephen travou a boca involuntariamente, mantendo os ofensivos dentes bem escondidos.

— Ei, fique à vontade — Josh apontou para o sofá-cama, ligou a chaleira, sentou-se de lado na cadeira giratória e ficou de frente para Stephen, a cabeça apoiada nos braços cruzados, inclinada num ângulo de indagação, uma perturbadora mistura de masculinidade e afetação feminina. Nenhum homem fica muito bem sentado de lado numa cadeira, pensou Stephen. Era como ser interrogado de forma brutal por um integrante da companhia de *Chicago*.

— Então... a que horas você chegou em casa?

— Meu Deus, não me lembro. Às três, acho.

— Você não vomitou no táxi, vomitou...?

— Acho que me lembraria disso.
— ...porque você estava bem louco, sabe?
— Estou sabendo.
— Parece que mandou alguém se foder.
— É, acho que disso eu me lembro. Desculpe.
— Tudo bem, ele deve ter merecido. Mesmo assim... que bela festa, hein? Bela festa...

— Ah, sim... bela festa.
— Não são *incríveis* os meus amigos? Você conversou com eles, não foi? Quer dizer, não foi só trabalho, certo? Não pareceu só trabalho. Enfim... eu ainda não dormi. Estou completamente *exausto*, cara. Completamente exausto.

Josh não parecia exausto. Aliás, parecia até melhor do que o normal — viçoso, vivaz e saudável; talvez com uma leve camada plástica de suor, como um manequim, porém absolutamente pronto para um close-up. Mas, até aí, ele sempre estava assim; não seria surpresa descobrir que Josh Harper tinha um retrato como o de Dorian Gray no sótão do seu loft, sendo que a diferença é que o retrato também estaria ótimo.

— Que pena você ter tido que trabalhar, companheiro — falou, acrescentando de maneira significativa: — Pelo menos para alguns convidados. Ah, o que me faz lembrar... — Levou a mão ao bolso de trás.

Existe um momento característico em qualquer filme que retrate uma prostituta como personagem central: a canhestra e degradante cena da entrega do dinheiro.

— ...aí está, meu amigo... cem libras, exatamente.
— Mas isso é demais.
— Não, vai nessa... pega.
— Não posso. De qualquer forma, eu não fiz muita coisa nas últimas duas horas, a não ser perturbar os seus convidados.

— Vai nessa... pega aí. Eu estou ganhando *muito* mais que você, então é apenas justo. Socialismo na prática, certo? Balançou o maço de notas de vinte debaixo do nariz, e até mesmo Stephen teve de admirar a forma como Josh apresentava sua condescendência disfarçada de integridade política. Pegou o dinheiro e enfiou depressa no bolso.

— Então você conheceu a adorável Nozza! — disse Josh, numa tentativa de aliviar o clima.

— Que Noz... Ah, você quis dizer *Noni*.
— Aham. Ela é *fantástica*, não é?
— Totalmente.
— Uma mulher muito bonita.
— Muito atraente.
— E incrivelmente *sensual* também — fechando os olhos, balançando levemente a cabeça.

— Sim — foi tudo que Stephen conseguiu pensar em dizer.
Josh abriu os olhos.
— Desculpe, sei que não se deve dizer essas coisas, mas ela é mesmo.
— Sim, posso imaginar — observou Stephen, que podia mesmo imaginar, e já tinha imaginado. — Muito, muito divertida também.
Josh sorriu com tristeza, soltando ar pelo nariz.

— Como assim, você quer dizer sarcástica?

— Não, você sabe... animada.

— Como assim, por que ela pega no meu pé?

— Não, só...

— Tudo bem, na maioria das vezes eu mereço. O problema é que ela é muito mais inteligente que eu, sabe?

— Não é bem assim.

— Acredite em mim, é sim. *Muito* mais inteligente. Eu faço essas coisas... essas bobagens, digo as coisas erradas, faço as coisas erradas e... bem, eu sei que não estou à altura dela. Mas eu adoro essa mulher, sabe, Steve? Adoro mesmo, não importa o que ela pense a respeito. Só queria que ela confiasse em mim, só isso.

Stephen não sabia bem o que dizer, por isso ficou em silêncio, anuindo solenemente, ouvindo o guincho da cadeira giratória de Josh sendo virada de um lado para o outro com a ponta dos pés.

— A propósito, ela adorou você — disse Josh afinal.

— Nora? É mesmo? — replicou Stephen, satisfeito.

— É. Disse que você era a única pessoa ali com quem ela poderia ter uma conversa decente. Ela *odeia* os meus amigos. Odeia *mesmo*. Principalmente as garotas. Ela vai vir mais tarde, você devia dar um alô para ela.

— Tudo bem. Certo, vou fazer isso. — Stephen levantou do sofá-cama. — A gente se vê mais tarde... bom espetáculo, tá?

— Falou... para você também, colega.

Para você também — é uma piada, pensou Stephen, abrindo a porta para sair.

— A propósito, ela falou sobre mim? — perguntou Josh como se tivesse acabado de pensar naquilo, mas a expressão do seu rosto era de um estudante ansioso.

O que será que ele queria ouvir?, perguntou-se Stephen.

— Não. Não muito. Quer dizer, só coisas boas. Por quê?

— Só... por nada, por nada...

Fechou a porta e já estava saindo quando Josh o chamou outra vez.

— Ah, Steve! — Abriu outra vez a porta. Josh continuava sentado de lado na cadeira giratória, agora acendendo um cigarro. — Outra coisa...

— Pode falar.

— Não consigo encontrar o meu troféu de Melhor Ator.

Hora de interpretar um papel. Fingir. Fazer a expressão de "Inocente". franzir a testa, deixar a boca um pouco entreaberta, erguer o tom de voz...

— Como assim?

— Meu BAFTA, meu troféu de Melhor Ator... algum imbecil roubou do meu quarto.

Inocente. Pensar inocente. Você é inocente. Talvez dar uma risadinha ao dizer...

— Mas... por que alguém faria isso?

— Sei lá, Steve. — Cruzou os braços, agarrando os próprios bíceps. — Inveja, acho, ou despeito. Você não viu ninguém, viu?

— Não. Não, não, não vi, não. — *Muitos "nãos". Manter o realismo, manter o pé no chão...*

— Quer dizer, é só um pedaço de metal, um troféu não significa *nada*, e eu odeio toda essa bobagem de showbiz, mas não gosto de imaginar que um dos meus amigos tenha feito isso. A não ser que tenha sido uma das faxineiras, é claro... — e era possível

ver uma ideia nascendo no seu olhar — ...ou um dos malditos garçons.

— Não deve ter sido nenhum deles. — *Confiante demais, certeza demais...*

— Por que não? Eles entraram e saíram do quarto a noite toda.

— Provavelmente o troféu está na sua casa, ou pode ter sido uma piada, uma piada boba, alguém se divertindo com isso. Você vai encontrar, ele vai aparecer. — *Diálogos demais. Pare de falar. Lembre-se, menos é mais...*

— Sei, bem, muito engraçada essa piada. Ainda bem que não afanaram o meu capacete original de Storm Trooper.

— Você tem um capacete original de Storm Trooper? — *Incredulidade... boa atitude.*

— É, original, de 1977. Só existem cinquenta. Vale uma fortuna. Quase tanto quanto a minha coleção completa de bonecos de *Guerra nas estrelas*. — Stephen sentiu no bolso o Han Solo chutar forte o seu quadril. Josh deu uma fungada, virou a cadeira para ficar de frente ao espelho, abriu a boca com o dedo e voltou ao vexaminoso tópico de seus adoráveis dentes.

Stephen saiu de costas, fechando a porta devagar.

No cinema, quando um personagem consegue se livrar de uma situação difícil, ele mostra seu alívio para o público encostando na porta, as mãos ainda na maçaneta, olhando para o teto, soltando um suspiro alto, talvez fazendo um som como “uuuufa!”

Mesmo sem haver um público, foi exatamente o que Stephen fez.

O INTERESSE AMOROSO

Stephen escondeu o Han Solo em cima do guarda-roupa.

Precisamente às 8h48, como já havia feito noventa e nove vezes, e como faria outras quarenta e cinco vezes, Stephen saiu do camarim e desceu para ficar nos bastidores e assistir à atuação de Josh. Esta noite, de seu lugar habitual, ele viu Nora, e mais uma vez sentiu um solavanco de prazer. Bateu de leve no ombro dela, que se virou com um gritinho assustado — perfeitamente compreensível, dada a combinação da máscara com a malha preta —, mas alto o suficiente para merecer uma carranca de advertência de Maxine atrás da coxia. Stephen encolheu a barriga, levantou a máscara, dublou um “desculpe” e deu um sorriso tranquilizador. Nora devolveu o sorriso, um sorriso grande e debochado, parecendo genuinamente contente em vê-lo, pegou na mão dele e puxou-o para mais longe para conversar.

— Que belo uniforme de super-herói, cara — sussurrou.

— Tecnicamente, é uma malha. — Em nome da decência, Stephen enrolou-se bem na capa. — É para me fazer parecer sinistro.

— Você nem acredita o *quanto*...

— Ora, obrigado.

— Achei que essa coisa de usar roupas de baixo tinha acabado. Mas aí está você...

— Você gostou?

— Gostei. *Adore!* Muito agradável ao olhar. É *desconfortável*, não é? — Sorriu.

— Botões invisíveis?

— Não, a gente meio que entra nela.

— Lycra? Poliéster?

— Mistura de lycra. Sou um dos poucos homens em Londres que usa malha de lycra mista.

— Ah, eu *preciso* ser testemunha disso... — comentou, e houve uma pequena contenda quando ela puxou a capa. — Não tem a parte de trás? Vire-se para eu ver...

Enquanto isso, no palco, nas garras da febre mortal, Lorde Byron fazia um discurso moribundo particularmente passional.

— É a minha deixa.

— Não vá — ela riu, segurando na capa.

— Eu preciso entrar.

— Fique aqui... deixe o Josh abrir a maldita porta.

A luz verde do sinal para Stephen entrar estava acesa. Ele armou uma expressão severa e profissional.

— Estou falando sério, Nora.

— Mas eu preciso falar com você.

— Tudo bem — concordou Stephen, deliciado. — Tudo bem, no meu camarim...

— Vejo você lá.

— Certo, certo — sussurrou, baixando a máscara e acertando a expressão.

— Acaba com eles, superstar — murmurou, empurrando-o para o palco.

Enquanto caminhava de forma mecânica pelo palco para abrir a porta, a Figura Fantasmagórica lutava para suprimir um sorriso, mas por sorte estava escuro demais para qualquer um da plateia notar, e além do mais ele estava usando uma máscara.

De volta ao seu camarim no sótão, Stephen livrou-se da pele de gato com uma graciosidade canina, depois, como Nora não chegou, passou alguns momentos fazendo um longo exame nos dentes. Eles sempre pareceram perfeitamente adequados, mas agora, depois de comparados aos de Josh, pareciam retorcidos e esfumaçados, como teclas de um piano de bar. Depois de dez infelizes minutos cutucando e raspando com um alfinete vergado, resignou-se com o fato de que Nora não viria.

Exatamente na hora em que vestia o casaco, ela entrou correndo, segurando o casaco, empunhando um exótico buquê de rosas vermelhas na mão.

— Posso entrar?

— Por favor... fique à vontade.

— Ei, você está meio apertado aqui, não é? Desculpe a demora, mas Josh precisou de uma massagem de ego urgente. Se alguém não disser o quanto ele é incrível a cada vinte e cinco minutos, o coração dele para de bater.

— Então você assistiu à peça inteira?

— Oh, Deus, não! Por que eu faria *isso*? Mas Josh não precisa saber, não é? — Abaixou o tom de voz — Diga-me uma coisa, você acha *mesmo* que essa peça é *boa*?

— Bem, não é exatamente uma *peça*. Quer dizer, não é tão dramática.

— Não, eu já tinha percebido...

— Mas com o ator certo... Com alguém carismático como Josh...

— Ou como você.

— Ou como eu.

— Aliás, achei você *elétrico* esta noite.

— Muito obrigado. É porque você estava assistindo.

Houve um momento de pausa, como se a observação ricocheteasse pelo pequeno recinto e os dois considerassem de onde tinha vindo e o que poderia ter significado.

— Sorriam um para o outro, e Nora falou:

— E... como está se sentindo hoje?

— Bem. Estou com alguns ferimentos misteriosos que não consigo localizar, mas não estou tão mau. Escute, eu tenho uma vaga lembrança de você me colocando num táxi ontem à noite.

— Despejando você num táxi.

— Desculpe por isso. É que estou tomando uns antibióticos, sabe, e é claro que não se deve misturar bebida com esses remédios. — Soou meio fraco, posto daquela forma, mas era tarde demais, agora ele já tinha dito.

— Antibióticos, é? Seu patife. E pensei que você só estivesse muito bêbado.

— Sim, eu também estava bêbado. Tem gente que fica carismático, engraçado e sedutor quando fica bêbado. Eu só consigo chorar e fazer xixi na tábua da privada.

— Essa é uma combinação *irresistível*. — Nora abriu seu sorriso avassalador e Stephen notou mais uma vez as linhas que se formavam nos cantos dos olhos, o quanto eram fantásticas. — Não se preocupe. Todo mundo é malvado consigo mesmo, na verdade. Aliás, essa era a razão de eu ter procurado você: desculpe ter sido uma bruxa tão chata ontem à noite.

— Você não foi nada disso.

— Ah, fui sim. Gritando com Josh em público daquele jeito. *Muito* elegante. Eu poderia culpar as drogas e a bebida, mas na verdade a culpa foi apenas minha... nunca sei quando devo parar. E eu *odeio* as festas do Josh. Quando você foi embora, aí é que ficou pior... a hora da massagem nas costas.

— Fizeram massagem em você?

— Você está brincando? Eu quebraria os dedos de quem tentasse. E é claro que eles encontraram o bongô. E foi isso, tudo mundo flutuando como o pipa, fazendo som e anunciando suas posições *sexuais* favoritas até às seis da manhã. Vou dizer uma coisa, quando uma coisinha linda que você nunca viu antes começa a massagear as costas do seu marido e gritar que só gosta de transar por trás, você *sabe* que é hora de acabar com a festa.

— Quem estava fazendo isso?

— Ah, uma atrevida num vestido de alcinha... depois de um tempo elas ficam todas iguais. Enfim, comparado à maioria das pessoas que estava lá, você foi um anjo. Um anjo balbuciante e incoerente, mas ainda assim um anjo.

— Quando vesti o casaco hoje de manhã, meus bolsos estavam cheios de canapés.

Nora sorriu.

— Tudo bem. Eles iam para o lixo, mesmo. Você comeu?

— Eu já tinha sentado em cima deles no táxi, por isso eles não estavam muito bons.

— Le-gal. Muuui-to legal.

— Acho que deve ter um salmão defumado ainda no meu bolso esquerdo.

— Eu passo, obrigada.

Fez-se um silêncio, e os dois de repente perceberam o quanto aquele sótão era pequeno. Agora seria um bom momento para Stephen assumir o suave personagem de Cary Grant flertando no trem com Eva Marie Saint em *Intriga internacional*, ou talvez um tipo mais afável, como Jimmy Stewart em *Núpcias de escândalo*. Mas achou que seria difícil ser carismático por vontade própria; seria o mesmo que tentar ser invisível por vontade própria. Por isso, preferiu continuar prestando atenção à malha preta de corpo inteiro pendurada na porta atrás dela, como uma pele terrível que ele tinha soltado. Por não ter o que fazer com a mão livre, Nora torcia a franja curta entre os dedos.

— Bem, acho que você vai gostar de saber que no final Josh e eu nos entendemos. Muito bem, aliás. Só queria vir agradecer por ter sido tão boa companhia, por ter intermediado entre mim e Josh. — Ainda segurando o buquê de flores, ela estendeu o braço e apertou a mão de Stephen.

— Foi um prazer — disse ele, pegando as rosas da mão dela e olhando ao redor do recinto. — Acho que não tenho um jarro ou coisa assim...

Nora ficou olhando para as próprias mãos vazias.

— Na verdade, desculpe, mas as flores não são para você.

— Certo, entendi...

— São para mim, do Josh...

— Claro que sim.

— ...mas você pode ficar com elas, se quiser.

— Não, imagine, elas são suas. — E conseguiu, com alguma dificuldade, enfiar as flores de novo na mão dela. Depois de alguma resistência, ela aceitou.

— A propósito, flores ficam em *vasos*, não em jarros — disse ela com um sorriso.

— “Vaso”. Vou tentar não esquecer.

— NOO-RA! — bradou Josh do pé da escada.

— Opa, preciso ir — disse Nora, pegando o casaco. — Josh vai me levar para jantar num restaurante japonês escandalosamente caro, depois vamos para casa arrancar todas as tábuas do assoalho para ver se o troféu está em algum lugar. Honestamente, do jeito que ele está reagindo, qualquer um pensaria que raptaram o *filho* dele. Mas só queria dizer que foi bom conhecer você. A gente se vê, certo?

— Espero que sim — respondeu Stephen.

— Então tchau.

— Tchau.

— Nora! Estou esperando, amor — chamou Josh, do pé da escada.

— Ele não quer que o sushi esfrie — comentou Nora. — A gente se vê.

— Tchau.

Sorriu mais uma vez e fechou a porta, e ocorreu a Stephen que era quase certo que nunca mais a veria — não assim frente a frente —, a não ser talvez numa despedida formal na festa de encerramento. Sentiu o corpo pesado e desabou na cadeira.

— Mas, olha... — disse Nora, aparecendo outra vez na entrada — ...a gente podia se encontrar para tomar um café alguma hora. Josh está branqueando os dentes, aumentando as covinhas ou encolhendo a cabeça, essas coisas, e eu acabo ficando sozinha quase todos os dias.

— A gente podia ir ao cinema uma tarde dessas.

— Cinema à tarde. Eu *adoro* isso. Vou pegar o seu telefone com Josh e dou uma ligada.

— Então você está aí! — disse Josh aparecendo na entrada atrás dela, abraçando-a pela cintura, logo abaixo dos seios, encostando a rosto no dela. — Vamos, amor, nós vamos chegar atrasados.

— Ei, talvez o Stephen possa ir com a gente! — sugeriu Nora, sem muita convicção.

— Hoje, não... eu quero você só para mim — respondeu Josh, apertando o abraço, erguendo-a um pouco do chão. Nora virou a cabeça e beijou-o, um beijo de “por favor, me ponha no chão”, depois os dois se viraram para Stephen,

sorrindo, como se estivessem sobre um tapete vermelho esperando que tirassem uma foto.

Passou-se um instante. Depois...

— Então. A gente se vê, companheiro — disse Josh.

— Até mais, Josh.

— Tchau, Steve — disse Nora.

— Tchau, Nora.

E eles foram embora.

Stephen esperou um pouco, depois seguiu-os até a rua sem ser visto, encostando-se na porta em silêncio, ouvindo o som dos dois se beijando e as vozes ecoando pela escada.

— Então, do que vocês estavam falando? — ouviu Josh perguntar.

— Sobre *você*, meu amor... — Som de outro beijo, depois: — Nós só falamos de *você*.

— Eu não quis dizer...

— Eu sei, eu sei...

— Vem cá — disse Josh, depois uma frase abafada, que Stephen presumiu que fosse “Eu te amo”.

— Eu também, querido. Também te amo.

...E Stephen continuou em silêncio, ouvindo os dois saírem, torcendo com todas as forças para não estar se apaixonando por Nora Harper.

Terceiro Ato

AS INCRÍVEIS AVENTURAS DE NORA SCHULZ

“Algumas pessoas pegam, algumas pessoas são pegas...”

Billy Wilder e I. A. L. Diamond

Se meu apartamento falasse

NEW YORK, NEW YORK

Nora Schulz trabalhava havia sete anos como garçomete profissional quando Joseph Harper estalou os dedos para ela pela primeira e última vez. Muito já foi dito e escrito sobre os perigos de fazer sucesso cedo demais, mas Nora não conseguia deixar de pensar que o fracasso precoce também não era grande coisa. Depois da chegada aos níveis mais baixos da lista da Billboard, Nora Schulz and the New Barbarians tomou uma nova direção, criando um material mais ousado e experimental, que por sua vez tomou a direção das prateleiras de ofertas, resultando em brigas internas e um amargo rompimento. Consolando-se no fato de ter apenas vinte e três anos, Nora aprumou-se, engoliu o próprio orgulho e, pragmaticamente, resolver procurar emprego em um restaurante, apenas por alguns meses, só para se virar enquanto compunha um novo material e conseguia um novo contrato com uma gravadora.

Seu primeiro emprego foi no Raw!, um aterrorizante restaurante japonês do tipo “coma o quanto quiser” no West Village, que possuía uma cozinha que cheirava como uma piscina e um chef que de alguma forma conseguia fazer atum ter gosto de frango. Depois veio o Dolce Vita, um restaurante italiano chique que servia de fachada para operações de lavagem de dinheiro, onde ela ficava todas as noites olhando uma tundra de mesas com toalhas brancas. Em seguida foi para um lugar fanaticamente macrobiótico e vegano chamado Radish — menos um restaurante e mais um regime totalitário brutal —, onde música, álcool, saleiros e prazeres eram estritamente proibidos, e os páldos e abatidos clientes espetavam em silêncio seu carpaccio de beterraba e saíam fracos demais para dar gorjetas. Depois desse, passou dezoito mórbidos e infelizes meses num bar de charuteiros abastados no centro da cidade, o Old Havana, onde todas as noites era acompanhada por olhares de jovens executivos alcoolizados, todos vestindo calças de pregas de cinturas altas idênticas da Banana Republic, justas nas virilhas e presas por suspensórios largos e vistosos. Embora fosse muito bem paga, a revolução chegou ao Old Havana quando Nora esmurrou um cliente que tentara enfiar uma nota de vinte dólares em seu decote. O charuto que fumava na ocasião explodiu na cara dele, exatamente como um desenho da Warner Bros, mas a breve sensação de alegria foi logo seguida por pedidos de desculpas exagerados e alguns dedos queimados.

Um curto período trabalhando como massagista no Central Park acabou quando as pessoas se queixaram que ela apertava com força demais, seguido por um curto e desesperado período de desemprego. Sua carreira musical, a razão de ter se mudado para Manhattan, tinha se reduzido a pouco mais que um passatempo — uma apresentação aos domingos à noite, acompanhada ao violão pela integrante mais simpática da New Barbarians, num bar de artistas do West

Village, onde os clientes competiam para ver quem gritava mais alto a rara versão de jazz acústico de “Smells Like Teen Spirit”. A essa altura, Nora considerava seriamente admitir a derrota e voltar a morar com sua mãe divorciada e dois irmãos mais novos no pequeno apartamento na rota de voo do aeroporto de Newark.

Então, no último momento, ela conseguiu um emprego no Bob’s, um despretenso bar e restaurante local na região de Cobble Hill, no Brooklyn, e se apaixonou pelo lugar, mudando-se para um local mais próximo ao trabalho. Tinha tudo que um emprego em um restaurante poderia oferecer de bom. A comida era boa e com preço razoável, e os clientes davam boas gorjetas. O proprietário, Bob, era charmoso e simpático, os cozinheiros eram limpos e amistosos, lavavam as mãos depois de ir ao toailete e quase não usavam drogas. Ninguém surtava durante o turno, ninguém fazia piadas de mau gosto ou atirava pãezinhos nela na cozinha, ninguém a trancava no congelador de carnes de brincadeira, ninguém arrombava o armário dela. Os horários eram flexíveis, permitindo que ela ocasionalmente se apresentasse em outros lugares, quando conseguia uma oportunidade. As pessoas se lembravam do aniversário umas das outras. Para uma garçonete, era o Santo Graal. E esse era o problema. Era fácil demais.

Porque o resto da vida de Nora estava um desastre. Seu mais recente namorado, Owen, um pretenseu roteirista indolente e quase catatônico que conheceu no restaurante, tinha se tornado um escritor-residente no futon do apartamento dela. Era lá que ele ficava deitado, totalmente vestido para sair, o dia inteiro, com restos de comida na barba eriçada, lendo e relendo um livro, *Roteiro ao alcance de todos*, muitas vezes, sem nenhum sinal aparente de ter alcançado qualquer coisa. Seus dias eram interrompidos por ocasionais expedições exploratórias à geladeira de Nora ou à locadora de vídeo próxima, onde alugava filmes só para poder comer vastas quantidades de salgadinhos e emitir longos e letárgicos comentários:

— ...Isso é o que eles chamam de incidente incitante... conflito, conflito... ah... começa o enredo B... Ei, aí vem a Confrontação do Segundo Ato...

Mas se o personagem realmente representava a ação, como afirmava o *Roteiro ao alcance de todos*, Owen era alguém sem nenhum personagem. O relacionamento havia virado algo sem sexo, sem amor, quase sem afeição, sustentado somente pela incapacidade de Owen de pagar o próprio aluguel, e pelo temor mórbido de Nora de ficar sozinha. Seu médico tinha receitado Prozac, que ela começou a tomar com relutância, sentindo-se culpada e ansiosa com o confronto entre estar sendo medicada e a propagandeada sensação de

contentamento. Os meses escorriam, transformavam-se em anos, e nada mudava. Nora começou a beber mais, comer demais por conta das carências e a ganhar peso, fumar boa parte da maconha que comprava dos ajudantes de garçom. Fez trinta anos, e como presente de aniversário, Owen comprou para ela uma caixa de DVD com os filmes da série *Alien* e uma lingerie desconcertante e grosseira do tamanho errado, um emaranhado escuro de elástico e tiras de PVC e fivelas, o tipo de coisa usada por mulheres que dançam em gaiolas. Nora não era do tipo de garota que dançava em gaiolas, e logo escondeu aquela coisa no fundo da gaveta. De qualquer forma, a atividade sexual já estava esgotada havia meses, e a maior parte das noites ela passava acordada no futon que já começava a ter o indelével cheiro de Owen, a cabeça turva por quantidades excessivas de vinho tinto e Tylenol, imaginando vagamente se deveria abrir o crânio dele com o laptop ou estrangulá-lo com a lingerie.

Sua carreira, cada vez mais distante dos bons tempos, começava a parecer fútil e fantasiosa. Nova York estava cheia de mulheres atraentes com vozes agradáveis de jazz-folke e versões bossa nova de “Big Yellow Taxi”. Não se podia dizer que ela dançava ou atuava; e numa cidade em que quase todas as garçonetes tinham múltiplos talentos, Nora possuía somente um, e nem chegava a ser um grande talento. Aos vinte e três anos, ela era uma cantora que às vezes trabalhava como garçonete; depois, aos vinte e sete, era uma garçonete que às vezes cantava; e, era finalmente, aos trinta, uma garçonete em tempo integral. A ambição e a autoconfiança começavam a se esboroar, substituídas pela inveja e a autocomiseração, e cada vez mais ela relutava em voltar para casa à noite. Owen estaria lá, no pequeno recinto superaquecido, desconstruindo um filme de ação com a boca cheia de pistache; ela se mostraria sarcástica e zombaria dele, os dois discutiriam, e ela se sentiria zangada e envergonhada de si mesma por simplesmente não pedir que ele fosse embora.

Em busca de alguma atividade criativa, Nora pegou para ler o exemplar de *Roteiro ao alcance de todos*, e começou a ficar acordada até tarde, fumando e fazendo anotações esparsas — diálogos que tinha ouvido de sujeitos no restaurante, histórias de seus tempos na banda, trechos da mitologia da família, páginas e páginas desses relatos, tudo rabiscado numa caligrafia alcoolizada nas primeiras horas da manhã. Ao ler aquilo tudo no dia seguinte, lutando para ser objetiva, ela começou a desconfiar que talvez não fosse tão ruim, que talvez houvesse algo mais que pudesse fazer afinal. Porém, quando tentou escrever novamente, a página insistia em se manter em branco, e essa nova ambição de repente começou a parecer tão impraticável e fútil como todas as outras.

Naquele longo e frio inverno, acordando tarde e mais uma vez de ressaca, o hálito morno e recendendo a pretzel emanando do rosto de um homem de quem

não gostava mais, ficou claro para Nora que ela estava entorpecida pela solidão. Sua sorte teria de mudar. Alguma coisa boa teria de acontecer, e teria de acontecer logo.

Então, em abril, Josh Harper entrou no restaurante em que ela trabalhava e pediu um sanduíche.

O PRÊMIO DE HOMEM DO ANO

Ele veio para os Estados Unidos depois de despontar para o público, fazendo o papel de Clarence, o herói inválido, deficiente mental e doente terminal de *Seize the Day*, um filme produzido para a TV que inesperadamente ganhou lançamento no cinema, confirmou seu potencial com exibições em festivais e lhe rendeu seu primeiro BAFTA. As resenhas foram entusiásticas e superlativas, e as propostas da TV, do cinema e de teatro não paravam de chegar. Ele também havia feito sua parte, paporicando jornalistas em bares de hotel, obtendo como resultado frouxos artigos escritos sobre ele — gestos de admiração ostensivos disfarçados de jornalismo: aqueles olhos incríveis, aquele sorriso torto, o charme natural e sem afetação, o apelo sexual que ele parecia transpirar sem pretensão. Fotografou para uma coleção de roupas de praia nos suplementos de final de semana, tendo ficado com os trajes depois. Investiu em propriedade. Foi indicado para o prêmio de Homem do Ano de uma revista, e mesmo que não tenha sido escolhido como o Homem do Ano, pelo menos conheceu o Homem do Ano, cheirou cocaína com ele em, o que foi irônico, um banheiro de deficientes. De repente, tinha dois agentes e um empresário, um publicitário, um arquiteto, um contador, um assessor financeiro; ele tinha uma Equipe. Era alguém que precisava de uma Equipe.

Seguiu-se o drama irreverente e ultraviolento *Stiletto*, depois interpretou o rebelde anti-herói em um drama de época da BBC no qual, segundo a *Radio Times*, ele “fazia palpitar o coração das damas”. Para ampliar seu alcance e apelo, aceitou um papel secundário em *Tomorrow Crime*, um filme americano comercial em que faria o papel de Otto Dax, um Espirituoso Policial Novato com Princípios em Guerra com as Autoridades Corruptas em Megalópole 4, um papel que ele definia como “apenas uma pequena diversão” ou “um espantoso sucesso”, dependendo de com quem estivesse falando. O melhor de tudo, no voo para Los Angeles, ele viajou de primeira classe — não, mais do que primeira classe — *première* classe, “primeira” em francês, como cortesia do estúdio. Ao aceitar a terceira taça de champanhe da comissária de bordo (visivelmente mais bonita que as da classe econômica), e enquanto observava as vastas e indecentes savanas de espaço quase vazio de sua poltrona reclinada, teve a impressão de que havia ocorrido um maravilhoso engano. Melhor ainda, ao abrir a revista de bordo, descobriu um artigo, “Garoto Fantástico: por que Hollywood está ficando louca por Josh Harper”. Não admira que as pessoas estivessem olhando para ele. Quando levou a taça de champanhe aos lábios, viu que a comissária tinha escrito um número de telefone no descanso do copo. O voo de Londres a Los Angeles demora doze horas; mas, para Josh, não foi nada longo.

Depois de duas semanas de agito em Los Angeles foi a vez de Nova York, para fazer novos amigos e, teoricamente, trabalhar seu sotaque para o novo filme. Entrando no Bob's uma noite, bêbado e meio chapado, cometeu o erro mortal de estalar os dedos para chamar a atenção de sua garçonete. O discurso de recriminação que se seguiu foi tão vituperioso, tão cortante e engraçado que Josh não teve escolha a não ser se desculpar copiosamente, convidá-la para um drinque, depois outro, ficar observando enquanto ela trabalhava e dar uma generosa gorjeta. Quando o lugar fechou e todo mundo foi embora, ele a ajudou a recarregar os saleiros e os frascos de ketchup e a colocar as cadeiras no lugar, sempre com significativas olhadas de soslaio. Depois,

quando tudo estava no lugar, os dois entraram num reservado para conversar.

Como era de sua natureza, de início Nora mostrou-se cética. Não gostava muito de ingleses, em especial dos jovens supostamente modernos que frequentavam o bar quase todas as noites para se promover. Não gostava da atitude superior, da convicção complacente de que só o fato de ser inglês era algo notável, como se Shakespeare e os Beatles já tivessem feito o trabalho. E, não, Nora *não* gostava do sotaque, que para ela sempre soava nasalado, falso e quebradiço. Detestava suas certezas políticas, a absoluta convicção de que os ingleses eram o único povo no mundo que podia ser de esquerda ou que sabia ser irônico. Nora vinha praticando ironia com grande efeito nos últimos vinte e cinco anos, muito obrigada, e não precisava de lições, menos ainda se fosse de um país que nem conseguia pronunciar a palavra corretamente. Quando se tornou evidente que Josh não só era inglês, mas também um ator inglês, foi difícil não sair correndo pela escada de incêndio. Se havia uma palavra alarmante para Nora, essa palavra era “Ator”; só “Malabarista” e “Entusiasta de Armas de Fogo” eram mais assustadoras.

Mas, naquele caso, Nora resolveu dar a Josh o benefício da dúvida, uma decisão tornada mais fácil pelo fato de ele ser, de uma forma irrefutável, o ser humano mais atraente que ela já tinha visto na vida. Teve de se conter para não explodir em risos, ele era lindo. Era um cartaz ambulante e falante: olhos absurdamente azuis, lábios carnudos e uma pele aparentemente sem poros, como se tivesse sido areado, mas sem ser efeminado, nem presunçoso ou, graças a Deus, arrumadinho demais. Não, só era lindo e ingeavelmente sensual, era também engraçado e charmoso, mesmo que um pouco ingênuo e imaturo. Ouvia o que ela dizia com uma atenção enervante, um olhar firme e incisivo que beirava uma representação, talvez até um pouco exagerado. Ria das histórias que ela contava, fazia todos os ruídos encorajadores sobre a forma como ela arruinou sua carreira como cantora, ao mesmo tempo em que se mostrava devidamente distanciado e irônico em relação à sua; parecia estar realmente se divertindo com tudo o que estava acontecendo na própria vida, muito modesto sobre o que chamava de sua estúpida boa sorte. Era cavalheiro e encantador de uma forma quase absurda, como que saído de um antigo filme inglês em preto e branco, mas nada cordato ou assexuado; aliás, muito pelo contrário. E o charme, a atenção, nada daquilo parecia ser representado, ou se era, era tão bem feito e convincente que ela se sentiu totalmente feliz em aceitar como verdadeiro.

Descobriram que tinham uma formação semelhante — impetuosos mas afetivos, oriundos de famílias de classe média, onde era preciso gritar para ser ouvido. Quando a garrafa de uísque que estavam enxugando os deixou bêbados demais para conversar, eles mudaram para café, e antes que percebessem, o dia começou a amanhecer lá fora. Então, às seis da manhã, Nora trancou o restaurante e os dois caminharam até Brooklyn Heights e seguiram pela Ponte do Brooklyn até Lower Manhattan. Era exatamente o tipo de comportamento efusivo e caricaturalmente romântico que Nora costumava ironizar, e de fato ela ironizou um pouco enquanto atravessavam a ponte, de mãos dadas, mas dessa vez sem se levar muito a sério. Afinal de contas, era uma mudança. No seu primeiro encontro com Owen, ele a levou a um restaurante mexicano no final da tarde, para poderem comer “dois burritos pelo preço de um” na happy hour, depois foram ao *Stomp!*, que provocou nela uma enxaqueca. Não achou ruim na época, não muito. Situações românticas faziam com que se sentisse constrangida, e Owen estava sendo

prático, ainda que o restante da noite tenha sido um pouco cheio de gases para um primeiro encontro.

Chegaram ao hotel de Josh quando o resto da cidade estava saindo para o trabalho. Lá, adormeceram de camiseta e roupa de baixo na cama recém-arrumada, um de frente para o outro, como dois parênteses. Acordaram três horas depois, os dois com a boca pegajosa e um pouco constrangidos, e enquanto Josh estava no banheiro, Nora tomou um grande copo d'água, depois outro, em seguida usou o telefone do hotel para ligar para seu apartamento. Owen ainda estava dormindo, e só percebeu que Nora não tinha voltado para casa ao ser despertado pelo telefonema. Não foi uma conversa especialmente longa ou fácil. Nora simplesmente sugeriu que ele vestisse a calça, fizesse as malas e se mandasse de lá, e que aproveitasse e levasse os DVDs da série *Alien* na mala.

Recostou-se então na grande cama por um momento, enrodilhada de lado, olhando pela janela para o edifício comercial do outro lado da rua, tentando, tentando mesmo, sentir algo que parecesse tristeza ou arrependimento. Quando isso se mostrou impossível, ela começou a rir consigo mesma. Em seguida, sentindo-se muito melhor, mais leve e mais feliz, sentou-se, tirou o restante da roupa, entrou no banheiro, abriu a cortina do chuveiro e beijou Josh Harper.

Eles ficaram três dias sem sair do hotel. No mês de setembro, estavam casados, e Nora Schulz tinha se tornado Nora Schulz-Harper.

CAFÉ E CIGARROS

— ...e foi assim que a gente se conheceu. Mais de dois anos atrás. É uma história muito comovente, não acha? Mas acho que Josh já deve ter contado. Ele conta para qualquer jornalista com quem fala: “Como conheci minha esposa, a corajosa garçonete, e a resgatei de uma vida de trabalho maçante e enfadonho.” Está até no site dele...

Os dois estavam tomando um *cappuccino* encorpado e amargo e comendo um cheesecake ainda meio congelado no Acropolis, uma espelunca original dos anos cinquenta numa travessa da Shaftesbury Avenue. A intenção inicial era ir ao cinema, mas não conseguiram encontrar nada que já não tivessem assistido, ou que não fosse produzido inteiramente por imagens geradas por computador, por isso preferiram ir a uma cafeteria. Havia tomado café suficiente para começarem a se sentir enjoados e trêmulos e tinham falado, falado e falado; ou melhor, Nora tinha falado. Mas Stephen não se incomodava. Percebeu que gostava ainda mais dela agora que os dois estavam sóbrios. Ela era engraçada e brilhante, irônica e autocrítica, inteligente e sensual e... mas de que adiantava? Claramente ela amava Josh. Por que outra razão iria falar sobre ele o tempo todo? Para se salvar um pouco, tinha resolvido se concentrar nos defeitos de Nora, mas estava tendo problemas para encontrá-los.

— E vocês se casaram? Assim de repente?

— Bem, não tão de repente. Ele me cortejou de forma acintosa. Champanhe, presentes, voos transatlânticos de primeira classe. Josh acredita muito no poder das flores. Durante meses eu não conseguia sair do meu apartamento sem chutar uma orquídea negra. Você sabe como é o Josh; ele não faz as coisas pela metade.

— Parece bem romântico.

— Ah, foi mesmo. Mas não foi romântico melado, sabe? Também foi arrebatador. Quer dizer, nos primeiros seis meses a gente estava bêbado, chapado ou fazendo sexo quase o tempo *todo*. Do que eu me lembro foi maravilhoso.

— Ele adora mesmo você, não é?

— Adora? — indagou, animada, a despeito de si mesma. — Não sei...

— Claro que adora. Ele venera você.

— Bom, ser venerada é muito bom, mas nós, deidades, ainda gostamos de conversar um pouco de vez em quando, sabe? Algo além de “Você acha que meus dentes precisam de tratamento?” — Sorriu, chupou a colher de sobremesa e depois tocou a mão de Stephen com ela. — Ei, mas e você? Como você conheceu a sua mulher, sua ex-mulher?

— Alison. Ah, na faculdade.

— Ah... namoro de faculdade. Amor à primeira vista?

— Não exatamente... ao menos não da parte dela. Foi uma longa e metódica campanha.

— E você acabou ganhando.

— Acabei ganhando.

— Ficou no pé dela.

— Mas com delicadeza.

— Imagino. E o que deu errado?

— Você quer a versão mais longa ou a mais curta?

— A longa. A não ser que seja longa demais. Se eu dormir e cair de cara no meu cheesecake, é melhor pensar em sintetizar um pouco.

Stephen levou o café frio aos lábios, mudou de ideia e voltou a pôr a xícara na mesa.

— Acho que ela simplesmente se cansou de esperar uma boa notícia. Quando nos juntamos, nós achamos que ficaríamos bem... você sabe, aquela coisa de pobres porém felizes. Mas quando Sophie nasceu, ficamos só pobres. Não que Sophie tenha sido uma coisa ruim... não, foi ótima, é ótima, a melhor coisa que já fiz até agora, e provavelmente nos manteve mais tempo juntos do que ficaríamos sem ela. Mas as coisas deixaram de ser... divertidas, só isso. A gente estava sempre preocupado, fazendo pequenos trabalhos temporários, comendo torradas e discutindo. Em dado momento, eu cheguei a... olha que nunca contei isso a ninguém... fingir que tinha entrevistas, testes fictícios para grandes papéis em filmes inventados, saía e ficava numa cafeteria e dizia que estava bem cotado para algum papel, depois inventava uma desculpa para não ter conseguido o trabalho, que eles queriam alguém mais alto ou coisa assim. — A confissão ainda se mantinha mais atual do que ele poderia revelar, mas tinha esperança de

que Nora o animasse.

— Uau. Isso é realmente *patético*. — Ela suspirou, balançando a cabeça.

— Não é?

— Ainda assim, se você continua fazendo essas coisas ridículas...

— Eu sei, eu sei. Enfim, no final ela simplesmente se cansou. Você sabe como é... quando a intoxicação do afrodisíaco fracassa.

— Não é um fracasso. É um sucesso adiado. Nós demoramos um pouco para desenvolver, eu e você.

— É, pode ser, mas agora é tarde demais para Alison. Ela arrumou um emprego temporário num banco e deixou de estar disponível, claro, e eu comecei a gostar daquilo, ficava trabalhando até mais tarde, e de repente ela estava transando com o chefe num motel, e foi só isso na verdade. Agora ela trabalha como recrutadora de RH. Mora numa puta mansão em Barnes. Feliz, feliz, feliz. *Muito* feliz.

— Pelo menos você não ficou amargurado com isso.

— É, pelo menos.

— E essa é a versão mais longa?

— Você queria a mais longa?

— Não faz diferença, na verdade.

— Acho que essa é suficiente.

Nora mexeu o café.

— E aí... você está saindo com alguém?

— Não mesmo.

— Mas você não se sente um pouco...?

— Não muito. Eu leio bastante, assisto a um monte de filmes, tenho TV de banda larga, a cabo. Tenho um projetor de vídeo de alta resolução, som surround. Sou uma espécie de monge cercado de alta tecnologia. Na verdade, é bem divertido.

— E o que você acha dela?

— De quem? Da minha ex-mulher? Não penso muito a respeito. Não, não é verdade. Eu tento não pensar nela.

— Mas você ainda a ama?

— Mais ou menos. Sinto falta de Sophie.

— Sua filha?

— Minha filha.

Houve um momento de silêncio, o primeiro da tarde, que Stephen tentou interromper esmagando um grão de açúcar na mesa de fórmica com o polegar.

— Bem... você vai acabar aprendendo a amar outra vez — disse Nora afinal, cutucando a mão dele.

Stephen olhou para ela.

— É disso que eu tenho medo.

Ela sorriu, e houve outra pausa enquanto procuravam alguma coisa para dizer.

Nora se mexeu na cadeira, inquieta.

— Meu Deus... do que nós estamos falando? Vamos tentar fazer alguma coisa *divertida*? Para queimar toda essa cafeína?

COMPORTAMENTO DE COMÉDIA ROMÂNTICA

Stephen tinha assistido a uma média de cinco filmes por semana desde os cinco anos de idade. Mais um bom número de peças de teatro e outras tantas séries de TV, mas eram os filmes que permaneciam em sua memória. Testemunhou um sem-número de fenômenos que em geral não eram vistos na Ilha de Wight: planetas explodindo e rostos derretendo, vampiras lésbicas e enterros vikings. O cinema também lhe havia ensinado muitas coisas, algumas mais práticas do que outras. Aprendeu a beijar, a fazer torradas, a realizar ligação direta num carro e esconder a terra escavada num túnel de fuga. Aprendeu que donos de terra em geral eram perversos e que afastar um policial de um caso por ele estar envolvido pessoalmente não significa que ele não teria condições de solucioná-lo. Achava também que tinha uma boa chance de aterrissar um jato jumbo, montar um fuzil de franco-atirador e suturar e cauterizar um ferimento em si mesmo.

Nem todas as coisas que aprendera nos filmes tinham se mostrado tão úteis. Em sua primeira aula para aprender a dirigir, teve de ser fisicamente impedido de ficar movendo o volante de um lado para o outro. Havia presenciado um número intimidante de orgasmos femininos, muitos mais do que poderia esperar provocar na prática. Nas comédias românticas, tinha visto milhares de declarações de amor de última hora em aeroportos ou estações ferroviárias, em geral sob chuva ou neve, declarações que se mostraram bem mais convincentes do que suas tentativas na vida real. Quando chegou em Londres, aos dezanove anos, fez exatamente o que tinha visto atores fazerem quando chamavam um táxi — erguer o braço, dar um passo à frente e gritar numa inflexão enérgica “Tá-xi!” — só para ver os transeuntes rirem dele por causa disso. Duas semanas depois de começar a sua formação de ator profissional, quando dormiu com uma mulher pela primeira vez (Samantha Colman, sua parceira de luta numa aula de combate carregada de erotismo), utilizou um devastador truque erótico que aprendera num antigo filme com Stewart Granger — começar a beijá-la na mão e passar para o pé, beijinhos em *staccato*; uma técnica que Samantha Colman depois disse que a fez se sentir como uma espiga de milho.

Em todas as experiências mais intensas e íntimas de sua vida, nunca conseguiu deixar de se comparar à maneira como os atores simulavam momentos semelhantes: seu êxtase no nascimento da filha, digamos, ou sua dor ante a notícia da morte prematura de um colega da escola, ao gritar de alegria quando Alison concordou em se casar com ele, ou no sorriso que ostentou no dia do casamento. Isso não quer dizer que suas reações fossem menos sinceras. A questão é que, conscientemente ou não, ele estava sempre comparando seu comportamento com a maneira que tinha visto os atores reagirem, esperando poder corresponder de alguma forma. A vida parecia sempre melhor, mais

verdadeira e mais intensa, quanto mais se parecesse à vida simulada na tela: cheia de cortes e câmera lenta, tiradas ágeis e escurecimentos significativos.

E era disso o que Stephen mais gostava em Nora. Ela fazia com que ele sentisse mais inteligente e engraçado, mais complicado, menos superficial e mundano do que imaginava ser na verdade. Fazia com que se sentisse bem escalado, num papel central, e não como um substituto ou o fantasma de outrem. Não o papel *principal*, na verdade — impossível, com Josh ao redor —, mas tampouco um papel de figurante; nada ostensivo ou heroico, mas ao menos alguém simpático, alguém que você não gostaria de ver sendo explodido, ejetado por uma escotilha no espaço sideral ou devorado por piranhas. Mais do que restos humanos.

Nessa sequência específica, os dois estavam caminhando numa tarde de inverno, passeando pelo Soho, Nora de braço dado com ele.

— A propósito, depois da nossa conversa naquela festa, você vai gostar de saber que voltei a escrever.

— É mesmo? Sobre o quê?

— Ah, é uma ideia para um filme em que estou pensando há algum tempo. Passado em Jersey nos anos oitenta... sobre uma banda que se forma e depois se separa. Acho que está legal. Divertido.

— Deve ser mesmo. Que bacana. Gostei de saber.

— Bem, você foi muito encorajador... — e apertou o braço dele no dela. — E não posso dizer que me falta tempo.

Os dois acabaram num fliperama na Old Compton Street, onde Nora insistiu para que Stephen a acompanhasse numa das máquinas de dança. Enquanto estava ao seu lado, sapateando os passos de uma coreografia na pista iluminada, teve a súbita impressão de que Nora poderia ser um desses tipos malucos de espírito livre, uma espécie de força vital irreverente que, nas imaginárias comédias românticas que passavam pela sua cabeça, vira a vida do herói de cabeça para baixo etc. etc. O teste para saber se alguém era assim é mostrar um campo de neve fresca; se a pessoa se joga de costas para fazer anjos na neve, o resultado do teste deu positivo. Na falta de neve, Stephen resolveu ficar de olho em outros indicadores de espírito livre: propensão a chapéus exóticos, meias coloridas que não combinam, chutar folhas, um entusiasmo desproporcional por karaokê, empinar pipas e roubar lojas de uma forma irresponsável: um comportamento da personagem de *Bonequinha de luxo*.

Não que ele considerasse essas características pouco atraentes — muito pelo contrário, aliás: antes de se tornar recrutadora de RH, Alison mostrava essas tendências excêntricas e de espírito livre também, e sem dúvida havia virado sua vida limitada de cabeça para baixo etc. etc., pelo menos por alguns anos. Mas ele sabia que, na vida real, o comportamento típico das comédias românticas não resistia muito ao passar do tempo. Havia algo um pouco constrangedor e insustentável nesse tipo de coisa, uma espécie de interpretação — estar se divertindo, mas também estar consciente de estar se “divertindo”.

— Você dança bem, Sr. McQueen — gritou Nora, sem fôlego, por cima de uma versão sintetizada de “Get Down On It”.

— Três anos de sapateado — explicou Stephen. Depois, sentindo uma urgente necessidade de recuperar ao menos parte de sua masculinidade, saiu pelo local em busca de algo que pudesse socar, dirigir ou atirar.

Avistou o que queria no fundo do fliperama, onde os velhos jogos ficam encostados — *TomorrowCrime*, o game de tiro baseado no sucesso de bilheteria de Josh Harper de dois anos atrás. Na tela, uma razoável representação computadorizada de Josh no papel do policial novato e espirituoso Otto Dax, com seu longo sobretudo preto, matava ciborgues assassinos em Megalópole 4.

Nora e Stephen se entreolharam, olhos arregalados.

— Quer jogar?

— Claro — respondeu Stephen, colocando uma moeda na fenda, empunhando e mirando a grande pistola vermelha de plástico.

— Sabe o que eu acho? — disse Josh, como Otto Dax, no áudio do jogo.

— Fale, Josh, querido — respondeu Nora.

— Acho que está na hora de acabar com a raça desses ciborgues.

Logo ficou claro que acabar com a raça de ciborgues não estava entre as habilidades de Stephen. Mesmo com a torcida de Nora, nas palavras de Otto, eram ciborgues demais, e em menos de um minuto o Josh computadorizado levou as mãos ao próprio peito, dobrou os joelhos e desabou no chão.

— Ora... quem quer viver para sempre? — murmurou Otto Dax, em seu último alento.

— Então... qual é a sensação? — perguntou Nora, a mão nas costas dele.

— Que sensação?

— De ser meu marido?

— É... uma boa sensação — respondeu Stephen, soprando a fumaça imaginária do cano de sua arma de faz de conta e devolvendo-a à cartucheira.

A ARTE DA DEMONSTRAÇÃO EXAGERADA DE SURPRESA

Pouco mais tarde, naquele mesmo dia, Nora e Stephen caminhavam devagar em direção ao teatro. O desafio, nitidamente, era chegar lá sem fazer qualquer comentário sobre o gigantesco cartaz de Josh que pairava sobre a Shaftesbury Avenue, mas é muito difícil passar por uma imagem de dez metros de seu marido usando uma calça de couro justa sem dizer algo a respeito. Nora parou na esquina da Wardour Street, do outro lado, e olhou para cima.

— Essa coisa sempre me perturba — observou. — É como ter Deus olhando para a gente ou algo parecido.

— Deus usando uma camisa branca de babados.

— Deus com tanquinho e peitorais. Deus marombeiro.

— Num dia de sol, dizem que dá para ver os mamilos.

Nora sorriu.

— O que eu não daria para ter tinta spray e uma escada. Sabe que o volume no meio das pernas foi retocado?

— É mesmo?

— Ah, foi, sem dúvida. Josh deve ter subornado os produtores. — E aqui Nora fez uma imitação bem fiel de Josh. — Maior! Que droga, eu quero que essa coisa pareça maior! Por que você está rindo?

— Eu adoro ouvir os americanos tentando imitar o sotaque inglês, só isso.

— Não enche o meu saco.

Atravessaram a Wardour Street e pararam na entrada de artistas.

— Então... não quer entrar e ver se Josh já chegou?

— Não, acho que já chega de Josh por hoje. Manda um beijo para ele. E a gente precisa fazer isso mais vezes, certo?

— Eu gostaria muito — respondeu Stephen, percebendo que gostaria muito de dar um beijo nela também e inclinou-se em sua direção, mas de repente lembrou-se dos dez metros de Josh pairando sobre eles, o florete apontado para suas costas, e acabou só esfregando o rosto no dela. Pareceu um gesto solidário, o tipo de coisa que se faz com uma tia estranha num funeral, e ela se enrijeceu um pouco e saiu andando depressa em direção ao metrô.

Stephen entrou e tomou a direção do camarim de Josh. Estava decidido a contar logo sobre aquela tarde; não que estava se apaixonando pela mulher dele, claro, mas o fato de terem saído juntos: melhor manter a honestidade, a transparência, enfatizar o aspecto platônico. Parou no degrau na porta do camarim, ouviu o som de música erudita, bateu de leve e abriu a porta.

Numa farsa clássica, existem duas respostas cômicas padrão quando se entra num recinto e se vê alguém que não deveria estar ali — a demonstração exagerada de surpresa ou um olhar longo e paralisado. Stephen optou pela segunda opção. Afinal, demorou algum tempo para decifrar as circunstâncias exatas no recinto, a quem pertencia qual membro. Maxine estava sentada ao contrário em uma cadeira, de costa para Stephen, virada para a janela, com uma perna em cima da mesa. Estava completamente nua, a não ser pelas botas de amarrar do seu figurino na peça e, de onde Stephen observava, parecia ter outro par de pernas. A ilusão teria sido completa não fosse pelo fato de a terceira e a

quarta pernas serem visivelmente mais musculosas e cabeludas que as dela, com os pés e os joelhos virados na direção oposta. Logo ficou claro que eram as pernas de Josh. O rosto dele estava enterrado no peito de Maxine, mas o restante do corpo era visível apenas através do grande espelho que havia sido removido da parede e encostado no sofá-cama para o deleite visual dos participantes.

Imobilizado no vão da porta, duas coisas passaram pela cabeça de Stephen: a) a não ser por uma reprimida lembrança de infância, dos pais num acampamento de férias em Brittany, ele nunca tinha visto dois outros adultos envolvidos em um intercurso sexual; e b) levando tudo em consideração, era uma coisa muito legal. Era algo rude e biológico, íntimo demais, canhestro e desajeitado, como alguém passando fio dental em outra pessoa. Sentiu-se bem consciente de não estar participando daquilo e, como que seguindo um roteiro, só para tornar a situação ainda mais explícita e aflitiva, Stephen começou a ouvir as palavras de Maxine.

Num sussurro baixo e sem fôlego, ela insistia, com um sotaque italiano:

— Oh, Lorde Byron, você é tão gostosoosoo...

Ao que Lorde Byron respondia:

— Você é um *tesão*, Consuela...

...e Stephen percebeu que os dois estavam fazendo sexo *a caniter*, que aquilo era um Sexo do Método, ao som de música clássica. Dado o contexto histórico, o uso de Josh da palavra “tesão” parecia um pouco anacrônico, e, aliás, Consuela não era um nome espanhol? Achou que seria deselegante fazer essa observação, e resolveu sair discretamente da sala. Mas ao estender a mão para pegar a maçaneta, a cadeira, usada sem sucesso para manter a porta fechada, escorregou no piso de madeira e caiu, e agora com o encosto funcionando como uma tranca eficiente, deixando-o fechado no recinto, que de repente pareceu muito, muito pequeno.

Com o que pareceu certa relutância, Josh tirou o rosto do peito de Maxine e, incrível, em vez de olhar direto para Stephen, olhou primeiro em direção ao espelho, depois para si mesmo, jogou o cabelo para trás, e só então olhou para Stephen, e nem mesmo o choque de ver outra pessoa na sala foi suficiente para tirar o sorriso de seu rosto.

— Oi, pessoal — disse Stephen.

Ainda sem conseguir parar de mexer os quadris, Maxine virou a cabeça para olhar para Stephen também, com uma expressão que poderia matá-lo. O pequeno camarim ficou em silêncio, a não ser pelo rangido da cadeira giratória e a música orquestral do CD player, agora avolumando num clímax dramático que Stephen de repente reconheceu como a trilha sonora de *O Senhor dos Anãs*.

Um esgar irônico malicioso formou-se no rosto de Maxine.

— É o nosso aquecimento — explicou ela, e começou a rir, e logo depois Josh também riu, um riso lascivo, grave, até conseguir recuperar o fôlego, endireitar a expressão e dizer, em voz baixa, muito lenta e claramente...

— Pelo amor de Deus, Stephanie. Feche essa porta.

O FANTASMA DA ÓPERA

INTERIOR. TEATRO. NOITE.

CLOSE. Um piano suspenso por uma corda frágil, balançando perigosamente, a corda raspando numa barra de metal ou

Não, espere aí. Começando de novo...

a corda sendo cortada por um facão, por um AGRESSOR NÃO VISÍVEL usando uma capa preta e uma sinistra máscara branca. CORTAMOS PARA...

JOSH HARPER, 29, diabolicamente atraente, no palco, proferindo seu discurso apoteótico, inconsciente de sua iminente perdição. CORTA PARA...

...a corda outra vez. CLOSE nas fibras rompendo-se uma a uma, enquanto logo abaixo Josh aproxima-se do clímax do discurso.

CLOSE na última fibra esticando-se e rompendo-se enfim, e o piano caindo. Josh ouve o repentino estalido e o som da corda correndo na polia. Zoom na expressão assustada do rosto de Josh. CORTA PARA os engasgos de horror da plateia, o estridente acorde atonal do baque do piano. CLOSE de uma MULHER gritando, depois volta para CLOSE do braço de Josh em sua camisa branca bufante, aparecendo por baixo dos destroços, os dedos se contraindo inutilmente enquanto um filete de sangue escorre do que resta do piano. Acima dos gritos ouve-se uma gargalhada sinistra e vingativa, quando CORTAMOS PARA... A FIGURA FANTASMAGÓRICA. Uma mão contorcida e enluvada ergue-se até a máscara branca, que agora é retirada, revelando as feições desfiguradas e contraídas pelo ódio de

* * *

— Sr. McQueen! — sussurrou a voz do lado esquerdo da coxia. — Mais uma vez, é a sua entrada, Sr. McQueen. McQueen, é a sua vez!

Stephen baixou rapidamente a máscara no rosto e saiu trotando pela penumbra dos bastidores, de forma um pouco menos sobrenatural do que o usual, para se posicionar na porta e esperar pacientemente enquanto Josh prosseguia com sua morte. Fez a sua parte — abrir a porta (lentamente), fazer uma reverência (sombriamente), fechar a porta (lentamente), sair (rapidamente) —, talvez com um pouco menos de graça e comprometimento dessa vez.

Josh estava esperando por ele na coxia, sorrindo.

— E aí, Bullit! — gritou por cima dos aplausos, mordendo o lábio inferior no que pretendia ser uma descarada expressão de remorso. — Desculpe a cena de sexo agora há pouco. Quer sair para um drinque depois? Conversar sobre isso...

— Josh, realmente não é da minha conta — disse Stephen, fazendo uma inútil careta atrás da máscara.

— Só para eu dar a minha versão da história, tá? Esclarecer a situação? — Os aplausos aumentaram quando as luzes iluminaram o palco vazio. — Escuta, eu preciso cuidar disso, mas depois a gente se fala. Toca aqui — e Josh deu seus pulinhos absurdos no mesmo lugar e saiu trotando para o palco enquanto os aplausos aumentavam e começavam os “bis” e “bravos” e ele fazia sua reverência do tipo “estou *exausto*”.

Stephen tirou a máscara da cabeça e ficou observando.

— Não batam palmas! — queria dizer. — Não aplaudam! Ele é um bufão, vaidoso, narcisista, arrogante, um bobão usando camisa bufante. *Não* aplaudam esse homem. Ele não é um bom sujeito. É um cara que faz sexo ao som da trilha sonora de *O Senhor dos Anéis*.

Como se aquilo pudesse fazer alguma diferença.

Enquanto subia as escadas para voltar ao camarim, Donna, a administradora da companhia, mostrou as garras.

— Então, Sr. McQueen, o que *aconteceu*?

— Desculpe, eu não estava concentrado.

— Pelo amor de Deus, Steve, você só precisa fazer uma reverência para Josh e abrir uma porta. Não é tanta coisa assim, é? — perguntou, espremendo-se para passar por ele. — Até um macaco poderia fazer isso, se conseguíssemos um que fosse sindicalizado.

Maxine estava na porta do camarim.

— A gente pode se falar rapidinho?

Entrou junto com ele e apoiou as costas na porta fechada, mordendo o lábio, uma *femme fatale* de um filme *noir* passado nas imediações de Basingstoke; era possível imaginar uma minúscula pistola prateada no bolso do seu vestido armado. Ou um picador de gelo, talvez.

— Eu sei o que está pensando, Steve — bramiu.

— O que eu estou pensando, Max?

— Deve estar pensando que sou um pouco atirada.

Stephen se virou para ver se ela estava falando sério. Não poderia dizer que Maxine fosse totalmente escrupulosa. Ela tentava, sempre que lhe era conveniente, ser escorregadia, e tinha convicções inabaláveis a respeito de, digamos, usar meia com sandália ou misturar azul-marinho com marrom, mas fora isso Maxine era bem desprovida de quaisquer valores éticos. Ela estava claramente em uma batalha para manter uma expressão mais ou menos culpada. Os cantos da boca lutavam visivelmente para não subir, mostrando o sorrisinho de uma criança que acabou de ter um grande prazer em se urinar de propósito.

— “Atirada” não é bem a palavra, não é, Max?

— Não, acho que não. Mas se você tivesse *batido* na porta, Stephen, em vez de entrar daquele jeito...

— Eu bati!

— Mas não forte o bastante. De que adianta bater se você não quer que ninguém ouça?

— Bom, talvez se você tivesse baixado o volume da trilha sonora de *O Senhor dos Anéis*...

— Quanto tempo você ficou lá, aliás?

— Nem um segundo.

— Mas bem que ficou curtindo, não foi?

— Não! — replicou Stephen, tentando não parecer na defensiva.

— De boca aberta, olhos esbugalhados. Quer dizer, qualquer um teria simplesmente saído e fechado a porta...

— Ei, *Consuela*...

— ...e não ficado ali parado quinze minutos para ver melhor.

— Eu não...

— Não sei como você não foi até sua casa pegar uma câmera.

— Eu não acredito no que estou ouvindo.

— O quê?

— Você está querendo que *eu* peça desculpas!

— Bem, *eu* é que não vou me desculpar! É só sexo... sexo fenomenal, a propósito, e eu não fiz nada de *errado*.

— E se fosse Nora que tivesse entrado?

— Mas não foi.

— Ela chegou até a porta do teatro, Maxine.

— Josh disse que ela nunca vem sem ser convidada, sempre telefona antes. É um dos limites estabelecidos.

— Ora, muito conveniente para você.

— Sinceramente, Steve, eu não acredito que você está transformando isso num grande problema. Nem ao menos é um bom casamento ou algo assim. Josh me contou tudo sobre Nora; ela é esquisita, se você quer saber. Quer dizer, você a conheceu, Steve... não achou ela esquisita?

— Não! Só um pouco... intensa.

— “Intensa” é só uma palavra mais suave para “lunática”. Josh acha que ela é esquizofrênica, maniaco-depressiva ou coisa assim.

— Bobagem.

— Não é bobagem! É verdade. Ela toma remédios e tudo mais. E tem um problema com *bebida*. Josh está sempre chegando em casa e encontrando ela bêbada.

— E isso torna a coisa melhor ou pior?

— O quê?

— Você e o 12o fazendo essas... coisas. É melhor ou pior que Nora seja infeliz?

Ficou observando a expressão de Maxine se contorcer enquanto ela se debatia com o dilema.

— Isso é... meu Deus, é tão *típico* de você, Stephen.

— Como assim?

— Transformar tudo isso numa questão de certo ou errado. — Ela se sentou na beira da penteadeira, juntando as dobras do vestindo nas coxas, organizando as feições numa expressão intitulada Remorso Compassivo. Stephen podia ver os músculos faciais se esforçando para ficar no lugar, como se fossem cordas esticadas.

— Agora eu gostaria de me trocar, Maxine — disse, começando a se despir pelas meias, na esperança que isso a tirasse do recinto.

— E daí? Você vai dedurar a gente?

— Para quem?

— Você sabe... para os jornais. Ou para ela.

O celular começou a tocar e Stephen olhou para a tela: Nora.

— Maxine, você me dá licença...?

— Quem é? É ela?

— E pode fechar a porta quando sair?

Maxine fez uma carranca e saiu relutante. Stephen esperou mais um toque antes de atender.

— Ei, superstar! — saudou Nora.

— Oi! Oi, como você está?

— Ah, tudo bem. Como foi a noite? Arrasou no espetáculo?

— Bom, você sabe... — E o celular escorregou do ouvido e se aninhou em sua roupa. Teve que se virar para recuperar o aparelho. — Desculpe... enrosquei as pernas tentando tirar essa maldita malha.

— Ora, veja só, *taí* uma boa cena de se imaginar — comentou Nora, dando uma risadinha, e houve um pequeno silêncio, provavelmente enquanto ela imaginava

a cena.

— Quase posso sentir você me despindo mentalmente — disse Stephen, e ouviu uma gargalhada fantástica do outro lado da linha. Esperou que ela terminasse antes de dizer:

— Então... onde você está? Está fazendo o quê?

— Ah, você sabe, em mais uma daquelas noites emocionantes: aqui em casa, sozinha, assistindo ao Campeonato Mundial de Lançamento de Dardos. *Isso* é o que eu chamo de esporte nacional britânico. O Esporte dos Reis. Alguém pode levar as mãos ao peito e cair morto a qualquer momento... é tão eletrizante.

A voz de Nora era baixa, quase sussurrada, e Stephen a imaginou deitada sozinha no sofá em frente àquela TV gigantesca, entediada, talvez um pouco bêbada. A conversa tinha mesmo a característica de um telefonema de pileque tarde da noite; ele sabia o que era aquilo, pois já tinha feito a mesma coisa.

Josh bateu na porta e entrou sem aguardar a resposta, fazendo com que Stephen redobrasse seus esforços para destrinchar os pés daquele emaranhado sinistro de lycra preta.

— Oh, desculpe, amigão, devo esperar lá fora? — perguntou, tapando os olhos com a mão.

— Não, tudo bem, pode entrar — respondeu Stephen, jogando o casaco sobre as pernas expostas.

— Quem é? — perguntou Nora no telefone. — Uma de suas fãs?

Stephen deu uma olhada para Josh, em pé perto da entrada, concentrado em escrever uma mensagem de texto.

— É o Josh — cochichou.

— É, ele disse que ia sair com você hoje à noite, é isso mesmo?

— Acho que sim.

— Bem, comportem-se. Cuide para que ele volte para casa inteiro. Não vão acabar em algum covil de crack, em algum bordel ou coisa parecida. Bom, *você* pode fazer o que quiser, é claro, mas não deixe o Josh...

— Pode deixar.

— Não deixe que ele se esqueça de que é um homem casado.

— Tudo bem.

— E, Stephen?

— Sim?

— Só queria dizer que foi bom ter saído com você hoje à tarde. Eu não tenho muitos amigos aqui a não ser os do Josh, e... foi bom passar um tempo com alguém que não esteja a fim de transar com o meu marido. — Stephen deu uma risada anasalada enquanto vestia a calça. — Ou você também está *a fim*? — murmurou Nora.

Stephen deu uma olhada em Josh, encostado no batente da porta com o celular apertado no peito, escrevendo alguma coisa com gestos rápidos como os de um esquilo, concentrado e mordendo o lábio.

— Ele não faz o meu gênero — respondeu Stephen.

— Não, nem o meu — disse Nora rindo baixinho. — Então. A gente se vê logo?

— Espero que sim.

— Eu também. Certo, me passa para ele? — Stephen estendeu o fone para Josh, que, com certa irritação, parou de escrever por um momento.

— E aí, linda... não... não... Claro que não... Sim... Também amo você... Certo, se você estiver acordada... Até mais tarde. Tchau.

Josh segurou o telefone de Stephen com uma das mãos, continuando a escrever sua mensagem com a outra, e jogou o aparelho sem olhar para ele. Enquanto Stephen recolhia o aparelho do chão, ele falou:

— Tudo bem... vamos sair por aí!

O GUARDA-COSTAS RELUTANTE

Poucos lugares são mais desconfortáveis para se estar do que atrás de alguém distribuindo autógrafos.

Para começar, Stephen tinha dificuldade em saber o que fazer com o próprio rosto, ou com as mãos, livres e desimpedidas como estavam, sem papel ou caneta. Optou por uma atitude de paciência deferente — um indulgente meio sorriso, mãos atrás das costas, o tipo da postura que se adota ao lado da realeza.

Enquanto isso, Josh exercia sua voz pós-espetáculo, um tom levemente rouco e rosnado, com o sotaque a toda. Como era de hábito, ainda usava um restinho de maquiagem.

— A quem devo dedicar? — perguntou à moça com chapéu em forma de bolha que Stephen já havia visto muitas vezes por ali.

— Carol.

— Para... Carol... — murmurou Josh, como se enunciar as palavras facilitasse a escrita. — Com... muito... amor... Josh...

— Você pode assinar um para Kevin? — perguntou um jovem franzino com óculos de aviador debaixo de um capuz.

— Ei, vou dizer a quem você devia estar pedindo um autógrafo, Kevin — falou Josh, apontando com a cabeça na direção de Stephen. — Este senhor aqui é o *Steve McQueen*.

Meu Deus, pensou Stephen, lá vem ele...

— Não o Steve McQueen — retrucou Kevin.

...E estava formada a situação.

— Com PH — explicou Stephen.

— Steve também está na peça — disse Josh.

— Eu não me lembro de você — comentou Kevin, cético.

— Bem, foi só um tossido e uma cuspada...

— Só que a cuspada foi cortada — interrompeu Josh. Kevin riu, cordato, e Stephen sentiu-se impelido a se justificar.

— E também sou o substituto de Josh.

— Isso mesmo, se eu for atropelado por um ônibus, ele vai assinar os autógrafos por mim. Bem, sinto muito, gente, mas já não é hora de ir para casa? — perguntou Josh, em tom de brincadeira. — Preciso ir embora, sinto muito, tchau para vocês, a gente se vê — desculpou-se, recuando, mãos estendidas, depois deu uma de suas viradas tradicionais e começou a correr pela Wardour Street, com Stephen seguindo-o de perto, como um relutante guarda-costas. Aparecer em público com Josh era sempre uma experiência estranha. Stephen via os queixos caindo quando Josh se aproximava, ouvia os suspiros de reconhecimento que deixava no caminho. Como resposta, Josh tinha aperfeiçoado um aceno de cabeça carinhoso, um sorriso educado e profissional de que “sim, eu sou quem vocês acham que eu sou”, ao mesmo tempo amistoso e excludente, que ele jogava para todos os lados enquanto passava pela multidão.

— Autógrafos! Que coisa mais *estranha*, não é? — comentou Josh por cima do ombro. — Quem gosta de ficar na chuva só para colecionar autógrafos?

— É uma prova, não é? Um pedacinho de fama, um pedacinho de sucesso e

glamour que as pessoas levam de você. É o mais perto que a maioria das pessoas consegue chegar.

— Mas muitos deles nem assistiram à peça! São birutas, Steve, é o que eu digo... são completamente pirados.

— Não sei bem se é isso mesmo...

— Certo, para você é fácil falar, pois não é perseguido por eles todas as noites. — Depois, ao perceber que aquilo poderia ser interpretado como uma atitude convencida, Josh tentou fazer uma meia-volta em direção à humildade. — Quer dizer, seria mais fácil entender se eu fosse... sei lá, Jack Nicholson ou alguém assim. Quando encontrei Jack Nicholson em Los Angeles eu também fiz questão de pedir um autógrafa, mas isso porque era o Jack Nicholson. Mas eu? Eu sou apenas *eu*... por que eles querem o *meu* autógrafa?

— Não faço ideia — murmurou Stephen, com toda a sinceridade.

Rumaram em direção ao Soho, ignorando os olhares e os gritos de reconhecimento das pessoas por quem passavam, a multidão cansada depois de um dia de trabalho, hordas de riquixás, mulheres cheias de varizes usando pouca roupa oferecendo-se a Josh na porta das espeluncas de Brewer Street. Subindo a viela em direção a Berwick Street, um bando de office-boys arruaceiros prontos para a farra noturna reconheceu Josh, e um deles gritou:

— Ei, Harper, seu babacaaaaa!

Stephen ficou pensando se aquilo poderia provocar uma briga, se Josh, bem treinado em artes marciais para seu papel em *Mercury Rain*, poderia se sentir tentado a usar alguns golpes numa situação de briga de rua, contra uma turma saindo de um bar, digamos, ou contra um bando de brutamontes da periferia.

Mas Josh ignorou o comentário, e os dois continuaram andando em silêncio até chegarem a uma loja de roupas perto do mercado da Berwick Street, a uma porta preta que Stephen nunca havia notado. Josh apertou a campainha.

— Acho que aqui é um bom lugar. Nada especial, mas tira a gente dessa loucura urbana por um momento, certo? E a gente pode conversar melhor, se conhecer um pouco mais.

— Tudo bem — sorriu Stephen.

Claro que o mais importante era não se deixar seduzir. Deixar Josh falar, mas sem se envolver. *Minha motivação é não me deixar enganar por Josh Harper...*

A porta foi aberta por uma mulher fantástica, delineada como uma escultura, com o cabelo preto esticado para trás, o que a fazia parecer um androide particularmente notável. Quando viu Josh, abriu os braços e se atirou nele, quase acertando a jugular de Stephen com a borda da prancheta.

— Oi, meu lindo — esganiçou a replicante.

— Olá! Esse é meu grande amigo, Steve McQueen.

— Não, o Steve McQueen?

— Com PH.

— Seja bem-vindo, Steve! Vamos entrar, vamos entrar... — E conduziu os dois por uma escadaria mal-iluminada e quase industrial até as luxuosas vísceras do prédio.

A VOZ DE BONZINHO

O salão era uma caixa subterrânea iluminada por velas e revestida de couro e metal, vidro e borracha; o tipo de bar estiloso e futurista condenado a ficar logo datado. O projeto era razoavelmente parecido com o Korova Milk Bar de *Laranja mecânica*, a mesma atmosfera jovial e relaxada. No lugar dos Droogs, a clientela era composta principalmente por garotas esbeltas e insinuantes de expressão séria, que conversavam com jovens lascivos e beberrões que trabalhavam na mídia, precocemente envelhecidos, reclinados em bancos de couro cor de creme e cor de figado ou empoleirados sem muito conforto no que na Ilha de Wight costumava ser chamado de “pufes”.

— Acomodem-se, meninos — disse a replicante, plantando outro beijo no rosto de Josh. — Volto num segundo para anotar seus pedidos.

— Quem é ela, afinal? — perguntou Stephen, quando ela se afastou.

— Não faço a mínima ideia. É por isso que só digo “olá” ou “querida” e coisas do gênero. Assim não é preciso lembrar o nome de ninguém.

— Bela dica, Josh.

— Que tal aquela “banqueta” — sugeriu Stephen, usando a palavra “banqueta” pela primeira vez na vida, torcendo para que fosse a última.

— Legal. Vá na frente, Macduff! — concordou Josh, escalando-se logo para o papel principal.

Deram meia-volta e começaram a contornar as mesas de vidro, passaram por uma pista de dança do tamanho de uma toalha de mesa, trocando olhares irônicos, onde uma garota solitária e magricela dançava num ritmo indiferente e narcotizado, como se estivesse saindo de um carro acidentado. Os dois espremeram-se num reservado mal-iluminado num canto. Stephen já estivera em outros clubes privados e exclusivos como aquele, e sempre acabava contrapondo a emoção de ser admitido com a feiura do lugar em si: os pescoços esticados, as atitudes distraídas, o desconforto físico e a efervescente hostilidade, a total ausência de calor e afeto. Imaginou que fizesse parte do preço que Josh pagava pela fama, condenado por toda a vida a frequentar covis como aquele.

Leram a carta de drinques em silêncio, enquanto a esperança de Stephen de beber uma caneca de Stella e comer um pacote de Twiglets diminuía rapidamente. Pediram cerveja japonesa e azeitonas espanholas para a replicante e ficaram observando o salão, Josh mordendo o carnudo lábio inferior e

balançando levemente a cabeça ao som da música. Por falta do que fazer, Stephen balançava a cabeça também.

— O que você acha? — perguntou Josh com um sorriso orgulhoso. — Meio afetado, eu sei, mas ao menos aqui nós não somos incomodados. — *Nós*. Stephen adorou aquele “nós”.

As bebidas chegaram.

— Então — Josh tocou o copo de cerveja no de Stephen —, imagino que você deva achar que sou um imbecil.

Stephen supôs que o mais educado seria ao menos tentar argumentar.

— Não sei, Josh. É que, bem, agora que conheci Nora, que ficamos meio amigos, isso me põe numa situação difícil, só isso...

— Eu sei, eu sei, Steve, e eu realmente gostaria de não ter posto você nessa situação. Eu e Maxine... bom, não sei o que ela falou com você, mas é só sexo, mesmo. E devo admitir, é um sexo *incrível*.

— É, foi o que ela disse.

— Disse? — perguntou Josh, estufando o peito de repente, mas depois se lembrando de que deveria se sentir envergonhado e murchando outra vez. — Quero dizer, não deveria ser surpresa, não é? Ela fica deitada nua no meu colo no palco todas as noites... o que eu posso fazer? Eu sou de carne e osso. Não quer dizer que eu ame menos a Nora por isso.

— Só que... é mais ou menos isso mesmo, não é?

Josh considerou aquilo por um momento, bebendo a cerveja.

— Bem, sim, talvez um pouquinho menos, mas continuo amando. Eu realmente amo Nora. Amo mesmo. *E jamais faria* alguma coisa que a magoasse, mas... — descansou a bebida na mesa, solenemente — ...posso falar com sinceridade, Steve?

Assim como “Eu tenho um assunto para conversar com você”, “Posso falar com sinceridade?” sempre fazia o coração de Stephen afundar. A melhor resposta, considerou, seria: “Eu preferia que não”, mas em vez disso ele aquiesceu e disse:

— É claro.

— O negócio é que eu não sou como você, Stephen. Eu sei que não sou muito inteligente. Aliás, é pior do que isso. Eu, na verdade, sou bem burro. Por exemplo, quando eu consegui esse papel, sai e comprei todos os livros sobre Byron, como você... eu sei, eu vi os livros no seu camarim... e tentei ler, mas tive que desistir, pois não entendia uma palavra. Eles só ficavam perto de mim nos ensaios. Foi a mesma coisa quando interpretei *Romeu*... eu tive de comprar uma edição resumida. Quase tudo o que entendi foi assistindo ao DVD. Acho que uns bons cinquenta por cento do meu Romeu foi tirado do Leonardo DiCaprio. Sou tão burro que durante anos pensei que o Cisne de Avon fosse realmente um cisne.

Será que Josh já não tinha usado essa fala em alguma entrevista? Stephen tinha quase certeza de que sim, mas assim mesmo deu um sorriso educado.

— Está vendo? Você está rindo de mim, mas eu não me importo. As pessoas também riam de mim quando estava interpretando Romeu... aqueles canalhas de nariz em pé e cabelo armado que estudaram em Oxbridge e faziam papéis de Angelo ou Fernando ou o que quer que seja, todos no ensaio segurando suas lanças e trocando sorrisinhos, porque aquele plebeu estava fazendo o papel que por direito pertencia a eles. As pessoas riram de mim na época, e continuam rindo, assim como você, e Nora provavelmente também. Não negue, sei que você ri. E você está certo, pois o fato é que sou um homem ignorante, superficial e bobo. A única coisa que tenho a meu favor é essa... essa...

Josh fez uma careta, gesticulando vagamente no ar, procurando uma palavra que fosse precisa sem parecer arrogante. Mais uma vez, Stephen achou estranho que alguém tão gracioso e expressivo no palco, alguém que já tinha visto salvar a humanidade em mais de uma ocasião numa tela de cinema do tamanho de uma casa, pudesse às vezes ser tão presunçoso e incoerente na vida real. Ver Josh procurando a palavra certa era como ver uma criança embaralhando um imenso maço de cartas.

A busca pela palavra certa continuou por mais algum tempo, antes de Josh se decidir por:

— ...coisa. Essa coisa de interpretar. Sei lá se eu sei de onde veio isso; eu não conseguia fazer nada na escola. Eu era o aluno do fundo da classe, um anônimo... era o que os garotos costumavam cantar a nas minhas costas — e começou a cantarolar e, no ritmo de “Let It Be”, começou a cantar “Mongolzinho, mongolzinho” — ...um inútil. Um estúpido, sem esperança... inútil. E feio também... Eu sei que você deve achar que eu sempre fui... — mais uma busca pela palavra certa — ...que sempre fui assim, mas não é verdade. Foi

só depois que comecei a atuar que ganhei um pouco de confiança, cortei o cabelo, gastei um pouco de dinheiro em roupas. Pela primeira vez na vida as pessoas começaram a prestar atenção em mim, a ouvir minhas opiniões. Islamismo radical! Outro dia um jornalista me perguntou o que eu achava do islamismo radical! Eu respondi: Não faço a menor ideia, amigo! Toda essa fama, essa coisa toda, eu sei que não sei lidar bem com isso, que falo um bocado de bobagem de vez em quando, que faço coisas que não deveria fazer, que às vezes posso ser um pouco arrogante, um pouco egoísta. Mas na verdade eu tento ser um cara decente, e sou mesmo. — Inclinou-se para a frente, tocou a têmpora com um dedo. — Todo dia quando eu acordo, tem uma voz na minha cabeça, dizendo: “Não se esqueça, amigo Josh, você não é nada especial, não merece tudo isso, você só deu sorte. Isso pode acabar a qualquer momento, por isso comporte-se. Seja legal. Seja decente. Seja bom.”

— Mas a questão é que... — Josh chegou mais perto, como que para conversar de homem para homem, um leve sorriso brincando nos lábios — eu recebo umas cartas, Steve, na entrada de artistas eu recebo cartas de mulheres, e depois elas estão lá nas primeiras filas, olhando para mim, se oferecendo para mim, você sabe, me olhando daquele jeito. Eu vou a festas e elas me passam bilhetinhos... olha só. — Tirou a carteira e abriu para Stephen examinar. — Nomes e números de telefone de mulheres sofisticadas, mulheres *famosas*, mulheres que eu só via em revistas, modelos, cantoras, atrizes, socialites, aristocratas... — Tirou um pedaço de maço de cigarros de uma pequena divisória da carteira e passou a Stephen.

“Josh... ligue para mim, você não vai se arrepender! — Suzie P.”, dizia o bilhete.

— Você não vai se arrepender com *ponto de exclamação*. O que *significa* esse ponto de exclamação, Steve? Que tipo de imagens sugere? Eu vou dizer, o ponto de exclamação representa sexo. Isso, meu amigo, é uma pontuação *pornográfica*. E eu nem sei quem é essa Suzie P.! É só uma garota que me abordou numa boate. Dizem até que sou um ícone gay. Quer dizer, é muito *louco*. E, não dá para mentir, é maravilhoso também. Eu tenho tudo o que sempre quis e, não dá para negar, eu *adoro*. Adoro tudo isso! Adoro até ser um ícone gay! E se você experimentasse, mesmo que só um pouquinho, iria adorar também. Sabe de uma coisa? Casado ou não, você faria exatamente o mesmo que eu. Qualquer homem faria.

— Não se eu fosse casado com Nora — disse Stephen instintivamente, mas depois se corrigiu. — Quero dizer, alguém como Nora. Nora é incrível.

— Eu sei! Eu sei que ela é incrível, e eu a amo, amo, amo mesmo. Nora é de

longe a coisa mais fantástica que já me aconteceu na vida. Mas só que depois que casei com ela, todas essas outras coisas incríveis aconteceram também. E não tem jeito, isso significa... oportunidades. Juro que em noventa e cinco por cento das vezes eu sou cem por cento fiel. Mas de vez em quando, aquela voz na minha cabeça, a Voz de Bonzinho? Bom, essa voz meio que... fica... muito... baixinha. A verdade, Steve, é que descobri que é incrivelmente difícil ficar famoso sem se tornar um babaca. Outra cerveja?

— Tudo bem.

Josh acenou para a replicante, que já estava olhando para ele. Stephen ainda estava segurando o pedaço do maço de cigarros de Suzie P. *Você-não-vai-se-arrepender-com-ponto-de-exclamação*. Viu que Josh estava olhando para o papel.

— Você quer isso de volta? — perguntou, estendendo o número de telefone.

Josh olhou por um instante, depois respondeu com certo esforço:

— Não, foda-se, pode ficar com ele.

— O que eu vou fazer com *isso*, Josh? — perguntou Stephen sorrindo.

— Você pode ligar para ela.

— Você acha que ela vai gostar se *eu* ligar?

— Você só vai saber se tentar, colega.

— Alô, é a Suzie? Nós não nos conhecemos, mas Josh não pode ligar e eu sou o substituto dele...

— Tudo bem, tudo bem, então pode jogar fora. — Stephen rasgou o pedaço de papel e jogou no cinzeiro, para onde os dois continuaram olhando enquanto esperavam pelas bebidas, como ex-fumantes diante de um maço de cigarros aberto. *Você-não-vai-se-arrepender-com-ponto-de-exclamação*. Afinal, Josh pegou o número do cinzeiro e acendeu um fósforo para queimá-lo.

— Sabe qual é o verdadeiro problema, Steve? — perguntou, segurando o papel queimando com a ponta dos dedos.

— Qual é?

— As constantes possibilidades eróticas. É uma tortura. Em especial para alguém

nas minhas condições.

Condições? Que condições? Seria alguma... *doença*?

— Que condições? — perguntou Stephen, tomando cuidado para não parecer esperançoso no tom de voz.

Josh olhava com tristeza para o cinzeiro, espetando as cinzas com a ponta do fósforo queimado.

— Bem, está mais para um vício.

— Em quê, cocaína?

— Não! Sexo. Acho que sou um viciado em sexo.

Stephen engasgou com a própria risada.

— Não, é sério. Pode ser mesmo um vício. Você não riria se eu dissesse que sou anoréxico, não é?

— Não, claro que não — respondeu Stephen, temendo que talvez ele fosse mesmo anoréxico.

— Pois é. Então, é a mesma coisa.

— Josh, não tem *nada* a ver.

— Não, mas é sério. Muito sério. É muito, muito sério. Isso destrói relacionamentos, destrói mesmo. Eu já li a respeito. Porque, na verdade, eu sou inseguro.

Stephen sentiu vontade de rir.

— Josh, você pode ser um monte de coisas, mas não é *inseguro*, acredite em mim.

— Eu sou! Sou *muito* inseguro. É por isso que tento me afirmar através de gratificação sexual, é por isso que sou viciado em sexo.

— Isso é uma *grande* bobagem. Todo mundo é viciado em sexo, Josh, só que a maioria não tem como se satisfazer.

— Mas isso é diferente. Eu já li a respeito, na internet — explicou Josh, entusiasmado-se com o assunto e, para confusão de Stephen, acariciando

distraidamente o mamilo esquerdo. — Eu sou um caso clássico, pondo a minha relação em risco com ligações perigosas com parceiras inadequadas, como Maxine e... bem, como Maxine. Porque sexo é a única coisa que eu sei fazer bem, além de atuar. Basicamente tudo se resume a autoestima.

— Você acha que sofre de *baixa* autoestima?

— Totalmente! Se aprendesse a me amar um pouco mais, eu não estaria nessa situação. — Stephen sentiu vontade de rir outra vez. — E o mais terrível é que de repente as pessoas ficam *oferecendo* isso para mim. Vou dizer, se eu não fosse casado, seria uma loucura total.

— Sim, mas acontece que você é casado, não é?

— Sim. Tem razão. Sou. E *como* sou — disse com um suspiro.

— Então... o que você vai fazer a respeito?

— Não sei, meu amigo. Realmente não sei... — refletiu Josh, agora desviando a atenção para o mamilo direito, enquanto outras pessoas coçariam a cabeça. — Quer dizer, existem reuniões e grupos de apoio que eu poderia frequentar, mas provavelmente eu acabaria transando com outras sofredoras. E se a imprensa ficar sabendo...

— Eu quis dizer o que você vai fazer com Maxine.

— Ah, certo. Bem, acho que vou ter que exercitar algum autocontrole. — Vestiu sua melhor versão de contrição humilde, deu um suspiro profundo, desmanchou o cabelo com os dedos das duas mãos. — Honestamente, eu já vinha querendo mesmo encerrar essa questão. É por isso até que, de um jeito meio estranho, eu na verdade *gostei* de você ter descoberto. — E nesse ponto ele se inclinou bem, quase encostando o rosto no de Stephen. — Stephen, eu não vim aqui fazer pressão para você não contar nada. Você e Nora ficaram meio amigos, e se você acha mesmo que deve contar a ela, então faça isso. Eu vou ter que dançar conforme a música, e não vou culpá-lo por isso. — Umedeceu os lábios, baixou o tom de voz. — Mas você precisa saber que eu realmente amo Nora. Ela é minha melhor amiga, minha alma gêmea, é quem mantém meus pés no chão. Eu não conseguiria sair da cama de manhã sem ela, não seria capaz de funcionar. E é por isso que, se você *concordar* em manter isso em segredo, bem — e pôs a mão no braço de Stephen. —, eu vou ficar muito, muito, *muito* grato. — Depois olhou nos olhos de Stephen, um olhar sincero, suplicante, quase lacrimajante, apertando seu braço com tanta força que Stephen teve de lutar para não fazer uma careta. — E você não tem ideia do quanto eu posso ser grato...

Naquele exato momento, uma mulher de meia-idade apareceu ao seu lado, dando risadinhas, despendeada, nitidamente bêbada, e pôs a mão nas costas dele.

— Com licença, Josh, eu só queria dizer que sou uma grande fã...

— Que saco, qual é o seu *problema*? — disparou Josh, com um desprezo súbito e assustador, os dentes cerrados. — Nós estamos tendo uma conversa particular! Não me enche o saco, tá?

A mulher cambaleou para trás, como se tivesse sido empurrada, tropeçando numa cadeira, a boca aberta, os olhos subitamente úmidos e chocados. Stephen ficou observando, mortificado, enquanto ela se afastava, os ombros caídos, até sua mesa, humilhada.

— Desculpe — disse Josh, limpando a boca com as costas da mão enquanto se virava para Stephen, sorrindo, mas ainda com uma ponta de desdém na voz. — Às vezes eu fico... maluco. Na rua, tudo bem, mas a gente acha que num lugar como este as pessoas deveriam ser um pouco menos *burras*, que merda. Não é verdade?

Stephen olhou por cima de Josh, para a mulher que agora havia retornado à sua mesa, sendo abraçada pelas amigas, uma delas acariciando seu ombro e fazendo cara feia para Josh.

— Elas estão falando mal de mim? — perguntou Josh, de costas para a cena.

— Aham.

— Você acha que fui um pouco indelicado?

— Um pouco, talvez.

— Bem... que se dane!

Mas o clima continuou pairando no ar. Josh olhava para o chão com tristeza, consternado, descascando o rótulo da garrafa, mas o território deixara de ser amigável, e de repente ele bebeu o resto da cerveja e se levantou.

— Vamos embora daqui.

Os dois se encaminhavam para a saída, cabeça baixa, quando Stephen sentiu Josh puxar seu cotovelo.

— Espere aqui um segundo, Steve. Eu preciso fazer uma coisa.

Stephen viu Josh andar até a mulher, aproximando-se por trás, abaixar-se ao seu lado, tocando-a com delicadeza no braço. Quando ela se virou, seu olhar foi de hostilidade, medo até, mas Josh começou a sussurrar em seu ouvido, como um hipnotizador no palco, a cabeça inclinada com humildade, e pouco depois ela estava aquiescendo, em seguida sorrindo, e depois, incrível, rindo alto. Josh se levantou, curvou o tronco humildemente, disse alguma coisa para a mesa toda, braços abertos, palmas da mão para cima num gesto de repreensão a si próprio, e todas deram risada, algumas ergueram os copos em sua direção quando ele se despediu. Beijou de leve a mulher no rosto, ela corou, levou uma das mãos à face beijada, a outra ao peito, sem fôlego e, observando a distância, Stephen não sabia se deveria se sentir impressionado ou horrorizado.

— Sem mortos ou feridos — disse Josh, voltando para perto de Stephen. — Melhor voltar para a minha garota!

UMA PROPOSTA IRRECUSÁVEL

Claro que Stephen sabia que jamais iria contar para Nora. Mesmo assim, não podia negar que havia algo agradável, até lisonjeiro, em ver Josh tão solícito com ele. Depois da humilhação da festa, era como se tivessem ficado quites, tanto Nora quanto ele, e Stephen resolveu deixar Josh em suspenso por algum tempo, deixá-lo pisando em ovos. Pelo menos podia dizer com certeza que não fora iludido. Ele não fora enganado por Josh Harper.

Tinha começado a chover, e os dois ficaram espremidos na entrada, atentos para localizar algum táxi. — Ah, e a propósito — disse Josh em tom casual —, eu estava querendo perguntar... você sabe as minhas falas, não sabe?

— Esse é o meu trabalho, Josh.

— E os movimentos? Quero dizer, você seria capaz de ser eu, se precisasse?

— Sem dúvida. Por quê?

— Por nada, só estou dizendo que pode acontecer de você me substituir em algumas apresentações em algum momento, só isso.

Stephen soltou uma gargalhada.

— Bobagem, você nunca fica doente.

— Não, mas o que estou dizendo é que eu *poderia* ficar doente. Num futuro próximo.

— Bem eu tenho uns antitérmicos aqui na bolsa.

Josh pareceu abatido.

— Não estou falando de um resfriado, Steve... de alguma doença mais *grave*.

— Grave? Como assim? Quer dizer, sem querer ser indiscreto...

Josh olhou para o chão, a voz embargada.

— O médico disse que é... um caso de cabulite.

— Do quê?

— Cabulite. Você sabe... Preguicite? Doença de dar um tempo? Síndrome de PlayStation? Não agora, mas talvez, digamos, numa quarta ou quinta-feira?

Daqui a um mês, em 18 de dezembro ou por aí. Meu presente de Natal. Você gostaria? O que acha?

Stephen ficou em silêncio por algum tempo. Afinal disse:

— Você está... sugerindo...?

— Não estou sugerindo nada — contestou Josh, com uma piscadela de palco.

— ...porque se eles descobrirem...

— Como iriam saber? Se eu ficar doente é porque fiquei doente.

— Mas a administração, eles vão *saber*.

— Como poderiam? Eu não vou fingir que perdi uma perna ou algo assim. Só uma gripe, uma inflamação nas amígdalas ou intoxicação alimentar, uma ostra estragada ou algo do gênero. Se eu consigo morrer tossindo no palco todas as noites diante de oitocentas pessoas, acho que posso convencer Donna de que estou com algum treco. Eu sou ator, está lembrado? Mentir é o meu *trabalho*.

— Obrigado pela oferta, Josh, mas vou ter que recusar.

— Espere aí... está dizendo que não quer fazer o papel principal numa peça de sucesso em West End?

— Não, eu adoraria...

— Então qual é o problema?

— É que, sabendo o que eu sei, não me sentiria muito... confortável, só isso. Quer dizer... não quero que essas coisas pareçam relacionadas de alguma forma, como se eu tivesse feito um tipo de... acordo.

— *Acordo?*

— É... acordo.

Josh levou a mão ao peito e deu alguns passos para trás, surpreso, uma resposta tão comum e trivial que só um grande ator poderia dar com alguma veracidade.

— Espere um pouco, colega... você acha que isso é um *suborno*? É aí que está querendo chegar?

— Não exatamente.

— Você acha que estou fazendo isso para calar a sua boca? Você não conta nada para Nora e eu faço de você uma estrela? Meu Deus, Steve, quem você pensa que eu sou? Sei que acha que sou meio malandro, mas nunca pensei que imaginaria eu pudesse ser tão baixo.

— Eu não pensei isso, é que...

— Se quer saber, eu ando pensando em te dar essa chance há um tempão, só que ainda não tive a oportunidade. Mas se isso ofende tanto os seus *princípios*, se acha que essa é a razão de eu estar fazendo isso... para ter algum *controle* sobre você...

— Não é isso, é que... se for para chegar a algum lugar, eu gostaria de fazer isso por meus próprios méritos, só isso.

Josh riu em voz alta.

— *Méritos?* Steve, parceiro, você não tem mérito algum, pelo menos não no que diz respeito ao público. Você pode ser o porra do Lawrence Olivier que não vai fazer a menor diferença se ninguém vir a sua cara. Mas, olha, se você está mesmo feliz como um homem invisível, sentado naquele camarim de merda, tomando chá e cutucando os pés em vez de mostrar para as pessoas do que você é capaz, então tudo bem, sem problema, vamos esquecer tudo isso. Sabe qual é a herança dos fracos? Um monte de merda, colega. Um. Monte. De. Merda. — Josh saiu andando na chuva, em direção a Oxford Street. — Mas não conte com outra oportunidade como essa, só isso. Como você disse, eu nunca fico doente.

Stephen esperou um momento na entrada, revendo uma cena muito conhecida na sua tela mental.

... os aplausos do público soando em seus ouvidos em uníssono. Grandes ondas de amor e respeito e reconhecimento o envolvem. Protegendo os olhos da luz do holofote, ele escrutina a plateia e localiza Alison, sua mulher; Sophie, a filha — sorrindo e gargalhando, urrando e gritando, os olhos arregalados de orgulho e alegria...

— Josh... pode esperar um minuto? — gritou Steve, levantando a gola do casaco e correndo pela Berwick Street. — Não quero parecer ingrato, Josh. Que dizer, eu agradeço a oferta...

— Olha, Steve, vamos ao que interessa. A sua carreira... nem com a toda a boa vontade do mundo poderíamos dizer que você é um astro do showbiz, poderíamos?

— Bem, não, mas...

— E você deveria ser, não acha? Quero dizer, você *quer*, você *merece*. É melhor do que metade desses palhaços sem talento por aí. Só precisa de um golpe de sorte, estou certo?

— Bem, acho que sim...

— E não ajudaria um pouco participar de uma ou duas apresentações? Fazer o papel principal numa peça no West End. Convidar alguns amigos, pessoas influentes, mostrar o que você é capaz de fazer. Eu poderia falar com o meu agente, pedir para ele vir, você pode convidar sua família. Eu não poderia assistir, é claro, mas Nora pode estar lá.

— Mas as pessoas só vêm para ver *você*.

— Não, elas vêm assistir à peça. Como o grande Hamlet diz: o que vale é a peça. E você é tão bom quanto eu, certo? Deve achar que é, ou não estaria nesse papel.

— Bem... — Stephen olhou para Josh de soslaio, que estava sorrindo — ...eu não sou um mau ator.

— Então, eles que se fodam. Você não está vendendo uma mercadoria inferior. Você é o Stephen C. McQueen! Com PH! E vai deixar todo mundo babando!

Parou de repente a fim de fazer sinal para um táxi que passava, e pelo sorriso Stephen percebeu que o taxista reconheceu o cliente.

— Primrose Hills, por favor, amigo — disse Josh a queima-roupa, abrindo a porta do carro.

Ele está falando sério, pensou Stephen. Essa pode ser a minha Grande Chance afinal. É assim que se constrói a própria sorte. Dizendo sim.

Diga sim.

— Josh?

Josh fechou a porta do táxi e olhou para Stephen.

— Sim?

— Você vai terminar essa coisa com Maxine, certo? — perguntou.

— É claro.

— E vai ficar tudo bem com Nora?

— Totalmente.

O taxista buzinou.

— Então está bem — concordou Stephen. — Vamos fazer.

Josh pôs a mão no ombro dele, apertou forte.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Dois dias, 18 e 19 de dezembro? São duas noites e uma matinê. Bem perto do Natal. E tem uma outra parte no acordo, a propósito... você vai ter de ser sensacional, cara.

— Serei.

— Certo. Estamos de acordo.

Josh piscou e começou a entrar no táxi, depois parou, virou-se e disse, um pouco casualmente demais:

— Ah, e só para ter um pouco de paz de espírito, e sem nenhuma relação com nada disso, estamos combinados de você não dizer nada do que você sabe para você sabe quem?

Stephen pensou um momento, e encolheu os ombros.

— Boca fechada.

— Promete?

— Prometo.

Logo depois Josh estava no táxi, rodando debaixo da chuva.

Stephen ficou observando Josh sorrindo para ele pela janela traseira, disparando uma pistola imaginária e voltando para Nora. Por alguma razão, apesar de toda a esperança e euforia, Stephen tinha a nítida sensação de ter cometido um terrível equívoco.

Virou-se e andou em direção a Trafalgar Square, para tomar o ônibus nove de volta para casa.

Quarto Ato

A GRANDE CHANCE

Sawyer, escute o que eu digo, e escute com atenção... Eles precisam gostar de você. *Precisam*. Entendeu? Você não pode fracassar. Não pode porque o seu futuro está nisso, o meu futuro e o de todos nós dependem de *voce*. Muito bem, já acabei, mas você mantenha os pés no chão e a cabeça nos ombros e vá lá, Sawyer, você vai sair daqui um menino, mas vai voltar como um astro!

Rian James e James Seymour

Rua 42

NÃO HÁ LUGAR COMO O SHOW BUSINESS

O quartel-general internacional da Creative Talent Agency Enterprises Limited ficava na periferia da efervescente região do West End de Londres, em Acton, para ser exato, no que costumava ser chamado de um bairro industrial, mas que agora havia sido redefinido como um “parque empresarial”. Stephen não gostava muito de visitar seu agente. Frank sempre se mostrava entusiasmado e receptivo, mas era como se consultasse um dedicado dentista amador. Num dia como o de hoje, que ele atravessava o pátio molhado pela chuva para chegar a um bloco atarracado de alumínio e chapas pré-fabricadas, protegido por uma cerca afiada e ostensiva, o parque empresarial parecia mais um lugar de onde você iria querer fugir por um túnel.

Os escritórios ocupavam uma “suíte” compacta de duas salas entre uma agência de viagens duvidosa e uma empresa de cobrança. Um grupo de cobradores grandes, amargos e de rostos vermelhos pairava pelas escadas, comendo sanduíches comprados em barraquinhas e fumando violentamente, e Stephen espremeu-se timidamente entre eles, parou na porta do escritório de seu agente, secou o cabelo com a manga do casaco, ajeitou o penteado, assumiu um sorriso confiante, urbano e profissional, bateu de leve na delgada porta de laminado de madeira e entrou.

Melissa, a recepcionista, montava guarda na mesa da frente, raspando metodicamente o fundo de uma embalagem de iogurte light com uma colher de plástico. Um catálogo jazia aberto na mesa à sua frente, e um jogo de Paciência bruxuleava no monitor amarelado ao seu lado.

— Ei, tudo bem? Eu queria falar com o Frank— anunciou Stephen, sorrindo, puxando o lóbulo da orelha sem nenhuma razão aparente.

Melissa ergueu os olhos por um segundo da grande coleção de fichários, e voltou a escavar ruidosamente o fundo do pote em busca de vestígios subatômicos de iogurte.

— É sobre agenciamento? — perguntou num suspiro.

— Bem, não exatamente...

— Porque nós não estamos aceitando novos clientes no momento. As inscrições estão completas, mas se quiser nos mandar sua foto e um currículo nós podemos deixar na fila de espera.

— Não, você não entendeu, Melissa... eu já *sou* cliente. Sou eu... Stephen

McQueen? Frank está me esperando.

Melissa lambeu a colher.

— Ah, certo, claro, desculpe, Stephen, eu não reconheci você.

Bem, e de quem é a *culpa*?, pensou Stephen, mas não disse nada. Primeira regra showbiz: nunca, nunca se indisponha com o seu agente. Melissa apurou-se na cadeira, colocou os fones de ouvido outra vez e ligou para o ramal de Frank, algo totalmente desnecessário em termos de tecnologia, pois a voz da Frank era perfeitamente audível atrás da divisória pré-fabricada atrás dela.

— Frank?

— Estou no celular, Melissa, qual é o assunto? — rosnou Frank do outro lado da parede.

— Só informar que Steve McQueen está aqui para falar com você.

Stephen já se preparou. *Lá vem...*

— O famoso? Ou o nosso cliente? — gritou Frank

...e aí está.

— O nosso cliente — respondeu Melissa com um risinho.

— Maravilha. Diga para ele sentar que já vou atendê-lo num minuto.

— Não quer se sentar? Ele vai atender você num minuto.

— Tudo bem. E, ah, a próxima carta é a dama de copas, acho — disse Stephen, num acesso de rebeldia.

— *O quê?*

Stephen apontou com a cabeça o jogo de Paciência na tela do computador.

— Ah, entendi — resmungou Melissa, sorriu por um instante, e começou a martelar de maneira exagerada e aparentemente aleatória o teclado, como um concertista de piano alucinado. — Você não quer esperar ali...?

Stephen decidiu se sentar numa fileira de cadeiras a pouca distância de Melissa, e se aprofundou tanto que a sensação era efetivamente de estar sentado no chão, abaixando-se com cuidado até os joelhos atingirem o mesmo nível da cabeça. O

estofado tinha um furo convidativo no tecido, pelo qual saía uma espuma de cor mostarda, e Stephen teve de resistir à vontade de enfiar o dedo no buraco.

O interfone de Melissa tocou.

— Diga ao Steve que ele pode entrar agora — enunciou Frank do outro lado da divisória.

— Pode entrar agora — repetiu Melissa.

— Tuuuudo bem — concordou Stephen, esforçando-se para se levantar do assento baixo.

Tuuuudo bem. De onde veio *isso*? Espremeu-se para passar por Melissa e entrou no santuário.

O pequeno escritório marrom cheirava a cigarro velho e café instantâneo, com uma atmosfera espessa e ondas de fumaça azul-acinzentada que emanavam de Frank, quarenta e tantos anos, um homem alongado e ossudo com cabelos ralos penteados para trás e dentes da cor de moedas de cobre. Até o branco dos olhos estava se tornando amarelado, como se estivessem feridos. Usava uma camisa polo quase da cor da pele, folgada e laceada no pescoço, dando a impressão de uma papada. Balançava-se na cadeira de um lado a outro com a energia nervosa de um homem que subsistia basicamente de gigantescas tinas de chá de chicória, leite em pó, Coca-Cola a temperatura ambiente, doces e cigarros Silk Cut. Na beira da congestionada escrivaninha, um aerossol Glade de pinho fazia o recinto cheirar como uma floresta de eucalipto destruída por um incêndio, e ao seu lado havia uma tigela de balas salpicada de cinzas.

— Olá, Sr. McQueen, *como está?* — perguntou, equilibrando o cigarro na beira de uma lata de Coca-Cola e oferecendo a Stephen sua mão ossuda com dedos manchados de amarelo. Frank tinha a aparência e o comportamento de um agente funerário animado e inconveniente, mas que de modo inesperado pegou um atalho e foi parar no showbiz. Na verdade, era um ex-ator com um bem-sucedido e duradouro papel fixo de verdureiro bigamo e vulgar numa novela. Quando o verdureiro morreu num estranho acidente com uma empilhadeira, Frank pensou em seguir a carreira clássica — talvez uma chance de interpretar o Vanya de *Rua 42*, ou quem sabe um dia o Rei Lear —, mas todos o identificavam como o atrevido verdureiro bigamo, e no fim ele acabou passando para o outro lado: “Um caçador ilegal transformado em guarda-florestal, se preferir...”

— Que bom ver você, que bom. Sente-se, sente-se, pegue uma bala.

Stephen sentou-se com cuidado à sua frente, na instável segunda melhor cadeira reclinável e, mais uma vez, a espuma cor de mostarda escapava pelo tecido do assento. Não enfie o dedo. Concentre-se. Seja firme porém amistososo, profissional porém descontraído.

— Está chovendo, não é? — perguntou Frank

Como a chuva podia ser ouvida no telhado e vista pela janela, “sim” pareceu a única resposta adequada.

— Então... boas notícias, meu jovem — começou Frank, tirando o cigarro da boca e falando de negócios. — Tenho uma coisinha para você aqui. — Começou a procurar nas camadas de papelada sobre a mesa, antes de retirar uma tira de papel, que estalou algumas vezes em frente ao rosto de Stephen. — Um cheque, nominal a um Sr. Stephen C. McQueen, na polpuda quantia de 1.762,24 libras.

— É mesmo? De quê?

— *O Esquilo Sammy*. Vendas no exterior. Parece que você é um sucesso total na Europa Oriental.

— Puxa, é bom saber disso.

— Eu disse que valia a pena, não disse? E fica ainda melhor. Eles querem você outra vez.

— É mesmo? Para quê?

— A continuação. *O Esquilo Sammy 2: Você está feliz e sabe disso*.

O bom humor de Stephen evaporou. Seria esperar demais, talvez, receber uma oferta de Frank para o papel principal na comédia romântica prometida a Alison e Sophie. Afinal, aquilo tinha sido um produto da sua imaginação. Mas... Sammy? Outra vez? Era como ficar sabendo que teria de voltar para a prisão.

— E você acha que vai ser daquelas continuações que acabam sendo melhores que a original?

— Você não disse que queria trabalhar, Stephen? Bem, você pede, e Frank providencia. Pense nisso como uma oportunidade de visitar um papel muito querido.

— E qual é a minha parte nisso?

— Mais ou menos uns dois mil.

— Não, eu quis dizer qual vai ser o meu papel?

— Sei lá, o de sempre... cantar com os seus Amigos da Floresta, segurar uma grande espiga de milho...

— Mas você já leu o roteiro?

— Ainda não. Acho que não dá para pedir o roteiro para sua aprovação nem nada disso, mas eles fazem questão que seja você.

— Tudo bem, Frank, vou pensar a respeito.

— Pode ser uma maneira de você aparecer.

— Só para alunos do jardim da infância, Frank

— Ei, diretores de cinema também têm filhos, Steve. E o dinheiro não é mau. Mil e quinhentos mais extras...?

— Vou pensar a respeito, Frank

— O que há para pensar?

— Eu preferia fazer alguma coisa nova, só isso.

— Isso é uma coisa nova!

— O que há de novo nisso?

— Bem, o primeiro era sobre números, enquanto esse é focado no alfabeto.

— Mas eu continuo sendo um boneco, Frank

— Do que você está falando? Todo mundo vê o seu rosto.

Stephen soltou um suspiro e olhou para a chuva na janela.

— Bem, como eu disse, vou pensar a respeito.

— Tudo bem, mas não pense muito, tá? Não há tantas oportunidades no inverno e, goste você ou não, mil e quinhentas libras não é pouco dinheiro.

— Nem é tanto assim — acrescentou Stephen.

Frankriu e tossiu ao mesmo tempo.

— Nem tanto assim... gostei, muito boa. Você devia estar no palco, amigo.

O celular de Frank começou a tocar “The Entertainer”, de Scott Joplin, e ele atendeu rapidamente, examinou o visor e fez uma careta.

— Desculpe, Steve, mas preciso atender esta chamada. Um minutinho, tá?

Apertou um botão, moveu a cadeira giratória em noventa graus, pôs os pés em cima da beirada da mesa e observou o estacionamento — sua postura de magnata do cinema.

— Alô... Bem, eu estou com um cliente no momento, por isso não é a melhor hora... Steve McQueen... Não, não aquele... Escuta, eu achei que já tínhamos falado sobre isso... Não, não posso fazer nada antes de sexta... Isso não me interessa... Já disse, *não* me interessa...!

Se ele vai falar duro, talvez seja melhor eu ir embora, pensou Stephen, erguendo-se um centímetro da cadeira, acenando com a cabeça em direção à porta, mas Frank gesticulou para que sentasse outra vez, nitidamente se deleitando com a oportunidade de fazer um show na frente de um cliente.

— Não, não é uma questão de *dinheiro*, é simplesmente uma questão de cronograma e *praticidade*... Amanhã não dá de jeito nenhum... Não, preste atenção, nós estamos andando em círculos aqui... — e olhou para Stephen, balançando a cabeça e revirando os olhos de forma teatral. — Sexta-feira é minha oferta final. Se não puder esperar até sexta, receio que vá ter que tentar em outro lugar.

Talvez Frank não fosse tão mau afinal, pensou Stephen, sentindo-se um pouco culpado. Na verdade ele estava pensando em convidar o agente de Josh, mais poderoso, para assistir à sua futura Grande Chance, talvez para abandonar o navio logo depois, antes de dar a notícia a Frank “Acho que deveríamos ficar livres para procurar outras possibilidades.” Mas talvez Frank fosse legal. Afinal, era aquilo que se desejava de um agente: palavras duras, destemor, lealdade e insistência em se comprometer em favor de seus clientes...

— Sinto muito, não, essa é a minha resposta final. Tudo bem então, sexta... Por volta das quatro horas? Ah, mãe? Vou precisar de mais alguém aí para me ajudar a descer com a geladeira pela escada... Bem, eu não consigo fazer isso sozinho, não é? Ora, peça a um dos vizinhos. Fale com o cara ao lado, qual é mesmo o nome dele? Escute, mãe, eu estou com um cliente aqui... Ninguém que

você conheça... Tudo bem, a gente se vê na sexta. — E desligou.

— Desculpe a interrupção — disse Frank, mais uma vez revirando os papéis sobre a mesa: listas de escalação de personagens, cartas de pretensos clientes, páginas da revista *The Stage*. — Minha mãe vai receber uma geladeira nova na quinta-feira e Argos se recusa a pôr a antiga para fora. Até que ele tem razão, eu não tocaria naquilo nem usando uma vara comprida. Estou surpreso pela geladeira não ter simplesmente ido embora do apartamento sozinha. E minha mãe mora no quarto andar, sem elevador, não sei o que espera que eu faça... talvez rolar a geladeira escada abaixo ou coisa assim. Ei, imagino que você não conheça ninguém precisando de uma geladeira, não é? Só precisa de uma pintura.

— Bem, eu preciso...

Os olhos de Frank se iluminaram com a oportunidade de ajudar um cliente.

— Precisa?

— ...mas não tenho onde colocar.

— Frank parou de remexer nos papéis. — Você não tem uma *geladeira*?

— No momento, não.

— E o que você usa no lugar?

— Ah, o peitoril da janela.

— Puta merda, Stephen, a gente precisa mesmo arranjar algum trabalho para você! — disse, e começou a espalhar cinza na mesa com um renovado sentido de propósito.

Não pode fazer muito bem fumar tanto assim numa sala tão pequena, pensou Stephen. Frank estava sendo lentamente defumado pelo cigarro. Se morresse de repente — nada impossível, pois ele fazia as compras semanais num posto de gasolina ali perto —, havia uma boa chance de o corpo continuar bem preservado.

— Certo, vamos ver o que temos aqui. Não... não... não... Ah, aqui... fotos para um outdoor... é uma propaganda de um produto de limpeza de assoalho. Precisam de tipos grandões, pode dar um bom dinheiro. Você pode fazer isso, não pode? Quer que eu o coloque nessa?

Stephen viu a própria imagem num outdoor, esfregão na mão; imaginou Sophie vendo aquilo, a caminho de casa, vindo da escola, com um grupo de colegas chiques. “Aquele lá é o meu pai, aquele de avental...”

— Acho que não, Frank...

— É um trabalho muito tranquilo...

— Eu sei, eu sei. Mas, bem, é trabalho de modelo, Frank. Eu meio que esperava alguma coisa em que eu pudesse, você sabe, me movimentar, falar, essas coisas.

— Você fala russo?

— Não muito bem.

— Que pena. É um bom trabalho, na próxima semana, interpretando um cossaco, ou algo assim. Mas eles precisam que fale russo fluente. Você poderia aprender, imagino.

— Não até semana que vem.

— Não, não, provavelmente não. — Voltou aos papéis, agora abaixo do primeiro substrato. — Não... não... não... Ei, olha aqui... que tal o Dundee Rep de *Raising in the Sun*?

— Não.

— Por que não? Se você não está preparado para viajar, Steve...

— Não é por isso, é que... bem, eu precisaria ser negro.

Parecia mais um monólogo. Frank leu a descrição dos personagens, estalando os lábios, depois olhou para Stephen, meio que para verificar se ele não se encaixava mesmo como negro e soltou um suspiro, como se por alguma razão aquilo fosse culpa de Stephen, e voltou aos papéis.

— Ator/cantor/dançarinos para *Terror!* Uma versão musical de *Terror e miséria no Terceiro Reich*, de Bertold Brecht. Não paga nada, por enquanto...

— Eu preciso faturar, Frank

— Certo, e quanto a isso aqui: “Teatro Folclórico! Uma nova companhia de teatro educacional, espetáculos para crianças sobre higiene bucal, uma turnê pelo interior do país, começando em janeiro. Não é muito dinheiro, mas as diárias são

sensacionais. Você faria o papel de alguém chamado... deixa eu ver... Tommy Tártaro. O que acha?

— Tommy Tártaro?

— Certo, vamos esquecer *esse* também — interrompeu Frank, já irritado. Jogou o papel de volta na mesa, soprou um longo rastro de fumaça pelo nariz afilado, recostou-se até a cadeira ranger perigosamente. — Sabe qual é a melhor coisa que você poderia fazer pela sua carreira, Steve?

— Pode falar.

Frank olhou por cima do ombro, depois embaixo da mesa em busca de equipamentos de escuta e, num tom de voz muito sério, falou:

— Matar Josh Harper.

Stephen sorriu.

— Estou falando sério. Você não pode se esquecer, Stephen, de que a linha que divide um grande sucesso de um fracasso terminal é muito tênue. Sabe que até hoje eu me lembro de você naquela produção de *Godspell*. Sua atuação ainda está marcada na minha retina. — Stephen estremeceu, sem conseguir pensar em nada pior para marcar uma retina. — Você tem muito talento para queimar, só precisa de exposição. Se você conseguir entrar no lugar de Josh, nem que seja por algumas apresentações, eu levo o melhor pessoal lá... diretores de elenco, gente da TV... e você, meu amigo, você vai decolar. Como um... — procurou no ar esfumaçado do pequeno escritório — ...como uma águia.

— Puxa, é engraçado você dizer isso, Frank — observou Stephen, em voz baixa.

— Como assim?

Stephen também olhou por cima do ombro, verificou embaixo da mesa, e falou em voz baixa:

— Bem... o que você vai fazer no dia 18 de dezembro?

AQUELA COISA COMEÇADA COM “F”

— Posso perguntar uma coisa?

— Claro.

— Nós somos amigos, não somos? Quero dizer, eu sei que não nos conhecemos há muito tempo, mas eu gosto de pensar que somos amigos...

— Acho que sim.

— E você me diria a verdade? Se eu fizesse uma pergunta pessoal?

— Claro que sim.

— Então eu posso confiar em você?

— Pode confiar em mim.

— Josh está tendo algum caso? — perguntou Nora.

* * *

A conversa aconteceu durante uma tarde, uma semana depois de o acordo ter sido fechado. Stephen e Nora estavam caminhando pela Waterloo Bridge no final da tarde, voltando do National Film Theatre, onde tinham assistido a uma cópia restaurada de *Pacto de sangue*. Stephen já tinha assistido a esse filme umas dez vezes, mas só quando estava com Nora a seu lado, os cotovelos se roçando, os dois com as mãos enfiadas até o punho num imenso saco de confeitos de chocolate, que teve a noção exata da densa tensão sexual do filme, e de repente estava imaginando qual seria o seguro de vida de Josh. Você sabe, no caso de sofrer um acidente ou algo assim...

Pouco depois, andando pela ponte, os dois conversavam sobre seus atores preferidos.

— Cary Grant, é claro... — disse Nora.

— E Jimmy Stewart.

— Cary é melhor.

— Burton, Olivier?

— Um pouco pesado para o meu gosto. Também não vi tanto filmes deles assim.

— E quanto a Hepburn?

— Não a Audrey. Katharine é ótima, mas Audrey é magrela e meiga demais.

— Eu admiro Katharine, mas não sei se gostaria de, sei lá, *sair* com ela.

— Com a Audrey você teria uma chance.

— Mas e se eu falasse de Julie Christie?

— Eu adorava a Jane Fonda. É quem eu gostaria de ser. Jane Fonda em *Dívida de sangue*, ou em *Pelos bairros do vício*. Jane Fonda numa camisa de lenhador.

— Sabe quem eu acho que é o meu favorito de todos os tempos? — interrompeu Stephen. — John Cazale.

— Esse eu não conheço.

— Conhece, sim... John Cazale. Ele fez o papel de Fredo, o irmão fraco, em *O poderoso chefão 1* e 2. Naquela cena... “Eu sei que foi você, Fredo. Você partiu o meu coração”. Ele foi noivo da Meryl Streep, mas morreu de câncer, bem jovem, quarenta e poucos anos, e só trabalhou em cinco filmes, isso mesmo, apenas cinco, *todos* indicados a

Melhor Filme, todos os filmes que fez, Melhor Filme, e foi brilhante em todos. Mesmo quando não está dizendo nada, mesmo quando está em cena com Pacino ou De Niro ou quem quer que seja, ele é o único que a gente vê. Quando ele morre em *O Poderoso Chefão 2*, não podemos ver seu rosto, mas mesmo assim ele comove.

— Exatamente como você está como a Figura Fantasmagórica.

— *Exatamente* isso. Mas é assim que se faz. Não para ser famoso, só para ser *bom*. Fazer um bom trabalho. Encontrar uma coisa que você realmente goste de fazer, e fazer o melhor possível.

— E não existe uma espécie de limite de tempo para isso? Um prazo fatal?

— Existiria, se eu pudesse fazer alguma outra coisa.

— Isso é bobagem, Steve... qualquer um pode fazer alguma outra coisa. — Talvez Nora tenha dito aquilo com um pouco de maldade, e os dois caminharam em silêncio por um tempo.

Stephen, meio magoado, foi o primeiro a falar.

— Aliás, meu agente me deu algumas boas notícias.

— Ah, é?

— Acabo de conseguir um novo papel.

— Que maravilha! Numa peça?

— Num filme. Uma produção de baixo orçamento, meio alternativa. Aliás vou começar a filmar na semana que vem.

Para se sentir convicto com sua história, ele estava pensando em *O Esquilo Sammy 2: Você é feliz e sabe disso*, e mesmo que não pudesse ser exatamente definido como um “filme”, ao menos não era uma mentira deslavada. Stephen vinha mentindo muito nos últimos dias. E ele realmente precisava tentar parar.

— Como é o nome do filme?

— *Obsessão sombria*. É um drama policial. Faço um policial cínico e durão, bom de tiro, chamado Sammy. Nada especial, aquele papel de macho de sempre. Talvez nem chegue a ser lançado — explicou, confiante em que, ao menos daquela vez, estava falando a verdade.

Atravessaram a Strand e encontraram um pub escuro e deserto numa ruazinha em Covent Garden, longe das principais armadilhas para turistas, e se espremeram lado a lado num banco de veludo vermelho, bebendo gim-tônica em doses duplas.

— Você se incomoda se eu perguntar uma coisa?

— Pode falar.

— Não vai ficar ofendido?

— Pode ser.

— Tudo bem... não foi uma certa... sacanagem dos seus pais?

— O quê?

— Chamar você de...

— Ah.

— Está vendo, isso o incomoda.

— Não, não, tudo bem. Não foi por maldade, é que meu avô materno se chamava Stephen, e morreu pouco antes de eu nascer, então foi uma espécie de homenagem. E imagino que não seria tanto problema se eu trabalhasse com informática, como se pretendia. Não pareceria assim tão...

— Irônico.

— Irônico.

Ficaram em silêncio por um instante.

— Steve McQueen era incrível — comentou Nora.

— Eu sempre preferi o Paul Newman.

— Mas sabe quem eu realmente adorava? Walter Matthau. Ele era *tão* sexy. E durante anos senti uma coisa estranha por Dick Van Dyke também, mas só como limpador de chaminé. Tinha uma fantasia recorrente com ele subindo no meu quarto tarde da noite, todo coberto de fuligem, encostando o equipamento de limpar chaminé no canto. E, meu Deus, com Danny Kaye também. Eu e Danny Kaye num grande apartamento em Upper East Side, passeando, fazendo exercícios de dicção. Um caso típico de pensamentos inadequados.

— E aqui está você... casada com um astro de cinema na vida real — observou Stephen.

— Eu sei. *Como* isso foi acontecer? Às vezes me pergunto se não estaria melhor com o Danny Kaye. — Ela riu, olhou para Stephen, depois se inclinou para bebericar seu drinque. Houve um breve silêncio, do tipo que ensaja uma pergunta.

— Está tudo bem? — perguntou Stephen.

— Acho que sim — suspirou Nora, voltando a se recostar no banco. — Eu não devia me queixar. Josh é um cara muito meigo e incrivelmente generoso e tudo mais, mesmo quando me chama de “Nozza”. Ele me faz rir, me dá apoio nesse negócio de escrever e me aguenta quando estou de mau humor. E o sexo continua sensacional, é claro.

— É, você disse.

— Disse? Desculpe. Ainda assim, ele mudou muito desde que se tornou, você sabe... a *aquela coisa começada com “P”*.

— Em que sentido?

— Tem certeza de que não se incomoda de falar sobre isso?

— De jeito nenhum.

— Certo, bem, um dos fatores é ele ter se tornado muito vaidoso. Tive que cobrir as superfícies reflexivas de casa, senão ele não conseguia sair do apartamento. Depois que foi eleito o “12^o Homem mais Sexy do Mundo” ele perdeu o controle.

— É como nós o chamamos no trabalho... Número Doze.

— Quem é “nós”?

Melhor não mencionar Maxine.

— Eu e Maxine.

— Maxine?

Segure as pontas, fique firme...

— A garota da peça.

— A piranha?

— Bem...

— Número Doze... ele adora isso! Finge que não gosta, mas às vezes acho que vai comprar uma espingarda, uma máscara de esquí e ir atrás dos outros onze para acabar com eles. Acabar. Com eles. E agora começou a comprar essas roupas *kitsch* malucas, você sabe, grandes colares, cores malucas, um terno de veludo azul-escuro. Veludo de forrar caixão de defunto, como eu o defino. Ainda tem uma camisa de *couro* preta, e

umas... umas... — ela engoliu com dificuldade — ...cuecas de camurça — fingindo um estremeção. — Imagine, Steve... vacas *morenum* para fazer essas cuecas. Juro que às vezes, quando vamos a uma estreia ou algo assim, eu me sinto como uma bibliotecária que se casou com um cafetão. E... isso me deixa *louca*... se ele vê alguém usando alguma coisa que gosta, ele não pergunta “De que loja é isso?”, ele pergunta “De quem é isso?”...como se fosse uma obra de arte ou coisa assim. “Ora, é da *Marls and Spencers*, seu trouxa.” Outro dia eu o surpreendi tentando conseguir uma roupa de *gruça* para uma estreia. Dá para acreditar? Ele ganha todo esse dinheiro e de repente acha que isso lhe dá o direito de conseguir roupas de *gruça*. Que espécie de lógica maluca é essa? Ou moralidade maluca, aliás. Ei, você precisa me prometer que não vai falar nada sobre isso com ele.

— Claro que não.

— E você acha que estou sendo uma megera?

— Bem, sim, um pouco, mas não me incomodo.

— Então tudo bem, o que mais? — Juntou as duas mãos com um ruído. — Certo... ele usa aqueles irritantes óculos escuros o tempo todo, até dentro do apartamento. Deus sabe lá por quê... talvez para que *eu* não o incomode pedindo autógrafo. Ah, e ele não usa mais transporte público.

— O que é natural, suponho.

— Mas é difícil ter pena de alguém que está sempre no computador procurando a si mesmo no Google, e ainda *imprime* os resultados. Vive olhando os próprios sites, espiando nas salas de bate-papo, só para saber o que as fãs estão dizendo... www.egomaniac.com. Ah, e não para de malhar. Vive pendurado numa porta com a cueca de camurça. Por que ele não faz exercício com uma roupa normal está além da minha compreensão. É como se eu morasse com um orangotango de cueca. Sem querer ofender seus colegas de profissão, Stephen, mas se você diz a um cara que ele é um ícone gay antes de certa idade, existe uma possibilidade muito real de ele se tornar um *babaca* total.

Os dois sorriram, pegaram suas bebidas simultaneamente, e Stephen viu-se olhando de lado para o perfil de Nora, notando as linhas formadas no canto dos olhos escuros quando ela ria, e enquanto ele observava as linhas desaparecerem, o rosto ficou sério.

— Eu nunca conheci ninguém que passasse tanto tempo digitando ou lendo textos no celular, que sempre toca tarde da noite. E não fala na mesma sala que eu, faz aquela estranha voz “profissional” e se manda, para ficar sussurrando no hall.

— Bem... ele não está fazendo nada de mais, com certeza.

— Mas então para quem ele escreve?

— Você perguntou a ele?

— Eu tento não fazer isso. Ou então ele responde que é a “Costa”.

— Bem, é provável que seja mesmo a Costa.

— Certo, bem, talvez você tenha razão. — Houve uma pausa, os dois ficaram ouvindo o minúsculo *jingle* da máquina caça-níquel. — A “Costal” Dá para acreditar? Por que ele não fala “Estados Unidos”. Eu sou americana, e nunca chamei o país de “Costa”.

— Talvez ele esteja se referindo a Margate — comentou Stephen, querendo levantar o astral.

— Onde é Margate?

— É uma cidade inglesa. E também fica... na costa.

— Ah, certo. É, pode ser. — Nora deu uma tragada profunda no cigarro, limpou alguma coisa invisível do lábio, pensou por um momento e depois disse aquilo.

— Posso perguntar uma coisa?

— Claro.

— Nós somos amigos, não somos? Quero dizer, eu sei que não nos conhecemos há muito tempo, mas eu gosto de pensar que somos amigos...

— Acho que sim.

— E você me diria a verdade? Se eu fizesse uma pergunta pessoal?

— Claro que sim.

— Então eu posso confiar em você?

— Pode confiar em mim.

— Josh está tendo algum caso? — perguntou Nora.

Claro que ele poderia dizer a verdade. Afinal, ela tinha direito de saber; e Stephen não devia nada a Josh.

A não ser o acordo, é claro. Era pouco provável que Josh continuasse propenso a manter o acordo se ele revelasse alguma coisa agora.

— Nãããã — respondeu Stephen, balançando a cabeça com convicção.

Nora estreitou os olhos.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— E você me diria se soubesse de alguma coisa?

— Nora, não está rolando nada.

— Jura?

— Juro.

— Obrigada. Agora já me sinto melhor. Muito melhor.

AULA DE CARISMA

Assim como qualquer um, tudo indicava que Stephen acreditava firmemente nos benefícios da desintoxicação.

Não saberia dizer bem o que eram toxinas, ou de onde vinham, nem que mal faziam, mas acreditava firmemente que havia uma quantidade fixa dessas substâncias em seu corpo, quase um litro da coisa talvez, branca e leitosa, como leite azedo. Ou talvez fosse mais sólida, quase um quilo de um negócio gosmento e cremoso, restos acumulados de refeições congeladas e fumaça de cano de escapamento de ônibus, queijo barato e salsichas duvidosas. Eram essas toxinas que o estavam atrapalhando. A boa notícia é que era perfeitamente possível se livrar delas bebendo quantidades oceânicas de água, botando tudo para fora com o suor, e sacudindo as vísceras de maneiras novas e extravagantes. Com isso em mente, e com a Grande Chance flutuando à sua frente, três apresentações em menos de duas semanas, ele decidiu tranquilamente dar uma virada na própria vida.

Parou de beber, ou ao menos parou de se embriagar sozinho. Diminuiu o cigarro também, substituído por garrafas e mais garrafas de suco. Cozinhava as coisas que antes costumava fritar, comia grãos e nozes e sementes de girassol e outros itens mais facilmente encontrados em gaiolas de passarinhos. Protegia seu sistema imunológico abusando de vitaminas de efeito prolongado e ervas oleaginosas e outros minerais e suplementos aleatórios que conseguia encontrar no armário de medicamentos, incluindo algumas sobras indicadas para mulheres grávidas. Inebriado pelas possibilidades da vida e pelo óleo de primula do final da tarde, Stephen corria todas as manhãs em Battersea Park até o corpo doer e a respiração arranhar o fundo da garganta, depois se dobrava em dois e tossia até os ouvidos zumbirem. Sentia-se ao mesmo tempo péssimo e fantástico.

Todas as noites, na quietude de seu camarim do sótão, pairando sobre a Shaftesbury Avenue, ele baixava o volume de seu alto-falante, recitava falas da peça e praticava os movimentos. O papel de Lorde Byron era física e emocionalmente exigente e, o que aumentava ainda mais a pressão, envolvia falar pelos cotovelos durante longos períodos. Para livrar o corpo dos pneuzinhos que adquirira recentemente, fazia incontáveis flexões, abdominais e agachamentos e esmagamentos, até a vida começar a parecer a montagem de uma sequência de treinamentos de *Rocky*, um lutador. Provavelmente duas semanas não seriam suficientes para transformá-lo num ícone gay, e mesmo que não conseguisse desenvolver um abdômen de aço, poderia ao menos aspirar a uma liga de metal mais suave.

Decidiu também trabalhar seu carisma e seu magnetismo animal. Como ator, Stephen C. McQueen contava com inúmeras qualidades. Com certeza era um dos jovens atores mais pontuais da Grã-Bretanha. Era um mímico habilidoso e um competente improvisador. Se alguma vida humana dependesse disso, poderia dançar jazz, e poucos homens chegavam aos seus pés numa dança folclórica elisabetana. Se atuação era na verdade uma espécie de *reação*, como ouvira falar várias vezes, ele sabia reagir como ninguém. Mas não confiava muito em suas características carismáticas, sua capacidade de reter uma plateia por meio de um puro magnetismo pessoal, e para chegar a esse fim ele tinha concordado, bastante encabulado, em aceitar a ajuda de Josh como treinador. Em vez de passar as tardes em cinemas com Nora, agora ele chegava mais cedo ao teatro, afixava uma espada na cintura, subia ao palco e mostrava algumas cenas para Josh. Mesmo que aquilo parecesse uma mudança de lado, ele tentava não pensar muito a respeito.

— Louco, mau e perigoso de se conhecer (*sorriso contorcido*). É como me chamam na Inglaterra agora. Ou ao menos...

— PARE — gritou Josh, afundado em sua cadeira da fila K, as pernas pendendo na poltrona da frente. — Vamos voltar ao início.

— Louco, mau e perigoso de se conhecer (*sorriso contorcido*). É como...

— Não, volte outra vez.

— Louco, mau...

— Outra vez!

Stephen estreitou os olhos para o auditório.

— Posso perguntar por quê?

— Desculpe, Steve, mas eu simplesmente não consigo acreditar.

— Em que não consegue acreditar?

— Em nada disso. Não acredito numa palavra. — Josh deu um gole na pequena garrafa de água, inclinou-se e descansou a cabeça no encosto da frente. — Você precisa ser *Lorde Byron*, Steve. Tem de ser um grande amante, um rebelde, um lutador. As pessoas achavam que Byron era o diabo encarnado; convenções, casamento, fidelidade, toda essa bobagem não significava nada para ele. Sua motivação era o amor e a paixão e o desejo, não o senso comum. Esse cara

dormia com a *irmã*, pelo amor de Deus...

— Meia-irmã, tecnicamente.

— Não tente facilitar as coisas, Steve.

— Mas em que exatamente você não está acreditando?

— Não estou acreditando em “louco, mau e perigoso”, companheiro. O que eu estou entendendo sensível, delicado e cuidadoso, e quem quer assistir a uma peça chamada *Sensível, Delicado e Cuidadoso*, porra? — Assumindo o papel de diretor, Josh levantou-se, levando a garrafa de água até a frente do palco e procurando ao redor algum apoio para depositá-la. — O problema é que você está interpretando daqui, Steve — batendo com os dedos na cabeça —, da *cabeça*, do cérebro. Você está pensando demais. Mesmo na fila K eu consigo ver você pensando. — Deixou a garrafa de água na beira do palco. — Sabe o que você deveria usar no lugar?

Stephen considerou se Josh iria sugerir usar A Força.

— Sabe *onde* deveria começar a sua interpretação?

Em geral, a resposta a essa pergunta era “no diafragma”, mas Stephen tinha uma boa ideia do que poderia vir a seguir...

— A interpretação tem que começar *aqui*.

...e de repente Josh levou as duas mãos ao meio das pernas, as duas mãos, e apontou a preciosa carga do material na direção de Stephen, segurando como se fosse um animal selvagem prestes a ser devolvido à natureza.

— Aqui, certo?

— Certo, certo, tudo bem — concordou Stephen para um ponto fixo no balcão superior.

— Aqui, certo, Steve? Aqui. Aqui, certo? Certo? — insistiu Josh, sacudindo o sexo outra vez para dar ênfase.

— Certo, certo, já entendi, Josh.

— E aqui também — e tirou uma mão da virilha e bateu forte no próprio peito com o punho. — Aqui e *aqui* também.

— Certo. No coração, não é?

— Exatamente. No coração. No pau e no coração. Faça disso o seu lema.

— Certo. Tudo bem. No pau e no coração?

— No pau e no coração. — Com uma relutância visível, Josh largou o próprio pau e o coração e saltou até a beira do palco. — Olha, você pode fechar os olhos um pouco?

— Fechar os olhos?

— É, faça isso. — Segurou os dois braços de Stephen com força. — Feche os olhos.

Inseguro se podia confiar em Josh o bastante para um exercício de confiança, Stephen fechou os olhos e logo depois os abriu.

Josh estalou a língua.

— Olhe, eu vou fazer a mesma coisa — falou.

Os dois fecharam os olhos.

— Agora pense em alguém que você realmente deseja. Não quero saber quem é, só quero que se concentre na imagem dessa mulher, no rosto dela, no corpo ou em qualquer outra parte, alguém de quem você está muito a fim... não, mais do que estar a fim, alguém que você *deseja*, alguém que você *quer*, a pessoa que você mais quer e deseja no mundo.

Stephen atendeu ao pedido.

— Entendeu?

— Entendi.

— Ela está aí?

— Está.

Os dois ficaram imóveis por um momento, olhos fechados, pensando intensamente em alguém.

— Tudo bem, agora imagine esse rosto, pense nele, e quando estiver pronto, abra os olhos e comece outra vez.

Stephen repetiu a cena.

— Melhor — comentou Josh depois de um tempo. — Muito, *muito* melhor.

MEU JANTAR COM SOPHIE

O domingo seguinte foi um mais dia de “mente sã em corpo sã”, o nono desde a oferta feita por Josh a Stephen. Nesse ritmo, havia uma possibilidade real de que Stephen entrasse em forma em duas semanas.

Resolveu comemorar a ocasião especial levando Sophie para comer hambúrguer no Soho. Como estava animado com o dinheiro do trabalho de garçom e o que ganharia com seu contrato para fazer *O Esquilo Sammy 2*, eles foram a um elegante bistrô em estilo americano, frequentado por famílias metropolitanas de boas maneiras que experimentavam a autêntica experiência de um brunch, os pais lendo jornais nas mesas enquanto os filhos, inteligentes e bem-vestidos, remexiam a comida nos pratos, amargamente arrependidos por terem pedido ovos beneditinos.

— O que são ovos beneditinos? — perguntou Sophie.

— Alguma coisa inventada por alguém chamado Bento! — respondeu Stephen, de forma muito espirituosa, segundo sua avaliação, mas a expressão de Sophie continuou inalterada. — É um ovo mole poché numa espécie de gosma amarela pesada e nojenta. Mais ou menos como miolos numa torrada.

— Posso pedir isso?

— Não! Eu acabei de dizer, Soph, é uma coisa nojenta. Pode até soar como uma coisa ótima, mas é um horror, acredite em mim.

— Então o que eu posso pedir?

— Você pode pedir absolutamente qualquer coisa que quiser do menu, desde que não contenha vitaminas e minerais demais, certo?

— Mas e se eu quiser só uma salada?

— Não pode... é a lei. E nada de suco de frutas também. E só vai poder tomar Coca-Cola se for com uma bola de sorvete dentro.

— Isso é *nojento*.

— Como você sabe se nunca experimentou? É importante experimentar as melhores coisas da vida.

— Por que você está me estimulando a fazer escolhas não saudáveis? — perguntou ela, franzindo a testa.

— Não é isso, estou só... Estou só tentando *mimar* você, Sophs. É bom ser mimada de vez em quando, e sinto muito, mas uma tigela de espinafre no vapor não mima ninguém. A maioria das crianças adora essas coisas; elas não se preocupam com as implicações na saúde.

— E o que você vai comer?

— Eu vou comer uma salada.

— *Você pode* comer salada!

— Porque estou tentando perder peso. Não quero ficar todo gordo e cor-de-rosa como o velho Colin, não é?

Sophie deu um sorriso por trás do menu.

— Vou contar para ele que você disse isso.

— Tudo bem, pode contar. Eu não tenho medo do Colin.

— Você não gosta do Colin, não é?

— Por que você diz isso?

— Dá para perceber. Você se comporta como se gostasse, por minha causa, mas não gosta.

— Eu não *desgosto* dele.

— Desgosta, sim.

— Não, Sophie, é que... eu... é complicado. — Stephen voltou a examinar o menu.

— Bem, eu também não gosto dele — disse Sophie com convicção.

Stephen pôs o menu de lado.

— Por que não? Ei, ele é legal com você, não é?

— Acho que sim.

— Então por que você não gosta dele?

— Porque você não gosta.

Stephen debruçou-se na mesa.

— Isso não é razão, Soph. Você devia gostar dele, ou pelo menos tentar. Não importa o que aconteceu no passado... ele é um bom sujeito, gosta da sua mãe e... bem, você devia tentar se dar bem com ele, certo?

— Certo.

— Promete?

— Acho que sim.

— Olha, Sophs — franzindo a testa com severidade e ressaltando o lábio superior o máximo possível. — Estou fazendo minha expressão de seriedade aqui.

— Tudo bem, prometo.

— Ótimo. — Apertou a mão dela e voltou ao menu. — Aliás, aquilo que eu disse, de ele ser gordo e cor-de-rosa, é melhor não contar para ele. Só para não arriscar a sorte. Promete?

— Taaaalvez.

— Como se fala talvez em francês?

— *Peut-être*.

— Exatamente. *Peut-être*. Meus Deus, como você é sabida. E se quiser pode fazer a loucura de comer espinafre, mas só se comer sobremesa também. Torta de nozes ou algo assim. Ei, você não é daquelas crianças fraquinhas que têm alergia a nozes, é?

— Acho que não.

— Ótimo.

— Suki Rogers, da minha escola, é alérgica a nozes, comeu uma por acaso e a cabeça dela inchou como uma bola de basquete.

— Acredite em mim, ela só está querendo holofotes.

— O que é “querer holofotes”?

— Um dia você vai saber.

— Por que você está se comportando desse jeito? — perguntou Sophie, sem razão aparente.

— Assim como?

— Sendo engraçado.

— Engraçado-estranho ou engraçado-legal?

— Engraçado-estranho.

— Puxa, eu achei que estava sendo engraçado-legal.

— Está um pouco.

— Bom, talvez por estar gostando de estar com a minha filha muito inteligente. Isso pode, não pode?

— Acho que sim.

A garçonete chegou e Stephen se surpreendeu flertando com ela enquanto fazia os pedidos. Foi um flerte bastante sutil, ele achou — só um pequeno sorriso de lado, certo olhar enevoado, como se fosse estrábico —, mas ainda assim foi suficiente para Sophie revirar os olhos e dar um chute por baixo da mesa.

— Não diga nada, Sophs, mas não consigo deixar de imaginar que nossa garçonete está um pouco apaixonada por mim.

— Que vergooonha — comentou Sophie, numa entonação de comédia de costumes.

Em seguida, depois de extrair um solene voto de sigilo de Sophie, Stephen deixou que ela bebericasse sua cerveja, e sorriu com indulgência quando ela desempenhou o papel típico de se fingir de bêbada. Os dois conversaram sobre a escola, em especial sobre o desenvolvimento da situação do mais novo ratinho de laboratório. A comida chegou, o flerte com a garçonete continuou, depois Stephen ouviu pacientemente enquanto Sophie contava, com sinceridade e grandes detalhes, o que tinha aprendido recentemente sobre a Era de Ouro dos Tudor.

— E quanto ao trabalho de teatro? — perguntou ele.

— Tudo bem. Eu entrei para a SDDA.

— O que é a SDDA?

Sophie balançou a cabeça pela ignorância do pai.

— Sociedade Dramática Depois das Aulas.

— Acho que já ouvi falar. Aliás, meu agente tentou me convencer a entrar.

— Seu bobão — resmungou Sophie.

— Não diga “bobão”, diga “tolinho”.

— Então... seu tolinho.

— E no que você está trabalhando?

— Ah, em pesquisa, principalmente — respondeu Sophie, muito compenetrada.

— Entendi... trabalho de *pesquisa* — repetiu Stephen, aquiescendo seriamente.

— E você gosta? De interpretar, quero dizer.

— Gosto, mas não escolheria como profissão. Colin diz que tudo bem quando a gente é nova, mas que não é um trabalho adequado para um adulto. Ele diz que é indigno.

— Ele está certo.

— Então por que você faz isso?

Stephen pensou por um momento.

— Você se lembra daquele Natal, uns dois anos atrás, quando deixou que eu e a mamãe botássemos um bigode falso e aquelas costeletas de pele de carneiro em você? Tem até umas fotos, lembra?

— Le-lembro — respondeu ela, uma sofisticada garota de sete anos mortificada por uma atitude infantil de quando tinha quatro anos.

— E você usou aquilo o dia todo, fazendo todo mundo dar risada, até a vovó McQueen, que só ri quando alguém se machuca, e você não quis tirar nem quando foi dormir?

— Eu só estava querendo aparecer.

— Sim, mas foi uma *boa* aparição, Sophs. Foi a ocasião em que mais ri na *vida*.

Em *toda* a minha vida. Estou falando sério, achei que ia *morrer* de tanto rir. E foi engraçado, não foi? Fazer de conta, brincar, deixar as pessoas felizes... foi bom, não foi?

Sophie pensou um pouco, a testa franzida de concentração.

— Acho que foi.

— Então, ser ator é parecido com isso. Saber aparecer bem. Agora posso trocar umas batatinhas suas pela minha salada?

— Tudo bem.

No final da refeição, Sophie soltou um arroteo e Stephen se sentiu um pouco inchado de orgulho.

Agradavelmente enjoados e meio zonzos, os dois foram caminhando até a National Gallery. Parecia ser uma atividade apropriada e educativa, mas também divertida para pai e filha numa linda tarde invernal de domingo, e Stephen improvisou um trajeto pelas lojas do Soho que não passasse por muita pornografia. Mas não havia como evitar a Shaftesbury Avenue, o Hyperion Theater e o gigantesco cartaz de Josh Harper.

Stephen sentiu-se meio desconfortável com a situação no início, mas depois se lembrou de que, por conta de obrigações contratuais, o nome dele também estaria nos cartazes na porta do teatro. Talvez fosse divertido mostrar à filha o nome do pai dela escrito em um teatro do West End: uma evidência real e irrefutável de que sua carreira profissional não era apenas algo inventado. Talvez ela até começasse a se sentir orgulhosa do pai, em vez de ansiosa ou confusa, um aperitivo para as coisas que iriam acontecer na Grande Chance do dia dezoito. Pararam por um instante diante de uma enorme fotografia em preto e branco de Josh na porta do teatro.

* * *

“Josh Harper ocupa o palco como um poderoso colosso...”

“Sua interpretação é simplesmente perfeita. Harper é nitidamente o herdeiro natural de Lawrence Olivier e Richard Burton. Conheça este extraordinário talento enquanto ainda é possível...”

“Harper domina o palco, movimentando-se como uma pantera leve e indômita. Cuidado, mulheres, Harper é realmente muito sensual...”

Josh Harper

em

“Louco, mau e perigoso de se conhecer...”

Escrito e dirigido por Terence Blackheath,
participação de Maxine Cole

com

Stephen C. McQueen

* * *

De repente o cartaz pareceu a Stephen como o produto de um oculista vingativo.

— Hum. E sobre o que é a peça? — perguntou Sophie, como se estivesse na sala de aula.

— É sobre um homem chamado Byron, que foi um poeta famoso, e um lorde, que viveu muitas aventuras e era muito popular com as mulheres, como eu, com a garçonete no restaurante. Olha o meu nome aqui... — observou, agachando-se e apontando o chão. — Se alguma coisa acontecer com *esse* sujeito — ficou de pé, indicando a foto de Josh, o dedo indicador no meio da testa —, se ficar ou doente ou se um piano cair na cabeça dele ou coisa assim, eu fico no lugar dele.

— Por que eles chamam você de Stephen C. McQueen?

— Para as pessoas não me confundirem com o lendário grande ator americano.

— Isso acontece?

— Não. Não, não acontece, Sophie.

— E por que você não aparece em nenhuma dessas fotos?

— Eu estou aqui... olha só.

— *Onde?*

— No fundo...

— Onde?

— Ali!

— Mas por que está tão esfumado?

— Por causa do gelo seco. É para dar um ar misterioso.

— É por isso que não dá para ver o seu rosto?

— Exatamente. É para fazer com que eu pareça fantasmagórico, dando um ar de intriga e mistério. Você sabe... mal-assombrado, como a morte com o ancinho conduzindo Byron à morte...

— Então ele é seu amigo? — perguntou, apontando a grande foto em preto e branco de Josh, transpirando lindamente no close em alto contraste.

— Aham. Quer dizer, não um grande amigo, nem melhor amigo ou algo assim, mas a gente sai para tomar uns drinques, essas coisas. — “Ah, e eu estou apaixonado pela mulher dele”, pensou, mas disse: — E conheço bem a mulher dele... ela é muito legal. E ele me convidou para a festa de aniversário dela, então...

— Ele é muito atraente, não é?

— Atraente?

Sophie ficou pensativa.

— Você sabe... bonito.

— Oh, Deus. *Et tu, Sophie.*

— Isso é francês?

— Mais ou menos.

— E eu posso vir assistir à peça? E encontrar com ele depois?

— Bem, ele é um pouco velho demais para você, e um pouco chato, para dizer a verdade. Mas se daqui a algumas semanas, no dia 18 de dezembro mais ou menos, se acontecer alguma coisa com Josh, se ele, sei lá, ficar gripado ou intoxicado ou coisa assim, talvez você receba um telefonema de repente e vai ter de vir correndo até o teatro e *me* assistir fazendo o papel principal no lugar dele. Não seria demais?

Sophie pareceu meio incerta diante da perspectiva.

— Acho que sim. Mas você acha que eu consigo o autógrafo dele?

Pela primeira vez, Stephen sentiu aquele dia saindo do controle.

— Por que você quer o autógrafo dele?

— Eu disse às garotas da escola que você era o melhor amigo dele, e elas me chamaram de mentirosa, por isso eu preciso de uma prova.

Não discuta. Mantenha-se em movimento, pensou Stephen.

— Com certeza a gente pode arranjar um autógrafo.

Atravessaram a Shaftesbury Avenue, passaram por Chinatown, onde se admiraram com as estranhas carnes vermelhas penduradas em vitrines embaçadas, e Stephen atentou para o ruído de fichas de *mah jong* nas salas de cima. Em seguida cruzaram Leicester Square e, antes que o som das flautas de bambu e a visão de estátuas vivas pintadas de prateado fizessem Stephen se sentir deprimido, chegaram à National Gallery.

Certos ambientes — parques durante outono, praias desertas ao pôr do sol, ringues de patinação, qualquer lugar com neve — são coisas que inevitavelmente tendem a inspirar momentos cinematográficos excêntricos e livres de espírito. Galerias em particular se prestam bem a esse tipo de coisa, e naquela tarde, Stephen se deixou sucumbir com Sophie. Houve muitos abraços e mãos dadas, um bocado de comentários jocosos sobre quem estava dizendo o que a quem, muitas risadas. Não foi bem uma atividade, foi uma sequência, mas Stephen se sentiu alegre, engraçado e satisfeito, e percebeu que, pela primeira vez em muito tempo, ele e Sophie estavam realmente se divertindo.

Quando escureceu, os dois andaram pelo Tâmis até a Waterloo Station de

braços dados, juntando-se aos transeuntes e às pessoas que faziam compras de Natal no metrô de volta para casa em Barnes, com Sophie adormecendo instantaneamente nos seus braços. Enquanto o metrô passava pela concha da Battersea Power Station, o celular tocou, e Stephen tirou o aparelho do casaco com a mão esquerda, sem acordar a filha. Leu o nome de Nora na tela do aparelho e sorriu.

— Olá, estranho! — disse Nora.

— Olá.

— Estava começando a achar que você anda me evitando.

— É claro que não — sussurrou Stephen.

— Ei... eu liguei em hora errada? — indagou Nora.

— Não, tudo bem...

— É que cada vez que eu ligo parece que você está entrando ou saindo de uma malha.

— Nunca no Sabbath. Estou no metrô, com Sophie.

— Está com uma garota?

— Sophie, minha filha.

— Sophie, é claro.

— Ela está dormindo.

— Certo, bem, vou ser rápida. É que andei lendo o meu diário e descobri que não tenho absolutamente nenhuma perspectiva na vida, então fiquei pensando se você não gostaria de ir ao cinema de vez em quando? Ou vir até aqui depois do espetáculo? Josh acabou de comprar uma nova TV de tela enorme para o quarto. Para poder assistir aos próprios filmes, deitado na cama *nu*. Por que não aparece para ver... quero dizer a TV, não Josh pelado, e também não precisamos assistir aos filmes dele, é claro, e isso daria algum propósito à minha vida. — Abaixou um pouco o tom de voz. — Faz tempo que a gente não se vê, eu meio que estou com saudade.

É mesmo?

— Sim, eu também — sussurrou Stephen.

— Então... o que vamos fazer a respeito?

Stephen poderia fingir que estava ocupado, é claro. Afinal, qual era a graça em ficar por perto, agindo como um confidente platônico, ouvindo-a falar sobre ele, quando tudo o que desejava era se aproximar e beijá-la? Ele já não tinha tentado desistir daquilo tudo? Estava claro que aquilo só poderia resultar em infelicidade e frustração. Imaginou o rosto dela.

— Eu adoraria ver você — murmurou Stephen.

— Certo, então... — ela hesitou por um momento, como se tivesse algo mais a dizer — ...então a gente se fala amanhã?

— Amanhã.

— Tudo bem, amanhã.

— Então, amanhã.

— Certo, tchau. — Stephen desligou o telefone, olhou para os terraços de Wandsworth pela janela e viu sua própria imagem refletida, sorrindo.

— Quem era? — perguntou Sophie, sem abrir os olhos.

— Achei que você estava dormindo.

— Eu estava fingindo. Quem era?

— Não é da sua continha.

— Não diga continha, seu estúpido.

— Não é da sua conta, então. E não diga “estúpido”, diga “tolinho”.

— *Tolino*, então. — Sophie mudou de posição e olhou para ele, os olhos semiabertos. — Era uma *garota*?

— Talvez.

— Acho que era a sua *namorada* — falou, com uma risadinha maliciosa.

— Por que seria a minha namorada?

— Porque você estava falando desse jeito... — e moldou a boca num bico ostentoso, revirou os olhos e falou numa voz romântica e melodiosa: — Alôôôô, *adorável* falar com você, eu *adorariiiiia* ver você, mmmm!

Stephen sorriu.

— Eu *não* falei desse jeito, e de qualquer forma não é da sua conta e, aliás, era uma conversa *particular*.

Sophie acomodou-se de novo nos braços dele, fechando os olhos.

— Só por curiosidade, e se ela fosse minha namorada? — perguntou, brincando com a franja na testa da filha. — Você não seria contra, seria?

— Acho que não. Desde que ela fosse muito legal — murmurou Sophie, abrindo um bocejo ensaiado, sinalizando o final da conversa.

Ela é muito legal, pensou Stephen. Esse é o problema.

LAUREN BACALL

— É seguro? — murmurou Stephen.

— Sim, é seguro — respondeu Alison. — Entre.

Colin tinha saído para uma reunião da equipe de rúgbi e só voltaria mais tarde. Stephen disse boa noite a Sophie, foi gratificado por um abraço da filha e ficou contente por Alison ter visto, depois ficou aguardando em uma das três salas de espera enquanto Alison colocava a filha na cama.

Serviu um pouco de vinho numa pesada taça de cristal que parecia saída de um cenário, acomodou-se na beira de um sofá baixo e logo se afundou nele. Cheirava a couro caro. Olhou ao redor para o imaculado recinto, e pensou no quanto Alison tinha percorrido desde o apartamento do subsolo em Camberwell, onde os três tinham morado menos de três anos atrás, decorado com móveis de MDF que não combinavam, garrafas de vinho vazias, cartazes em molduras baratas, cinzeiros e abajures com lâmpadas queimadas. Agora, escorregando e rangendo naquele sofá marrom, Stephen sentia-se intruso e ilícito, como se tivesse sido trancado no departamento de móveis de uma loja de luxo por acaso. Um jazz retrô inofensivo borbulhava de alto-falantes estéreos de design, o tipo de antimúsica inócua e fácil de ouvir que faria Alison rosnar quando eles se conheceram, e ele soube imediatamente, com absoluta certeza, que em algum lugar da casa haveria pelo menos um, talvez dois, discos do *Buena Vista Social Club*. Parece que ela também havia descoberto um talento para decoração de interiores: cada objeto na sala — as pesadas taças de vinho, o candelabro modernista, as molduras de madeira escura das fotos, as luzes de cima, as luzes de baixo, os pesos de papel sem o incômodo dos papéis — tudo passava a impressão de ter saído de uma lista de casamento especialmente ambiciosa e coerente.

Sobre uma mesinha chinesa baixa, laqueada em preto e vermelho, ao lado de Stephen, entre velas perfumadas e exemplares de *Vogue*, *The Economist* e *World of Interiors* em ordem cronológica, havia uma foto de casamento numa moldura de prata — uma daquelas fotos ardidamente informais, que tentam mostrar o quanto o dia tinha sido muito, muito especial, especial mesmo — toda uma turma de jovens bem-criados e prematuramente ricos amontoados, comemorando dentro da moldura. Examinou Colin com atenção, notando a vermelhidão do barbear na manhã do casamento, a maneira como a cabeça carnuda se impunha sobre o ridículo colarinho alado, como se estivesse sendo lentamente garroteado pela gravata-borboleta de seda cor-de-rosa, e por alguma razão Stephen se lembrou de um bonequinho espacial de sua infância. Um banqueiro igualmente

rosado, com pequenos óculos escuros e um kilt engraçado, provavelmente o padrinho, espiava por cima do ombro do noivo, enquanto Alison, num vestido de corte baixo cinza prateado, sorria com o que Stephen imaginava, ou esperava que fosse, um brilho satírico nos olhos. Na frente, Sophie olhava para a câmera através da franja, o buquê agarrado na frente do rosto, como que se escondendo das pessoas. Realmente um dia muito, muito especial. Foi um dia notável para Stephen também, a primeira vez na vida em que conseguiu tomar sozinho uma garrafa inteira de vodca, fumar oitenta cigarros e assistir a uma estonteante sessão quádrupla de *Uma janela para o amor*, *007 contra o foguete da morte*, *Amargo pesadelo* e *O massacre da serra elétrica* no seu projetor de DVD. Nenhuma foto foi tirada naquele dia. Aliás, de repente ocorreu a Stephen que ele não tinha tirado uma única foto de nada nos últimos três anos. Quando estava com Alison, os dois costumavam tirar fotos das coisas mais insignificantes — Sophie dormindo no sofá, ou Alison lendo; ele ainda tinha essas fotos. Agora, nem sabia bem onde estava sua câmera.

Tentou não fazer muitas interpretações sobre o fato. Distraído, engoliu o vinho da taça de uma vez só, depois olhou de perto a foto de sua ex-esposa, tão bonita e só um pouco severa. Era realmente uma mulher incrível. Como diabo ela tinha conseguido chegar *àquele* ponto?

— E apague a luz, Sophie. Estou falando sério — gritou Alison do vestibulo. Stephen repôs rapidamente a foto no lugar, pegando uma revista para servir de álibi quando Alison entrou na sala, sorrindo, prestes a falar alguma coisa...

— *World of Interiors!* Não acredito que você assina esse lixo burguês cheio de sonhos de ascensão. — Stephen ouviu a própria voz na cabeça; como soava desagradável e fanfarrona, aquele uso absurdo e pomposo da palavra “burguês”. Mas aquela estúpida foto de casamento, o terrível fato da presença de Alison nela, e o quanto ela estava adorável, tudo tinha se combinado para que se sentisse amuado e petulante e, sim, invejoso. — Qual é a graça de ficar babando diante de fotos de casas dos outros?

— Puxa, você tem razão, Steve, e eu não costumo comprar isso, mas é que este mês tem um artigo grande sobre quitinetes e...

Os dois se entreolharam, depois afastaram os olhares. Alison tirou o cabelo do rosto, suspirou e franziu a testa, enquanto nos alto-falantes escandinavos alguém jovem demais começou a cantar “I’ve Got You Under My Skin”.

— Na verdade, tecnicamente não é uma quitinete, é um estúdio.

— Desculpe... estúdio. — Ela suspirou, olhou para o teto, coçou a cabeça. — É

legal, não é? Conseguir se encontrar e bater papo assim?

— Vamos começar de novo, então?

— Certo. Tudo bem. Vamos começar de novo. — Ela se serviu de uma taça de vinho, reposicionou a foto de casamento no devido lugar e deu um tapinha afetuosamente no joelho de Stephen, conseguindo, mais uma vez, dar a impressão de que sabia absolutamente de tudo. Depois afundou no sofá ao lado dele. — Eu *ia* falar que Sophie me disse que se divertiu muito hoje.

— Você parece surpresa.

— Não estou surpresa. Ela sempre se diverte com você, adora te encontrar, você sabe disso. É que algumas vezes ela se diverte mais do que outras, só isso.

— É verdade, foi divertido.

— Ela também disse que talvez você tenha uma *namorada* — comentou, dando um soquinho nele, com o habitual tom de ironia na voz.

— Não comece.

— O quê?!

— Falar comigo como se eu tivesse doze anos de idade. Dá a impressão de que você vai me contar como é que se fazem os bebês.

— Bem, é que eu estou curiosa... vamos lá, conte tudo...

— Talvez — falou Stephen, ciente da imprecisão quase criminosa da impressão que estava causando. — Existe mais ou menos uma pessoa, mas... é complicado.

— Não é *outra* hermafrodita?

— Quase a mesma coisa. É casada.

— É mesmo? Seu cachorrão! Com quem ela é casada?

Com o 12o Homem mais Sexy do Mundo, pensou, mas as coisas ainda estavam meio incipientes a respeito de sua ex-mulher fazer o papel de melhor amiga e confidente, por isso preferiu responder: — Ah... você não conhece.

— Bem, você não vai deixar uma coisinha como um casamento atrapalhar a sua vida.

A oportunidade era óbvia demais para ser perdida.

— Afinal, foi o que você fez, não foi?

Os dois se entreolharam por algum tempo.

— Essa eu pedi, não foi?

— Aham.

Alison cutucou o pé dele com o dela, dando um leve tranco de ombro num gesto de amizade.

— Mudando de assunto?

— Certo. Vamos mudar de assunto.

Alison pôs a mão no joelho dele, usando como ponto de apoio para se levantar do sofá. Fique aqui. Vou pegar mais vinho.

Em meia hora, os dois estavam razoavelmente bêbados. Pela primeira vez desde o divórcio, alguma coisa da antiga convivência e afeição havia retornado, e reconhecendo isso, os dois tentavam manter o clima bebendo ainda mais.

— Alguma notícia sobre Johnny Johnson?

— Que Johnny Johnson?

— O seu papel-título, a comédia romântica transatlântica?

— Ah, o *filme*? Não, nenhuma notícia.

— Mas você continua bem cotado.

— Sim, continuo bem cotado.

— E o *teatro*?

— Você precisa dar essa ênfase?

— Que ênfase?

— “O *teatro*”.

— Desculpe. Mas como vão as coisas, seu velho *cigano*? — Estendeu o braço

para bagunçar o cabelo dele, mas Stephen impediu o gesto com a mão.

— Vão indo. Ei, se eu tiver uma oportunidade de subir no palco, você ainda iria me ver, não é?

— Claro que iria.

— Mesmo que fosse notificada de repente, que tivesse de sair de casa de repente?

— Claro que iria. Mas não é muito provável, é?

Sim, é sim, muito provável, ele queria dizer... no dia 18 de dezembro.

— A gente precisa ir atrás dos próprios sonhos, não é?

— Sonhos — ela cutucou-o com o pé. — Não seja tão Judy Garland.

— Aspirações, então.

— É, bem, é bom ter sonhos, desde que não sejam irrealis.

— É, mas qual o sentido de ter sonhos realísticos?

— Sábias palavras, Steve — ela murmurou. — Não sei bem o que significam, mas mesmo assim são sábias palavras. Ei, será que você tem um cigarro?

— Achei que você tinha parado.

— Eu parei.

— Ei, será que é uma boa ideia...?

— Vamos lá, dê logo um cigarro, antes que o Gruppenführer Colin volte.

Stephen pôs a mão no bolso, achou graça quando ela arrancou o maço da mão dele. Houve certo prazer culpado, furtivo, vagamente sexual no processo de acender o cigarro de sua ex-mulher, em observar como ela encheu a boca de fumaça com os olhos bem fechados, depois deu uma risada baixa e sacana de deleite ao se recostar de novo no sofá, deixando a fumaça sair lentamente pelos lábios e se espriar no ar. Fumar era um hábito imundo e nojento, é claro, nada elegante ou glamoroso ou sensual como os filmes pareciam sugerir. Se um dia ele pegasse sua filha fumando, Stephen já tinha um discurso enérgico preparado de antemão sobre mau hálito, vício e câncer, mas ainda assim, não havia como

negar que era algo muito evocativo, de um jeito que, digamos, comer um talo de aipo jamais conseguiria ser. Existe uma linda cena em *Amor à flor da pele* em que a personagem de Maggie Cheung rememora seu amor perdido acendendo um cigarro dele, e embora Stephen achasse difícil sentir o mesmo por um maço de Marlboro, sem dúvida ele era suscetível à imagem. Nos filmes não existem cinzeiros transbordantes, nem pontas de dedos amarelados ou línguas ásperas. E Alison definitivamente era uma grande fumante, como Lauren Bacall, digamos, ou Rita Hayworth ou Anne Bancroft. A única outra mulher que tinha esse talento para fazer cada cigarro parecer um pós-coito era Nora Harper.

As duas começaram a se misturar um pouco na mente de Stephen. Percebeu que gostava, ou amava, as mesmas coisas em ambas: a segura e irreverência, a ocasional ferocidade, a elegância casual, o fato de as duas serem mais inteligentes, mais duras e mais assertivas que ele. Adorava passar o tempo com elas, apesar da inevitável frustração envolvida, e adorava ouvi-las rirem, adorava a sensação de que eram risadas merecidas a duras penas. Considerava as duas desejáveis e quase irresistíveis. Percebia também que, por coincidência, elas estavam totalmente indisponíveis.

Alison pegou a taça de vinho, recostou-se no sofá, os pés perturbadoramente aninhados perto da virilha de Stephen, e ele notou que Alison estava usando algo bastante incomum para ela, algo que poderia ser definido como meias finas. Será que ela estava flertando? Sim, definitivamente, ela estava flertando. Stephen começou a se sentir quase um pouco byrônico.

— Lembra do último trabalho que eu fiz? — perguntou ela. — Naquele filme ridículo?

— *A sensual comissária de bordo*.

— Nem mesmo era *A sensual comissária de bordo 1*; era *A sensual comissária de bordo 4*. Uma linha de diálogo... “Nozes para acompanhar, senhor?” Três dias gelando a bunda naquele traje ridículo, blusa desabotoada até aqui, os seios saindo da roupa, num depósito em Borehamwood dizendo não sei quantas vezes “Nozes para acompanhar, senhor? Nozes para acompanhar, senhor?”, enquanto um câmera babão enfiava a lente embaixo da minha saia. Foi quando nós descobrimos que eu estava grávida da Sophie, e eu pensei, certo, chega dessa palhaçada, basta. Eu adorava tudo aquilo, quando era mais nova, quando nós começamos a sair juntos. Mas achei que ia ser... diferente, sabe? Pensei que seria algo válido de alguma forma, que tornaria a vida das pessoas melhor, que eu iria conhecer pessoas brilhantes e criativas, ser parte de uma comunidade e fazer papéis fantásticos, participar de contundentes telefilmes políticos, que

milhões de pessoas assistiriam e falaria a respeito, que se sentiriam entretidas, se inspirassem, se comovessem com aquilo. E que *mudassem* com aquilo. E de repente você consegue, está sendo paga pelo trabalho, para fazer o que sempre sonhou, e não tem *nada* a ver, nada mesmo. Nenhuma diversão, nenhuma satisfação, nenhum controle. É um trabalho completamente diferente... dizer “*Nozes* para acompanhar, senhor?” o dia inteiro, com os seios saindo da roupa. Eu me senti ludibriada... anos de aborrecimento, desperdício, inveja e ansiedade, por *isso*? Para fazer o papel de comissárias de bordo gostosinhas, de prostitutas assassinaadas e stripteasers. Por isso foi tão fácil desistir. Porque a maior parte do tempo o trabalho era se passar por uma puta de uma idiota. — Tomou um longo gole de vinho, antes de acrescentar, de forma acusadora: — Por *homens*, principalmente.

— Mas você era uma comissária de bordo muito sensual — comentou Stephen, sentindo-se agora meio zozno e meloso.

— Oh, puxa... — ela murmurou, exalando uma longa nuvem de fumaça. — Um grande sonho realizado.

— Não, é verdade.

— É, certo, o *Colin* obviamente gostou — observou com uma risada meio rosnada, escondendo o rosto com a taça.

— Como assim?

Alison olhou de soslaio, sorrindo.

— Bem... a gente tem uma cópia em vídeo, certo? E quando eu saio, ele assiste escondido.

— Você está brincando.

— É verdade. Eu sei, porque ele sempre guarda num lugar diferente, o boboca. A não ser que ele tenha uma queda pela *A sensual comissária de bordo I*, é claro.

— Bem, é um elogio, não é?

— Eu fiz esse filme há, o quê, oito anos. Preferia que ele se mostrasse mais interessado no modelo atual, para dizer a verdade.

— Bom, eu *continuo* achando você incrível.

— Não paquere a sua ex-mulher, Steve. Não pega bem.

— Então estou perdendo meu tempo?

— Totalmente. Eu amo você demais, Steve, sabe disso — falou, e Stephen percebeu mais uma vez como o acréscimo das palavras “demais”, “bastante” e “à beça” tornava as três palavras precedentes inteiramente inócuas. — E se as coisas tivessem sido diferentes... — Arqueou as costas no sofá, deu uma tragada profunda no cigarro e esticou os braços acima da cabeça. — Mas, bem, agora eu estou com Colin, que eu amo. Deus sabe lá por quê... às vezes ele não passa de um imbecil pedante.

— Posso perguntar uma coisa? — indagou Stephen, servindo mais vinho.

Alison o olhou de cima a baixo, por cima do próprio corpo e estreitou os olhos.

— Mande.

— Promete que não vai ficar zangada?

— Não.

— Tudo bem. — Suspiro profundo. — Que diabo você vê nele?

— No Colin? — Alison deu uma pequena risada seca, fez uma careta e de repente ficou ereta, os braços em torno dos joelhos. — Eu posso explicar. É como se fossem carros.

— Carros.

— Carros. Quando você é jovem, quer alguma coisa maluca e engraçada, um Citroën 2CV amarelo, um velho caindo aos pedaços ou algo assim, e não está nem aí se quebrar, se as pessoas riem de você, porque ainda nem conseguiu acreditar que deixaram você *dirigir*. Você vai dirigir *qualquer* coisa. Quando a gente fica um pouco mais velha, pode querer algo mais bacana, não necessariamente muito caro, porém um pouco mais veloz, maneiro e arrojado, algo que qualquer um gostaria de ter. De minha parte, acho que cheguei à idade em que o que eu queria mesmo era um bom e velho e caro BMW. Algo que faz a gente se sentir... seguro.

— E esse é o Colin? Colin é o BMW.

— Colin é o BMW.

— Bem, sem dúvida ele é espaçoso.

- Está vendo... é uma visão superficial, não é?
- Aham. E o que eu era? O Citroën 2CV amarelo?
- De jeito nenhum. Você era o meu Golf VW.
- Um ponto oito?
- Um ponto seis diesel.
- Econômico...
- Azul-marinho, mas com bancos de couro. Daqueles com um pequeno e elegante teto solar.
- Não sei se devo me sentir elogiado ou atemorizado.
- Sinta-se elogiado. É um carrinho adorável. Muitas mulheres matariam por um pequeno VW azul.
- Você acha mesmo?
- E eu falo como quem já teve um desses. — Houve um breve silêncio enquanto os dois olhavam um para o outro. Depois, sem razão aparente, ela inclinou-se para a frente e pegou na mão dele.
- Acho que nós gostaríamos de ver você mais.
- Quem?
- Eu e Sophie. Não estou sugerindo que a gente saia numa caravana de férias de família ou coisa assim, mas gostaríamos de encontrar mais você. Sentimos a sua falta. Principalmente Sophie. Você já disse que gostaria que ela dormisse na sua casa, ou viajassem para algum lugar...
- E o que a levou a tomar essa decisão?
- Nada. É que você parece... melhor.
- Melhor?
- Não tão triste.
- Bem, você sabe... eu dei uma pirada naquela época.

— Eu sei disso, e foi culpa minha, e peço desculpas. Mas você está *melhor*, não está?

Stephen sentiu a cabeça quente.

— Chegando lá.

— E isso tem algo a ver com essa misteriosa mulher casada?

— Não sei. Pode ser.

— Acha que pode acontecer alguma coisa?

— Não sei ao certo.

— Mas você está bem cotado?

— Não tão bem. Mais ou menos cotado.

— Um 2B.

O reflexo de trocadilhos de Stephen engatilhou. — 2B ou...

— Pare! — interrompeu Alison, agarrando o braço dele numa expressão que dizia: — ...senão eu mato você.

Stephen fechou bem os olhos. *Lute, lute, lute...*

— Eu amo você, sabe — disse Alison, e Stephen abriu os olhos. — Quer dizer, não do jeito que amava antes, mas amo de verdade.

— Sei, é... eu também.

— Que bom saber — e, com um meio sorriso: — Vou lembrar sempre disso.

— Faça isso — disse Stephen, e os dois ouviram o som de uma chave na fechadura. — É o BMW.

— Na hora certinha — murmurou Alison, apagando o cigarro.

— Ali? Tem alguém fumando? — gritou Colin do hall.

— Na verdade, eu continuo achando você incrível...

— Agora chega — cochichou Alison, encolhendo as pernas e do colo de Stephen.

— Temos mesmo que fazer isso?

— Posso sentir o cheiro de cigaaarro — gritou Colin.

— Sim, temos — respondeu Alison, cruzando as pernas e espanando as cinzas da roupa. De rosto avermelhado, e também um pouco bêbado, Colin apareceu na porta, parecendo um bedel severo porém justo.

— Olá! — disseram Alison e Stephen ao mesmo tempo.

— Ah... olá, Steve. Onde está Sophie? — perguntou Colin, de alguma forma conseguindo soar como “O que vocês fizeram com Sophie?”

— Está lá em cima, fumando — respondeu Alison. — Stephen comprou o primeiro maço de cigarros da vida dela. Ele está ensinando Sophie a fumar, não é, Stephen?

— Aham. — Mas a atmosfera de flerte tinha se dissolvido, e Stephen agora tentava bolar a forma mais rápida de sair dali.

— Certo. Entendi — observou Colin, com seu esgar de boneco espacial, atravessando a sala e pegando a segunda garrafa de vinho vazia pelo gargalo, como se fosse uma evidência forense. — Meu Deus! Vocês dois estão de *pileque*?

— Só um pouquinho, amor — respondeu Alison carinhosamente, pegando a mão de Colin pela ponta dos dedos, sacudindo o braço dele. — Só um pouquinho.

— Tudo bem, desde que não se esqueça de que é domingo à noite e que amanhã é dia de escola.

— Eu sei em que dia da semana estamos, Colin — disparou Alison, largando o braço dele. — E tenho trinta e um anos, e não tenho mais dia de *escola*.

Pouco depois, Stephen saiu para pegar o ônibus de volta para casa.

* * *

Chegou em casa tarde da noite, embriagado, alegre e romântico, e resistiu à tentação de tomar um último drinque, em parte por causa das calorias de uma taça de vinho, e também porque não havia graça nenhuma em se enganar flertando consigo mesmo. Sentiu uma intensa vontade de falar com Nora. Talvez devesse ligar para Nora. Talvez não.

Preferiu sentar-se à pequena mesa em frente ao quintal do Idaho Fried Chicken. Numa pilha de cartões-postais sobre a mesa havia um cartão de Josh Harper da noite de estreia, escrito meses antes, em julho. Fazia tempo que queria jogar aquilo fora, mas foi contido pela desculpa esfarrapada de que um dia poderia usar aquilo para impressionar alguém. Já que a carreira de Josh seguia firme nos trilhos, talvez o cartão valesse alguma coisa.

Rabiscado no verso, escrito com uma caneta de ponta grossa, lia-se:

Para Stephen... obrigado pelo apoio, colega. Espero que tenha logo a sua Grande Chance, e que me mostre o que sabe fazer. Quebre a perna. Ou melhor, quebre a MINHA perna! Hah Hah!!! Com muito afeto, seu colega, Josh Harper!

Depositou o cartão à sua frente na mesa, pegou uma caneta e praticou a assinatura de Josh no verso de uma velha conta de telefone, estreitando os olhos na luz como o personagem de Donald Pleasence em *Fugindo do inferno*. Não ficou mau — não era uma falsificação perfeita, mas cumpriria o seu propósito. Pegou um exemplar do programa do teatro de uma pequena pilha que guardava na gaveta da escrivaninha e abriu na página central, com a foto em preto e branco de Josh, todo maços do rosto e transpiração, lábios levemente afastados e olhos ardentes. Deu uma última olhada na assinatura de Josh no cartão-postal e em seguida, falando com a voz de Josh, e com o máximo de floreios que conseguiu, escreveu...

*Para a adorável Sophie McQueen,
Afetos e beijos
Josh Harper*

Comparou a letra de Josh com a original. Não estava mau. Na capa do programa, com outra caneta, escreveu com a própria letra:

Olá, princesa! Foi muito bom estar com você no domingo. É sempre muito bom encontrar com você, claro, mas dessa vez foi especial. Você também não acha? Acho que sim. Bem, abra na página 4! O AUTÓGRAFO DE UM ATOR FAMOSO! Espero que isso resolva o seu problema na escola. E não se esqueça de que eu te amo muito, muito, MUITO.

Papai.

Colocou o programa num envelope, escreveu o nome e o endereço de Sophie numa letra incompreensível e deixou perto da porta, para mandar nos próximos dias. Depois ligou o projetor de DVD, pôs um de seus filmes favoritos, *A embriaguez do sucesso*, apagou as luzes, viu a parede tremer em tons de preto e branco, e logo adormeceu sob a luz bruxuleante.

A GRANDE CAMA BRANCA

Stephen e Norma estavam deitados numa cama tão larga e branca quanto uma tela de cinema. Era uma da manhã, e Nora enxugava as lágrimas dos olhos com as costas da mão.

Na enorme tela da TV aos pés da cama, rolavam os créditos de *Níspcias de escândalo*. Foi uma sugestão de Nora, e Stephen tinha concordado, sem se lembrar do quanto inebriante e romântico era o filme. Assistir àquele filme tarde da noite na imensa televisão de Josh, no quarto de Josh, parecia insuportavelmente sugestivo. Ele não sabia da existência de um filme chamado *Stephen está apaixonado por Nora*, mas talvez só esse poderia ser mais pertinente. A longa, inebriante e envolvente cena romântica entre Jimmy Stewart e Katharine Hepburn pareceu perfeitamente adequada e eloquente. Considerou se Nora sentia a mesma coisa, mas a julgar pelas vastas quantidades de húmus e pão árabe que ela estava comendo, o que mais sentia era fome.

— Este sim é um filme maravilhoso — comentou Nora, contorcendo-se para se arrastar pela considerável distância até o pé da cama e desligar o DVD player. — Qualquer um que prefira *Alta sociedade* a *Níspcias de escândalo* deve ser louco — observou, debruçando-se da cama em busca da segunda garrafa de vinho. — Desculpe por virar meu traseiro gordo para sua cara. — Usava uma bata branca muito folgada, do tipo que se encontra nos melhores hotéis, e todo o cômodo exalava aquela atmosfera moderna de quarto de hotel, apesar de mobiliado com halteres, um pula-pula e um modelo em escala da *Millenium Falcon*. Josh tinha convidado amigos para assistir à peça e prometera voltar assim que pudesse, mas o filme já tinha acabado, e o mais provável é que ele tivesse ido a alguma boate exclusiva. Da cômoda, o capacete original de Storm Trooper de Josh encarava Stephen de forma acusadora. O antigo suporte do capacete, o BAFTA, ainda estava atrás do guarda-roupa de Stephen, embrulhado num cobertor.

— Sabe o que eu *mais* odeio? — perguntou Nora, voltando para a cama com Stephen.

— Pode falar.

— Efeitos especiais. O que há de especial em efeitos especiais? Mesmo quando são incríveis, é como assistir um grande e bobo desenho animado. Chega a ser constrangedor estar num cinema com aquelas pessoas supostamente adultas saltitando ao assistir um filme para crianças. O que aconteceu com os filmes com gente de *verdade*? Seres humanos. — Deitou-se de lado, agora de frente para Stephen, a cabeça apoiada na mão. — Parece esses testes que Josh sempre participa, onde querem que ele seja um ciborgue assassino, um policial do futuro ou um homem-tartaruga. Qual é o sentido? Ele está desperdiçando o próprio talento... afinal, ninguém vai prestar atenção na *atuação* dele.

— Você fala sobre isso com ele?

— Falo, mas ele diz que eu não entendo o grande plano de conquistar o mundo que é a carreira dele. Além do mais, Josh *adora* essas coisas de história em quadrinhos. Ele finge que não gosta, mas adora. Eu já o vi chorar, chorar mesmo, feito um *bebê*, quando Han Solo é congelado em carbono em *O Império contra-ataca*.

— Bem, é um momento bem intenso.

— Sim, talvez para um garoto de onze anos. Na verdade acho que Josh gosta muito

da ideia. Ele não quer ser cremado, quer ser congelado em carbono. Aliás, ele já contou a última para você? — Tomou um bom gole de vinho tinto, e Stephen preparou-se para ouvir mais uma boa notícia a respeito de outra pessoa. — Agora eles querem que Josh faça o novo Superman.

— Bem, era uma coisa que ia acabar acontecendo. Superman, James Bond ou Jesus.

— Só que ele só aceita fazer Jesus se puder usar armas.

— Atirando primeiro, perdendo depois.

Nora passou para sua razoável imitação de Josh.

— O negócio é que acho que o personagem poderia ser um pouco mais proativo, só isso... — e deu risada, recostando-se nos travessieiros. — Estou surpresa que ele não tenha comentado sobre o Superman. Deveria ser um grande segredo, claro, mas ele está contando para quase todo mundo que conhece. Pessoas com quem ele esbarra. Parece que se o estúdio conseguir aprovar um Superman com sotaque, o papel vai ser dele. Deus sabe o que *isso* vai fazer com o ego dele; Josh já acha que consegue saltar entre dois prédios só no impulso. Outro dia eu o surpreendi no banheiro com o cabelo emplastrado, ondulado, fazendo assim na frente do espelho — fez uma expressão determinada, encostando o punho fechado no braço estendido à frente. — Eu perguntei o que estava fazendo. Ele disse que estava *alongando*. Os dois deram risada. — Você não sabe onde eu posso arranjar um pouco de kryptonita, sabe?

Em certo sentido, Stephen estava de posse de kryptonita, mas não podia falar nada a respeito com Nora. Não seria justo; afinal, Josh tinha prometido que iria mudar.

— Bem-feito para mim, imagino — ela continuou.

— Por quê?

— Por me casar com um homem que coleciona brinquedos e me chama de Nozza.

Stephen se ajeitou, recostou-se nos travessieiros ao lado de Nora.

— Como estão as coisas? — perguntou, incerto do que queria ouvir como resposta.

— Com Josh? Tudo bem. Por que a pergunta?

— Só estava pensando se alguma coisa tinha mudado.

— Por que alguma coisa teria mudado?

— Só pensei que talvez...

— Sei lá, Steve. — Nora deu um suspiro, virou de lado e ficou de frente para ele.

— Às vezes tenho a impressão de que ele gostaria de estar casado com alguém que gostasse mais de tapetes vermelhos, só isso.

— Isso é ridículo.

— É verdade.

— Por que você pensa assim?

— Pela forma como ele... lê revistas, ou olha ao redor numa festa, como se estivesse escolhendo num menu... “Devo pedir isso? Ou aquilo? Ou será que poderia pedir aquilo...” Não só mulheres, homens também; ele é um colecionador. Presta um pouco de atenção em você, e pronto. Tem tanta coisa acontecendo na vida dele, e tão pouco acontecendo na minha...

— Neste momento.

— Neste momento, mas eu não ficaria surpresa se ele estivesse decepcionado, sabe.

— Com o quê?

Nora deu de ombros.

— Comigo, às vezes.

— Como alguém poderia se decepcionar com você? — Stephen disse aquilo sem pensar, e Nora olhou-o de lado, franzindo a testa.

— Deixe de ser bobo, Steve.

— Não, estou falando sério.

Virou-se mais uma vez para olhar para ele, com um sorriso levemente severo.

— Está flertando comigo, Sr. McQueen?

— Não seja ridícula — ele resmungou.

Nora fez um bico jocoso, o queixo encostado no peito.

— Eu gostaria de pensar que talvez não fosse tão ridículo. — Olhou para ele sem mexer a cabeça, com o canto dos olhos, um leve franzir da testa, o fantasma de um sorriso nos lábios. E ali estava, uma oportunidade de ser atrevido, de dizer alguma coisa impetuosa, provocativa, para ser o protagonista, não o substituto; tomar uma atitude, dizer o que sentia, como Jimmy Stewart em *Núpcias de escândalo*. Mesmo que ela o rejeitasse, ou o esbofeteasse, ao menos seria alguma atitude, uma espécie de mudança ou movimento para a frente. Lembra-se do lema de Josh? Stephen pôs o copo com cuidado no colchão plano e duro, levou as mãos para trás e ergueu-se mais na cama, até seu rosto estar na mesma altura do de Nora.

— Ah, Stephen... — ela suspirou.

— Nora...

— Acho que você acabou de sentar no húmus.

Stephen levantou a nádega esquerda para remover o prato de húmus, e ao fazer isso chutou a taça de vinho.

— Ah, meu Deus...

— Tudo bem.

— Eu não acredito que fui tão desastrado.

— Tudo bem, sem problema. Só preciso tirar esses lençóis antes que manchem...

— Deixe eu ajudar.

— Por favor, Stephen — interrompeu Nora, com um ligeiro tom de irritação. — É melhor eu fazer isso.

Pouco depois ele estava na área de serviço, em silêncio, esperando o táxi chegar. Da última vez que estivera naquele local específico foi para encher o lava-pratos de copos sujos, e não conseguia deixar de pensar que já conhecia mais do que desejava a louça de Josh Harper. Mas lá estava ele outra vez, observando Nora ajoelhada enfiando a roupa de cama na máquina de lavar.

— Desculpe por tudo isso.

— Tudo bem, essas coisas acontecem.

Ouviu um estalido na porta da frente.

— Já terminamos aqui, Josh! — determinou Nora, fechando a máquina de lavar e se levantando.

— Oi, linda — bradou o Superman, atravessando a cozinha para chegar à área de serviço, abraçando Nora com tanta força que ela teve de se segurar na lavadora para não cair, depois beijando-a na boca com força, e depois outra vez. Era um beijo levemente lascivo, de lábios abertos, o tipo de beijo que se pode *ouvir*, mesmo com o barulho de um ciclo de lavagem de máquina, o tipo de beijo que se vê mais comumente num parque de diversões, atrás das cortinas. Um beijo que enunciava uma opinião.

— Qual a razão disso tudo, garotão? — perguntou Nora, tentando respirar,

olhando para Stephen, constrangida.

— Precisa existir uma razão? — retrucou Josh, nitidamente um pouco bêbado.

— Não, mas que acho que perdi uma obturação — e olhou para Stephen e riu, que fez o melhor possível para devolver o sorriso.

— Steve não se incomoda com isso, não é, Steve?

— Absolutamente — respondeu Stephen, incomodando-se mais do que poderia dizer.

SUPERMAN VS. O ESQUILO SAMMY

EXT. LAGOA NUM BOSQUE. DIA

O ESQUILO SAMMY está num barco a remo no lago (vamos fazer uma tela azul nisso). No barco há um bolo de aniversário feito por ele. (Onde deve estar escrito “FELIZ ANIVERSÁRIO, OLIVIA” — Letras GRANDES, por favor!) Ele vê as crianças em casa...

ESQUILO SAMMY

Olá, meninos e meninas! Vim aqui para ver a Coruja Olivia. Hoje é o aniversário dela, sabem, e quero entregar esse bolo de chocolate especial que fiz de presente...

(MOSTRA O BOLO — AD-LIB O QUANTO É BONITO ETC.)

O problema é que ela mora num carvalho grande e antigo do outro lado do lago. A única forma de se chegar lá é remando.

(COMEÇA A REMAR OUTRA VEZ)

Puxa! Pelo meu rabo e meus bigodes, remar é um trabalho duro. Um trabalho muito ufa-ufa mesmo! Gostaria que houvesse uma maneira de tornar isso mais fácil...

(PENSA!)

Já sei... que tal cantar uma canção... uma canção sobre remar! Vocês se lembram de alguma? Eu conheço uma canção sobre remar... se vocês também souberem, talvez possam cantar comigo? Pelo meu rabo peludo, isso vai divertido!!!

(SOA MÚSICA PRÉ-GRAVADA — ELE COMEÇA A CANTAR)

Reme, reme, reme o seu barco/Devagar

Pela correnteza/Alegremente etc. etc. etc.

Continua ad-lib...

* * *

Sentado no seu camarim, dentes da frente descansando no lábio inferior, Stephen

entra no personagem inconscientemente. Observou a página por algum tempo, conjecturando se existiria alguma forma de memorizar a letra sem precisar ler as palavras. Talvez absorvendo-a pela ponta dos dedos. Não que o incomode fazer coisas de criança — na verdade, ele até gosta —, mas aquilo trazia lembranças do período sombrio e depressivo logo depois da oficialização do divórcio, e dos quatro longos e lúgubres dias num depósito sem aquecimento em Mill Hill, coberto de eczemas e vestido numa roupa de esquilo, cantando sobre as rodas do ônibus rodando e rodando e rodando e rodando...

Estremeceu, arqueou as costas e contorceu os ombros, como que para se libertar fisicamente daquela lembrança, depois voltou a decorar suas falas. Precisamente às 8h48, como já tinha feito cento e vinte e duas vezes, e ainda faria mais vinte e duas vezes — ou dezenove vezes, se contasse com as três apresentações como Byron —, Stephen desceu a traiçoeira escada que levava ao lado esquerdo do palco, para observar da coxia. Fez sua entrada (fantasmagoricamente), abriu a porta (lentamente), fez uma reverência (sombriamente), fechou a porta (lentamente), saiu (rapidamente) — e já estava voltando para o camarim quando Josh puxou-o pela capa.

— Ei, venha falar comigo depois, tá? Preciso pedir um grande favor.

— Na verdade eu precisava...

— Dois minutos, tá? — E, sem esperar pela resposta, Josh fez sua gesticulação de murgulhador e voltou para os aplausos do público.

Depois do espetáculo, Stephen bateu à porta de Josh, ouviu um grunhido aquiescente acima do volume muito alto do hip-hop e entrou.

Josh estava de bruços no chão, só de cueca, gemendo, e por um terrível/maravilhoso momento Stephen achou que ele tinha se machucado, caído, lutado para se levantar e caído outra vez. Estava para perguntar se precisava de ajuda quando ficou claro que na verdade Josh estava praticando uma elaborada flexão de braços, lançando-se no ar com um gemido e batendo palmas entre cada flexão, como uma foca performática.

— Ah... desculpe, eu... — disse Stephen, recuando.

— Ei (tap) olá! (tap) Pode (tap) entrar! Senta (tap)...

Stephen acomodou-se na cadeira giratória perto da mesa, quase esbarrando o cotovelo nas quatro gordas lesmas de cocaína alinhadas numa capa do CD *Fear of a Black Planet*, do Public Enemy. Ao lado, uma nota de vinte libras enrolada,

um cartão de crédito Platinum, uma garrafa de champanhe e uma caneca de souvenir de *Os miseráveis*.

— Dá uma (tap) cheirada, Stephanie (tap)...

Não era uma boa ideia, claro, não diante da perspectiva de mais dez horas com as luzes quentes de um estúdio na cara. Mas afinal, era um presente de Josh. Stephanie deu uma cheirada, estremeceu, e deu um gole na champanhe morna da caneca de *Os miseráveis*.

— Você quer ver alguma coisa realmente engraçada? — riu Josh, erguendo-se e começando a vestir a calça.

— O quê? — perguntou Stephen, piscando e coçando o nariz.

— Quero dizer, *realmente* engraçada.

— Manda.

— Mas você não vai contar a ninguém que eu mostrei isso para você, certo? — Josh abriu a gaveta da penteadeira, enfiou a mão embaixo de uma pilha de roteiros e retirou uma sacola de plástico. — Mas você tem que prometer não fazer gozação. — Dando risadinhas, enfiou a mão na sacola e tirou um espalhafatoso retângulo de cartolina colorida, que girou lentamente nos dedos, como faz um mágico. Dentro de uma bolha de plástico transparente havia um pequeno boneco de plástico.

— Josh Harper orgulhosamente apresenta (rufar de tambores) meu... boneco!

— Ah... meu... Deus! — exclamou Stephen dando risada, apesar de si mesmo, tirando o brinquedo da mão de Josh. Contra o fundo negro, em letras maiúsculas metálicas, liam-se as palavras *Mercury Rain*, com uma fotografia de Josh vestindo um traje militar futurístico, um fuzil espacial cruzado no peito. Stephen sentiu a mandíbula enrijecer, começou a ouvir o sangue pulsar na cabeça.

— Tenente Virgil Solomon... da Força Expedicionária Planetária! — bradou Josh. — Sou eu! Direto do capitalismo selvagem de Taiwan. Bandos de crianças de doze anos pintando meu cabelo por setenta e cinco centavos por dia. Realmente é incrível — acrescentou, incapaz de disfarçar seu sarcasmo em face da exploração global. Stephen examinou o rosto do boneco mais de perto; havia uma vaga semelhança, mas não muita; duas gotinhas azuis no lugar dos olhos, mas um nariz largo e um pescoço grosso, cabelo preto esticado e uma pequena cicatriz carmesim num lado do rosto.

— De onde surgiu a cicatriz?

— De lutas contra vários louva-a-deus gigantes — respondeu Josh, abotoando uma linda camisa branca tirada da gaveta.

Stephen examinou mais de perto.

— Puta merda... como você está feio — disse sorrindo.

— Eu sei! Olha como eles me fizeram gordo também... um porco grande e gordo. Você acha que isso vai fazer com que eu pareça gordo?

— Não, na verdade não.

— Fala sério... — insistiu Josh, esfregando o abdome para se sentir mais seguro.

— Um pouquinho gordo, talvez.

— Eu sabia! Esses canalhas de Taiwan. Eu deveria processar todos eles!

— É como eles dizem, esses brinquedos de ação aumentam o peso na vida real.

Josh tentou tirar o boneco da mão de Stephen, e por um momento os dois pareceram garotos de oito anos de idade, quase amigos, implicando um com o outro no parque.

— Eu quero abrir! — choramingou Stephen, divertindo-se mais do que deveria na verdade.

— Não pode. Eu valho mais na embalagem original. Vai comprar um, se quiser.

— Então, além de servir como modelo, você *fez* alguma outra coisa?

— O que, como disparar um foguete ou algo assim? Não. — Apertou o nariz, fungou e engoliu. — Meu cinto de utilidades brilha no escuro, mas fora isso, nada. Mas eu tenho o meu helicóptero flutuante sendo vendido a 17,99 libras.

— E dá para tirar a sua roupa?

— Só se eu cheirar mais duas dessas — brincou Josh, apontando as duas fileiras de cocaína restantes, e Stephen percebeu que precisava dizer alguma coisa logo.

— Então... um BAFTA, um boneco...

— Pois é, a vida é doce, não é? Só que eu ainda não consegui encontrar o meu

maldito BAFTA.

Houve um momento de silêncio. Stephen não conseguia mais sentir os próprios dentes, e começou a ouvir som do coração batendo no peito. Será que Josh também conseguia ouvir?, perguntou-se. E afinal, por que ele o tinha convidado para vir ao camarim? Por certo não foi só para mostrar o novo boneco. Por amizade? Será que agora eles eram amigos, ou ele só queria que alguém o visse fazendo suas flexões?

— Escute, Steve, o negócio é o seguinte... — Josh baixou o volume da música, sentou-se de lado na cadeira giratória e cruzou os braços, apertando os próprios bíceps; Stephen sentiu o primeiro estremecimento de ansiedade. — Eu disse a Nora que você e eu vamos sair hoje à noite para tomar uns drinks.

— É mesmo? Certo, legal, seria uma boa, Josh, mas acho melhor eu não dormir muito tarde. Com a aproximação do dia 18 e tudo isso... — Na verdade o que pairava no ar era a sombra do grande esquilo vermelho, mas não havia razão para Josh saber disso.

— Não, não, tudo bem, eu também não quero sair, é que eu preciso de um... bem, um álibi.

— Um álibi?

Josh bateu os dentes algumas vezes, começou a examinar as pontas dos dedos.

— Eu meio que vou tomar um drink com alguém, sabe. Naquele lugar aonde nós fomos.

— Josh...

— Não é o que você está pensando, Steve. É só para conversar. O negócio é que esse alguém, essa mulher, é uma amiga minha e... bem, só que ela resolveu se apaixonar por mim. — Torceu o nariz e grunhiu ante aquela inconveniência, como alguém poderia grunhir ao perceber a morte de um peixinho dourado. — E está levando a coisa a sério, enviando mensagens e mandando cartas e tudo o mais, então eu disse que encontraria com ela para um drink, para conversar a respeito, tentar acalmar a situação antes que ela entre numa de *Atração fatal*. Por isso, se a Nora perguntar, você só precisa dizer que estava comigo.

— Mas não tem nada rolando com essa outra mulher?

— Nada.

— Tem certeza, Josh?

— Absoluta.

— Porque eu sei que nós temos um acordo, mas...

— Não é um acordo.

— Um... arranjo, então.

— Não tem nada a ver com isso.

— Mas eu não me sentiria confortável se pensasse que...

— Entendo perfeitamente...

— ...se pensasse que estou criando uma... distração para você.

— Eu sei. E não é esse o caso.

Alguém bateu na porta do camarim. Josh levantou depressa e abriu um pequeno vão, botando a cabeça para o corredor. Stephen ouviu vozes, em tom baixo e urgente, e Josh fez um leve sinal de cabeça para Stephen, dando a entender que deveriam tomar cuidado com o que diziam. A mulher inclinou-se na direção do aceno de Josh, e foi aí que Stephen a viu, Abigail Edwards, a policial Sally Snow da TV, sua colega de *Summers and Snow*.

— Olá — disse Abigail, espiando pelo quarto, dando um sorriso educado.

— Olá — respondeu Stephen, tão friamente quanto conseguiu.

— Eu não conheço você de algum lugar?

— Pode ser.

— Já sei... você não é o Jovem Morto?

— Isso mesmo — concordou Stephen, sem entusiasmo. — Sou o Jovem Morto.

— Steve era um dos garçons da minha festa, lembra?

— Isso mesmo, agora eu me lembro. Você mandou meu melhor amigo se foder.

— Eu mesmo.

E depois parecia que não havia nada mais a dizer.

— Então a gente se encontra lá em dez minutos, certo? — disse Josh.

— Tudo bem, amor, não me deixe esperando — murmurou Abigail, antes de beijar Josh no rosto. Em seguida, simulando um falso sorriso, inclinou-se para dizer: — Prazer em revê-lo, Jovem Morto — e foi embora.

Josh fechou a porta.

— Não é adorável a nossa polícia?

— Sua nova amante, Josh?

— De jeito nenhum — contestou, com um sorriso irônico. — Por que está dizendo isso?

— Ela acabou de chamar você de “amor”.

— E daí? Um monte de gente me chama de amor.

— Disso eu não tenho dúvida.

— Tudo bem... nós saímos uma ou duas vezes talvez.

— Josh!

— Mas juro que não curti... — e soltou uma gargalhada, debruçando-se sobre a cocaína, dando uma boa cheirada e pressionando os dois olhos com a mão. — *Ay caramba!* — ele engasgou ao dar um gole da caneca de champanhe. — Não sei o que é, Steve. Talvez seja o uniforme...

Mas Stephen já estava de pé, pegando o casaco.

— Sabe qual é o seu problema, Josh?

— Qual é?

— Você só tem pênis, não tem coração.

— Ah, peraí, não seja assim, Steve.

— Assim como?

— Como a minha mãe. Eu sou apenas humano, colega, sou de carne e osso.

— É o que você sempre diz.

— E você sabe o que dizem... se você estiver na locação, o beijo não vale.

Stephen suspirou.

— Você não está na locação, Josh.

— Não, mas é como se estivesse — empurrando a cocaína na direção de Stephen. — Tem certeza que não quer mais um pouco?

— Você não sabe mesmo o que tem, não é?

— Como assim?

— Nora. Você não faz ideia do quanto ela vale, do quanto você tem sorte...

— Claro que sei! É por isso que vou encontrar Abi hoje à noite, para esclarecer a situação.

— E depois?

— Como assim?

— Quem vai ser a próxima? Maxine, ela, Deus sabe quem mais... quem vai ser a próxima a receber o tratamento especial de Josh Harper?

— Ei, é possível amar alguém sem ser totalmente *fiel*, Steve! — defendeu-se. Depois, justiça seja feita, pareceu só um pouquinho envergonhado. — Tudo bem, admito que talvez a gente tenha se casado um pouco depressa demais, e talvez eu não esteja preparado para esse nível de comprometimento. Mas eu adoro a Nora, adoro mesmo. Ela é inteligente e engraçada e eu gosto de estar com ela. — Os olhos estavam embaçando, ficando úmidos, e ele estava falando com sua voz mais “emocional”, ondulante e falseada, e Stephen se perguntou se ele iria até o fim e realmente começaria a chorar. — Nora é a minha rocha, Steve. É a minha estrela-guia. Ela... — fez uma pausa, procurando a próxima fala.

— O vento nas suas asas? — sugeriu Stephen.

— Isso, isso, se preferir. É uma coisa tão ruim assim?

Stephen segurou a maçaneta da porta.

— E de qualquer forma nós temos um acordo. Você me dá cobertura com a

Nora e consegue a sua grande chance, lembra-se? — disse Josh.

— Não foi esse o acordo, Josh.

— Não foi? Pois para mim parece justo. Mas... se você quer esquecer o dia 18, por mim tudo bem. No entanto, você me conhece, eu quase não fico doente. E é pouco provável que outra chance como essa apareça de novo.

E de repente Stephen percebeu que um piano jamais cairia em cima de Josh. A não ser que alguém o empurrasse.

Stephen soltou um suspiro, fechou a porta.

— Você promete que vai terminar?

— Prometo.

— Hoje à noite?

— Sim.

— Sem desculpas, sem ir ao apartamento dela?

— Palavra de escoteiro — respondeu Josh, erguendo a mão direita.

— Então tudo bem — concordou Stephen, numa voz muito baixa.

— Como?

— Eu disse... tudo bem.

— Então você vai me dar cobertura?

— Sim, Josh. Sim, eu vou fazer isso.

Quando saíram, os caçadores de autógrafo já tinham perdido as esperanças e desaparecido na noite, e os dois ficaram um instante na Wardour Street. Josh pegou a mão de Stephen com as duas mãos e pôs alguma coisa em sua palma.

— Pronto... um presente para você — disse, com um sorriso de expectativa.

Stephen olhou e viu a pequena efígie do tenente Virgíl Solomon da Força Expedicionária Planetária, depois ergueu os olhos para o rosto sorridente de Josh e se imaginou enfiando o boneco nas narinas dele.

— Não sei o que dizer — falou, pois não sabia mesmo.

— Esquece, e obrigado por... bem, você sabe, me dar cobertura. Vou fazer isso valer a pena. Dia 18, certo? Duas noites e uma matinê. Aproximou-se e deu seu abraço de Superman em Stephen, piscou e tomou a direção da boate. — A gente se vê amanhã, Stephanie — disse por cima do ombro.

— Josh? — gritou Stephen atrás dele.

— O quê?

— Você acha que poderia me chamar pelo meu nome? — perguntou, devagar e em voz baixa.

Josh voltou até ele.

— Por quê... você não gosta de Stephanie?

— O que você *acha*, Josh?

— Mas eu sempre chamei você de Stephanie, desde que nos conhecemos.

— Sim, Josh. Sim, chamou. Mas eu não gosto de Stefano, nem de Stevesters, Stevaroonny ou Bullit, e muito menos de Stephanie.

— Desculpe, companheiro. Eu não fazia ideia — replicou, sincero e contrito. Deu um soquinho no braço de Stephen e se afastou, forçando um riso. — A gente se vê amanhã... *Stephanie!!!*

Stephen sorriu, lábios cerrados, apontou uma arma invisível, para a cabeça de Josh e puxou o gatilho, e Josh sorriu, fez de conta que sua cabeça explodia, virou-se e desapareceu na multidão.

KRYPTONITA

Foi tudo por causa daquele último “Stephanie”.

Na Victoria Station, Stephen entrou numa velha cabine telefônica, bem no estilo de Clark Kent, e fechou a porta. Ele poderia ter usado o celular, claro, mas estava paranoico com a possibilidade de rastreamento do seu número. Afastou as embalagens de fast-food com as costas da mão, limpou o bocal com o casaco e ligou para o Auxílio à Lista para obter o número certo. Depois colocou outra moeda na fenda, respirou fundo, fungou e discou.

No último instante resolveu disfarçar a voz, usar um sotaque, talvez um sotaque galês, e revestir o bocal com alguma coisa. Em um filme, seria um lenço, mas ele só tinha um guardanapo de papel no bolso. Rapidamente recobriu o bocal. Cheirava um pouco a molho de salada. Sotaque galês? Quem sabe de Newcastle? De Cardiff ou Newcastle. Quando uma voz atendeu ao telefone, o sotaque ficou entre um e outro.

— Posso falar com a seção de espetáculos, por favor? — Seção de *espetáculos*? “Espec-tá-cu-lu-s”? Mesmo num sotaque reconhecível, a palavra de repente pareceu absurda.

— Como?

O sotaque mudou para o Oeste do país.

— Sua seção de espetáculos?

— Desculpe, não estou conseguindo ouvir...

Tirou o guardanapo do bocal e atravessou o Mar da Irlanda.

— Gostaria de falar com a seção de espetáculos, por favor?

— Seção de *espetáculos*? — perguntou a telefonista.

Voltou mais ou menos à sua voz normal.

— Você sabe... a página de fofocas, gente famosa, espetáculos, esse tipo de coisa.

— Posso perguntar quem está falando?

— Na verdade, eu prefiro permanecer... anônimo. — Mesmo usando a própria voz, percebeu o quanto aquilo soava bobo. Devia haver alguma forma de fazer tal coisa com alguma dignidade, sem usar a palavra “espetáculo” outra vez? Talvez não. Talvez fosse melhor simplesmente desligar...

De repente uma moça bem-falante, da seção de espetáculos, atendeu.

— Alô, Anônimo, em que posso ajudar?

— Alô, é da seção de espetáculos? — *Pare de dizer “espetáculos”*.

— Sim — respondeu a mulher numa voz suave e insinuante. Stephen não estava esperando por isso; esperava algum velho esquisitão descarado, não essa jovem cética de voz cristalina.

— Alô. Eu estava pensando, é um assunto delicado, mas você conhece um ator famoso chamado Josh Harper?

Ouviu a mulher exalar pelo nariz.

— Sim, nós sabemos quem é Josh Harper. Qual é o assunto?

— Bem, é que... eu estava numa boate exclusiva na Berwick Street, no Lounge... você conhece?

— Conheço, sim.

— Bem, ele estava acompanhado de alguém, de uma mulher, que não parecia ser a esposa.

— Entendi. — Fez uma pausa, escreveu alguma coisa. — Tem alguma ideia de quem fosse?

— Ela tem um rosto conhecido, acho que é a policial daquela série de TV, *Summers and Snow*, é isso?

— Abigail Edwards?

— Exatamente. Abigail Edwards...

Houve um momento de silêncio. O alto-falante da Victoria Station fez um anúncio, provocando um acesso de paranoia em Stephen, como se isso de alguma forma pudesse revelar sua identidade.

— E como você sabe que não é apenas um drinque amigável? — perguntou, cética.

— Tenho quase certeza de que é mais do que isso.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Houve um silêncio longo e desconfortável. Será que ela estava escrevendo alguma coisa, ganhando tempo enquanto rastreava a ligação? Suas orelhas começaram a transpirar, algo que nunca tinha sentido. Claro que seria melhor desligar...

— Então, Sr. Anônimo, o senhor tem um nome, um número ou alguma forma de poder retornar? Talvez um celular?

— Na verdade, eu prefiro não fazer isso.

— Porque devo dizer que em geral não pagamos por esse tipo de coisa.

— Ah, não, não, eu não quero receber nada.

— Entendi. Certo, tudo bem, nós vamos verificar.

— Só isso?

— Só isso.

— Então tá... boa noite.

Stephen estava prestes a desligar.

— Antes de desligar, posso perguntar uma coisa? — indagou, de repente muito alegre e jovial.

— Claro, claro...

— Desculpe, talvez eu não devesse dizer isso, mas estou curiosa. Posso perguntar... por que está fazendo isso?

— “Por quê?”

— Quero dizer, um homem adulto como você... por que se dar a esse trabalho? Qual é a sua motivação?

Parecia uma pergunta muito boa, a qual Stephen não estava preparado para responder de imediato. Por Nora? Será que estava fazendo isso por Nora? Será que imaginava que de alguma forma ela iria ficar *contente* com isso?

— É alguma espécie de cruzada moral? — insistiu a voz. — Interesse público? Está querendo ajustar alguma conta? Tem algo contra ele? Alguma rixa ou coisa assim?

Stephen desligou o telefone.

Na versão comédia romântica da sua vida, normalmente esse seria o momento de fazer alguma coisa heroica, algo peculiar e charmoso, apaixonado e romântico, algo pelo amor de Nora que faria o público aprovar e aplaudir. Mas, por mais que tentasse, não conseguia ver nada romântico num telefonema anônimo. Ficou com a cabeça encostada no vidro, afundado até o tornozelo nas embalagens de hambúrguer e jornais descartados, perguntando-se se alguma vez na vida já tinha se sentido tão baixo.

Enfiou a mão no bolso e jogou o boneco de Josh entre os detritos do chão.
E, quando saiu da cabine telefônica, ele continuava sendo o Clark Kent.

A FLOR DA PELE

Na manhã seguinte, os resultados foram melhores, ou piores, do que ele poderia esperar.

Stephen estava na cantina de um estúdio em Twickenham, usando uma pesada fantasia de esquilo de nylon, com uma imensa noz de fibra de vidro na mesa ao lado de um sanduíche de bacon. À sua frente, o diretor de palco folheava o jornal, e foi aí que Stephen viu, e gemeu em voz alta. O diretor de palco ergueu os olhos.

— Você poderia me emprestar esse jornal?

Insensível aos seus instintos animais, o diretor de palco fez uma careta, e Stephen teve mais uma vez de aceitar que o fazer o papel-título de um filme não era garantia automática de qualquer autoridade.

— Um segundo? Por favor?

O diretor de cena exalou pelo nariz, entregou o jornal e saiu. Stephen apertou o jornal com as duas patas.

Da mesma forma como não existem papéis pequenos, dizem também não existir publicidade desfavorável. Mas aquilo era sem dúvida uma publicidade desfavorável. Fotografias de celebridade em brigas de rua nunca pareciam muito impressionantes — braços dando golpes sem efeito, os socos nunca acertam o alvo; parece sempre mais uma brincadeira do que um ringue de luta — e aquela fotografia não era exceção. De muitas formas, era um instantâneo genérico, do tipo que aparece no jornal todos os dias, mais uma pessoa famosa, olhos esbugalhados, caído de bêbada, encostando a cabeça no peito de um guarda-costas, caído como um saco de um táxi. Mesmo assim, era estranho ver um cara de classe como Josh Harper numa foto dessas, vê-lo perdendo a calma, e de alguma forma empurrando para baixo o gráfico do Número 12. Uma fotografia menor ao lado ilustrava a matéria: Abigail e Josh saindo do clube Lounge embaixo de chuva, Abigail com a mão num lado do rosto, Josh postando-se de forma nobre à sua frente, apontando irritado para um dos paparazzi, os olhos vermelhos do flash da câmera. E a foto principal — Josh suspenso no ar na Berwick Street, uma perna chutando para o alto, um paparazzo de casaco de couro caindo para trás.

“Josh perde a cabeça”, dizia a manchete.

O jovem e charmoso astro Josh Harper saiu ontem à noite com uma linda morena. Nada de excepcional, só que a mulher *não* era a Sra. Harper. Era Abigail Edwards, estrela da série policial de sucesso na TV *Summers and Snow*. “Eu vi os dois no clube conversando muito de perto”, relatou uma testemunha. “Eles pareciam bem entusiasmados.” Quando os dois saíram do clube juntos e Josh viu as câmeras, ele pirou completamente. Começou a xingar e se debater como um animal selvagem...

Dentro de seu traje animal, Stephen sentiu todos os poros dilatarem ao mesmo tempo.

REAÇÃO VIOLENTA

“Ele começou a gritar, depois tentou pegar minha câmera e jogá-la no chão”, declarou o fotógrafo freelance Terry Dwyer, que sofreu cortes e hematomas no ataque. “Ele ficou maluco. Não sei por que ficou tão furioso. Afinal, era apenas uma foto inocente...”

Stephen jogou o jornal na mesa e voltou a se sentar, com a cabeça, sua verdadeira cabeça, entre as patas.

Ele deveria saber que isso poderia acontecer quando deu o telefonema anônimo, mas de alguma forma achava que Josh escaparia daquilo, como sempre escapava, ou que a foto acabasse se mostrando inócua demais para o jornal publicar. Mas lá estava. No que ele estava pensando? E Nora? Na certa ela já tinha visto. Deveria ligar para ela? O que Josh teria dito a ela? Será que estava brava? Claro que estava, deveria estar devastada, destruída, e era tudo culpa dele. Sentiu-se miserável e desprezível, tomado por um tipo de vergonha petulante que não sentia desde criança, e o traje não estava ajudando em nada.

— Está tudo bem? — perguntou a Coruja Olivia, deslizando sua bandeja de desjejum inglês ao seu lado.

— Como? Ah, alguém que eu conheço está nos jornais.

— Josh Harper? Você *conhece* Josh Harper? Então vocês são amigos?

— Sim, mais ou menos...

— É mesmo? — exclamou, os olhos arregalados. — *Bons* amigos?

— Bem, não exatamente *bons* amigos...

Ela deu uma olhada no jornal, um olhar malicioso.

— Josh, Josh, *Josh*... o que você andou aprontando, seu garoto *levado*? E logo com *ela*!

— Sr. McQueen? Nós já estamos prontos! — gritou Geoff, o diretor, um homem atarracado e de aparência depressiva, que claramente não gostava de animais. Stephen segurou a enorme noz debaixo do braço e atravessou o estúdio, o rabo literalmente entre as pernas.

A primeira canção na programação era seu grande número solo, “Reme, reme, reme, reme o seu bote”. Quando a fita do acompanhamento musical começou, Stephen sorriu com seus grandes dentes postiços e começou a puxar os remos, e fez isso todo o resto da manhã, falando como um esquilo para crianças imaginárias em casa sobre, ó Deus, por seu rabo e seus bigodes!, como remar era um trabalho duro, sempre pensando em Nora, como ela estava, quando poderia encontrá-la, o que poderia fazer para melhorar aquela situação. Finalmente, depois de remar uma distância considerável, foi substituído pela Coruja Olivia, que deveria cantar uma canção sobre línguas fritas, por razões que resistiam a qualquer escrutínio. A última sessão da manhã envolvia uma conversa improvisada com crianças de uma escola local, e Stephen precisou reunir todas as suas forças para encarar um estúdio inteiro cheio de crianças precoces, e por isso ele voltou à cantina, na esperança de desanuviar um pouco a cabeça. Por seu rabo e seus bigodes, ele se sentia péssimo.

O jornal ainda estava na mesa do refeitório, aberto na foto, agora manchado de digitais de manteiga, Josh apontando um dedo acusador para ele nas páginas 5 e 6, o rosto contorcido, pálido e suado, olhos avermelhados pelo clarão do flash. Mais um

pensamento terrível — e se Josh não conseguisse fazer o espetáculo daquela noite? Se tivesse de se ausentar, alegando “dificuldades pessoais”? Se acabasse se envolvendo numa terrível bebedeira autodestrutiva? Stephen teve uma visão momentânea de um Josh abalado, de olhos vermelhos, cambaleando num quarto de hotel de cueca, o conteúdo do frigobar esvaziado na cama; Josh deitado inconsciente numa banheira transbordante, o telefone celular tocando sem ser atendido. Corte para um teatro cheio de jornalistas ansiosos, acompanhando o escândalo, conjecturando sobre o que teria acontecido com o ator principal; Stephen na coxia enquanto as luzes diminuíam, usando as roupas de Josh, as críticas no dia seguinte, jornais girando na frente da câmera. “Substituto de astro desaparecido tem sua chance de brilhar...” Corte para Josh na banheira do hotel outra vez, a cabeça afundando lentamente na água...

Stephen enfiou a mão em sua grande bolsa marsupial na frente da fantasia — zoologicamente imprecisa, porém conveniente — e ligou o celular. Imediatamente o aparelho começou a vibrar em sua mão, como uma criatura viva, e ele quase o atirou para o outro lado do recinto. Olhou para a tela — o nome de Nora. Mantenha a calma, disse para si mesmo. Mantenha a calma, seja simpático, tente ajudar. É o mínimo que você pode fazer. Levou o telefone ao ouvido, espantou-se por não conseguir ouvir nada, jogou o capuz de pele vermelho para trás e voltou a pôr o telefone no ouvido.

— Stephen? Está me ouvindo? — sussurrou, a voz baixa e áspera.

— Alô! — respondeu de forma solidária, retirando os dentes protéticos e trotando pelo corredor.

— Oh, Deus... você já viu. Já sei que você viu. Está com um tom de dó na sua voz. Um tom de “coitada da Nora”. Oh, Deus, oh, Deus, oh, Deus...

— Eu acabei de ver.

— Meu Deus, eu odeio isso tudo, é tão humilhante! Aquele canalha pegajoso...

— Tenho certeza de que deve haver uma explicação.

— Explicação o *cavete*. Josh me contou tudo, aquele *crápula*. Não de cara, é claro. Voltou para casa às duas da manhã, com as mãos esfoladas, dizendo que tinha sido *assaltado*, dá para acreditar? E lá estou eu, umedecendo a testa dele e cuidando dos ferimentos como uma completa *idiota*, até o minúsculo cérebro dele entender que aquilo ia sair nos jornais e ele acabou confessando. Fiquei acordada a noite toda vendo o idiota balbuciar, torcer as mãos e repetir desculpas patéticas.

— Deve ter sido...

— Foi horrível, não poderia ser pior, uma longa, medonha e terrível sequência de gritos e berros durante horas sem fim, atirando coisas...

— Ele ainda está aí?

— Não, saiu. Você acredita que a certa altura ele estava tentando me enganar com um papo de que era tudo por causa da *baixa autoestima* dele. Foi aí que eu me descontroléi, e joguei a *Millenium Falcon* pela janela. Ele saiu para buscar, eu tranquei a porta e não vi mais o patife nas últimas três horas.

— E o que ele disse que aconteceu?

— Disse que essa *atriz*, sei lá o nome, Abigail ou coisa assim, é *obcecada* por ele, que o *seduziu*, pobre coitado, que afinal ele é de carne e osso, que foi um momento de fraqueza, blá-blá-blá. Basicamente, a defesa dele foi dizer que não pôde fazer nada, por ser tão irresistível, que tipo arrogante...

— E onde ele está?

— Foi se esconder, deve estar com o agente ou coisa parecida. E agora tem um monte de homenzinhos com câmeras parados do lado de fora e eu estou com medo de atender ao telefone. Não consigo nem sair de casa para comprar mais bebida, e acho que vou ficar louca.

— Mais bebida? Acha que é uma boa ideia, Nora?

— No momento, parece que sim...

— São onze e quinze da manhã, Nora.

— Você tem alguma ideia melhor?

Ele deveria ir conversar com ela, é claro. Tirar aquela estúpida fantasia, pegar um táxi e partir para o resgate, mas como fazer isso se ele mesmo era o responsável pela situação? Talvez pudesse confessar — talvez, tentar convencê-la de que fez aquilo por conta de um estranho e distorcido sentido de devoção, dizer que estava apaixonado por ela, que tinha estragado as coisas de forma irremediável mas será que ainda havia uma chance, uma diminuta possibilidade de que ela pudesse sentir algo por ele? Era claramente a coisa a ser feita, mas ele estava em plena filmagem com suas crianças precoces — uma seqüência longa, árdua e quase improvisada, que teria seu clímax numa interpretação de “Ten Green Bottles”.

— Stephen... eu preciso perguntar uma coisa.

O tom de voz tinha mudado, Stephen podia dizer que ela estava deitada. Pela segunda vez em vinte e quatro horas, teve a estranha sensação de que as orelhas começaram a suar.

— Pode perguntar.

— Bem, ontem à noite Josh me disse que ia sair com você, e acontece que não era verdade, e aí eu fiquei pensando... você sabia de alguma coisa a respeito disso?

Mantenha o sangue-frio. Agir é reagir. Expresse indignação.

— Não!

— Você não sabia de nada?

Não, muita indignação. Não exagere na negação.

— Não...

— E você não tem dado cobertura para ele, não é?

Incrédulo. Incrédulo demais.

— Não!

— Porque eu detestaria pensar que tudo isso estava acontecendo nas minhas costas, que todo mundo estava meio que... *rimo* de mim.

— Nora... eu nunca, jamais, faria isso.

— Não faria?

— Eu não me *atreveria*.

Ela sorriu, um riso curto e amargo, que saiu pelo nariz.

— Não. Não, é claro que não.

Ficaram em silêncio por um instante, Stephen pensando mais uma vez que não era de jeito nenhum uma pessoa tão legal quanto fingia ser.

— Stephen... eu preciso pedir um favor.

— É claro.

— Será que... será que eu poderia ficar na sua casa?

Será que ele tinha ouvido bem? Tirou os bigodes do caminho.

— Ficar na minha casa?

— Eu não quero ficar aqui sozinha, com o telefone sem parar de tocar, fotografos do lado de fora. Pensei em fugir para Nova York por um tempo, mas aí eu ia ter que explicar para todo mundo, o que é humilhante demais só de imaginar. Eu poderia ir para um hotel, acho, mas vou acabar bebendo o frigobar inteiro e... e... sei lá, não é uma boa hora para ficar sozinha. Preciso de um ombro amigo, então pensei que... poderia me esconder. Na sua casa? Só por alguns dias. Você acha que tudo bem?

Stephen tentou imaginar Nora Harper no seu apartamento, mas não conseguiu. Claro que se sentia lisonjeado pela proposta, entusiasmado com a ideia da proximidade, de estar com ela no apartamento, só para ele, ainda que temporariamente. Mas por mais que tentasse, não conseguia imaginar Nora no seu estúdio, no limite de Battersea. Imaginou o linóleo ondulado na cozinha, o banheiro vermelho-sangue, as meias secando no aquecedor...

— Se você não gosta da ideia... — disse ela em voz baixa.

— Não, não é isso, é que o lugar que eu moro é uma pocilga, só isso. Quer dizer, é muito diferente do que você está acostumada. É um quitinete, para começar... bem, quitinete não, um estúdio.

— Você tem um sofá, não tem? Eu durmo no sofá. — Ela riu pelo nariz. — Ou *voce* pode dormir no sofá. Claro, se está preocupado em ser atacado no meio da noite... Ei, e se eu prometer não forçar você a fazer um sexo lacrimoso e sem amor?

Stephen fechou os olhos e bateu a cabeça felpuda duas vezes na parede do corredor.

— Tudo bem, se você prometer.

— Prometo, juro.

— Mas eu não tenho nem geladeira, Nora. Não no momento. Eu tinha, mas...

— Stephen, eu não preciso de geladeira. Só preciso de companhia e de um lugar para... clarear a mente, pensar no que vou fazer com Josh. Eu só não queria mesmo é ficar sozinha, só isso.

Stephen fez uma última varredura mental no apartamento, escrutinando os aposentos, tentando lembrar se havia algo que não queria que ela visse... cuecas jogadas, pratos sujos empilhados. Gostaria de poder amontoar alguns livros intelectuais perto da cama, mas chegou à conclusão de que não, não havia nada que ela não pudesse ver.

— É claro que você pode ficar na minha casa — concordou. — Fique quanto tempo quiser.

— Que bom... obrigada, Stephen. Onde você está? Estou indo encontrar você agora.

— AGORA?!

— Para pegar a chave. A não ser que você queira que eu arrombe a porta...

— NÃO! Não, não, agora não.

— Por que não?

Passou as patas pelo rabo felpudo.

— É que agora não é exatamente um bom momento.

— Ah. — Ela soou decepcionada. — Ah. Por quê? Você está com uma mulher ou coisa assim?

— De jeito nenhum. Não, é que eu estou meio que filmando hoje.

— Está filmando? É claro, o seu filme! Seu filme policial, certo?

— Esse mesmo — murmurou, conjecturando por que uma em cada três coisas que

vinha dizendo nos últimos dias parecia mentira.

— Sr. McQueen! — gritou o diretor de cena postado na porta. — “Ten Green Bottles”, por favor!

— O que foi isso? — perguntou Nora.

— Nada... olha, eu preciso ir. Vou ficar aqui só até às cinco. Eu ligo para você mais tarde, arranjo um lugar para a gente se encontrar por volta das seis. Darei a chave e o endereço e a gente se vê depois do espetáculo.

— Tudo bem.

— E, Nora, pega leve, tá? Tire o telefone da tomada, faça um café e vá deitar um pouco, nós conversamos melhor hoje à noite. Tudo bem?

— Acho que sim.

— Tudo isso vai se esclarecer, Nora, garanto.

— Sim, bem, vamos ver...

— E Nora?

— O quê?

— Eu sinto muito, muito, muito.

— Por quê? Não é culpa sua.

— Não, mas ainda assim.

— Bem, obrigada, Stephen.

— Por quê?

— Por tudo o que tem feito. Você é um amigão, Steve. Eu agradeço. Agradeço mesmo.

E desligou. Stephen escorregou pela parede e sentou-se por um instante. Havia certo orgulho ilícito, um desajustado prazer no fato de ela o ter procurado nesse momento de crise, mesmo que fosse um momento de crise produzido por ele, mas não pensou muito a respeito, inclusive porque na outra ponta do corredor pôde ver as crianças da escola local invadindo o estúdio, supervisionadas pela Coruja Olivia, a quem contemplavam com ceticismo, como era natural.

Nas vezes em que havia trabalhado com crianças, Stephen descobriu que a melhor atitude, a menos constrangedora, era assumir resolutamente o personagem, por isso recolocou os dentes falsos e saltitou como um esquilo animado pela porta do estúdio, mas deu de cara com ela.

A filha dele estava num canto do estúdio, conversando animadamente com uma amiga. Stephen insinuou-se por trás dela, agachou-se, pousou duas grandes patas vermelhas nos seus ombros e girou-a em sua direção, o rosto a centímetros do dela.

— Surpresa! — gritou, e ficou tremendamente chocado com o quanto o grito de uma criança pode ser alto e penetrante.

A TERRÍVEL VERDADE

— Como se diz “desculpe” em francês?

— Não sei. Ainda não chegamos em “desculpe”.

— Bem, quando aprender, você me ensina?

Sophie concordou solenemente.

Estava sentada a alguma distância do pai na pequena e esfumada sala de descanso. Cheia de cinzeiros, copos de plástico e velhos tabloides, parecia um ambiente especialmente sujo e inapropriado para uma criança, e Sophie percebia muito bem isso, sentando-se desajeitada na beira de uma cadeira retrátil cor de laranja, olhando sem expressão para a página de um de seus livros. Por pura compaixão, tinham deixado Stephen tirar a fantasia durante alguns instantes, mas não houve tempo de limpar a maquiagem, por isso ele ainda estava de bigodes e uma máscara vermelha e marrom pintada no meio do rosto. Por uma razão justificável, Sophie tinha dificuldade em olhar direto para ele.

— Então todas essas crianças são da famosa Sociedade Dramática Depois das Aulas, é?

Sophie aquiesceu.

— E tem certeza que não quer voltar comigo e ficar junto com os outros?

Sophie fez que sim com a cabeça.

— Porque eu achei que poderia ser divertido, eu e você atuando lado a lado pela primeira vez. Nossa estreia juntos na tela. Achei que seria divertido.

— Não é *divertido* — resmungou Sophie, olhando para o chão. — É só uma bobagem.

Stephen inclinou-se na cadeira, tocou o joelho dela.

— É só de faz de conta, Sophie. É o que eu faço. É o meu trabalho.

— Pois bem, é um trabalho estúpido!

— Não, não é, Sophie. Nem sempre — ele comentou em voz baixa, acrescentando, sem convicção. — E não diga “estúpido”, diga “tolinho”.

Sophie olhou para ele com os olhos vermelhos e arregalados.

— Mas não é “tolinho”, é estúpido! Estúpido, estúpido, estúpido...

— Sophie...

— ...estúpido, estúpido...

— Sophie, não...

— ...estúpido, estúpido, ESTÚPIDO!

A porta da estufa se abriu. O diretor de cena entrou no recinto com Alison e Colin, os dois vestindo intimidantes casacos escuros e pesados, e por um momento Stephen teve a sensação exata de estar recebendo visitas numa prisão. Alison olhou de relance para Stephen, estreitou os olhos e estendeu os braços para Sophie.

— Vem cá, querida — disse, e com a cabeça baixa, Sophie atravessou o recinto para ir ao encontro dos braços da mãe.

— Colin — disse Stephen.

— Stephen — disse Colin.

— Eu assustei você sem querer, não foi, Sophie?

Sophie não disse nada.

— Colin, você pode levar Sophie e esperar no carro alguns minutos? — instruiu Alison, num tom de voz calmo e profissional, e Colin pegou Sophie pela mão e saiu. Ela não olhou para trás.

— Eu ligo para você mais tarde, certo, Sophie? — disse Stephen, mas ela já tinha saído.

Alison aproximou-se e sentou-se na cadeira que Sophie tinha deixado vaga, descansou a cabeça na mão e olhou para Stephen diretamente, como um advogado de defesa, ou talvez como um advogado de acusação, ele não sabia bem qual deles. Usava uma saia reta longa e preta, blusa branca e um blazer preto, e Stephen considerou, num momento totalmente inapropriado, que ela estava muito bonita.

— Então... você está muito bem, Steve.

— Obrigado, Alison. Você também.

— Obrigada — alisando com a mão a saia nas pernas. — É a roupa do dia a dia no escritório, o que a maioria das pessoas normais usa.

— Acho... acho que eu assustei um pouco Sophie.

— É o que parece.

— Não sei por que... o personagem deveria ser adorável.

— Talvez ela tenha ficado um pouco... — fez uma pausa, procurando a palavra — ...surpresa. Então esse é o grande filme que você tem comentado comigo e com Sophie? A comédia romântica transatlântica? O protagonista?

— Não, aquilo é outra coisa.

— Entendi.

— Mas eu faço o papel-título aqui também. Sammy. Eu sou um esquilo.

— Certo. O Esquilo Sammy.

Stephen inclinou-se na cadeira, passou a mão pelo cabelo, deu um suspiro.

— Eu sei que você pode não estar interessada, Alison, mas eu sou muito bom nisso.

— Deve ser mesmo, Steve.

— Na Europa Oriental, eu sou o máximo. E também gosto disso, de trabalhar com crianças. Não há razão para se envergonhar. Você devia saber disso... já fez pantomimas, já trabalhou em peças infantis.

— Ei, eu sei! — Alison pareceu indignada. — Não há nada de errado em fazer coisas para crianças, se é realmente o que você deseja.

— Então por que você não consegue me levar a sério?

— Não sei, Steve. Talvez sejam esses bigodes.

Ficaram em silêncio por algum tempo, olhando um para o outro, olhos franzidos.

— Você não acha que eu sou bom, não é? — perguntou Stephen, afinal.

— Não.

— Bem, é a impressão que você passa, Alison. Quer dizer, se você acha que sou bom, por que não me dá uma força?

— Espera aí, Steve, desculpe, mas acho que você não me entendeu. O que eu quis dizer foi... não, eu *não* acho que você seja bom.

Passou-se um segundo.

— Não acha?

— Não. Não acho.

Mais um segundo.

— Desde quando?

Alison fechou os olhos.

— Desde sempre.

— Ei, ei, espera um pouco... você *nunca* achou que eu era bom?

Alison deu de ombros.

— Sinto muito.

— Bem... é apenas a sua opinião pessoal.

— Não, acho que não. Acho que não é o caso. Acho que é uma opinião objetiva. Ninguém acha que você é bom.

— Ninguém?

— Ninguém.

Stephen mexeu os lábios, mas não encontrou palavras para articular.

— Então, durante todos esses anos em que nos conhecemos, nada que eu tenha feito, nada foi bom? Foi tudo uma perda de tempo, eu sempre fui ruim... é isso que está dizendo?

— Não, não tudo exatamente ruim, mas... também não foi bom. Desculpe.

— E quanto ao *Pomar de cerejas*?

— Não achei *tão bom* assim, Steve.

— Aquele episódio de *Emergency Ward*?

— Nada demais.

— *Sob o bosque de leite*?

— Seu sotaque deixou a desejar.

— Benvólio em *Romeu e Julieta*?

— Foi o Benvólio... ninguém presta atenção no Benvólio.

— Você disse que eu era a melhor coisa na peça!

— Bem, foi uma produção muito, *muito* ruim, Steve.

— E quanto ao... sei lá... *Godspell*?

— Certo: a) aquilo foi há nove anos, e b) não, você não estava tão bem, e c) afinal era só *Godspell*, Stephen.

— Entendi. Você está sendo cruel para ser delicada ou está apenas sendo cruel?

— Estou dizendo isso porque gosto de você.

— Bem, eu odiaria ver você tentando me magoar, Ali — disse Stephen, surpreso, horrorizado com a raiva, até o ódio em ebulição que sentia por dentro, a mesma raiva que sentiu no fim do casamento. Lutando para manter o tom de voz, ele falou: — Desculpe, Alison, mas você vai ter que explicar isso um pouco melhor.

A expressão de Alison se suavizou um pouco. Suspirou, inclinou-se para a frente na cadeira, o rosto perto do rosto dele, as mãos entrelaçadas, e falou em voz baixa:

— Quando estávamos juntos, e éramos só otimismo e entusiasmo e tudo o mais, você costumava dizer uma coisa para mim, em geral quando estava meio bêbado... você dizia que a chave da felicidade era encontrar a coisa que a gente faz melhor, a coisa que a gente mais ama, e se manter firme, não importam as dificuldades, e fazer isso com o máximo empenho. E lembro que eu realmente admirava você, gostava de você e, aliás, amava você por isso.

— Mas agora você discorda.

— De jeito nenhum. Não, não discordo absolutamente. Acho que é uma bela filosofia: encontrar algo que a gente faz bem, e dedicar-se de coração. Mas, Stephen... não é isso que está acontecendo. Eu olho para você, e não vejo um homem que descobriu o segredo da felicidade. Vejo alguém assustado, frustrado, amargurado, sim, mas não alguém feliz. Isso porque você não está vivendo no mundo real, Stephen. Se você fosse mais jovem, tudo bem, mas não pode continuar esperando por um milagre, esperando a sua sorte mudar. Não é assim que funciona, a não ser nos filmes. Você não pode ficar culpando a sua sorte. A sorte não *muda*, a não ser que a gente a faça mudar. Você precisa assumir certo controle da sua vida. Faça alguma coisa razoável, ao menos uma vez.

— Você não deveria ir falar com Sophie?

Alison levantou-se, revirando o bolso do blazer em busca de alguma coisa.

— Por que não vem conversar comigo no escritório, Stephen? Na consultoria de recrutamento e seleção...

— Você não vai me dar o seu *cartão de visita*, vai?

— Existem pessoas com quem você poderia conversar, pessoas que podem assessorá-lo.

— Por favor... *por favor*... não me dê o seu cartão de visita...

— Poderia fazer um treinamento. Você é bom em tecnologia, ou alguma coisa criativa, alguma coisa com crianças. As crianças adoram você.

Stephen olhou para o cartão na mão dela.

— Não. Desculpe, obrigado pela oferta, mas não.

O diretor de cena enfiou a cabeça pela porta.

— Desculpe, Steve, mas vamos precisar que você vista a fantasia daqui a pouco.

— Tudo bem... cinco minutos.

Os dois ficaram em silêncio por um tempo, antes de Alison guardar de novo o cartão no bolso.

— Certo. Tudo bem, é melhor eu ir andando — disse, arrumando a saia com um

gesto experiente e profissional, passando por ele sem conseguir olhar bem nos seus olhos.

— Alison?

Alison parou na porta e virou-se para ele, os olhos vermelhos e úmidos agora.

— Você está enganada — disse Stephen, numa voz calma e firme. — Eu sei que você costumava estar certa, mas dessa vez está enganada. Eu sou bom nisso, muito, muito bom. Aliás, eu vou provar isso para você e para Sophie, e Sophie vai se sentir orgulhosa de mim. E logo. Prepare-se, pois juro que isso vai acontecer a qualquer momento.

Alison olhou para ele por um longo tempo, balançou a cabeça, e disse:

— Espero que esteja certo, Stephen. Espero mesmo.

Depois abaixou a cabeça, virou-se e fechou a porta atrás dela.

UM BREVE ENCONTRO

Eles combinaram de se encontrar na porta do Burger King na Victoria Station às seis horas, o lugar de onde ele tinha ligado na noite anterior. Assim como nos filmes, Stephen estava retornando ao local do crime.

Como era inevitável, a filmagem acabou mais tarde, e ele só conseguiu cambalear porta a fora dos estúdios, ainda meio entorpecido, às cinco e meia. Seguindo o roteiro, os céus abriram as torneiras, pingando gotas oleosas de chuva cinzenta que arderam nos seus olhos. Inebriado pelo poder, Frank tinha insistido em que a produtora alugasse um carro particular para levar o ator principal ao teatro, mas Stephen não conseguia encontrar o estacionamento, e quando afinal se jogou no banco de trás do automóvel já estava ensopado. Pediu que o motorista o levasse a Victoria Station e afundou-se no banco, encharcado de chuva, tentando desesperadamente esfregar o rosto com um rolo de papel higiênico que se desintegrava, numa tentativa de remover os últimos vestígios da máscara pintada em seu rosto. Espiando seu reflexo no espelho retrovisor do motorista, parecia que tinha um morango perfeitamente circular como marca de nascença no centro do rosto. Amassou o resto do papel higiênico numa pequena bola e continuou esfregando, até o papel se desintegrar em sua mão e esfregar no seu colo. Sua respiração estava ofegante, o peito oprimido pelos dissabores ocorridos durante o dia, ou talvez fosse o início de uma pleurite.

Meia hora depois, o carro estacionou na Victoria Station. O celular de Nora se encontrava desligado, e Stephen estava aterrorizado pela possibilidade de um desencontro, mas quando ele ia saindo do carro o motorista o chamou.

— Por favor, senhor?

— Sim?

— Poderia me dar um autógrafo, por favor? — perguntou o motorista, estendendo uma caneta.

Stephen ficou olhando, sem reação, para a caneta na mão do motorista. Então essa era a sensação, pensou. Ele nunca tinha sido reconhecido antes, mas talvez o motorista tivesse filhos que eram fãs do Esquilo Sammy. Ou quem sabe era por seu Ciclista Mensageiro Asmático, ou pelo Homem no Banco, por Garoto de Aluguel 2, pelo Terceiro Executivo, pela Vítima do Assalto. Talvez Alison estivesse enganada, e afinal alguém tivesse notado o seu Benvólio. *Poderia me dar um autógrafo, por favor?* Observou a expressão de expectativa do motorista. Era a primeira pessoa a ser deferente com ele o dia inteiro. Stephen sorriu modestamente e recostou-se no banco.

— É claro, com todo o prazer... a quem devo endereçar?

— Desculpe, senhor?

— O autógrafo. A quem deve ser endereçado. Seus filhos?

— Só o seu nome, senhor. É apenas o recibo da fatura.

Stephen aquiesceu, pegou a caneta e a prancheta e assinou o nome no recibo, depois saiu correndo para encontrar Nora.

A ideia do encontro numa estação de metrô parecera romântica naquele momento, como se pudesse conferir um encanto melancólico em preto e branco, como algo saído de um filme antigo. Mas as estações de metrô tinham mudado muito desde então, e Nora parecia assustada e ansiosa na porta do Burger King. Estava de costas para a mesma

cabine telefônica em que ele havia feito a ligação na noite anterior, usando um casaco longo e pesado sobre um vestido preto, a gola levantada, a franja molhada grudada no rosto enquanto seu olhar preocupado passeava pela multidão de transeuntes carrancudos e molhados. Nas proximidades, uma banda de metais tocava “In the Bleak Midwinter”, só para ilustrar bem a situação.

— Desculpe o atraso — balbuciou Stephen sem fôlego.

— Tudo bem — replicou Nora, conseguindo produzir um sorriso. — Obrigada por ter vindo.

Enlaçou um braço no pescoço dele e encostou o rosto no dele. Stephen teve um momentâneo surto de ansiedade ao imaginar que o boneco de Josh ainda pudesse estar aninhado no fundo da cabine telefônica atrás dela, mas ainda bem que havia sido varrido durante a noite. Virou a cabeça para olhar para Nora. Ela parecia exausta, os olhos vermelhos, o hálito morno de uísque, e com seu rosto a centímetros do seu era possível ver uma pequena mancha avermelhada que começava a se formar nas narinas. Stephen teve um irresistível desejo de beijá-la, e sentiu-se assustado e maravilhado quando Nora de repente pegou seu rosto com as duas mãos e puxou-o para perto dela, observando-o com atenção, e com uma grande sensação de prazer ele percebeu que ela iria beijá-lo. Algum reflexo havia muito implantado fez com que lambesse os lábios rapidamente, em antecipação. *Ponha a mão na curva atrás do pescoço, incline-se para a frente e...*

— O que aconteceu com o seu rosto? — ela perguntou.

— Meu rosto?

— Seu rosto. Está todo vermelho e marrom.

— Está mesmo? — indagou, esfregando vigorosamente a pele com a manga molhada.

— Parece que você andou sendo esmurrado no nariz.

— Não foi o caso. Ainda não...

— O que está querendo dizer?

— Nada, nada. É a maquiagem — e começou a esfregar as bochechas com as costas das duas mãos ao mesmo tempo, de uma forma que de certo modo ainda fazia parte do seu personagem. — Foi a cena de atirador da polícia que rodei hoje. É... hã... camuflagem. Sabe como é, essas coisas de macho...

Nora olhou mais de perto e pegou alguma coisa com o indicador e o polegar, um fiapo — uma grossa fibra preta sintética.

— O que é isso... um *bigode*?

— Nããã — respondeu Stephen com uma risada jovial, pegando a fibra da mão dela e jogando no chão. Mudar de assunto. — E você, como está se sentindo?

— Ah, você sabe... considerando que meu casamento está sendo destruído na imprensa nacional, até que estou bem.

— E você conversou com ele?

— Não. Quer dizer, brevemente. Disse para ele ir embora e me deixar em paz, só que não usei exatamente essas palavras. — Sorriu, e houve uma pausa. — Ei, você não vai se atrasar para o espetáculo?

— Sem dúvida. Então... você tem o endereço, essas são as chaves. O metrô sai da plataforma 7, três minutos, depois você pega um táxi na estação Clapham Junction, certo? Bem na porta. Pode ter uns garotos zoando por perto, fazendo gracejos, essas coisas, mas tente não responder, ignore, não vale a pena.

— Tudo bem.

— Precisa de dinheiro para o táxi?

— Eu tenho dinheiro.

— E quando chegar lá, feche a porta, ponha os pés para cima, assista a um filme antigo ou coisa parecida. A prateleira está cheia de vídeos e DVDs. Eu volto em três ou quatro horas. Fique à vontade com o que conseguir encontrar, só que você não vai encontrar *nada*. Nem tente achar uma geladeira, porque não tem. Eu tinha, mas morreu, e vou comprar uma nova logo, mas tem leite no peitoral da janela, e um lugar que vende frango frito embaixo, se você se sentir ansiosa. Eles têm costeletas também, mas são meio que uma incógnita, eu acho. Na verdade, eu esperaria se fosse você. Eu levo alguma coisa quando voltar.

— Obrigada por tudo, Steve. Você é o máximo.

— Bem, não exatamente o *máximo*... — protestou, mas ela enlaçou-o pelo peito num abraço etilicamente afetivo, e os dois ficaram ali por um momento, Stephen inalando o aroma de xampu e fumaça do cabelo molhado dela, da umidade do casaco de lã.

Depois dos acontecimentos daquele longo e terrível dia, era uma bênção. Fechou os olhos e apertou as costas dela com as mãos. A banda de metais escolar tinha mudado para “Jingle Bells”, e apesar de ele estar muito feliz por estar ali, o relógio da estação mostrava seis e vinte e cinco.

Pressionou os lábios na testa de Nora e disse:

— Eu tenho que ir. Algum recado para o Josh?

— Diga para ele se ferrar.

— Fora isso?

— Só isso.

— Tudo bem, eu digo.

Ela se afastou e olhou para Stephen.

— Melhor não. Aliás, dá para você não dizer nada ao Josh? Que nós conversamos ou que vou ficar na sua casa hoje à noite? Não que eu esteja querendo que ele fique de castigo ou algo assim... bem, não é *se* isso. Só não quero encontrar nem falar com ele no momento, só isso. Você sabe o quanto Josh sabe ser convincente, e, bem, eu gostaria de ficar brava com ele um pouco mais. Vamos manter isso em segredo.

— Tudo bem... será o nosso segredo.

Stephen apertou as mãos dela, deu meia-volta e correu no meio da maré de transeuntes em direção à estação do metrô.

O HOMEM INVISÍVEL

— Se existir um cara mais imbecil do que eu em Londres, eu gostaria de conhecer, Steve. Gostaria mesmo.

Josh Harper estava sentado na beira do sofá do seu camarim, camisa branca bufante, cabeça entre as mãos, o rosto pálido, os olhos vermelhos e inchados; continuava bonito, porém nitidamente abalado, como se estivesse retornando de uma desastrosa missão de cavalaria.

— Eu deveria ter ouvido os seus conselhos. Onde eu estava com a cabeça, Steve? O que eu estava fazendo? — Começou a esfregar as têmporas com os punhos fechados. — Imbecil, imbecil, imbecil, imbecil, imbecil, imbecil...

Steve pensou em talvez dar um abraço nele, ainda que fosse apenas para parar com aquele “imbecil”, mas decidiu que havia uma boa possibilidade de parecer hipocrisia. Por isso, preferiu inclinar-se para a frente e apertar o joelho de Josh.

— Você já conversou com ela? — perguntou, afinal.

— Só por um minuto... ela disse que iria ficar com uns amigos por alguns dias. Sabe Deus com quem... ela não tem amigo *nenhum*, só os que conheceu por meu intermédio. Ei, você não sabe onde ela está, não é?

Está comigo, no meu apartamento, esperando por mim...

— Claro que não — respondeu Stephen.

Josh observou-o com atenção durante um momento, depois tirou a colher de chá do gargalo da garrafa de champanhe da noite anterior, despejou cinco centímetros na caneca, tomou de um só gole e fez uma careta, o que certamente não se espera de um champanhe.

— De qualquer forma, Nora não quer falar comigo. E ela tem razão. Meu Deus, Steve, só espero que você *nunca* tenha que passar por algo assim.

— Bem, sabe, quando eu me divorciéi...

— Gritos, berros, coisas voando — continuou Josh. — Chorando num minuto, proferindo ofensas no outro. E quando eu tentava me explicar, aí é que ela pirava de vez, quebrando minhas coisas de *Guerras nas estrelas*, acabando com tudo.

— Você não falou nada com ela sobre as coisas que me contou, não é, Josh?

— Que coisas?

— Você sabe... o vício em sexo, a coisa da baixa autoestima.

Josh pareceu envergonhado.

— Talvez eu tenha mencionado, sim.

Stephen fez uma careta visível.

— Ela enlouqueceu, Steve. Eu não me ligo para essas coisas, mas alguns daqueles objetos têm vinte e cinco, trinta anos, são meio que antiguidades, e ela ficava chutando tudo pelo quarto! Minha *Millennium Falcon* ficou destroçada, totalmente fodida...

— Cinco minutos — disse a voz no alto-falante. — Sr. Harper, cinco minutos. Cinco minutos, por favor.

— ...nós estávamos para sair de férias, no fim da temporada. Duas semanas em St. Lucia. Isso não vai mais acontecer. Acho que nem vou conseguir receber o depósito da reserva de volta. — Pegou outra vez a garrafa de champanhe da noite anterior, despejou um pouco mais na caneca.

— Será que isso é uma boa ideia, Josh?

— Sem falar na *première* de *Mercury Rain* no próximo domingo! O que eu vou fazer, Steve?

— Levar Abigail Edwards no lugar dela? — sugeriu Stephen. Josh retorceu os lábios. — Desculpe... não teve graça. A propósito, você já falou com Maxine?

— Eu tentei, mas ela me atirou um ferro de passar roupa. É só o que as mulheres têm feito comigo esses dias, Steve, atirar coisas na minha cara. — Josh parou de repente, com a caneca próxima aos lábios. — Sabe que eu não me surpreenderia se ela fosse a culpada por tudo isso?

— Isso é lou-cu-ra total... — exclamou Stephen, com sua risada previamente preparada para a palavra “loucura”.

— Será? Não sei, não. Os paparazzi já estavam esperando quando nós saímos.

Mantenha a calma. Não fique na defensiva.

— Você está sendo paranoico. Esses lugares estão sempre cheios de fotógrafos do lado de fora.

— Esse lugar, não... é por isso que a gente sempre vai lá. Além do mais, é exatamente o tipo de coisa nojenta e vingativa que Maxine faria. Mas de que adianta pôr a culpa nela? A culpa é minha. Eu é que sou um *imbecil*. Imbecil, imbecil, imbecil... — Josh curvou-se, entrelaçando os dedos atrás da cabeça, abaixando o pescoço como se quisesse se enterrar no assoalho. Stephen pôs a mão no seu ombro.

— Você acha que está bem para fazer o espetáculo de hoje?

Josh olhou para ele com uma careta.

— Claro que estou! — retrucou, estremecendo para afastar a mão de Stephen. — Não se preocupe, Steve, companheiro, você vai ter a sua grande chance.

— Eu não estava falando disso.

— Não mesmo? Pois a impressão foi que estava pronto para saltar na minha tumba, companheiro.

— De jeito nenhum.

— Não se preocupe, garotão, o acordo continua valendo.

— Eu não estava falando sobre...

— Você vai ter a sua chance, três apresentações, a partir do dia 18, como combinamos...

— Josh, pelo menos uma vez na vida, dá para calar a boca e escutar?

A boca de Josh se abriu num O perfeito, como se tivesse levado um murro na cara, e o efeito foi tão gratificante que Stephen considerou se era tarde demais para dar um murro nele.

Contando com toda a atenção de Josh, ele continuou:

— Eu não estava falando do nosso “acordo”, que nunca foi um acordo, se você se lembra. Claro que você deve fazer o espetáculo desta noite. Eu só estava tentando... ser solidário, só isso. Estava tentando ajudar.

— Sim. Claro, você tem razão. — Josh se jogou na poltrona, passando as mãos nos cabelos. — Desculpe, cara, eu estou meio irritado, só isso.

— Sim, claro que está. E, sim, é provável que haja alguns jornalistas na plateia hoje à noite, mas e daí? Você tem que ir lá e fazer o seu trabalho. Isso é o principal, não é? Eles que se fodam!

— Exatamente... eles que se fodam!

Josh pegou a mão de Stephen e apertou, e Stephen pôs a outra mão no ombro de Josh e o apertou também, e os dois ficaram por um momento como velhos amigos, apertando-se mutuamente, até que o alto-falante começou a estalar e chiar.

— Os que dão início ao espetáculo, por favor. É a última chamada. Sr. Harper, para o palco, por favor, é a última chamada.

Stephen deu um soquinho no ombro de Josh, e Josh retribuiu o soquinho.

* * *

Uma coisa logo ficou clara sobre a performance de Josh naquela noite — ele certamente estava dando tudo de si. Em vez de arruinar seu desempenho, sua infelicidade a enalteceu; no jargão dos atores, ele estava “usando a emoção”. Houve muito choro e transpiração em cena, muitos lamentos de mandíbula solta e olhos úmidos, um bocado de emoção presa na garganta, soando um pouco como um arrote reprimido. Mas parecia estar funcionando. Do outro lado do palco, Donna, a administradora da companhia, chorava na coxa. Stephen já tinha determinado que Donna havia nascido sem ductos lacrimais, ou que pelo menos os tinha vedado com fita adesiva, mas lá estava ela, com lágrimas escorrendo pelas faces, enxugando os olhos com a barra do colete de couro. Até mesmo Maxine, a mulher desprezada, estava na mesma situação. Em decorrência, menos pessoas do que o normal perceberam quando a Figura Fantasmagórica de Stephen entrou (fantasmagoricamente) abriu a porta (lentamente), fez uma reverência (sombriamente), fechou a porta (lentamente), saiu (rapidamente). Stephen pôde sentir a tensão palpável da plateia, e houve um longo momento de suspense quando Stephen e Josh ficaram lado a lado na coxa, como se uma faísca passasse pela longa fiação de um fusível. Quando os aplausos começaram, foi uma ovação. Josh fez um pequeno sinal de ombros para Stephen, como que dizendo *eu também estou surpreso com meu incrível poder*, antes de fazer sua atlética reviravolta para retornar ao palco e receber mais uma vez o que lhe era devido.

Antes de os aplausos terminarem, Stephen já estava de volta ao seu camarim. Pegou o casaco, passou sem ser visto pela porta de Josh, agora transbordando de amigos e admiradores, passou sem ser notado pela multidão na entrada dos artistas, um grupo compacto de jornalistas, fãs e caçadores de autógrafos, transeuntes curiosos e paparazzi em busca de mais alguma foto. Fechou bem o casaco para se proteger do frio e, mais uma vez invisível, correu para casa, onde a esposa de Josh esperava por ele.

DIAZEPAM

Quase que de imediato Stephen soube que alguma coisa terrível tinha acontecido.

Estava parado na rua, o dedo apertando a campainha da porta já havia algum tempo. Quando mesmo assim ninguém respondeu, recuou até a beira da calçada e gritou em direção à janela mal-iluminada, tentando se fazer ouvir acima do som do tráfego no pavimento molhado. Nada. Gritou “Nora” mais uma vez, tentando ignorar os deboches dos frequentadores do Idaho Fried Chicken. Entrou no estabelecimento, pegou o telefone e ligou para o número de Nora, mas ficou xingando em voz baixa quando a ligação caiu na caixa postal. Não vendo outra opção, respirou fundo e tocou a campainha da Sra. Dollis.

A Sra. Dollis pôs a cabeça para fora da janela com cuidado, como uma estranha marionete, um cigarro aceso entre os dedos artríticos.

— Vá embora daqui!

— Sra. Dollis!

— Eu disse para ir embora, não disse? Moleques desgraçados.

— Sra. Dollis, sou eu...

— Vá embora daqui.

— Sra. Dollis, sou eu, Stephen, o Sr. McQueen. Do andar de cima?

— São onze horas!

— Eu sei, desculpe, mas estou trancado do lado de fora do apartamento, Sra. Dollis.

— Não está, não.

Stephen xingou em voz baixa.

— Estou, sim, Sra. Dollis.

— Então como é que estou ouvindo a sua TV lá embaixo?

— É outra pessoa, Sra. Dollis.

— Então quem está no seu apartamento? Não são ladrões...

— Uma amiga, eu dei minha chave para uma amiga.

Ela fez uma carranca de menosprezo.

— Você não deve dar sua chave a ninguém, sabe disso.

— Eu sei, Sra. Dollis, eu não costumo fazer isso. Mas ela é muito amiga minha.

— E por que ela não atende a campainha? Se é tão amiga assim...

— É o que eu quero descobrir.

Pareceu levar um tempo absurdo até a Sra. Dollis descer e abrir a porta.

— As raposas atacaram as latas de lixo outra vez...

— Agora não, Sra. Dollis, por favor.

Espremeu-se para passar por ela e trotou os quatro lances de escada até seu andar. A porta estava trancada. Bateu forte na madeira, agora com o peito oprimido pelo pânico.

— Nora? Nora, sou eu, você está aí? Nora! Abra a porta...

Sem resposta, apenas uma luz bruxuleante cinzenta passando por baixo da porta e o som da trilha sonora de um filme, talvez *Quanto mais quente melhor*. Stephen desceu a escada, bateu no apartamento da Sra. Dollis e ficou flexionando as pernas enquanto esperava. Finalmente ela abriu a porta, emanando um forte cheiro de vinagre e cebolas fritas.

— E agora?

— Eu preciso da chave sobressalente, Sra. Dollis.

— Por quê?

— Porque minha amiga não está abrindo a porta.

— Por quê?

— NÃO SEI POR QUE, COMO VOU SABER? É POR ISSO QUE PRECISO DA CHAVE!

Sra. Dollis soltou um resmungo.

— Não fale desse jeito comigo, meu jovem.

— Tudo bem, desculpe, sinto muito, mas eu preciso da chave sobressalente o mais rápido possível.

Sra. Dollis fez uma carranca, e afinal entrou no apartamento para pegar a chave, deixando Stephen andando de um lado para o outro no corredor, desesperado, criando fantasias paranoicas terríveis sobre o que poderia encontrar na quitinete. Lembranças de imagens cinematográficas passavam pela sua cabeça...

panorâmica mostrando um bilhete escrito à mão na penteadeira, close para um frasco de pílulas vazio rolando de uma das mãos para o chão...

Arrancou a chave da mão da Sra. Dollis, deu meia-volta e correu escada acima, três degraus de cada vez, enfiou a chave na fechadura e entrou.

Nora estava deitada, encolhida no sofá, ainda com o mesmo vestido preto, sob a luz cinzenta e bruxuleante de uma grande imagem projetada na parede, *Quanto mais quente melhor*, a cena no iate com Tony Curtis e Marilyn Monroe. Nora poderia simplesmente ter adormecido, não fosse o fato de estar deitada sobre o botão do volume de som do controle remoto: a trilha sonora estava tão alta que o som estava distorcido, mas nem assim ela se movia. Com delicadeza, Stephen ergueu a cabeça dela para retirar o controle remoto e apertar o botão Mute, a fim de tirar o som, depois ajoelhou-se à sua frente, logo sentindo o cheiro de uísque em seu hálito, vendo a garrafa vazia caída embaixo do sofá, restos de dois cigarros queimados na mesa de centro.

— Meu Deus. Meu Deus, oh, Deus, oh, Deus. Nora... você está me ouvindo? Nora... acorde...

Pôs o rosto perto do dela e sentiu o hálito quente e azedo. A maquiagem estava borrada ao redor dos olhos, como hematomas, ela cheirava a suor, bebida e perfume envelhecido.

— Nora, está me ouvindo? Se estiver me ouvindo, abra os olhos.

— Quem é? — ela resmungou pelos lábios ressecados. — É você, Josh?

— Não, é o Stephen... sou eu, Stephen.

— E aíii, Stevie. O que está fazendo aqui?

— Eu moro aqui, Nora. Lembra? Como você está? Como se sente?

— Eu? Nunca estive melhor. Maravilha. Ei, Josh está aí com você?

— Não.

— Onde está o Josh, então?

— Não sei, Nora.

— Ele está com *ela*?

— Não, não está.

— ÓTIMO! QUE BOOOOM! Eu nunca mais quero ver a cara dele, aquele canalha sujo, mentiroso e bonito...

— Nora...

— ...filho da puta traçoíro, lindo e traçoíro...

— ...você acha que consegue se sentar, Nora?

Ela sorriu e revirou os olhos.

— Ah, acho pouco provável.

— Mas acha que dá para tentar?

— Não!

— Acho que você ao menos devia tentar...

— Não!

— Por favor?

— Vê se me deixa *dormiir*, tá? Eu só quero voltar a dormir, por favor... — E mais uma vez Stephen viu os olhos dela adojarem, sentiu o peso morto nos braços.

— Nora, escute... você tomou alguma coisa? Precisa me dizer se tomou alguma pílula, algum medicamento.

— Para quê?

— Conta para mim, Nora.

— Não sei. Só o habitual...

— O que é o habitual, Nora? Nora? Alô? Nora! — Ela tinha apagado outra vez. Recostou a cabeça dela no sofá, fez uma busca no quarto para encontrar a bolsa dela e esvaziou o conteúdo no chão — montes de lenços descartáveis pegajosos, batons, tampões, tesourinha, uma escova de dentes, um saca-rolha, restos de um rolo de papel higiênico, um guarda-chuva de papel de algum drinque, um grande molho de chaves, um pequeno canivete suíço, um frasco escuro com três comprimidos chacoalhando no fundo. “Diazepam” dizia o rótulo desbotado. “Não misturar com álcool”. Apertou o frasco na mão, voltou cambaleando até o sofá e ajoelhou-se ao lado dela. Só porque tinha visto em algum filme, ergueu com delicadeza uma pálpebra — a íris estava lá, luzindo, mas parecia normal, as pupilas estavam dilatadas, mas não havia como saber se aquilo era bom ou ruim. A maior parte da caixa de primeiros socorros de Stephen tinha sido usada para o papel do Ciclista Mensageiro Asmático em *Emergency Ward*, mas ele desconfiou vagamente que se tratava de uma situação em que poderia ser necessário esbofetear alguém. Colocou a mão com delicadeza no rosto de Nora, ajustando o ângulo, afastou um pouco a mão, aproximou um pouco, e mais um pouco, e deu um tapa.

— Aaaaai! Pelo amor de Deus...! — gritou Nora, batendo forte na orelha dele.

— Aaaaai! — reagiu Stephen.

— Você me assustou, seu *canalha* — lamentou, tentando bater nele outra vez. Felizmente o segundo golpe foi ineficaz, pegando de raspão no alto da cabeça de Stephen. Agarrou-a pelos pulsos e sentiu a energia abandonando seu corpo quando ela se recostou e fechou os olhos outra vez.

— Nora... eu preciso saber de uma coisa?

— O que você quer *agora*?

— Aquelas pílulas, o Diazepam... quantas você tomou?

— Por que diabo você quer saber...? Ah, já entendi... acha que estou tentando me

matar, é isso? Por causa da minha mágoa com o velho Joshy...

— Eu só preciso saber.

— O que diz o frasco, doutor Steve?

— Tomar um comprimido meia hora antes de deitar.

— Bem, foi exatamente o que eu fiz.

— Só um?

— Sei lá, talvez dois.

— Talvez mais de dois?

— Não me lembro! — Agarrou uma almofada, abraçando-a contra o rosto. — Pelo amor de Deus, Stephen, vá dormir e vê se me deixe em paz, tá?

Stephen afastou a almofada.

— Você não pode dormir, ainda não. Eu vou fazer um café.

— Eu não *quero* café.

— Mas você encheu a cara, Nora.

— E daí? Eu consigo aguentar o que bebo, ao contrário de *gente* que prefiro não mencionar.

— Pelo menos sente-se e converse um pouco comigo — e enfiou-se no sofá, pôs os braços em volta dela e colocou-a numa posição ereta. — Ou vamos assistir ao filme — e posicionou Nora de frente para a tela, que mostrava a cena do beijo entre Monroe e Curtis. — Sempre achei que Tony Curtis foi pouco valorizado como comediante.

— Steeve McQueen — murmurou Nora, a voz baixa e maldosa, enfiando um dedo no peito dele. — Mas que piada. Que nome mais bobo. Seus pais quiseram mesmo aprontar com você, garotão...

— Vamos assistir ao filme, tá...? — disse ele, mantendo a voz firme.

— Puuuxa, Steve, às vezes você é um pé no saco, um pé no saco mesmo...

— Eu só estou tentando ajudar.

Nora caiu para a frente, agora em cima dos braços dele.

— Eu sei, Steve, mas toda essa *ajuda*, toda essa coisa de ser legal o tempo todo, bonzinho, bonzinho, bonzinho, essa coisa de samaritano, bem, vou dizer uma coisa, às vezes dá nos nervos da gente, sabe? Enche um pouco o saco. Para dizer a verdade, acho até meio esquisiiito...

— Tem certeza que não quer tomar um café?

De repente Nora desvencilhou-se, se arrastou para a outra ponta do sofá, virou-se e gritou, olhando para ele:

— VOCÊ NÃO ESTÁ ME OUVINDO? EU JÁ DISSE QUE NÃO! QUE MERDA, STEVE, NÃO ADMIRA QUE SUA ESPOSA TENHA SE SEPARADO, PORRA!

Por um breve tempo, a sala ficou em silêncio, enquanto os dois se olhavam das duas pontas do sofá sob a luz cinzenta. As palavras soaram como um soco, e Stephen teve de levar a mão à cabeça e ficar abrindo e fechando a boca, articulando em silêncio palavras que não queria dizer em voz alta.

Nora enxugou o canto da boca molhada com as costas da mão e se jogou de costas no sofá, encolhida, enfiando o vestido por entre as pernas, fechando bem os olhos.

— Vai se foder, Nora — falou Stephen, como que para si mesmo.

— Ei, vai se foder *também*, garotão — disse ela em voz baixa, mas sem convicção, encolhendo-se ainda mais.

Stephen levantou-se devagar, foi até a cozinha e fechou a porta. Quando era criança, toda vez que os adultos diziam “preciso de um drinque”, ele sempre se perguntou o que aquilo significava. Agora ele sabia. Muitas vezes durante os últimos dias ele se surpreendeu precisando de um drinque. Mais do que isso, de repente começou a sentir inveja do entorpecimento de Nora. Talvez, se conseguisse se embriagar e se dopar como ela, todas aquelas coisas teriam menos importância. De repente aquele plano não parecia apenas razoável, mas sim uma absoluta necessidade. Stephen tirou uma garrafa de vodka do armário, despejou uns bons seis centímetros num copo e acrescentou um pouco de água tônica morna e sem gás. Percebeu que ainda estava com o frasco marrom de pílulas apertado na mão e, sem uma ideia clara do que poderia conseguir com aquilo, desatarraxou a tampa, pôs um comprimido na boca e tomou o copo de um gole só.

Serviu mais uns dois centímetros de vodka.

Ouviu um som vindo da sala ao lado, um som de movimento, depois um baque surdo, o tipo de ruído que um corpo pode fazer, digamos, ao cair de um sofá. Stephen resistiu à tentação de ir ajudar, ficou onde estava, esvaziou o copo outra vez. Pouco depois escutou um gemido longo e choroso, o tipo de gemido que se pode emitir ao se cair de um sofá, depois o som de passos incertos. Nora agachada perto da porta, agarrando-se na maçaneta e no batente, maço de cigarro na mão, os lábios molhados, o rosto completamente pálido a não ser pelos borrões nos olhos, em silêncio, com o olhar fixo como uma atriz de cinema.

— Ei — falou Stephen, lutando para continuar severo. — Como você está se sentindo?

— Simplesmente... péssima — respondeu Nora.

— Deixa pra lá, todo mundo diz coisas que não quer...

— Não, estou querendo dizer que acho que vou vomitar — disse sem pensar, cambaleando em direção ao banheiro vermelho.

A TESTEMUNHA

Os dois se aconchegaram no pequeno banheiro, a mão dele esfregando as costas dela com suavidade, afastando o cabelo molhado da testa. Em qualquer outra situação, aquela intimidade seria emocionante, mas qualquer afeto ou romantismo estavam contaminados pelo que sobrava de seu ressentimento e pelo estado de Nora, debruçada imóvel na pia. Aquilo se prolongou por um bom tempo, e Stephen teve de trazer duas cadeiras ao banheiro, ao menos para ela poder vomitar com relativo conforto.

Ficaram lá, em silêncio, ou pelo menos sem falar nada, e quando afinal aquilo parecia ter chegado ao fim, Nora disse, num tom de voz rascante.

— Adorei o que você fez com esse apartamento.

— Obrigado.

Nora ergueu a cabeça da pia.

— Tudo bem... acho que já passou.

— Vamos esperar que sim.

Ela recostou-se na cadeira, sorriu para ele.

— Bem, depois de toda essa merda que aconteceu hoje, é bom ver que nós dois ainda conseguimos nos divertir juntos.

— Como está se sentindo?

— Oh-oh... o doutor Steve voltou. — Pôs a mão na cabeça, depois no estômago.

— A sensação é... interessante. Não se preocupe, não vou pedir a sua escova de dentes emprestada. Eu tenho uma na bolsa. — Stephen saiu para pegar a escova, levando as cadeiras com ele, depois voltou e ficou observando da porta enquanto ela se esforçava para escovar os dentes com uma das mãos e segurava o cigarro com a outra, e considerou que às vezes ela parecia o capitão de um barco pesqueiro, deslocado numa metrópole.

— Quer tomar um banho, talvez? Para se refrescar um pouco?

— Pode ser. É, pode ser. — Stephen passou por ela e abriu o chuveiro, depois voltou para a sala em busca de alguma roupa para ela vestir. Encontrou uma camiseta limpa numa gaveta, uma calça de ginástica na sacola da lavanderia e voltou ao banheiro esfumaçado.

Imediatamente lembrou-se da cena de *A testemunha*, quando Harrison Ford, o policial durão da Filadélfia, vê a viúva amish Kelly McGillis tomando banho, e os dois trocam olhares intensos. Não houve nenhum olhar intenso naquele caso, ou pelo menos nada que ele conseguisse discernir, pois Nora estava no processo de tentar, sem conseguir, tirar o vestido por cima da cabeça. Era o mesmo vestido que estava usando quando os dois se conheceram na festa de Josh — antigo, preto, lindo, desgastado — mas ela estava tentando se despir sem desabotoar os ombros primeiro, e havia um clima de luta escapista, com ela de pé, pálida e manchada, dividida entre roupas de baixo que não combinavam e as meias pretas caídas, tentando tirar o vestido pelo pescoço com uma das mãos, apoiando-se a outra, ainda segurando um cigarro, para não despencar no boxe do chuveiro. Sentindo-se de repente um pouco amish, Stephen tentou fixar o olhar nas telhas de poliestireno do teto, como um cavalheiro.

— Precisa de alguma ajuda? — perguntou, anunciando a própria presença.

— Alguém apagou a luz, doutor — respondeu ela, rindo por baixo do vestido.

— Tudo bem, espere um pouco. — E correu no exato momento em que ela ia caindo em sua direção, segurando nos braços dele, apoiando-se e empurrando-o em direção à parede. Ficou imóvel por um tempo, rindo, o corpo encostado no dele, enquanto Stephen tentava desabotoar o vestido de dentro para fora com todo o cuidado.

— Ai! O meu cabelo, meu cabelo!

— Fique quieta.

— Estou tentando...

Um dos botões caiu, ele guardou na concha da mão.

— Tudo bem, consegui... fique firme — puxando o vestido com as duas mãos, com força, esperando que ela não ouvisse o som do tecido rasgando. Um instante depois ela abriu um olho borrado, depois o outro, mas não se afastou, na verdade aproximou-se ainda mais, e os dois ficaram juntos por um instante, as mãos dele nas costas dela, agora úmidas de vapor e suor, apoiando seu peso, os narizes se tocando, o quadril de Nora pressionado contra o ventre dele, posicionados ao mesmo tempo para uma dança e uma luta. Nora começou a rir, uma gargalhada abundante e embriagada. — Bem, isso está... *interessante* — murmurou, o rosto encostado no dele.

— Interessante mesmo.

— Não quer tomar banho comigo? — sussurrou no ouvido dele.

De alguma forma a mão de Stephen estava embaixo da alça do sutiã, e a pele dela era quente e macia, mas o hálito rescendia a cigarro, pasta de dente e uísque, e algo mais que ele não quis pensar a respeito.

— Eu tiraria você para dançar, se minha calcinha não estivesse caindo — sussurrou ela.

Com a máxima suavidade que conseguiu, Stephen levou a mão até as coxas dela, pegou o elástico e puxou para cima.

— Pronto.

— Muito obrigada, meu jovem. Então... vamos dançar?

— Dançar? Não, acho melhor deixar você fazer isso sozinha.

— Oh. — Ela fez um biquinho. — Oh... seu estraga-prazeres.

— Talvez numa outra hora.

— É, talvez. Tal-vez — falou com um sorriso, piscando um olho borrado.

— Posso levar isso, ou você quer entrar no chuveiro com ele? — perguntou Stephen, apontando o cigarro queimando a cortina plástica do boxe.

Fazendo uma careta, ela levou o cigarro à altura dos olhos e examinou-o de perto, com curiosidade, como se alguém o tivesse posto em seus dedos, sem sua permissão.

— Acho que não — murmurou, deu de ombros e botou o cigarro nos lábios antes de passá-lo a Stephen, que fez o mesmo, notando que a ponta estava levemente úmida de saliva. Agora Nora o olhava com uma expressão sugestiva, os lábios meio caídos, numa paródia lúbrica e embriagada de sedução; na falta de outra coisa a fazer, Stephen inclinou-se e pôs a mão debaixo do chuveiro.

— Está quente? — perguntou Nora.

— Um pouco. Quer que esfrie?

— Não, eu *gosto* quente.

Stephen começou a emitir seu zumbido habitual.

— Ei, está nervoso, doutor?

— Por que eu estaria nervoso?

— Suas narinas estão tremendo, doutor.

— Bem, isso acontece às vezes. — Ergueu a mão e apertou o nariz. — Desculpe.

— Não precisa pedir desculpa, doutor... eu goosto. — Pressionou ainda mais o quadril contra ele, que sentiu uma forte pontada de dor na virilha, como se tivesse trombado numa mesa. Agora os olhos dela estavam fechados, o rosto inclinado em direção ao dele, e Stephen quase teve certeza de que conseguiria beijá-la. Considerou a possibilidade. Será que beijo era alguma coisa que se “conseguia”? Era preciso admitir que havia um erotismo provocante e inebriado na situação, e ainda que não fosse tão ruim, a piada do “doutor” o estava irritando, além da sensação de que aquele desregrado jogo de sedução era menos a manifestação de uma atração sexual não declarada e mais o efeito de um coquetel de uísque e pílulas. Quanto à afirmação “eu gosto quente”... Stephen concluiu que já estava maduro e sensível demais para uma pressão de quadril daquela. Com algum esforço, resolveu não beijá-la, uma decisão confirmada por Nora tentando reprimir um arrotto de bile, mudando de cor e o empurrando para chegar até a pia.

— Tudo bem? — perguntou, voltando ao papel de doutor.

— Acho que sim. Acho que talvez... eu devesse tomar banho.

— Então você acha que consegue... fazer o resto sozinha?

— Acho que sim. Se não conseguir... eu grito.

— Tudo bem... você sabe onde eu estou...

— Eu sei onde você está — concordou, erguendo o rosto da pia com um sorriso enjoadado.

Stephen retribuiu o sorriso, fechou a porta e recostou no sofá, assistindo ao DVD projetado na parede branca, com Marilyn Monroe cantando “I’m Through with Love” acompanhada de piano com o volume no mudo.

* * *

Nora reapareceu quinze minutos depois, vestindo a camiseta limpa, maquiagem removida, pálida e silenciosa, parecendo mais sóbria, apalpando as costelas

doloridas. Sorriu e franziu a testa ao mesmo tempo, cabeça baixa, foi até o sofá e deitou-se ao lado de Stephen, encolhida e virada para ele. Ficaram um tempo olhando o brilho dos carvões falsos na lareira elétrica, os vapores do cabelo molhado de Nora umedecendo as roupas e a pele dele.

— É só e fechar os olhos que a sala começa a girar.

— Então fique de olhos abertos.

— Mas eu preciso fechar os olhos, estou muito cansada.

— Bom, fique aqui deitada comigo um pouco. Você já vai melhorar.

— Logo?

— Daqui a pouco.

Ela mudou de posição, ficou olhando para o teto, as pernas jogadas em cima das dele.

— Essas vão ser as piores vinte e quatro horas da minha vida.

— Para mim também. Bem, entre as cinco piores.

Nora olhou para ele, apreensiva.

— Por quê?

— Qualquer hora eu conto.

Ela suspirou, encolheu-se um pouco mais.

— O que nós vamos fazer, Steve?

— Quanto ao Josh?

— Quanto ao Josh. Quanto a tudo isso.

— Nada esta noite. Vamos esperar até de manhã. Depois conversamos.

— Você acha que as coisas vão estar melhores de manhã?

— Melhores, não. Talvez mais claras.

— Por que você está fazendo tudo isso, Steve? — murmurou ela.

— Fazendo o quê?

— Tudo isso por mim. Por que você aguenta essas coisas? O que você ganha com isso?

— Não faço a menor ideia.

Nora soltou um suspiro profundo, fechou os olhos, e Stephen inclinou-se para enxergar o seu rosto. Duas pequenas luas crescentes de pasta de dente ressecavam nos cantos da boca, ele teve um súbito desejo de limpar as marcas com o polegar e o indicador. Ela deve ter se sentido observada, pois de repente mudou de posição, e olhou para Stephen.

— Que horas são?

— Uma e meia.

— Meu Deus — gemeu. — Acho que a gente devia tentar dormir um pouco.

— Tudo bem. Você fica na cama, eu durmo no sofá.

— Eu sei que deveria contestar, mas estou cansada demais. — Fechou os olhos.

— A menos que...

— O quê?

— A não ser que a gente durma juntos. Não para fazer nada demais. Só uma questão de... calor humano, sei lá.

— Eu não consigo, Nora.

Fez-se uma pausa, e depois de um tempo ela murmurou:

— Por quê?

Stephen poderia contar, é claro, mas ao olhar para o rosto dela viu que os olhos estavam fechados de novo, a respiração era mais lenta e profunda, e não fazia sentido dizer aquilo enquanto ela dormia. Além do mais, suas pernas já estavam com câimbras, repuxando de uma forma desconfortável, o que ele considerou que poderia sabotar o momento. Como que para enfatizar a questão, Nora tinha começado a roncar, um surpreendente som de serrrote. O ronco de um capitão de pesqueiro na metrópole.

— Fica para outra hora — disse ele baixinho.

Num filme ou numa peça de teatro, aquele seria o momento em que o herói levantaria a garota e a levaria suavemente até a cama, sem despertá-la. Mas, em termos realísticos, havia uma boa probabilidade de Nora quebrar a cabeça na mesa de centro, por isso Stephen preferiu pôr a mão em seu rosto e sussurrar em seu ouvido:

— Vá para a cama. — E foi até a cama com ela.

— Posso dormir agora? — murmurou ela.

— Sim, pode dormir.

Deitando-se completamente vestido no sofá, Stephen puxou o casaco por cima dos ombros e deu um último olhar para Nora, depois fechou os olhos e mergulhou num sono tão profundo que parecia uma anestesia.

UMA TENSÃO SEXUAL NÃO RESOLVIDA

Stephen foi acordado na manhã seguinte pelo cheiro das próprias axilas.

Tirou o travessiro do rosto, sentou-se e olhou para Nora. Ela estava de costas, parecendo muito pálida e fraca, o telefone celular encostado na orelha. Stephen ficou observando em silêncio enquanto ela franzia a testa, suspirava, apagava uma mensagem, ouvia de novo, franzia a testa de novo, suspirava outra vez, apagava outra vez...

— O que há? — perguntou.

— Verificando minhas chamadas perdidas.

— Duas delas são minhas.

— E as outras quarenta e três?

— Ah. Como ele está?

— Bem, as primeiras cinco ou seis foram de desculpas, depois mudou para raiva, depois ficou meio resmungão, depois defensivo, abusivo, e agora está sendo... sim... sarcástico, acho... difícil dizer. Parece bem bêbado ou ligado, ou algo assim. Ele ficou trancado do lado de fora, sem chave, sabe Deus de onde está ligado. — Desligou o telefone e se afundou de novo na cama. — Ele parece estar bem mal. Acho que eu deveria dar uma ligada.

— Sim, mas... ainda não.

— Não, agora não. — Soltou um resmungo e virou-se para ficar de frente para Stephen. — Bem... eu deveria pedir desculpa. Ao menos pelas partes que consigo me lembrar. Desculpe, eu não fico tão bêbada desde o dia do meu casamento.

— Não precisa se desculpar.

— Mas eu deveria ao menos tentar explicar. Você vai ter que vir até aqui, pois não consigo sentir minhas pernas.

Stephen se levantou e sentou-se na cama ao lado dela.

— O negócio é que eu fiquei meio triste e bebi um pouco demais, só isso. Estava tentando afogar minhas mágoas, mas acho que fui muito fundo. Eu não queria que você pensasse que foi algo mais... melodramático que isso, tudo bem?

Stephen segurou a mão dela.

— Mas não foi só a bebida, não é?

— Eu queria esquecer tudo por um tempo. Você consegue entender, não consegue?

— Acho que sim.

— Então... assunto encerrado?

— Se é o que você quer.

— Quero.

— Tudo bem... assunto encerrado.

Ela deu um empurrãozinho em Stephen com o ombro e debruçou-se para olhá-lo.

— Há algo mais que precisamos conversar?

— Como assim?

— Bem, eu estou com uns misteriosos hematomas nos quadris, e tenho a estranha sensação de ter me oferecido a você.

— Teve um pouco disso, sim.

— Não deve ter sido muito divertido. Uma coroa bêbada, chorosa e pesadona babando em cima de você...

— Bem, normalmente teria sido legal, mas a ocasião não era apropriada, suponho.

— E aconteceu alguma... você sabe...?

— Eu ajudei você com suas roupas íntimas, mas foi só isso.

Nora amarrou a cara e pôs os dedos nos ouvidos.

— Que termo terrível. “Roupas íntimas” é um termo terrível.

— Desculpe... “calcinha”.

— “Calcinha” é *muito* melhor. Então imagino que tenha me achado bem *inesistível*, hein?

— Bem, sim, acho, achei, mas você também estava um pouco bêbada e, bem, existem regras sobre esse tipo de coisa. Além do mais, eu estava com um pouco de medo que você vomitasse em cima de mim...

— Meu Deus...

— ...e você é casada, é claro...

— Ainda bem que você percebeu...

— ...e também, para ser honesto, eu estava um pouco zangado com você.

Nora piscou os olhos.

— Quer me dizer por quê?

— Bem, você me deu um soco.

— Dei mesmo?

— Aham.

Nora se levantou, segurou o rosto dele e examinou com cuidado.

— Puxa, onde foi?

— Foi só na orelha. Eu dei o primeiro tapa, mas foi por razões médicas.

— Bem, talvez eu tenha batido em você por razões médicas também.

— Acho que não.

— Bem, desculpe. E também por qualquer coisa... indelicada que eu possa ter dito.

E obrigada por ter resistido aos meus encantos de cara molhada. — Em seguida, em seu melhor sotaque britânico: — Você é um perfeito cavalheiro inglês.

— Disponha.

Ficaram em silêncio por um instante, deitados lado a lado na cama, olhando para lados opostos. Depois de algum tempo ela apontou a fotografia emoldurada pendurada na parede. — Sua mulher e sua filha, certo? Ao menos é o que estou imaginando, a não ser que você seja desses caras que andam pelas maternidades tirando fotografias.

— Não, são elas mesmas.

— São muito bonitas.

— São mesmo.

Virou-se e olhou para ele.

— E então... o que gente vai fazer?

— Ficar aqui mesmo?

— Aqui? — perguntou Nora, sem entusiasmo.

— Vou dar uma saída para buscar alguma coisa para comer, e enquanto eu estiver fora você pode ligar para o Josh, dizer que está num hotel e que está segura, que vai ligar de novo quando estiver preparada. Depois que eu voltar, nós tomamos um banho... banhos separados, trancamos todas as portas, desligamos os telefones, preparamos um café da manhã, e podemos ficar por aqui mesmo, sabe. Assistir a uns filmes. Claro que vou ter que ir ao teatro à noite, mas eu volto logo. Mais ou menos às

dez. O que você acha?

— Que me sinto como uma refém?

— Não, vai ser como se... estivesse de férias. — Ele notou o olhar dela examinando o lugar. — Bem, talvez não sejam férias. Mas, você sabe... segura.

— Nós não podemos simplesmente ficar em casa assistindo filmes antigos, Stephen.

— Eu sei.

— Em algum momento vamos ter que sair e enfrentar o mundo real.

— Eu sei disso. — Sentindo-se repreendido, levantou-se e andou rapidamente até a porta, vestindo o casaco. — Eu volto em cinco minutos.

— Stephen? — Ele se virou para olhar. Nora estava deitada de lado na cama, olhando para ele. — Você sabe que uma hora eu vou ter de ir embora, não sabe?

— Claro que sei. Mas não neste momento, não é?

— Tudo bem. Ainda não.

E Stephen virou-se e saiu antes que ela mudasse de ideia.

O GRANDE DISCURSO

Você sabe que uma hora eu vou ter de ir embora, não sabe?

O dia estava escuro, pesado e de um frio entorpecedor. O céu parecia baixo e manchado, o ar tinha aquele gosto metálico de quando ameaçava nevar ou chover forte. Enquanto descia a rua, Stephen C. McQueen estava totalmente convencido de duas coisas — de que amava Nora, e de que teria de dizer isso a ela na primeira oportunidade que aparecesse.

Parou na Price£avers em busca de petiscos surpreendentes e saborosos, que funcionassem como uma tentação para ela ficar ou, se não conseguisse, alguma coisa com algum valor nutritivo. Comprou aspirina em pó, leite, pão integral, água mineral e duas barras de chocolate Mars, pensando sobre o que mais poderia fazer para convencê-la a ficar, para desviar sua atenção daquele apartamento apertado e de sua carreira estagnada, a ver o material potencial e não o material bruto. De alguma forma, convencer Nora a trocar um sucesso infiel por um fracasso apaixonado.

Stephen teria de fazer um grande discurso.

Em um filme, é claro, esse discurso sairia de forma totalmente natural, fluente, espontânea, não premeditada. Declarações de amor cirurgicamente eloquentes e eficazes eram lugar-comum nos filmes, como “Você está fora desse caso, pois está levando para o lado pessoal”, ou “Você está proibido de morrer, ouviu?”, ou “Seja o que for, não é humano”, e naquele momento, todas as diversas formulações convencionais que já tinha ouvido se passavam na cabeça dele em câmera rápida — palavras e frases armazenadas aleatoriamente: *adoro amo desde nosso primeiro encontro mais do que a própria vida não posso viver sem você pertencemos um ao outro penso em você em todos os momentos em meus sonhos você também é minha rocha e minha estrela-guia, o ar que respiro...*

Com certeza nada disso iria resolver algo. Mas Stephen sabia que, do jeito que as coisas estavam, ele não tinha como competir, não havia chance nenhuma. Claro que o momento estava todo errado, que ele deveria esperar, aguardar o momento certo, mas, se não agisse agora, não dissesse alguma coisa, ela poderia voltar a encontrar Josh, poderia até perdoá-lo. Não de início, é claro, mas acabaria perdoadando. Stephen precisava apresentar o seu caso agora, fazer com que Nora visse uma outra versão de si mesmo, uma versão melhor, que valesse a pena manter, ao menos até a sorte mudar. Precisava convencê-la de que tinha qualidades muito, muito mais desejáveis do que dinheiro, sucesso, viagens, status, carisma, uma imensa autoconfiança, charme, glamour, popularidade, virtuosismo sexual ou beleza física. Qualidades como...

Nada vinha à mente no momento, mas ele arranjaria alguma coisa. Improvisaria, viveria o momento, falaria com o coração, não com a cabeça. Uma coisa já estava clara: teria de ser um discurso bem longo.

Você sabe que uma hora eu vou ter de ir embora, não sabe?

Mas e se ela não estivesse mais lá quando ele voltasse?

Saiu em disparada, a respiração visível no ar, as sacolas de compras batendo nas pernas, ensaiando palavras e frases em potencial na cabeça, tentando encontrar uma maneira de se expressar que não parecesse um mau diálogo, ou convencional demais, ou plágio: *desde que conheci você mais do que simples amigos realmente quero beijar você adoro venero você pertencemos um ao outro você me completa meu amor preciso de você etc. etc. etc. blá-blá-blá...* Será que deveria tomar um banho antes, escovar os dentes, no caso de...? Não, manter a espontaneidade, se concentrar no momento. Subiu correndo as escadas, as palavras se acumulando em sua cabeça, pronto para fazer sua grande entrada e deixar fluir tudo o que sentia por ela. Estava enfiando a chave na fechadura quando, pela segunda vez em doze horas, ouviu um ruído que fez seu coração se contrair de pânico.

Sua própria voz. Cantando.

“As rodas do ônibus girando e girando, girando e girando, girando e girando...”

Stephen sentiu todos os seus órgãos internos tentando sair pela boca ao mesmo tempo. Enfiou a chave na fechadura e abriu a porta.

Nora estava sentada na cama, chupando a escova de dentes, um cobertor enrolado nos ombros. Projetado na parede, *O Esquilo Sammy canta suas canções infantis favoritas*. No colo dela, a cabeça decepada do Prêmio de Melhor Ator do marido. Sem tirar os olhos da tela, Nora procurou o controle remoto nas dobras da coberta, abaixou um pouco o volume, tirou a escova de dentes da boca.

— Oi — falou, sem expressão, o olhar fixo.

— Olá — respondeu Stephen, o mais calmamente possível, ficando entre ela e o projetor. — O que você está fazendo?

— Aprendendo sobre números — respondeu, chupando outra vez a escova de dentes, olhando ao redor.

— Não, de verdade, Nora... o que você está fazendo? — perguntou Stephen, os

olhos fixos no troféu no colo dela, com o nome do marido gravado na base.

— Tudo bem, bom, se você quer mesmo saber, eu estava aqui tentando entender o que é mais estranho... você roubar o troféu de Melhor Ator de Josh ou cantar e dançar todo fantasiado de esquilo. Normalmente eu diria que é roubar o troféu, mas depois comecei a assistir isso. Agora não sei bem o que pensar...

Uma nova canção começou a tocar: “*Se você está feliz e sabe disso, grite ‘Estamos felizes’...*”

— Estamos felizes — disse Nora para si mesma, depois deu um pequeno sorriso para Stephen. Ele depositou as sacolas no chão, passou por Nora e foi desligar o projetor. — Não se atreva! — resmungou, batendo na mão dele com o BAFTA, e Stephen sentou-se ao seu lado, olhando para a sua cara estúpida, grande e vermelha, projetada na parede.

— Bom... é um estilo — comentou Nora, sem sorrir.

— Com certeza — Stephen concordou, sem convicção.

“*Se você está feliz e sabe disso, bata os pés...*”

Nora bateu os pés.

Stephen resolveu passar à ofensiva, converter vergonha em indignação.

— Claro que caberia uma pergunta aqui, que direito você tem de fuçar nas minhas coisas?

— Ei, escuta aqui, *Sammy*... eu entendo. Você não está feliz, eu já percebi. Mas eu não estava “fuçando”. Só estava com frio, e fui procurar um suéter no seu guarda-roupa, um cobertor ou coisa assim, e meio que topei com... isso.

— Ainda assim você não tinha o direito de...

— Eu ia botar no lugar e fazer de conta que não tinha visto, mas... bem, Steve, desculpe, é difícil ignorar certas coisas.

“*Se você está feliz e sabe disso, grite ‘Hurra’...*”

— Você sabe, a maioria dos caras teria pornografia escondida no fundo do armário.

— E isso seria melhor ou pior?

— É uma comparação difícil, Steve. Difícil mesmo. Se fosse um DVD com você, digamos, vestido de esquilo fazendo sexo com o BAFTA do meu marido, seria *bem* pior. A propósito, você é muito bom — disse ela em voz baixa.

— Foi o papel que eu nasci para interpretar — respondeu Stephen.

Ela sorriu, muito brevemente.

— Acho que este é o momento em que você diz: “Existe uma explicação perfeitamente racional para tudo isso.”

— Existe.

— Sou toda ouvidos — falou Nora, voltando a olhar para a tela. — Aliás, assim como você.

— Muito bem, *isso* — apontando para sua cara grande, vermelha e farfalhante na tela. — Isso eu faço em parte pelo dinheiro, e em parte porque gosto...

— Faço?

— Como?

— Você disse “faço”, não “fiz”.

— Eu estou trabalhando numa continuação.

— Era isso que você estava filmando ontem?

— Aham.

— Achei que você tinha dito que era um filme policial meio alternativo.

— Passado na floresta.

Nora riu, e Stephen aproveitou a oportunidade para pegar o controle remoto, mas ela espetou a mão dele com a escova de dentes e escondeu o controle debaixo do cobertor. Felizmente, o Esquilo Sammy tinha parado de cantar, e agora tentava explicar a diferença entre somar e subtrair para o Urso Brian.

— Devo dizer a meu favor que me considero bem talentoso.

— E é mesmo. Essa cena não está um pouco forçada? — perguntou.

— Foi exatamente o que eu disse ao diretor.

— Esse urso é muito burro.

— É verdade.

— ...*Quatro* nozes! Você deve *quatro* nozes, seu idiota...

— Nora, você não está me ouvindo, não é?

— Sinto muito, mas não estou conseguindo desviar o olhar.

— Bem, dá para tentar, Nora? Por favor? Você não está facilitando as coisas para mim.

— Eu não tenho a intenção de facilitar nada para você. — Virou-se para ele, sorrindo outra vez, mas ainda muito de leve. — Stephen, isso... inclinou a cabeça em direção à tela — ...*isso* é ótimo. *Isso* não me incomoda em nada. Na verdade acho até uma gracinha, de um jeito meio... sinistro. Na verdade, eu estou meio preocupada com... isso — e tirou o troféu debaixo do cobertor, colocando-o na mesa de centro à frente dos dois. O troféu olhou para eles, com o seu olho bom. — Quer dizer, não seria tão ruim se você tivesse roubado... sei lá... dinheiro ou algo assim.

— Eu não *roubei* nada.

— Então o que aconteceu?

— Tudo bem, o negócio é o seguinte, você se lembra da festa, quando nos conhecemos? Você... por favor, dá para desligar essa coisa? — pediu Stephen.

— Vamos fazer uma pausa. Eu não quero perder nada.

Stephen apertou a tecla de pausa do DVD.

— Tudo bem, naquela festa, você sabe, quando eu bebi um pouco demais e tive um ataque estranho por causa dos antibióticos que estava tomando. Bem, eu estava no quarto de vocês, e vi o troféu de Josh, e fui pegar, só para examinar, e estava fazendo palhaçada em frente ao espelho quando você voltou, para dizer que o táxi tinha chegado, você se lembra? — Nora aquiesceu. Stephen se animou e foi em frente. — E claramente eu não estava pensando direito, porque meio que escondi o troféu embaixo do casaco, e quando me dei conta estava no táxi a caminho de casa, e ainda estava com essa... coisa.

— Então, deixa ver se eu entendi... você roubou o troféu de Melhor Ator do meu marido...

— Não “roubei”, só... guardei no meu apartamento por engano.
Temporariamente.

— Você guardou temporariamente o troféu de Melhor Ator do meu marido no seu apartamento porque estava tomando antibióticos?

— Não, não só por causa disso. Foi mais por causa da bebida, mas...

— E o caso do Josh?

— Caso?

— Caso é uma palavra estúpida... essa mulher... essa mulher que ele está encontrando.

Fique calmo. Apenas atue. Faça bem o seu papel. Interprete bem.

— O que isso tem a ver com eles, com ela?

— Você sabia?

Balance a cabeça, role os olhos pelo teto, riso de surpresa e incredulidade.

— Nããão.

— O que foi *isso*?

— O quê?

— Nããão.

— Quer dizer que eu não sabia.

— Não sabia?

— Não.

Pausa.

— Acho que você está mentindo.

— Por que acha que estou mentindo?

— Suas narinas estão tremendo. E esse nããão esquisito. Não sei onde você arrumou isso, Steve, mas devo dizer que nenhum ser humano jamais emitiu esse

som...

— Tudo bem. Sim.

— Sim, você *sabia*?

— Sabia.

— E mentiu para mim, ou foi só o antibiótico falando?

— Não, não, eu menti para você...

— Mentiu para proteger Josh?

— Não.

— Não?

— Não, menti para proteger você.

Nora riu com amargura.

— E como isso me “protege”, Stephen?

— Eu... não queria ver você magoada, e Josh prometeu que ia mudar, e havia... outras razões para não querer ser eu a contar para você. E também achei que não era da minha conta.

— E talvez não fosse da minha conta também, obviamente. Bem, só posso dizer que espero que você seja melhor como ator do que como mentiroso, Stephen, pois como mentiroso você é um canastrão total.

— Isso não é mentira! Eu sabia que cedo ou tarde você ia descobrir, e não queria que soubesse por mim. Não teria sido justo eu contar a você.

— Por que não?

— Porque...

— Por que o quê?

— Porque eu estou apaixonado por você.

Pausa.

— Está?

— Estou.

Choque.

— Apaixonado por mim?

— Isso mesmo, apaixonado por você. Acho que eu te amo, Nora. Na verdade eu sei que te amo. Amo muito, muito, muito.

— Há quanto tempo?

— Desde sempre. Desde que nos conhecemos.

Ela suspirou.

— Como você sabe?

— Sei o quê?

— Que me ama?

— Porque... porque é uma agonia.

Nora considerou o fato, depois virou o rosto para o projetor, para aquela cara vermelha e dentuça tremulando levemente no Pause.

— Entendi.

Stephen tentou pegar na mão dela, mas Nora se afastou, apontou o controle remoto como uma arma, apertou o Play e a imagem voltou à vida, o Esquilo Sammy e o Urso Brian contando nozes. Uma noz, duas nozes, três nozes, quatro nozes...

— Aonde você vai? — perguntou Stephen, quando ela pegou o vestido e o casaco e tomou a direção do banheiro.

— Para casa, Stephen. Vou para casa.

DUELO NO IDAHO FRIED CHICKEN

Em termos de cenas de amor, não tinha sido um sucesso completo. O local estava todo errado, o momento não era adequado, e Stephen gostaria muito de ter uma oportunidade de fazer tudo de novo, do início ao fim, mas agora era tarde demais. Nora estava saindo de cena. Com uma das mãos na cabeça, como se fosse a única coisa capaz de mantê-la no lugar, ela começou a descer a escadaria com passos pesados, com Stephen alguns degraus atrás.

— Aonde você vai, Nora?

— Eu já disse, Steve... eu vou para casa.

— Mas Josh não vai estar lá?

— Quem sabe? É provável.

— Não quer ficar e conversar sobre essas coisas?

— Não neste momento, não. — Nora tentou abrir a porta.

— A porta tem duas fechaduras, você precisa... espere, eu cuido disso.

Stephen abriu a porta e ela saiu.

— Quer que eu acompanhe você até o ponto de ônibus?

— Eu vou sozinha... obrigada — respondeu Nora, incapaz de olhar nos olhos dele.

— Tudo bem. Olha... é melhor você levar isso, acho — e entregou o troféu de Melhor Ator retirado de Josh num saco plástico do PriceLover. Nora deu um suspiro, pegou o saco da mão dele com uma expressão de desgosto. — Gostaria muito que você dissesse, sei lá, que você encontrou isso debaixo da cama ou coisa assim. Diminuir a minha humilhação, tornaria as coisas um pouco mais fáceis. Mas se quiser mesmo dizer a verdade... bem, eu ia devolver o troféu, juro que ia, realmente não foi intencional. Se eu não tivesse tomado aqueles antibió...

Nora brandiu o saco plástico com o troféu como se fosse um cassetete.

— Stephen, juro que se você mencionar de novo a palavra “antibiótico” eu faço você *comer* esta merda

— Tudo bem. Desculpe.

Ficaram em silêncio por um momento, Nora olhando ao redor, como se procurasse um meio de escapar.

— Parece que você... está zangada comigo — comentou Stephen.

Nora suspirou, e finalmente se forçou a olhar para ele.

— Não estou zangada. Continuo agradecida por ter cuidado de mim e tudo o mais, e me sinto comovida pelo que você... sente por mim. E imagino que também tive alguma cumplicidade nisso. Mas, ainda assim, você tem de admitir que, bem... que tudo isso é muito estranho, Stephen.

— Eu sei.

— Quer dizer, eu preciso de um tempo para clarear as ideias.

— Você saberia dizer quanto tempo? — Ela ergueu as sobrancelhas numa expressão ameaçadora. — Não, não precisa responder. Só quero que saiba que estou falando sério. Estou falando muito sério. Eu realmente adoro você. Sempre adorei.

— E o que eu deveria fazer com essa informação, Stephen?

— Pensei que talvez você pudesse considerar a ideia?

— Você não acha que eu já tenho muitas coisas a considerar?

— Eu sei. Desculpe. Mas eu precisava dizer, só isso. Apenas me pareceu a coisa certa a fazer.

Nora estendeu o braço e pegou a mão dele pela ponta dos dedos.

— Doido — murmurou, com um sorriso fraco. — Eu preciso ir — disse afinal, chegando mais perto para abraçá-lo, de início mantendo o corpo um pouco mais distante do que o normal, o exemplo típico de um abraço platônico.

Stephen pôs a mão na nuca de Nora, e felizmente ela se aproximou, encostando o rosto levemente no dele. Ficaram assim por um tempo. Olhando por cima do ombro de Nora, no outro lado da rua e a pouca distância de onde estavam, Stephen viu um Audi TT prata dar a partida e se misturar com o trânsito. Reconheceu o carro de imediato, o rosto ao volante, e instintivamente puxou Nora para trás da porta, bem a tempo, pois o carro atravessou as duas pistas,

subiu na calçada com um terrível som metálico e parou, as rodas da frente ainda girando, o capô a poucos metros da vitrine do Idaho Fried Chicken.

Sem desligar o motor, Josh Harper saiu do banco do motorista, a perna enroscada no cinto de segurança. Cambaleou, caiu na calçada, levantou-se outra vez e arremeteu em direção aos dois, na direção de Stephen. De modo bizarro, Josh ainda estava com o traje do espetáculo, e antes que conseguisse perceber o que estava acontecendo Stephen se viu prensado contra a vitrine de vidro, o braço de Josh numa camisa bufante com o punho debaixo de seu queixo.

— Olá, Bullit! Não esperava me encontrar, não é, seu traidor de *merda*...

Os cabelos de Josh estavam grudados no rosto pelo suor, os olhos eram vermelhos e selvagens, a mandíbula travada, ele fedia a suor e bebida e era possível ver uma leve camada de pó branco amarelado ao redor de uma das narinas. Stephen sentiu alguma coisa espetar seu quadril e de repente percebeu que Josh estava com a espada também, que estava sendo atacado na rua, nos limites de Battersea, por um famoso ator bêbado e cheirado vestido de Byron, usando uma espada. Não era uma situação com a qual se sentisse pronto para lidar.

— JOSH — berrou Nora. — JOSH, SAIA DE CIMA DELE. VOCÊ ESTÁ SENDO RIDÍCULO!

A expressão de Josh era malévola e disforme.

— Só quero dar uma palavrinha com o nosso amigo aqui, meu amor, minha doçura, apenas um papinho amigável com o nosso amigo em comum aqui.

— Tudo bem, certo, mas vamos entrar, Josh — balbuciou Stephen.

— Não! Eu gosto daqui de fora.

— Josh, será que devo considerar isso como algo ameaçador ou dramático? — zombou Nora.

— Dá para me largar, Josh.

— E se eu não largar? E *se eu não largar*, Bullit? O que você vai fazer? — Josh empurrou os ombros de Stephen com as duas mãos, e Stephen pôde sentir a chapa de vidro nas costas. — Sabe de uma coisa, Steve? Eu posso não ser perfeito, posso ter feito algumas burrices na vida, mas ao menos não sou um hipócrita, Steve, pelo menos não sou covarde, pelo menos não sou covarde como

— você, se comportando como se fosse amigo, me bajulando, frequentando a minha casa, e todo esse tempo querendo levar minha mulher para cama...

— Ah, isso é patético, Josh — disparou Nora, segurando-o pelo ombro. — Você precisa crescer...

Mas Josh não estava escutando.

— Eu perguntei ontem à noite, não foi, Steve? *Apelei* a você como amigo, onde está Nora, onde está Nora, onde ela está? Não faço ideia, você respondeu, mas veja que surpresa! No dia seguinte, lá está ela, nessa pocilga, trepando com *você*...

— Josh, não seja ridículo — zombou Nora.

— Bem, pode esquecer o nosso trato, meu amigo. O acordo foi definitivamente *cancelado*.

— Nunca foi um acordo, Josh, você sabe disso.

— Acordo? — perguntou Nora, olhando de um para outro, confusa. — Que acordo?

— E quanto a você querida, que cara de pau, não? Tornando minha vida um inferno para vir correndo para o ninho de amor do Bullit aqui.

— Deixe de bobagem, Josh. Nós somos amigos, só isso.

— Achei que você tinha mais bom gosto, querida. Você pode conseguir coisa melhor do que esse... — virou-se para Stephen, o rosto bem perto, com um esgar, uma expressão de desprezo infinito — ...esse *substituto*.

A experiência de luta corpo a corpo de Stephen vinha basicamente de aulas de lutas no palco. Em consequência, ao dar um golpe, seu instinto natural era mirar num ponto logo acima da cabeça do oponente com a mão direita, ao mesmo tempo em que fazia um ruído batendo na coxa com a mão esquerda. Desconfiou que aquela técnica não iria dar muito certo com um homem enlouquecido e armado com uma espada. Forçado a improvisar, conseguiu enlaçar uma perna ao redor do tornozelo de Josh e, com as duas mãos, empurrá-lo com toda a força. Josh caiu para trás, batendo na lateral do carro.

— Agora chega, vocês dois — sentenciou Nora, braços abertos, como um árbitro.

Mas Josh já estava em pé, esfregando as costas e sorrindo, levando a mão à espada.

— Chame a polícia — falou Stephen, olhando para Nora.

— Eu *não* vou chamar a polícia.

— Ele está com uma porra de uma ESPADA, Nora!

— Josh, preste atenção. LARGUE... ESSA... ESPADA.

— Tudo bem, tudo bem, olha... — Desafivelou o cinto e atirou a espada pela janela do carro. — Sem espada, certo?

Stephen achou que precisava fazer alguma coisa, e assumiu uma postura defensiva, uma perna para a frente, punhos erguidos, parecendo uma figura de um pôster de um circo vitoriano. Josh riu.

— Eu sou um artista marcial bem treinado, seu merdinha — falou com escárnio.

— Oh, Deus. Por favor, controlem-se, tá? Os dois!

Josh a ignorou.

— Vamos lá, vamos, mostre o que você sabe fazer. — E assumiu a postura de um personagem em posição de luta, uma das posições que Stephen se lembrava de ter visto em uma das lutas apoteóticas contra os ciborgues em *TomorrowCrime*, uma pose que parecia agressiva em Megalópole 4, mas ficava um pouco deslocada nos limites de Battersea.

Foi a vez de Stephen rir. Começou a falar:

— Josh, você faz ideia do quanto está sendo *ridículo*...

Mas Josh já estava no ar, rodopiando, a bota de couro atingindo com força a têmpora de Stephen, e o movimento, que se mostrou tão eficiente contra os ciborgues, foi igualmente eficaz aqui. Mesmo quando o pavimento corria em direção ao seu rosto, Stephen teve de admitir que foi uma coisa impressionante...

Um braço o agarrou pelo ombro e deu um puxão, e Josh sentou-se em seu peito, o rosto bem perto, feio e distorcido, as mãos agarrando as lapelas do casaco de Stephen. Tinha uma visão difusa de Nora, o rosto pálido, olhos arregalados de pânico, os braços ao redor do pescoço de Josh tentando afastá-lo, sem conseguir, e Josh empurrando-a para trás, lançando-a contra a vitrine.

O hálito de Josh era um bafo quente no rosto de Stephen quando ele sussurrou em seu ouvido:

— Eu sei que foi você quem chamou os fotógrafos, Bullit. Ainda não consegui provar, mas eu sei. Descobri ontem à noite. E sei também por que você fez isso... porque tem *inveja*, seu merdinha. Você nunca conseguiu nada na sua vida miserável e sem sentido, nada de valor, e quando vê alguém que *conseguiu* alguma coisa, alguém que tem tudo o que você deseja, você se insinua e fode a vida dele. Quer saber por que você não passa de um capacho, colega? Por que é o substituto? Porque você *merece*. Você é um nada, amigo, um ninguém... ninguém liga para você, ninguém nem sabe que você existe, você é um pedaço de merda invisível, medíocre e sem talento algum...

...E antes de Josh terminar, Stephen sentiu o ar mudar, viu alguma coisa passar pelos seus olhos e se chocar com ruído no rosto de Josh. Ouviu um som que nunca tinha escutado, o som de bronze contra dentes, e Josh estava caído na calçada, onde ficou estirado, olhos agitados, mão na boca, abatido pelo próprio troféu de Melhor Ator.

Stephen levantou-se. Nora estava agachada sobre Josh, a estátua de bronze na mão, enxugando o sangue com a aba do casaco e repetindo sem parar:

— Josh, desculpe, desculpe, desculpe. Abra os olhos, querido, fale comigo... — E por trás dele, Stephen ouviu a janela do primeiro andar abrir num rangido, olhou para cima e viu a Sra. Dollis espiando a cena.

— Que inferno! — berrou. — Você matou Josh Harper!

Quinto Ato

ÚLTIMA CHAMADA, POR FAVOR...

Antes de subir ao palco você precisa olhar no espelho e dizer seus três V
— Vontade, Valor, Veemência.

Woody Allen
Broadway Danny Rose

Pelo menos existe o aplauso... como ondas de amor despejando-se
sobre os holofotes.

Joseph L. Mankiewicz
A Malvada

NASCE UMA ESTRELA

Num dia de agosto, no longo e decepcionante verão de 1983.

Aos onze anos de idade, na piscina pública de Ventnor, Stephen tentou impressionar Beverley Slater, a garota que ele amava mais do que a própria existência, realizando a proeza de um mergulho do trampolim. Sabendo que ela estava observando, subiu ao nível mais alto, ficou bem na beirada, e só então, quando se viu sozinho, sob o sol alto e quente da tarde, e olhou para a piscina e viu as pessoas muitos, muitos quilômetros abaixo, ele percebeu que não sabia mergulhar e nem nadar, pelo menos não sem o auxílio de vários tipos de dispositivos flutuantes. Tinha medo da água, de altura, de cair, do inevitável baque do corpo contra a superfície ao cair de barriga, como um pedaço de bife atirado do alto de um arranha-céu. Sentiu-se completa e inteiramente incapacitado para estar naquele lugar específico, naquele momento específico, acima das nuvens, com uma roupa de banho pequena demais, com Beverley Slater e toda a população da Ilha de Wight olhando com ceticismo lá de baixo. De repente, o trampolim pareceu um cadafalso.

Mas foi ele quem quis subir as escadas. Não tinha sido intimidado ou pressionado a fazer nada. Não precisava estar ali de jeito nenhum, mas escolheu fazer aquilo, por desejar que as pessoas o vissem fazer algo impressionante, algo assustador e inesperado, algo *extraordinário*, para variar. Agora lá estava ele, chegando à aterradora constatação de que mergulhar e cair não são absolutamente a mesma coisa.

Segundo a edição do *Livro Guinness dos records* daquele ano, era possível reunir a população de todo o planeta na Ilha de Wight, e ao olhar para baixo, parecia mesmo que uma boa parte estava lá naquele dia. Todos olhavam para ele. As pessoas pararam de nadar e de conversar, de mergulhar e de se beijar e abraçar, e todos os rostos estavam voltados para cima, na expectativa do grande e espetacular mergulho do garoto da Shanklin. Agarrando a beira do trampolim com os dedos do pé, inclinado para a frente, Stephen conseguia divisar Beverley Slate, também mordendo o lábio e torcendo para ele pular. Com certeza só havia uma coisa a fazer se quisesse evitar uma humilhação completa e total.

Stephen inspirou profundamente, prendeu a respiração, e ninguém na multidão acreditou na extraordinária pose, no controle e na habilidade com que ele fez meia-volta e, com muito, muito cuidado, desceu as escadas.

Trêstigrescomeramtrêspratosdetrignonatrilhadatrigonometriatrigêmea...

Stephen C. McQueen estava no camarim de Josh Harper, olhando para o espelho

de Josh Harper, usando o traje de Josh Harper, concentrado em tentar se lembrar de como respirar.

Sua abordagem convencional, a técnica do ir e vir das costelas e pulmões que vinha usando há mais de trinta e dois anos, não parecia mais estar funcionando automaticamente. Ele estava respirando conforme o manual, lembrando-se de cada passo — inspirar, expirar, inspirar de novo, e agora expirar outra vez — e ainda que isso pudesse continuar acontecendo naquele momento, com certeza não seria prático por muito mais tempo. Sentia-se zozno, com náuseas e a cabeça vazia, com uma quantidade de ar no corpo que mal o sustentava de pé em frente ao espelho, quanto mais se mover e fazer o que precisava ser feito. Olhou para o relógio sem realmente ver o mostrador. Desde que havia chegado ao teatro, o tempo parecia ter perdido sua característica cronológica convencional — parecia esticar, depois parar, e às vezes até andar para trás, por isso ele não tinha ideia de quanto tempo teria até...

— Sr. McQueen, é o seu aviso de dez minutos — rumorejou o alto-falante. — Dez minutos, Sr. McQueen.

Levantou-se para esticar as pernas, mas logo teve de se sentar outra vez. Respirar e andar. Não conseguia mais respirar, andar ou saber as horas. Que tal falar? Será que ainda conseguia falar? Stephen aproximou-se do espelho, falou outra vez.

— *Louco, mau e perigoso de se conhecer...*

Notou que suas narinas tremiam. Fazer de novo, sem narinas tremendo.

— *Louco, mau e perigoso...*

Não, lá vão elas de novo. É como se tivessem vida própria, pulsando, abrindo e fechando em sincronia com as palavras, como o que se vê num recife de coral. Tentou mais uma vez, contendo as narinas fisicamente: melhor, mas não era uma solução prática, não para um espetáculo de noventa minutos. Talvez devesse dizer a Donna que não poderia prosseguir. Talvez fosse mais fácil. Simplesmente dizer a Donna que estava doente, que tinha fraturado o crânio num acidente ou que um pulmão tinha sofrido um colapso ou coisa assim. Talvez fosse essa a razão de não conseguir respirar. Talvez um dos pulmões tivesse *mesmo* sofrido um colapso, por vontade própria.

Ou talvez ele devesse sair dali agora, sem dar desculpas, escapar pela Saída de Emergência ou escalar a janela do camarim e escorregar pelo encanamento ou amarrar alguns lençóis até a Shaftesbury Avenue e a liberdade. Eles não podiam

obrigá-lo, afinal de contas. Eles não podiam forçá-lo.

Houve uma batida na porta, dando origem a uma súbita manifestação de esperança. Tinha nevado quase a tarde inteira — talvez o espetáculo tivesse sido cancelado por causa da neve. Ou quem sabe ocorrera um corte de energia, o balcão tivesse desabado, ou qualquer outro ato de Deus, mas não, era apenas Michael, um dos assistentes de palco, trazendo um punhado de rosas de supermercado já meio passadas. Michael abriu um sorriso simpático para Stephen por trás das flores — o tipo de sorriso sombrio comum nas unidades de terapia intensiva.

— Essas flores acabaram de chegar, Steve. — Deu uma olhada no pequeno envelope, endereçado ao “Sr. Steve C. McQueen” numa caligrafia volteada e meticulosa, um rosto sorridente no centro do Q. Stephen só conhecia uma pessoa capaz de preencher qualquer espaço vazio com um rosto sorridente.

— Está tudo bem por aqui? — perguntou Michael, com uma das mãos no ombro de Stephen.

— Perfeitamente. Alguma notícia do Josh?

Josh está bem. Está em casa descansando.

— Sozinho?

— Não. Nora está cuidando dele, acho.

— Ótimo, ótimo. Então... sem chance de ele aparecer por aqui de repente num táxi?

— Acho que não... sinto muito.

— Tudo bem... foi só um pensamento.

— Então... vai com tudo, certo?

— Vou tentar.

— Dez minutos, tá?

Esperou até a porta fechar para ler o cartão.

Querido pai. Boa sorte. Sei que sua performance vai ser excelente.

Com amor, Sophie.

* * *

Então elas estavam lá. Então era isso. Não havia mais como recuar. Guardou o cartão no envelope, levantou-se sem muita firmeza e partiu pelo longo corredor que levava ao lado esquerdo do palco.

— A gente se vê logo mais, superstar — disse Maxine em seu vestido branco, espiando do seu camarim.

— Obrigado, Maxine.

— Uma coisa, naquele beijo na cena da cama... sem língua, tá?

Stephen deu um sorriso.

— Eu achei de deveria fazer exatamente o que Josh faz.

— Só até certo ponto, garotão — respondeu, beijando-o na bochecha. — Você vai arrasar.

Donna estava esperando por ele na coxia do lado esquerdo, sorrindo como um carrasco jovial.

— Tudo bem... todos já entraram.

— É mesmo? Que bom.

— Pouca gente na plateia, mas também, com esse tempo. Parecem amistosos.

— Ótimo, ótimo...

— Tem certeza que está tudo bem?

— Ah, perfeitamente.

— Porque você está muito pálido.

— Estou?

— Quer que atrase um pouco o início?

— Mais ou menos uma semana e meia, talvez?

Donna suspirou, sem achar graça.

- Se quiser mesmo, Stephen, posso mandar todo mundo para casa.
- Não, não... vamos nessa, Donna.
- Tem certeza?
- Tenho.
- Porque se você acha que não está preparado para...
- Não, eu estou pronto.
- Tudo bem. Claro que não tem ninguém para abrir a porta no final, você vai ter que fazer isso sozinho. Tudo bem?
- Acho que eu consigo.
- Quer um copo d'água?
- Não, eu estou bem.
- Certo, então... não quer ficar na posição?
- Vou entrar na posição.
- E, Stephen?
- Sim?
- Quebre a perna.
- É o mais provável.

E Stephen subiu ao palco, andando com certa cautela, como se caminhasse em gelo fino. A cortina de segurança estava baixada e ele parou um momento, ouvindo o terrível murmúrio de expectativa vindo da plateia.

Minha motivação, disse para si mesmo, é ser forte, carismático e byrônico. Lembre-se... Sophie e Alison estão aí. Minha motivação é deixar as duas orgulhosas.

Virou-se e foi se sentar na posição preestabelecida, numa cadeira frente à escrivaninha, e pegou a pena de escrever, sentindo a camisa colar em suas costas suadas ao se recostar. As luzes dos holofotes diminuíram, as velas elétricas do candelabro se acenderam. Percebeu que a pena tremia em sua mão, que de

repente sentia um impulso urgente de usar o toailete de todas as formas imagináveis.

Tarde demais, pois agora a música estava começando, soando bem mais alta e portentosa do que quando ele a ouvia pelo alto-falante. Inspirou profundamente, depois outra vez, e uma terceira, expirou, então mais duas inspirações e uma expiração, uma inspiração e duas expirações, duas inspirações e uma expiração, lambeu os lábios e passou a primeira fala diversas vezes...

Loucomaleperigosodeseconhecerloucomaleperigosodeseconhecerloucomaleperigi

...logo depois ouviu um clique e um zumbido mecânico, e a cortina começou a subir, cada vez mais lentamente, como a lâmina de uma guilhotina sendo alçada à sua posição. Sentiu o ar da plateia se misturar com o ar do palco, como uma escotilha se abrindo numa espaçonave, e instintivamente segurou-se firme na escritaninha para não ser sugado pelo vácuo. Tentando não perceber o absurdo que era fingir estar escrevendo um poema com uma grande pena branca, escreveu no pedaço de papiro manchado de chá, com uma tinta imaginária, numa caligrafia grande, volteada e byrônica:

Socorro

Socooooooooorro

Socooooooooorrooooooooo

Socooooooooorro

* * *

E então a cortina subiu completamente, a música começou a diminuir. Sentiu o calor do holofote no rosto, uma gota de suor percorreu o seu nariz, e sua cabeça começou a contar lentamente até 10 — 1, 2, 3 — o que ele sabia sempre ser eficiente — 4, 5, 6 — quando Josh fazia — 7. 8. 9...

Quando chegou ao 26, ouviu um tossido na plateia, um tossido do tipo “vamos logo com isso”, e percebeu que não havia mais o que fazer, teria de erguer o olhar, teria de dizer alguma coisa. Minha motivação é ser... extraordinário, disse a si mesmo, sentindo a gota de suor tremelicar na ponta do nariz, cair e respingar no papel, o ruído ecoando pelo teatro. Desfocou os olhos, olhou direito para a luz e disse sua primeira fala...

Louco, mau e perigoso de se conhecer.

É como me chamam na Inglaterra agora.

Ouviu a voz dentro da cabeça, como se saísse de um gravador de fita numa

velocidade ligeiramente errada, soando vários registros mais alta, mais fina, meio estrangulada e nasal. E será que tinha dito mau e louco, em vez de louco e mau? Tinha ou não? Era o título da peça — como poderia ter errado? O quanto uma pessoa pode ser estúpida? Será que deveria começar de novo? Não. *Não tem importância, esqueça, diga a fala seguinte, rápido, está demorando demais, está lento demais, vamos com isso, e faça melhor da próxima vez. Lembre-se — indiferente, magnético, carismático. O que Josh disse não é verdade. Você não é invisível, você pode fazer isso. Você é Lorde Byron, o homem mais notável da Europa. As mulheres o desejam, os homens o invejam. Agora dê um sorriso zombeteiro, não zombeteiro demais, com um lado do rosto, e fale outra vez...*

Ao menos é o que me dizem. E é, devo confessar, uma reputação que tenho feito pouco para amenizar.

Nada mau, melhor, mas ainda está afetado, travado, como se você estivesse saindo de uma cirurgia dentária. Fale direito. Com clareza e propriedade. E agora? Já sei! Por que não se levantar? Andar um pouco. Movimentar-se. Isso vai prender a atenção deles. Tente se mover com a graça sensual de um felino...

Stephen largou a pena, levantou-se e esbarrou o quadril no tampo da mesa. Lembrou-se de uma velha arenga, que interpretar era só uma questão de lembrar as falas e não trombar com os móveis, e de repente ele se sentia incapaz de fazer tanto uma coisa quanto a outra.

Teve a horrível sensação de estar consciente dos próprios braços. Era como se aqueles apêndices sobressalentes tivessem brotado de repente dos ombros — estranhos tentáculos alienígenas que nunca havia visto, com os quais não estava acostumado e nem podia controlar, pendurados inutilmente, como postas de carne na vitrine de um açougue. O que fazer com eles? Onde poderia esconder aqueles braços? Sem dúvida era preciso tirá-los do caminho antes de dizer a próxima fala. Resolveu descartar ao menos um braço, enfiando a mão no bolso das calças.

Tentou fazer isso quatro vezes antes de perceber que as calças não tinham bolso. Convenceu-se de que aquilo era o tipo de coisa que Byron devia fazer o tempo todo, e pôs os braços atrás das costas e deixou-os ali, mãos entrelaçadas, até precisar deles outra vez. Foi uma boa sensação, tirar os braços do caminho. Pareceu também uma coisa de “época”, do final do século XVIII, início do século XIX e, com os olhos sempre desfocados, olhando para o holofote, saltitou pelo palco, dando um, dois, três passos antes de se lembrar do pé torto de Byron. Transformou o quarto passo numa mancada, um tanto exagerada, considerou, uma mancada de Ricardo III, como se Lorde Byron tivesse acabado de torcer o pé. Melhor baixar a bola, manter o pé no chão, mas agora era tarde demais, pois

ele estava na beira do palco, no limite de onde poderia chegar. Não havia mais espaço para mancar, e Stephen se sentiu como se estivesse nu e muito bêbado, na beira de um precipício.

Ou de um trampolim.

E agora? A próxima fala.

Assim como qualquer reputação, é ao mesmo tempo verídica, porém fantasiosa.

Conseguiu ouvir o eco da própria voz, e soou melhor desta vez: forte, confiante. Profissional. Controlada. E agora? Visualizou a página do roteiro na cabeça, escaneou as linhas, viu as palavras “observar a plateia”. Assumiu sua expressão de deleite atrevido e zombeteiro, deixou os olhos entrarem em foco, olhou para o auditório, examinou o entorno, observando a plateia, vendo as cadeiras...

As cadeiras vazias.

Fileiras e mais fileiras de cadeiras vazias.

Centenas de cadeiras vazias.

Fechar olhos (lentamente). Abrir olhos (lentamente). Olhar outra vez (calmamente.)

O tempo desacelerou, estancou.

Nada é tão vazio quanto um teatro quase vazio.

Até onde podia dizer, havia seis pessoas na plateia. Reconheceu três delas — Alison e Sophie e, um pouco mais atrás, absorto no programa do espetáculo, Frank. Duas pessoas, jovens, japonesas, estavam de um lado, os pés no encosto da cadeira da frente. Na luz difusa, o sexto componente da plateia estava na última fila e se levantou, encurvado, encaminhando-se para o fundo do teatro, para o sinal luminoso da saída, e Stephen a reconheceu como a vendedora de programas.

Lutando para manter a expressão de deleite atrevido e zombeteiro diante do terror que se agigantava, ele olhou para o balcão. Mais duas pessoas, estranhas, as cabeças apoiadas nos braços no beiral, olhando para ele com expectativa. Sua visão começou a borrar, achou que talvez fosse desmaiar; não era uma boa ideia, já que a probabilidade estatística de haver um médico na plateia era muito pequena. Sentiu-se tomado por uma náusea, teve um forte desejo de recuar alguns passos e sair correndo, com ou sem pé chato, correr pela coxia, escapar

pela saída de incêndio para o ar noturno, e continuar correndo para o mais longe possível daquele lugar terrível, correr de volta para casa, trancar a porta do apartamento, e nunca, nunca mais abrir...

E agora?

Examinou os lugares vazios mais uma vez, focando os olhos e encontrando as duas, Alison e Sophie, sentadas na beira da cadeira, as duas sorrindo para ele, Sophie com um largo sorriso estático no rosto, à beira do riso. Olhou diretamente para ele, piscou um alô com os dois olhos e ergueu dois polegares acima do encosto da cadeira da frente.

E Stephen se lembrou de que podia fazer aquilo e, mais do que isso, que era muito bom no que fazia, que aquilo era a coisa que sempre desejou, até onde sua memória alcançava. Fazer um bom trabalho. Encontrar a coisa que você adora, e fazê-la com todo o coração, no melhor de sua capacidade, sem se importar com o que as pessoas disserem. Fazer com que Sophie se sinta orgulhosa. Devolveu o sorriso diretamente para a filha, um sorriso que combinava com o personagem, um sorriso confiante, um sorriso sob controle. Em seguida, respirou fundo e disse a fala seguinte. E depois a seguinte.

Noventa e três minutos depois, estava tudo acabado.

FUGINDO DO INFERNO

— Sua atuação foi *maravilhosa* — disse Sophie, sentada na beirada da mesa no camarim.

— Bem, *maravilhosa*, não — discordou Stephen, abotoando a camisa.

— Foi maravilhosa, sim, não foi, mãe?

— Foi muito boa, acho — comentou Alison, com um grande sorriso.

— Não foi o que você disse. Você também disse que achou maravilhosa. Como você consegue lembrar de *tantas falas*?

— Bem, eu não me lembro de todas. Algumas eu deixo fora e outras eu invento.

— Mas não parece, não é, mãe?

— Não, Sophie, não parece — respondeu Alison com firmeza.

— Não mesmo? — perguntou Stephen, esperançoso.

— Não, não. Não mesmo. Não sei se o verdadeiro Byron usava a palavra “OK” com tanta frequência, mas acho que ninguém percebeu.

Uma pausa.

— Pena que tinha tão pouca gente — observou Stephen, tentando um tom meio seco e filosófico, como se fosse imune a essas trivialidades.

— Pena mesmo — concordou Alison, tentando um tom positivo de novo, com menos sucesso dessa vez. — Mas todos os que viram gostaram, e isso é o principal, não é?

— Exatamente. Isso é o principal — falou Stephen, sem muita certeza de que aquilo fosse o principal.

E houve outro silêncio, uma pausa momentânea, antes de Alison se abaixar, um pouco rígida, e dar um soquinho no braço dele.

— Parabéns... muito bem...

— É, parabéns, pai.

— Obrigado, obrigado... — murmurou Stephen com um gesto de mão modesto, para uma plateia imaginária e invisível, não a que acabara de assistir ao espetáculo.

— Ei, e não fomos só nós. Outras pessoas também estavam em pé.

— Só para vestir os casacos.

— Não é verdade! — insistiu Alison. A observação era para ser uma piada, mas agora ele não tinha certeza. Mais um silêncio.

— Ei, você devia tomar um pouco mais de champanhe — comentou Stephen casualmente.

— Não, eu estou bem, obrigada — respondeu Alison, tapando a boca do copo plástico com a mão.

— Vamos lá, dê uma força para mim, eu não consigo beber tudo isso sozinho.

— Eu tomo um pouquinho — disse Sophie, estendendo o copo de papel.

— Não, Sophie, você não pode. Você já está enrolando a língua.

— A mamãe também não pode, não é, mãe?

— Sophie! — ralhou Alison, num tom de reprimenda, severa mas sem deixar de sorrir.

— Por que não? — perguntou Stephen, já sabendo a resposta. Oh, Deus, pensou. Oh, Deus, por favor não. Isso, não...

— Mamãe está grávida! — disse Sophie.

...não, não, não, não, não...

— Parabéns — bradou Stephen, empurrando-se para fora da cadeira e dando um abraço apertado em Alison, com medo do que poderia acontecer se a largasse. — Que notícia fantástica — disse junto ao poçoço dela.

Alison afastou o rosto para olhar para ele, e perguntou em voz baixa:

— É mesmo?

— Claro que sim! Uma notícia maravilhosa, estou muito contente por você.

— Faz só seis semanas, sabe, por isso ainda *não* pretendíamos contar para ninguém... — e bagunçou o cabelo de Sophie numa leve repreensão. — Você não se incomoda? — cochichou no ouvido dele.

— Claro que não. Ei, não é meu, é? — perguntou, também cochichando.

Stephen conseguiu ouvir o som do sorriso dela.

— Eu diria que não. Mas tem certeza de que isso não o incomoda?

— De jeito nenhum. Eu... estou no paraíso por você. Realmente, não poderia estar mais feliz.

De alguma forma, foi a representação mais convincente entre todas as que havia feito naquela noite.

* * *

Pouco depois, Stephen acompanhou Alison e Sophie até a saída. A neve caía mais pesada agora, e Sophie soltou gritinhos de alegria ao abrir a porta e andar até a calçada, o rosto voltado para as luzes da rua.

— Como é que se fala mesmo em francês, Sophie? — gritou Stephen, parado na entrada.

— *Il neige!*

— Exatamente. *Il neige!*

— Desculpe por essa situação — começou Alison, segurando as duas mãos dele. — Eu não queria contar esta noite, mas Sophie está tão contente... Tem certeza que está tudo bem?

— Claro que sim.

— Eu estava preocupada com a sua reação.

— Bem... um dia ia acabar acontecendo, não é? Quando você divide a cama com um homem. Mas estou contente por você, contente mesmo. Por você e pelo Colin. Mande um abraço para ele, tá? — Alison estreitou os olhos, cética. — Tudo bem, talvez não um abraço... mande minhas... congratulações.

Uma pequena bola de neve cinzenta atingiu a face de Stephen.

— Sophie... não pegue nessa neve, está imunda, cheia de seringas e sei lá mais o quê — gritou Alison, depois virou-se para Stephen. — Ei, mais uma vez parabéns pelo espetáculo... você esteve fantástico. Fiquei muito orgulhosa.

— Obrigado.

— E fico devendo um pedido de desculpa. Por todas aquelas coisas que falei.

— Está tudo bem. Eu sei por que você disse aquilo.

— Mesmo assim. Eu estava enganada. Não acontece com muita frequência, mas nesse caso eu estava enganada.

- Pode ser.
- Não, é verdade... eu estava enganada. Você foi... extraordinário.
- Seguiu-se mais um silêncio.
- Quando Josh vai voltar, você sabe?
- Talvez amanhã, talvez na segunda.
- Bem... faça bom proveito, tá? Do seu momento sob os holofotes.
- Pode deixar.
- E espero que isso leve a outras oportunidades. Acho que vai acontecer.
- É, vamos cruzar os dedos.

Stephen deu um beijo nela e levantou Sophie nos braços, dando um abraço apertado na filha.

- Você foi melhor que o outro homem — sussurrou ela em seu ouvido.
- Como você pode saber?
- Eu simplesmente sei. — Depois, no sussurro mais baixo que conseguiu: — Eu fiquei muito, muito orgulhosa.

Stephen ficou mais um tempo abraçado, prometeu que se encontrariam no domingo e se despediu outra vez, e as duas foram embora. Fechou a porta da entrada, virou-se e viu que Donna estava esperando por ele, braços cruzados no peito.

- Está gostando, não é?
- Acho que sim.
- Que bom, que bom — tentando sorrir, depois desistindo por ser muito difícil.
- Então... Stephen, será que pode me acompanhar num rápido *post-mortem*? Em particular?

— Claro — respondeu. Era um tom de voz que ele não ouvia há algum tempo, o tom da professora severa. Também não conseguiu deixar de pensar se "*post-mortem*" era o melhor termo a se empregar, mas seguiu-a pela porta até a coxia e percebeu que começava a fazer aquele ruído outra vez, aquele zumbido agudo, o ruído de um aparelho respiratório sendo desligado.

No palco, os assistentes estavam rearranjando os acessórios para a matinê de sábado. Donna e Stephen encontraram dois bancos altos perto do ponto e sentaram.

- Então... bom trabalho esta noite.
- Ah, obrigado, Donna. Eu estava meio inseguro no começo.
- É, nós percebemos. Mas você melhorou no final, e isso é o principal, não é? — Mais uma vez, Stephen não sabia ao certo se aquilo era o principal, mas deixou passar.
- Muito obrigado, Donna.

— Terence telefonou dizendo que sente muito não ter vindo assistir, que está dirigindo um espetáculo em Manchester e não teve tempo.

- Tudo bem, talvez ele consiga vir amanhã.
- É... — Os dois ficaram em silêncio por um tempo, antes de Donna se agitar um pouco e dizer: — Olha, Steve, eu não queria dizer isso antes de você entrar em cena, para não perturbá-lo, mas tem uma coisa... — Lá vinha ela, pairando em sua direção: A Coisa. — Eu conversei com Josh hoje mais cedo.

O que eles sempre diziam nos filmes de guerra? Diga apenas seu nome, patente e número de série, nada mais...

- Certo, tudo bem. E como ele está?
- Está bem. Tinha acabado de chegar do pronto-socorro odontológico e ainda

estava meio zozzo da anestesia, por isso foi difícil entender o que dizia, mas está tudo bem, os dentes não foram afetados.

— Puxa, *graças a Deus!*

Donna estreitou os olhos numa expressão de alerta.

— Ele já está em casa, repousando.

Com Nora, pensou Stephen. Em casa, com Nora.

— Ele disse que “tomou um tombo”. Na rua — falou num tom de dúvida.

— Isso mesmo, foi.

— Bem na frente do seu prédio, parece.

— Aham.

— E que você estava com ele na hora?

— Sim, sim, isso mesmo.

— Bem, ele admite que estava bêbado, completamente fora de si, que você não teve culpa nenhuma. Josh foi muito, muito enfático a esse respeito. É só o que ele quer falar sobre o assunto, e claro que nós queremos manter o nosso astro feliz, por isso concordamos em deixar as coisas do jeito que estão. De qualquer forma, você vai gostar de saber que ele deve voltar ao palco na noite de segunda-feira.

— Certo. Que bom. Depois desta noite, para mim está tudo bem.

— Mas ele quis que eu desse um recado a você.

— Sim...

— Josh mandou dizer que ficou muito contente com a sua grande chance, que espera que tenha dado tudo certo, mas que quando voltar na segunda, não quer você nem perto do teatro. Aliás, ele não quer você perto dele nunca mais.

— Oh. Tudo bem... — disse Stephen. *Minha motivação é continuar digno. Manter o centro. Minha motivação é não desmornar em pedaços.* — Mais alguma coisa?

— Acho que não. A não ser o fato de ter me pedido muitas vezes para chamar você de Judas.

— Entendi. Judas. Então... eu estou sendo demitido?

— Não, demitido não. Bem, sim, sim, está sendo demitido. Claro que vamos pagar até o final do contrato, pelas próximas duas semanas, até o Natal, e vai receber suas férias também. Só que não vai mais precisar... vir ao teatro.

— E quem vai interpretar a Figura Fantasmagórica?

— Ah, eu vou fazer isso.

— Que bom, acho que vai se sair muito bem.

— Obrigada. Espero que sim.

— E quanto às duas apresentações de amanhã?

— Foram canceladas, sinto muito — respondeu com um suspiro. — O negócio é que, como você deve ter notado hoje à noite na plateia, num espetáculo como esse, um veículo para o ator, o público quer mesmo é ver o astro. Nada menos que isso, e eles acabam pedindo o dinheiro de volta. Sinto muito, mas na verdade não existe um jeito delicado de dizer isso.

— Acho que poderia existir um jeito *mais* delicado, Donna.

— Sim, talvez exista.

Os dois continuaram ali por mais algum tempo, ambos com um pequeno sorriso tenso que não era bem um sorriso, até Stephen finalmente dizer:

— Você nunca gostou de mim, não é, Donna?

— Honestamente, Stephen, eu nunca senti nada específico por você, nem para um lado nem para outro. — Levantou-se do banco. — Boa sorte nos seus planos futuros — disse, e atravessou lentamente o palco, com o grande molho de chaves tilintando no quadril, como um carcereiro.

NATAL BRANCO

Stephen embalou o conteúdo de seu camarim numa sacola de plástico descartável e pendurou sua malha no guarda-roupa pela última vez. Tomou mais um copo da champanhe comemorativa morna e sem gás, sem realmente sentir o gosto, desligou as luzes ao redor do espelho, depois a lâmpada do teto e fechou a porta ao sair. Em seguida, como já tinha feito cento e vinte e três vezes, e sabendo que nunca mais o faria, percorreu o caminho até a traiçoeira escadaria que levava para as coxias à esquerda do palco.

A maior parte da equipe de produção já havia ido embora, mas Stephen despediu-se dos que ainda estavam por lá — assistentes de palco, o pessoal do guarda-roupa e outros, pessoas de quem ele realmente gostava e iria sentir saudade. Teve o cuidado de evitar o contato olho no olho, e felizmente ninguém fez nenhuma pergunta indiscreta nem mencionou o que tinha acontecido, embora todos parecessem saber que ele não voltaria mais. Todos apertaram sua mão, elogiaram a performance da noite, você estava ótimo, Steve, boa sorte no futuro, colega, a gente se vê por aí. Chegou a anotar alguns números de telefone, sabendo que na verdade nunca iria ligar para ninguém.

Parou na porta do camarim de Josh Harper, tirou o boneco de *Guerra nas estrelas* roubado do bolso, aquele que havia pegado sem querer na festa, e encostou o pequeno Han Solo na porta de Josh, a arma erguida numa saudação, ou desafio, ele não sabia bem o que era. Depois despediu-se de Kenny, o guardião da porta de entrada de artistas, apertou a mão dele, desejou boa sorte e saiu na noite.

A neve continuava a cair, agora mais grossa, grandes flocos manchados de cinza que pairavam no ar como se não quisessem tocar o solo. O tráfego estava imóvel por toda a Shaftesbury Avenue e os pedestres mais se arrastavam do que andavam no sedimento cinzento e escorregadio da calçada. Stephen andou em direção à entrada do metrô de Piccadilly Circus, mas não conseguiu encarar a aglomeração noturna, formada de gente molhada, bêbada e fumegante indo ou voltando das reuniões festivas dos escritórios, por isso atravessou a rua e esperou pelo ônibus número 22 perto de Trocadero. Enquanto aguardava na porta da loja, seu telefone tocou e ele abriu a mensagem de texto. Era de Frank.

parabéns pela noite você esteve ótimo
desculpe não poder ficar até o final
mamãe com gastroenterite
ligo depois. F.

Apagou a mensagem e viajou sentado, imóvel, entorpecido e um pouco bêbado no andar superior do ônibus que se arrastava pela Piccadilly em direção a Chelsea. Naquela movimentada noite de sexta-feira, tão perto do Natal, a neve exercia um efeito calamitoso na cidade. As pessoas cambaleavam para entrar e sair do ônibus, molhadas e ofegantes, quase todas bêbadas, rindo e flertando, mas Stephen mantinha o olhar fixo na janela, a sacola de plástico no colo, observando a neve e a multidão deslizante se emaranhando ao longo da Piccadilly, Knightsbridge, Sloane Street, Kings Road.

Ficou pensando em Alison, no quanto era estranho que alguém que tinha amado tanto pudesse ter um filho que não teria nada a ver com ele, que Sophie teria um irmão ou irmã que não teria absolutamente nenhuma relação com ele. Nem sequer existia um termo para essa relação; o ex-marido da mãe da criança; não havia um nome. Pensou sobre a expressão no rosto dela quando deu a notícia, a alegria transparecendo por sob o constrangimento e a estranheza, e ficou contente com a maneira como reagiu à notícia, muito melhor, com muito mais calma do que sua reação ao saber que ela iria se casar de novo. Pelo menos não tinha esmurrado nenhuma parede. Dessa vez tinha se comportado como um cavalheiro. Generoso. Adulto, mesmo se por dentro tivesse vontade de chorar.

Quanto à perda do emprego, na verdade nem poderia culpar Josh. Afinal, ele tinha merecido aquilo. Achou que “Judas” era um pouco forte demais, talvez, mas ainda assim, ele não tinha jogado limpo, e havia uma espécie de justiça na forma como as coisas tinham acontecido. Não conseguia deixar de lamentar que mais pessoas não o tivessem assistido, porque no final ele tinha se saído... bem. Em seus pensamentos, tentou imaginar como ficaria o cartaz na porta do teatro, seu rosto transposto para o lugar do de Josh, espada em riste, camisa desabotoada até a cintura.

— Mais do que adequado — bradaram os críticos.

— Stephen C. McQueen *está* bem!!

— Muito *boa* atuação, levando-se em conta!

— Não tão *nim* quanto alguns esperavam.

— Ele tentou! Realmente tentou!

— Já vi coisa *pio*!!!

Bem, quem sabe da próxima vez.

Decidiu que jamais haveria uma próxima vez.

Decidiu, ali e naquele momento, no ônibus número 22, que iria desistir.

Agora o ônibus estava na metade do percurso da Kings Road, lento como o tráfego. Sentindo-se de repente em pânico e claustrofóbico, Stephen espremeu-se para sair do assento perto da janela, desceu as escadas e saiu para a rua, arrastando os pés pela calçada congelada em direção ao rio e às luzes da Albert Bridge.

Entre todas as pontes de Londres, aquela sempre fora a sua favorita; uma estrutura romântica quase absurda, a preferida dos namorados e dos suicidas. Ficou parado no meio da ponte, a respiração se condensando no ar gelado, olhando para o lado leste do curso do Tâmsa. De repente se deu conta do quanto suas mãos estavam geladas, e olhou para a sacola plástica com todas as lembranças do camarim — os cartões desejando boa sorte, sua cópia do roteiro com anotações, uma caneca de café lascada e manchada, o manuscrito do inútil e sem sentido espetáculo em monólogo que vinha escrevendo há anos, as flores que Sophie e Alison haviam levado aquela noite. Imaginou as flores amarelando e fenecendo num jarro em seu apartamento e de repente foi envolvido por um surto de desespero quase insuportável, uma escuridão assustadora que não sentia havia muitos anos, e esperava jamais sentir outra vez. Sentiu a cabeça esquentando, os olhos começando a queimar, o pânico subindo pelo peito.

Resolveu se livrar das flores, se livrar de tudo. Afastando-se um pouco do gradil da ponte, começou a girar a sacola em grandes círculos; quando atingiu o ponto mais baixo do arco, soltou o pacote e ficou observando, deleitado, a sacola alçar voo e se rasgar, soltando as páginas do roteiro no ar e cair com a neve no Tâmsa. Inclinou-se o mais

que pôde no parapeito e ficou observando os papéis flutuarem na água negra, iluminados pelas luzes brancas da ponte por alguns instantes, antes de serem levados pelo rio e, para sua surpresa, sentiu-se relativamente calmo e aliviado — o tipo de alívio ambivalente que se pode sentir quando um carro para depois de um acidente, quando deixa de girar e capotar e você percebe que está bem, que está tudo bem, que você sobreviveu. Afinal de contas, ele teve a sua Grande Chance. O showbiz teria de continuar sua batalha sem ele, só isso.

De agora em diante, ele seria uma pessoa melhor. Ainda não sabia bem o que faria para viver, mas tentaria ser uma pessoa melhor, ter uma vida longe de toda aquela inveja e amargura, despeito e remorso. Ia esquecer sua vida imaginária, as oportunidades que nunca tivera, o que poderia ter sido, para se concentrar em fazer melhor a coisa certa. Chega de Figuras Fantasmagóricas, chega de Sujeitos Mortos. Agora ele seria o Steve McQueen — talvez não o famoso, mas o feliz. Seria afetivo e amigável com a ex-mulher e a filha, encontraria um novo emprego que adorasse, ou pelo menos um de que gostasse, algo que soubesse fazer bem, e iria trabalhar duro naquilo; talvez aprender a linguagem de sinais, ou abrir uma cafeteria, ou trabalhar com crianças — Alison não tinha dito que ele era bom com crianças? Ou talvez pudesse voltar para a faculdade, continuar estudando. Talvez fosse tarde demais para ser médico ou arquiteto, mas fora isso, ele poderia fazer quase qualquer coisa que desejasse. Com o tempo, poderia até esquecer Nora. Tudo chegava a ser entusiasmante quando ele pensava a respeito.

Olhou para o rio, vendo as últimas páginas deslizarem para a escuridão e sentiu o pânico e o medo diminuírem um pouco, como se sua sorte pudesse finalmente, finalmente, *finalmente* estar mudando. A sensação durou um bom minuto e meio, até o carro da polícia estacionar a seu lado.

O LONGO ADEUS

No final das contas, os policiais foram bem razoáveis.

Pediram que entrasse no banco de trás do carro e, quando perceberam que ele não estava bêbado nem fazendo desordem e que não ia se jogar da ponte, fizeram o que Stephen considerou ser uma perfeita preleção sobre jogar lixo no Tâmis. Sem contar a história toda, Stephen pediu desculpa e eles o levaram para casa, com Stephen curtindo a carona de uma forma meio perversa, sentindo-se um verdadeiro machão no banco traseiro de um carro de polícia.

— *É aqui* que você mora? — perguntou o policial quando o carro estacionou na frente do prédio, com uma expressão preocupada.

— Aham.

— Esses garotos perturbam muito você?

— Ah, nada com que eu não possa lidar.

— É, mas é melhor se cuidar, tá? É melhor não discutir, não vale a pena.

— Tudo bem... e obrigado pela carona.

— E, por favor, no futuro use as latas de lixo, certo? É para isso que elas existem.

— Sim, senhor. Pode deixar.

Os policiais esperaram no carro até ele chegar em segurança à porta e partiram. Stephen bateu a neve dos sapatos, removeu a neve dos ombros, trancou a porta depois de entrar e subiu lentamente as escadas. Entrou no apartamento, sentiu o ar quente no rosto e percebeu, com certa irritação, que tinha esquecido a lareira elétrica ligada. Atravessou a sala e desligou o aparelho.

— Dá para deixar ligado? Eu estou congelando aqui.

Stephen virou-se, lentamente.

Nora estava encolhida no sofá, meio adormecida, usando o casaco como cobertor, e Stephen sentiu uma imensa sensação de prazer e alívio.

— Tomei a liberdade de entrar. Ainda estou com as suas chaves... espero que não se incomode.

— Não me incomoda de jeito nenhum.

Nora dobrou os joelhos, abrindo espaço no sofá e fazendo sinal para que sentasse ao seu lado.

— Você chegou tarde.

— É, você sabe... foi uma noite e tanto.

— Assinando autógrafos, falando com admiradores?

— Algo assim.

— E como foi a apresentação? Chegou a incendiar o mundo artístico?

— Aham.

— Você mostrou como é que se faz?

— Totalmente...

— A multidão pediu bis?

— É claro.

— Tietes?

— Atirando-se do balcão.

— Ondas de amor despejando-se pelos holofotes.

— Tudo isso.

— E foi o que você sempre sonhou que seria?

— Não exatamente.

— Ah. Público difícil?

— Público nenhum.

— Ah.

— Ou só uma pequena plateia.

— De que tamanho?

— Umás onze pessoas, acho. No começo. Só oito ficaram até o final.

— Bem, talvez tenha sido o clima...

— Não, todos chegaram até lá. Mas poucos ficaram, só isso.

— Ah. Entendi. Mesmo assim... pequeno porém de qualidade.

— Exatamente.

— E amanhã vai ser melhor.

— Na verdade, não vai haver um amanhã. Pelo menos em termos profissionais. Eu fui demitido.

— Por quem?

— Por Josh, acho.

— Ah, é? Eu também — e apontou em direção a uma pequena sacola de viagem aos seus pés.

— Onde ele está?

— Em casa. Achei que seria muita maldade forçá-lo a ficar num hotel esta noite, por isso deixei ele lá, gemendo e sangrando no travesseiro. Depois que voltei com ele do dentista, pus o paciente na cama e me mandei.

— Então você não vai ficar com ele?

Nora franziu o nariz, apontou para Stephen com o dedão do pé.

— Depois do que ele fez? Stephen, às vezes eu acho que você superestima demais os poderes de persuasão daquele homem. Mesmo se Josh me quisesse de volta, coisa que ele não quer, não depois do que fiz com seus preciosos dentes, que possíveis razões eu teria para voltar para ele?

— Nesse caso... se você não se incomoda de eu perguntar...

— Por que eu estou aqui?

— Por que você está aqui?

— Bem, eu sei que você vai achar estranho — falou, botando o cabelo atrás da orelha, olhando o chão com solenidade —, mas percebi que nunca, jamais

poderia ser feliz enquanto não soubesse o que aconteceu com aquele maldito esquilo.

Stephen sorriu, surpreendendo-se com sua capacidade de continuar rindo.

— Achei que você ainda estava muito brava comigo.

— Ah, mas eu estou, nem se preocupe com isso. Você fez umas coisas... bem estranhas, Stephen. E quanto a mentir por causa do Josh...

— Ele me disse que ia terminar tudo.

— Eu sei, mas não importam as suas razões, não foi muito legal da sua parte.

— Não, você tem razão. E peço desculpas.

— E eu aceito as suas desculpas. — Nora virou-se e apoiou as pernas no sofá de forma a ficar de frente para ele. — Também existem umas coisas que acho que devemos esclarecer. — Inclinou-se para a frente, pegou a mão dele, abriu os dedos e olhou com atenção, como se estivesse fazendo uma leitura. — Toda essa coisa de... apaixonado por mim. Eu tenho uma teoria. Você gostaria de ouvir a minha teoria? É uma boa teoria.

— Adoraria.

— Tudo bem, vamos lá. — Acomodou-se no sofá. — Acho que você estava solitário, infeliz, e senti que eu também estava solitária e infeliz, e pensou que isso seria suficiente. E devo admitir que gostei de nós dois fazendo companhia um para o outro, foi divertido. Ficava ansiosa para encontrar você, e... ficava pensando em você. Quando não estava por perto. — Suspirou e fechou os dedos da mão dele. — Mas não é exatamente um ponto de partida saudável para uma relação romântica, é? Desespero mútuo.

— Mas não é só isso, é?

— Não é?

— Não.

— O que mais, então?

— Para começar, eu acho você... extraordinária.

Nora fechou os olhos e fez uma careta.

— E por que você acharia isso, Stephen? Por que *razão* acharia isso?

Ele pensou por um momento.

— Porque onde quer que você esteja, não importa quem esteja com você, eu sempre sei que você é a melhor pessoa no pedaço. A mais inteligente, mais engraçada, mais sábia, a pessoa com quem mais desejo conversar ou ficar junto. A melhor. De longe. Ninguém chega nem perto.

Ela estreitou um pouco os olhos.

— E isso é de algum filme ou coisa parecida?

— Não, é o que eu sinto. Na vida real. — Rapidamente, antes de pensar demais a respeito, Stephen inclinou-se e a beijou, bem de leve, por um instante, e mesmo que não tenha sido exatamente correspondido, tampouco foi rejeitado.

Ficaram em silêncio, as testas se tocando de leve, até finalmente Stephen dizer:

— Então... o que fazemos agora?

Nora recostou-se.

— Ah, eu vou pegar um avião para Nova York amanhã, acho, passar o Natal com meus pais. Dar um tempo comendo e me consolando. Ouvir minha mãe dizer “Eu não disse?” Na verdade não vejo a hora de isso acontecer. E você?

— Voltar à Ilha de Wight para o Natal. Comer demais. Ouvir mamãe e papai me dizendo “Eu não disse?” — Nora sorriu, então Stephen falou, com muita calma e clareza.

— Depois da noite de hoje eu percebi que não tenho nada. Não tenho trabalho, não tenho planos, nenhuma ambição, nenhuma noção do que vou fazer. Sem dinheiro nem perspectivas. Absolutamente nada. Vou ter de começar tudo de novo, do zero.

— Eu também. Mas isso é uma coisa boa, não é? Um novo começo.

— Será? Não sei.

— Só estamos começando um pouco tarde, só isso.

— Acho que sim.

— Acho que eu devia ficar sozinha por um tempo. Ao menos é uma coisa razoável a se fazer. Voltar para casa, rever alguns amigos, descobrir o que desejo fazer da vida, tentar me lembrar de como era antes de me tornar a Sra. Josh Harper. Mas preciso admitir... que vou sentir sua falta, Stephen.

Sem parar para pensar, Stephen falou:

— Então não vá embora.

— E o que eu vou fazer?

— Sei lá, mas você não precisa voltar para Nova York. Pelo menos ainda não.

Nora passou os olhos pela sala.

— Por favor, não me peça para ficar aqui. Não me leve a mal, Steve, mas esse lugar é deprimente, um buraco do inferno.

— Eu sei. Vou ter que vender esse apartamento, acho.

— Boa ideia. Então. Para onde mais eu poderia ir?

Sem esperar para pensar bem a respeito, Stephen respondeu:

— Nós sempre podemos ir a Paris.

Nora sorriu.

— *Paris?*

— Juntos. Tirar umas férias. Eles vão me pagar até o Natal, nós dois poderíamos ir, eu e você. — Nora fez uma expressão cética.

— Não sei, não...

— Confie em mim, é uma ótima ideia.

— Você quer que eu vá a Paris...

— Quero.

— ...com você. Paris...

— Você não gosta de Paris?

— Eu adoro Paris.

— Ótimo. Eu também. Passei minha lua de mel em Paris.

Nora riu em voz alta.

— Desculpe, Stephen, mas isso não seria uma boa razão para *não* ir a Paris?

— Bom, nós não vamos fazer as mesmas coisas, é claro.

— Sim, é *claro*.

— Mas podemos pegar o primeiro trem. Ele parte de Waterloo em mais ou menos, o quê?, cinco horas. Podemos chegar lá a tempo para o café da manhã. Encontrar um hotel barato, fazer um passeio, dormir. Só alguns dias, talvez uma semana. Sair daqui, largar tudo isso, só eu e você. Fugir. O que acha?

Nora olhou para ele em silêncio. A sala estava bem escura, as únicas luzes vinham do efeito da lareira elétrica e da iluminação da rua, por isso era difícil distinguir a expressão dela com nitidez, e com certeza ela não estava sorrindo. Inclinou levemente a cabeça para um lado, piscou uma vez, bem lentamente.

Diga sim, pensou Stephen. Diga sim, e eu posso ter uma chance, uma chance de as coisas darem certo.

Nora afastou a franja da testa com a mão e respondeu...

— Eu não estou com o meu passaporte.

O PRIMEIRO SINAL DE BOA SORTE

EXT. ESTAÇÃO FERROVIÁRIA. DIA

Amanhece. Neve cai na plataforma vazia. STEPHEN parece ansioso, olhando para o relógio.

ALTO-FALANTE

Última chamada para o embarque. Senhoras e senhores, o trem das 7h09 com destino a Paris está partindo. Última chamada para o trem das 7h09 com destino a Paris...

Uma última olhada pela plataforma — nada. STEPHEN olha para o trem — uma expressão de indescritível tristeza passa por seu rosto. Ela não vem. O INSPETOR DO TREM franze a testa...

INSPETOR DO TREM

Sinto muito, senhor... não podemos esperar mais.

...e com um suspiro, STEPHEN pega a mala e entra no trem...

VOZ

ESPEREM! PAREM ESSE TREM! ESPEREM UM POUCO!

STEPHEN volta para a plataforma, vira-se e ela está lá — NORA, passaporte numa das mãos, mala abarrotada na outra, correndo o mais rápido que pode na neve. Atira-se nos braços dele.

STEPHEN

Eu... pensei que você não vinha!

NORA

Está brincando? Eu não perderia isso por nada no mundo!

STEPHEN

Eu te amo, Nora Schulz

NORA

Cale a boca e me dê um beijo.

É o que ele faz. O simpático INSPETOR DO TREM ri, os passageiros dão gritos de comemoração observando pelas janelas. A neve cai em flocos densos e grossos. Entra a música, Louis Armstrong cantando “What a Wonderful World” enquanto a câmera sobe e...

Só que não foi bem o que aconteceu.

O que aconteceu foi o seguinte.

Os dois conversaram um pouco mais, depois Stephen arrumou algumas roupas na mala. Escovaram os dentes, deitaram-se na cama tentando dormir, e em poucos instantes Nora estava roncando como um capitão de pescueiro. Stephen virou-se e deitou-se de costas, cochilando e despertando, até finalmente acordar e olhar para o teto e virar-se para Nora, os cabelos curtos caindo na nuca. Como sempre fazia quando a felicidade parecia uma possibilidade, ele começou a se preocupar. Preocupar-se em não conseguir tomar o trem, que a neve impedisse o tráfego ferroviário, que os lugares estivessem todos ocupados, que não conseguissem encontrar um hotel em Paris tão perto do Natal, e que a grande escapada perderia a energia, a alegria e a espontaneidade para se transformar em mais uma desastrosa viagem imaginária. Virou-se para olhar Nora e, numa atitude exploratória, pousou o braço com delicadeza sobre seu quadril e, sem despertar completamente, ela pegou na mão dele e passou seu braço em torno da cintura. Pouco depois, ele adormeceu.

Acordou outra vez às seis da manhã. Levantou-se, levou o telefone para a cozinha e tentou encontrar uma central de táxi que estivesse funcionando. Quando enfim conseguiu, reservou um carro para as seis e meia, despertando Nora só às seis e vinte e cinco, reduzindo ao mínimo a janela de oportunidade para ela mudar de ideia. Esse era seu outro grande temor: que ela mudasse de ideia.

Como determinava a lei, o táxi chegou atrasado, e eles passaram quinze minutos esperando, com as malas aos pés. Finalmente, às seis e quarenta e cinco, a campainha da porta tocou e os dois desceram as escadas na ponta dos pés e seguiram para o norte, bem devagar, atravessando uma Londres silenciosa e deserta no banco traseiro de um Volvo decrépito, com o banco de trás forrado de jornais velhos e estojos de fitas cassetes quebrados. A impressão era de que a cidade tinha sofrido alguma calamidade durante a noite, e o único som que se ouvia era o coro de alarmes de carros ao amanhecer, enquanto a FM tocava uma seleção de canções românticas de filmes, com Nora cantarolando junto com

“Take my Breath Away” e “Up Where We Belong”.

Finalmente chegaram a Primrose Hill. O táxi estacionou na porta da casa de Josh, e Nora e Stephen olharam um para o outro com apreensão.

— Quer que eu vá com você?

— Acho que não seria uma boa ideia, Stephen.

— Mas você só precisa entrar, pegar o passaporte e sair, certo? Quer dizer, ele nem precisa acordar, não é?

— Espere aqui. Se eu não voltar em quinze minutos... — Ela começou a piada, mas não conseguiu terminar.

— O quê?

— Nada. Só... espere por mim aqui — e saiu do táxi, andou na ponta dos pés pela entrada coberta de neve e desapareceu dentro do prédio.

O taxista — nigeriano, deduziu Stephen — deu uma olhada pelo espelho retrovisor.

— É uma moça muito bonita — comentou.

— Sim, é mesmo.

— Sua namorada?

— Ainda não sei — pareceu a resposta mais honesta.

O taxista anuiu com sabedoria, e algum tempo depois:

— Em que você trabalha?

— Também ainda não sei — respondeu Stephen.

— Você não sabe muita coisa, não é? — observou o taxista.

— Não. Não sei.

Aquilo pareceu encerrar a conversa. Agora a FM tocava “Total Eclipse of the Heart”, de Bonnie Tyler. Com certeza um admirador, o taxista aumentou o volume e os dois ficaram ouvindo a música até o final, em silêncio, o taxista mexendo a cabeça no ritmo da canção, cantando junto com o coro, tamborilando

no volante.

Ela não vai voltar, pensou Stephen.

Os dois ouviram “The Power of Love”, “I Will Always Love You” e “Unchained Melody”. Depois, comerciais. Em seguida, ouviram “Love Is All Around”, “Have I Told You Lately That I Love You” e “The Greatest Love of All”, enquanto Stephen cravava as unhas na palma da mão cada vez com mais força em cada sequência.

Na metade de “Wind Beneath My Wings”, o taxista virou-se no banco e disse:

— Você sabe que vai ter de pagar pelo meu tempo de espera, não é?

— Sim, é claro — concordou Stephen, olhando ansioso pela janela embaçada. Então ela não vem mesmo, pensou. Josh conseguiu convencê-la a ficar. Ela mudou de ideia. Vou dar mais duas músicas; não, mais três músicas, depois vou desistir e ir embora. Deixo a mala dela na porta e volto para casa. Mais três, mais quatro músicas, mais cinco, depois os comerciais, e aí vou mesmo para casa.

A música continuou invadindo o carro como gases de escapamento. Os dois ouviram “Every Breath You Take” e “Endless Love”, e quando “It Must Have Been Love” começou a tocar, a tensão no carro começou a se tornar insuportável. O sol estava nascendo, o motorista tinha parado de tamborilar no ritmo da canção e olhava para o relógio, suspirando com impaciência, e Stephen achou que se ouvisse mais um solo de bateria ou de guitarra estridente, com certeza começaria a gritar. Afinal, no momento em que “Against All Odds” ameaçava tornar a situação completamente intolerável, a porta da frente do prédio de Josh se abriu e Nora apareceu, cabeça baixa, correndo o mais que podia na direção do táxi. Jogou-se no banco de trás, e Stephen percebeu de imediato que ela estivera chorando.

— Tudo bem com você?

— Tudo bem, tudo bem — murmurou ela, escondendo o rosto com a mão.

— Pegou o seu passaporte?

Mostrou o documento numa das mãos.

— E você encontrou...

— Stephen, eu não quero... vamos embora, está bem?

— Para Waterloo?

— Sim, sim... — respondeu ela, impaciente. — ...para Waterloo.

Fizeram o restante do caminho em silêncio, Nora encostada na porta do carro, cabeça apoiada na janela, roendo as unhas, Stephen ansioso demais para falar, e o plano que na noite anterior parecia perfeito, adequado e romântico, à luz do dia parecia ridículo, frágil e impraticável.

Afinal atravessaram outra vez o Tâmis, estacionaram no portão do terminal da Eurostar, e Nora virou-se no banco e conseguiu abrir um sorriso turvo, de olhos vermelhos.

— Vamos combinar que não falaremos do assunto? — perguntou. — Não falar do passado. Só do futuro.

— É claro.

Pagaram o táxi, uma quantia a mais, desejaram um feliz Natal ao motorista e Stephen saiu para comprar as passagens para o próximo trem, ansioso e olhando para Nora de vez em quando, para ter certeza de que ainda estava ali, de que não tinha fugido. Depois, sem falar nada, os dois passaram pelo check-in, entraram no trem e sentaram-se um ao lado do outro, mais uma vez, em completo silêncio. Só quando as portas se fecharam com um chiado e o trem começou a se movimentar, eles conseguiram olhar um para o outro e sorrir.

O trem saiu devagar da estação, e Stephen teve de admitir, pela primeira vez em um longo tempo, que a cidade onde vivia era incrivelmente bonita.

O trem afastou-se do Tâmis e rumou para o sul, em direção a Kent.

— Vou tentar dormir um pouco — disse Nora, afundando-se no banco e fechando os olhos. Stephen viu que ela apoiou a cabeça na janela, o casaco amassado e desconfortável entre o pescoço e o vidro, a boca meio aberta.

Quando o travesseiro improvisado escorregava no vidro, ela o ajustava, os olhos ainda fechados, descansando outra vez a cabeça. Quando aquilo não funcionou mais, ela mudou de lado, e apoiou a cabeça no ombro de Stephen.

— Em que você está pensando? — perguntou ela, em voz baixa.

— No quanto estou contente de você estar aqui.

— Eu também — disse. — Também estou contente de estar aqui.

Nora ergueu a cabeça, olhou para ele com as pálpebras pesadas, inclinou-se e o beijou.

Talvez seja essa, pensou Stephen, minha primeira boa sorte.

— Vamos... apenas esperar e ver o que acontece, está bem? — sussurrou Nora, com os olhos fechados mais uma vez.

— Tudo bem — concordou Stephen. — Vamos esperar e ver o que acontece. — E fechou os olhos também, e fez tudo o que podia para tentar dormir.

Agradecimentos

Agradeço às seguintes pessoas pelo apoio, comentários e dicas para algumas piadas. Camilla Campbell, Sophie Carter, Eve Claxton, Christine Langan, Michael McCoy, Tamsin Pike, Justin Salinger e Olivia Trench. Obrigado a Valerie Edmond, pela história.

Tenho um perene débito de gratidão para com Roanna Benn, Mari Evans, Hannah MacDonald e Hannah Weaver. Por seu entusiasmo infinito e julgamento infalível, agradecimentos especiais cabem também a Jonny Geller e a todos da Curtis Brown, ao meu editor Nick Sayers e à fantástica equipe da Hodder.

Agradeço a permissão para reproduzir o seguinte material com direitos autorais:

A canção de amor de J. Alfred Prufrock, de T. S. Eliot, *The Complete Poems and Plays of T. S. Eliot*, *Ready When You Are, Mr McGill*, de Jack Rosenthal; *Broadway Danny Rose*, de Woody Allen, e *Se meu apartamento falasse*, de Billy Wilder e I. A. L. Diamond, reproduzido com a generosa permissão de Faber & Faber Ltd. Este material só pode ser reproduzido com permissão por escrito de Faber & Faber Ltd.

Rua 42, de Rian James e James Seymour (lançado em 1933), reproduzido com permissão da Warner Bros. Entertainment Inc.

Trecho (e abertura do capítulo que começa na pág. 62) de *A Malvada* © 1950, cortesia da Twentieth Century Fox. Escrito por Joseph L. Mankiewicz. Todos os direitos reservados.

Foram empreendidos todos os esforços para entrar em contato com os detentores dos direitos autorais, mas se houver erros ou omissões, a Hodder & Stoughton se dispõe a inserir o reconhecimento adequado em qualquer eventual reedição desta publicação.

Sobre o autor

© Joss Barratt / Stay Still



DAVID NICHOLLS é autor de *UM DIA*, best-seller mundial presente nas principais listas do país e que vendeu mais de 300 mil exemplares no Brasil. Nascido em 1966, em Hampshire, Inglaterra, e formado em literatura e teatro inglês, optou pela carreira de ator e recebeu uma bolsa da American Musical and Dramatic Academy de Nova York. De volta a Londres, atuou em espetáculos teatrais nos principais palcos da cidade. Entre uma peça e outra, trabalhou como vendedor de uma rede de livrarias. Atuou também como freelance, leitor de peças e pesquisador da BBC Radio Drama, o que o levou a uma notável carreira como roteirista, que lhe rendeu duas indicações ao BAFTA. Além de *Um dia* e de *O substituto*, é autor de *Resposta certa*, também publicado pela Intrínseca. David vive em Londres com a mulher e os filhos.

Conheça outros
livros do autor



Resposta certa



Um dia